

MARION COSTA DA SILVA

PRESIDENTE PRUDENTE – SP
2020

APLICABILIDADE DA PRÁTICA CORPORAL “ESPORTE ORIENTAÇÃO” NO ESPAÇO ESCOLAR

Orientador: Prof. Dr. Hugo Paula Almeida da Rocha






1. Esporte Orientação. 2. Educação Física. 3. Ensino Fundamental. 4. Educação Ambiental. 5. Espaço Escolar
I. Autor II. Título.

MARION COSTA DA SILVA

APLICABILIDADE DA PRÁTICA CORPORAL “ESPORTE ORIENTAÇÃO” NO ESPAÇO ESCOLAR

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF da Faculdade de Ciência e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista - UNESP, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física – Área de Concentração em Educação Física Escolar.

Orientador: Prof. Dr. Hugo Paula Almeida da Rocha

Data da defesa: 12/06/2020

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Hugo Paula Almeida da Rocha
Colégio Pedro II

Membro Titular: Prof. Dr. José Maria Pereira da Silva
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Membro Titular: Prof. Dr. Miguel Ataíde Pinto da Costa
Colégio Pedro II

Membro Titular: Prof. Dr. Leonardo Bernardes Silva de Melo
Universidade Estácio de Sá

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciência e Tecnologia
Unesp – Câmpus de Presidente Prudente





após lida e aprovada, foi assinada pelo Presidente da Comissão Examinadora.

Prof. Dr. JOSÉ MARIA PEREIRA DA SILVA

 **CAPES**
 **unesp**



AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar a Deus, e aos meus orixás que sempre cuidam para que eu esteja na hora certa, no lugar certo e com as pessoas certas...

À minha família, que aprendeu a compreender e respeitar minhas ausências...

Ao meu orientador Hugo Paula Almeida da Rocha e à professora Cláudia Queiroz, pela disponibilidade e atenção dispensadas a mim, nesse processo de formação.

Aos professores membros da banca de qualificação, Leonardo Bernardes Silva de Melo, e Miguel Ataíde Pinto da Costa, pela leitura atenta e ricas contribuições ao trabalho.

A Capes/PROEB – Programa de Educação Básica pelo oferecimento do Programa de Pós-Graduação em Educação Física em Rede Nacional – ProEF. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

À UNESP por oferecer educação pública, gratuita e de qualidade.

Ao professor José Maria, que desde a graduação me apoiou no aprendizado, nos treinamentos, nas competições, no ensino e na pesquisa sobre o Esporte Orientação. “O que seria de mim sem você”! À professora Cláudia Queiroz, que desde 2015, quando decidi retornar a minha trajetória acadêmica, me apoiou incansavelmente. “O que seria de mim sem você”!

Aos professores que me apoiaram na pesquisa quando decidiram aplicar a Cartilha Pedagógica do Esporte Orientação, e depois contribuindo com a avaliação do produto pedagógico.



 **CAPES**
 **unesp**



RESUMO

Palavras-chave: *Esporte. Orientação. Educação Física. Ensino Fundamental. Educação Ambiental. Espaço Escolar.*

ABSTRACT

Keywords: *Orienteering Sport. Physical Education. Elementary School. Environmental Education. School Space.*

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Trabalho com ângulo para definir rotas para os pontos de controle.

FIGURA 2 – Fluxograma das disciplinas.

FIGURA 3 – Mapa Topográfico específico para prática do Esporte Orientação.

QUADRO 1 – Disciplinas Fundamentais

QUADRO 2 – Questionário realizado antes da aplicação da Cartilha Pedagógica

QUADRO 3 – Categorias Iniciais

QUADRO 4 – Categorias Intermediárias

QUADRO 5 – Categorias Finais



USP - Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
1.1 Primeiros passos	16
1.2 Problema	19
1.3 Objetivos	21
1.3.1 Objetivo Geral	21
1.3.2 Objetivos Específicos	21
1.4 Justificativa	21
2 REVISÃO DE LITERATURA	29
2.1 Aspectos Históricos e Conceituais das Práticas Corporais de Aventura	29
2.2 As Práticas Corporais de Aventura e os documentos que as norteiam	31
2.3 Alguns apontamentos sobre Base Nacional Comum Curricular (BNCC)	42
3 O ESPORTE ORIENTAÇÃO	51
3.1 A orientação na escola	53
3.2 A materialização da interdisciplinaridade pelo Esporte Orientação	56
4 O ATO DE SE ORIENTAR NO TERRITÓRIO DA EDUCAÇÃO	63
4.1 O espaço geográfico: Escola	67
4.2 O ato de se orientar	69
4.3 “Território da Educação”: A Escola	71
5 MATERIAL E MÉTODO	76
5.1 Campo da pesquisa	76
5.2 Natureza da pesquisa	76
5.3 Participantes	77
5.4 Instrumentos	77
5.5 Procedimentos para a coleta e seleção de dados	77
6 Análise de dados	78
6.1 Análise dos dados do primeiro questionário	78
6.2 Análise dos dados do segundo questionário	81
6.2.1 Categorias Iniciais	83

 **CAPES**
 **unesp**

1 INTRODUÇÃO

Este estudo está vinculado ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF, junto à Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Presidente Prudente e ao Núcleo de Educação a Distância da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – NEAD/UNESP. Trata-se de um trabalho de mestrado situado na linha de pesquisa Ensino Fundamental, onde situa esta pesquisa a partir do seu objeto de estudo, que é a verificação da aplicabilidade de uma cartilha pedagógica para o Esporte Orientação no contexto escolar. Para alcançar este objetivo será compartilhada uma cartilha pedagógica com uma sequência didático-pedagógica que contribua para o acesso e consolidação da prática corporal Esporte Orientação aos professores e seus respectivos alunos de algumas Escolas Municipais da Cidade do Rio de Janeiro.

1.1 Primeiros passos

Para iniciar esse percurso investigativo, apresento primeiramente, o meu percurso acadêmico e profissional, pois foi a partir desta caminhada que surgiu minhas dúvidas e meus anseios para estudar e aprimorar meus conhecimentos e experiências sobre o esporte que mudou minha vida. Iniciei os meus estudos de licenciatura plena em Educação Física - na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 1997. Durante a minha graduação, concomitantemente, estudei e trabalhei para conseguir terminar essa etapa acadêmica.

Fiz parte da equipe do Esporte Orientação da Universidade, modalidade esportiva que conheci e aprendi amar, e agradeço até hoje ao professor José Maria por ter me apresentado esse esporte. Praticando esse esporte e representando o clube da Universidade tive a oportunidade de conhecer diversos lugares do Brasil e diversos países. Nesse momento, planejei que ao me tornar professora iria ensinar o Esporte Orientação em Escola, devido às mudanças significativas que ocorreram na minha vida de forma cultural e social, pois naquele momento eu entendia da

importância conceitual desenvolvida com o esporte, porém valorizava mais os aspectos sociais da prática corporal.

Em 2002, ao concluir o curso de graduação, formada em licenciatura plena em Educação Física fiz um concurso público para rede municipal de ensino da cidade do Rio de Janeiro, e em 2003 assumi minha primeira matrícula na Prefeitura. Encontrei-me com muita dificuldade, então conforme a Secretaria Municipal de Educação oferecia formações, eu fui fazendo inúmeros cursos com diversos especialistas nas áreas de Educação Física Escolar.

Em 2004, fui convidada por amigos a participar do Projeto Social “Sou Feliz... Ensino Educação Física”, então eu comecei a ensinar o Esporte Orientação, em seguida fundei o desdobramento do Projeto “Sou Feliz... me Orientando”. Tornou-se Projeto de Extensão da UFRJ em 2007, e prosperou até o ano de 2016. Trabalhei por muitos anos como voluntária neste projeto, e nos anos de 2015 e 2016 como bolsista de pós-graduação. Em 2005, fiz a minha primeira especialização latu sensu em Psicomotricidade, uma especialização Universidade Cândido Mendes (UCM). Estudo este, que me fez rever algumas concepções de Educação, refletir e ampliar o meu campo teórico da Educação Física Escolar.

Na escola pública em que atuei entre 2003 e 2008, me deparei com um grande número de estudantes que sobreviviam em extrema vulnerabilidade social, tendo um grupo de pessoas com deficiência (PCD), o qual eu tive grande dificuldade em trabalhar, pois não tinha estudado sobre Educação Especial na graduação. Tive a oportunidade de participar de alguns seminários e formações continuadas de Educação Especial, direcionadas para professores de Educação Física da rede municipal do Rio de Janeiro, assim assimilando conhecimento e melhorando minha prática.

De 2008 até fevereiro de 2019, trabalhei na Vila Olímpica da Prefeitura, porém no decorrer desses onze anos ocorreram diversas vivências. Saudosista com a vida de atleta que tive no período universitário, permiti-me a sonhar de novo e concorri uma vaga no meio militar. Retrocedendo um pouco, em 2008, tornei-me atleta-militar da Marinha do Brasil para concorrer uma vaga para representar o Brasil nos Jogos Militares do Brasil 2011. Durante dois anos, me dividia no campo de

treinamento físico e da Educação. Em 2010 decidi abandonar a minha carreira militar e ficar apenas como educadora, então me afastando do serviço militar em Agosto de 2010 e assumindo minha outra matrícula na Prefeitura Municipal de Nova Iguaçu, onde lecionei até Outubro de 2012.

Duas experiências inesquecíveis. Na Marinha aprendi mais sobre o Esporte Orientação, tanto na teoria como na prática. Já na Escola em Nova Iguaçu trabalhei com crianças (PCD) no ensino regular, onde comprovei que é possível a Inclusão no ensino regular. Entre Agosto de 2011 e Setembro de 2012 estive de Licença Maternidade, e nesse período comecei a estudar sobre Ensino a Distância (EAD), desde então venho me capacitando nessa área da Educação, já que a tecnologia vem avançando e as políticas públicas apoiando este modo de ensino. Apesar de não concordar muito com a exacerbação desta prática pedagógica, entendo que precisamos estudar e refletir para conseguirmos discutir como tais práticas podem contribuir ou prejudicar o processo de ensino e aprendizagem.

Em 2012, pedi exoneração em Nova Iguaçu e assumi minha segunda matrícula na Prefeitura do Rio, quando iniciei minha prática com pessoas com múltiplas deficiências na Escola Especial Municipal Ação Cristã Vicente Moretti. Iniciei no ano de 2015, outra pós Latu Sensu em Treinamento Desportivo na UFRJ, devido estar responsável pelos treinos do Esporte Orientação na Academia de Bombeiro Militar Dom Pedro II e do Projeto Sou Feliz... Me Orientando querendo assim oportunizar aos meus atletas treinos específicos para modalidade e de qualidade, apesar de entender muito sobre treinos específicos para o Esporte Orientação devido a minha experiência de vida, elaborei um trabalho final para esse curso em relação a esta temática, eu não conclui esse trajeto acadêmico por conta de uma viagem profissional, com isso perdi o prazo para apresentar o trabalho, situação que até os dias de hoje me incomoda, pois acredito que precisamos sempre fechar os ciclos da vida, e este para mim ficou inacabado, lamentavelmente.

Ainda em 2015, iniciei a minha escrita de um projeto de pesquisa que pudesse proporcionar a garantir uma vaga num Mestrado. Neste ano tentei em duas universidades diferentes, sem sucesso. Continuei meus estudos, até que em 2016 fui aprovada na seleção deste mestrado profissional em Educação Física Escolar, onde aguardamos por mais de um ano o início do curso. No ano de 2017, sem saber

o que seria do processo seletivo realizado, e sempre em busca de conhecimento, ingressei no curso de pós Latu Sensu em Educação Física Escolar na perspectiva Inclusiva, onde tive a felicidade de compartilhar momentos inesquecíveis no aprendizado de assuntos importantíssimos para o contexto educacional. Este ciclo de formação continuada finalizou-se em 2019, com a reflexão do planejamento compartilhado na Educação Física Escolar (EFE).

Agora, nesta pesquisa acadêmica, o Esporte Orientação, como não poderia ser diferente, me acompanha sempre como o centro dos meus estudos. Como há muitos anos leciono esse esporte, criei algumas atividades, tive a oportunidade de testá-las, saber suas possibilidades e limites. Por muitas vezes, muitos colegas de profissão me pediram ajuda para apresentar este esporte aos seus estudantes, devido a minha expertise. Assim, surgiu a demanda de saber se as atividades propostas para o Esporte Orientação, lidas e colocadas em prática por um professor de Educação Física, alcançariam o objetivo de proporcionar vivências sobre o Esporte Orientação na Escola. Venho por muitos anos acreditando no potencial do Esporte Orientação, com as experiências vividas como praticante, palestrante e educadora. Sempre tentando apresentar e difundir esta prática corporal pelos locais por onde passo. Assim, fui criando, recriando, copiando e flexibilizando atividades para o ensino do esporte. Para esta pesquisa, reuni as atividades elaboradas no decorrer do meu percurso docente em escolas municipais para a construção de uma cartilha pedagógica com uma sequência pedagógica elaborada para o fomento do esporte no Ensino Fundamental.

1.2 Problema

O Esporte Orientação é realizado em ambientes naturais. Porém, uma das suas modalidades, o “SPRINT”, é vivenciado também em ambientes urbanos, e existem percursos “INDOOR” que acontecem dentro de construções. Esta última forma, transforma em possibilidade, vivências deste esporte no ambiente escolar. Com este pressuposto, surge o problema desta pesquisa: É possível o ensino do Esporte Orientação nas aulas de EFE?

Percebeu-se sem demora, que não seria uma pergunta fácil de responder,

devido uma série de novas perguntas que surgiram após esse primeiro questionamento, principalmente, no que se refere ao conhecimento do professor sobre este esporte, e sobre as condições do espaço escolar para a prática do mesmo.

Pensando no professor surgiram os seguintes questionamentos: o professor tem algum conhecimento sobre esporte? Caso a resposta do professor fosse não, seria um esporte de fácil aprendizado, para logo ser compartilhado? E se caso esse professor tivesse conhecimento, ou até expertises da prática desse esporte no ambiente escolar, o que seria possível? Quais seriam as dificuldades desta modalidade esportiva no espaço escolar?

Muitas dúvidas surgiram também sobre a escola, desde condições estruturais até condições pedagógicas, como: a estrutura física da escola; se existe área externa ou não; se nessa área externa tem alguma parte de ambiente natural; se o professor pode dar aula em qualquer espaço da escola; se esse professor tem autonomia na escolha dos conteúdos escolares; se esse professor teria apoio da equipe pedagógica e gestão, principalmente para aquisição de algum material específico e/ou auxílio para aquisição de materiais alternativos.

Percebendo a complexidade do problema desta pesquisa, que é também, o problema de muitos professores que já estão atuando nas escolas, dado que atualmente, por conta da imposição de conteúdos trazidos pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que são considerados como a inovação no currículo da Educação Física, traz uma obrigatoriedade de aprendizagem sobre determinados conteúdos, talvez jamais visto por esse professor em sua formação, seja na inicial ou na continuada. Deste modo, para buscar respostas sobre o problema desta pesquisa, e entender como o Esporte Orientação poderia ser experimentado no contexto escolar, elaborou-se uma cartilha pedagógica para que professores pudessem ter acesso ao esporte, disponibilizando um conhecimento básico e uma metodologia para o ensino.

Esta cartilha tem um método simples, serve como um material didático para apoiar professores de educação física na apresentação e nas primeiras vivências do esporte. Essa cartilha também é um instrumento desta pesquisa que auxiliará a pesquisadora nos anseios de solucionar o problema motivador

deste estudo. Dessa maneira, a cartilha é o eixo central desta investigação que será compartilhada com alguns professores para sua aplicação. Isto posto, o objeto da pesquisa é a verificação deste produto elaborado, onde se pretende avaliar a aplicabilidade desta cartilha pedagógica para o Esporte Orientação, seus limites, e possibilidades.

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo Geral

Analisar a aplicabilidade da Cartilha elaborada para o Esporte Orientação, e a perspectiva desta prática corporal no contexto escolar.

1.3.2 Objetivos Específicos

Os objetivos específicos dessa pesquisa são:

- *Realizar um levantamento bibliográfico de estudos sobre o tema Esporte Orientação, permitindo traçar um perfil das abordagens para o exercício deste esporte na EFE.*
- *Produzir uma cartilha do Esporte Orientação para ser aplicada no Ensino Fundamental, buscando observar a compreensão dos docentes no exercício de implementação do tema nas aulas de Educação Física na escola;*
- *Analisar as condições para a aplicação da cartilha (recursos humanos, recursos técnicos, infraestrutura e materiais);*
- *Investigar, por meio de questionário, os resultados das possibilidades e desafios para aplicação da Cartilha pedagógica, questionando os docentes sobre suas impressões, fragilidades e potenciais do material didático;*

1.4 Justificativa

Esta pesquisa qualitativa descritiva visa estudar as interfaces entre a componente curricular Educação Física e a temática de práticas corporais em

ambientes naturais, com intenção de contribuir de forma crítica para tencionar posturas pedagógicas, tanto no que se trata em diversificar os conteúdos da EFE quanto no desenvolver estudos e práticas pedagógicas voltadas para questões socioambientais.

No que se refere às práticas corporais em ambientes naturais, os autores Faria Junior e Gadotti nos dão pistas de como conteúdos com a temática ambiental são excelentes possibilidades de promover conteúdos inovadores na Educação Física. Faria Junior traz essa afirmativa quando coloca que (apud COSTA, 1997, p. 46), “[...] a ‘questão ambiental’ passou a integrar o rol dos novos objetivos, papéis e compromissos da Educação Física”. E, segundo Gadotti (1993, p. 194):

A educação ambiental deve ter como base o pensamento inovador, em qualquer tempo ou lugar, em seu modo formal, não formal e informal, promovendo a transformação e a construção da sociedade. A educação ambiental é individual e coletiva. Tem o propósito de formar cidadãos com consciência local e planetária, que respeitem a autodeterminação dos povos e a soberania das nações. A educação ambiental deve envolver uma perspectiva holística, enfocando a relação entre o ser humano, a natureza e o universo de forma interdisciplinar.

Com essa premissa, toma-se como respaldo teórico na área da EFE a Abordagem Crítica - Superadora, que nos permite oferecer fundamentos educacionais necessários para a construção de superação às desigualdades existentes em sociedades, através da promoção de práticas constitutivas da cultura corporal, de forma crítica, onde o estudante pode constatar interpretar, compreender e explicar diversas práticas corporais.

Quando se traz a abordagem crítico superadora como viés teórico para as discussões desta pesquisa é porque as ações investigativas e educativas permearão através de uma perspectiva de uma educação física que se opõe ao modelo mecanicista, ao currículo tradicional. Essa é uma das principais tendências pedagógica na área de EFE, proposta com representantes nas principais Universidades do país, e que apresenta um grande número de publicações na área.

A proposta crítico-superadora utiliza o discurso da justiça social como ponto de apoio, tem como base teórica o marxismo¹.

Pretende-se instigar o professor a eleger, para sua prática, aquela perspectiva que responde às exigências atuais do processo de construção da qualidade pedagógica da escola pública brasileira. Escola que se pretende "democrática, universal, gratuita, obrigatória, laica e unitária, resultado de um projeto coletivo e adequado em relação aos seus equipamentos materiais e espaços físicos" (PIMENTA, GONÇALVES apud SOARES et al., 1992, p.13).

A obra mais marcante dessa abordagem foi publicada em 1992, o livro Metodologia do ensino da Educação Física, e:

[...] continua sendo referência central para a formação inicial e continuada de profissionais de Educação Física, tornando-se, poderíamos dizer, uma leitura imprescindível, um clássico da área, para aqueles que atuam na Educação Física escolar. (SOUZA JÚNIOR et al., 2011, p. 393)

Obra esta, que trouxe discussões e reflexões acerca de uma metodologia que pudesse fomentar o conhecimento adquirido ao longo do tempo, valorizando a questão do resgate histórico e a contextualização dos fatos nas aulas de EFE, na medida em que possibilitasse uma compreensão por parte do estudante sobre a produção da humanidade numa determinada fase, e as mudanças que acontecem ao longo do tempo. Esta reflexão é compreendida como um projeto político-pedagógico que,

[...] representa uma intenção, ação deliberada, estratégia. É político porque expressa uma intervenção em determinada direção e é pedagógico porque realiza uma reflexão sobre a ação dos homens na realidade explicando suas determinações. (SOARES et al., 1992, p.15)

Quanto à seleção de conteúdos para EFE, a abordagem propõe que considere a relevância social dos conteúdos², a sua contemporaneidade³, sua

¹ O marxismo pode ser entendido como um conjunto de ideias desenvolvidas a partir das obras de Karl Marx e Friedrich Engels.

² [...] a relevância social do conteúdo que implica em compreender o sentido e o significado do mesmo para a reflexão pedagógica escolar/ Este deverá estar vinculado à explicação da realidade social concreta e oferecer subsídios para a compreensão dos determinantes sócio históricos do aluno, particularmente a sua condição de classe social. (SOARES et al., 1992, p. 19).

³ [...] contemporaneidade do conteúdo. Isso significa que a sua seleção deve garantir aos alunos o conhecimento do que de mais moderno existe no mundo contemporâneo mantendo-o informado dos acontecimentos nacionais e internacionais, bem como do avanço da ciência e da técnica. (SOARES et al., 1992, p. 20).

adequação às características sócio cognitivas dos alunos⁴, a simultaneidade dos conteúdos⁵, e a provisoriedade dos conhecimentos⁶. Em relação à organização do currículo ressalta que é preciso fazer com que os estudantes confrontam os conhecimentos do senso comum com o conhecimento científico, para que desta forma, ampliem seu acervo de conhecimentos. Para o Coletivo de Autores, a EFE é compreendida como um componente curricular que trata de um conhecimento denominado de Cultura corporal, que tem como temas: o jogo, a ginástica, o esporte, dança e a capoeira.

Este livro expõe e discute questões teórico-metodológicas da Educação Física, tomando-a como matéria escolar que trata, pedagogicamente, temas da cultura corporal, ou seja, os jogos, a ginástica, as lutas, as acrobacias, a mímica, o esporte e outros. Este é o conhecimento que constitui o conteúdo da Educação Física. (SOARES et al., 1992, p. 10, grifo nosso)

Os conteúdos selecionados para as aulas de educação física devem propiciar uma melhor leitura da realidade pelos alunos e possibilitar assim a sua inserção transformadora na realidade. De acordo com esta proposta para EFE voltada para a formação do cidadão, a escola não muda a sociedade, mas pode partilhando esse projeto com diferentes segmentos sociais articulando-se a eles, constituir-se num só espaço de reprodução, mas principalmente de transformação.

Nesse projeto a função social do currículo é ordenar a reflexão pedagógica do aluno de forma a pensar a realidade social desenvolvendo determinada lógica. Para desenvolvê-la, apropria-se do conhecimento científico, confrontando-o com o saber que o aluno traz do seu cotidiano e de outras referências do pensamento humano: a ideologia, as atividades dos alunos, as relações sociais, entre outras. (SOARES et al., 1992, p. 16)

A sociedade brasileira carrega uma marca autoritária e tem uma larga tradição de relações políticas paternalismo e clientelismo com longos períodos de governos não democráticos, e é nesse sentido que se fala de ausência de cidadania.

⁴ [...] adequação às possibilidades sócio cognitivas do aluno. Há de se ter, no momento da seleção, competência parati adequar o conteúdo à capacidade cognitiva e à prática social do aluno, ao seu próprio conhecimento e às suas possibilidades enquanto sujeito histórico. (SOARES et al., 1992, p. 20)

⁵ [...] simultaneidade dos conteúdos enquanto dados da realidade. |A partir desse princípio os conteúdos de ensino são organizados e apresentados aos alunos de maneira simultânea. (SOARES et al., 1992, p. 20).

⁶ [...] provisoriedade dos conhecimentos. A partir dele se organizam e sistematizam os conteúdos de ensino, rompendo com a ideia de terminalidade. (SOARES et al., 1992, p. 21)

Cidadania excludente ou regulada caracterizando a importância da discussão sobre a cidadania no Brasil. Essa proposta pedagógica traz para escola uma discussão mais crítica sobre a sociedade, em relação ao seu histórico e sua realidade.

Atualmente, num cenário de pandemia - COVID -19⁷, o Brasil além de passar por problemas sanitários está passando por problemas políticos. E para agravar toda a situação, uma pequena parcela da população clama pela volta de um regime autoritário, e largando mão da democracia.

A escola como é um espaço privilegiado para a construção dos significados éticos necessários e constitutivos de toda e qualquer ação de cidadania, além de ser um espaço fundamental para promover discussões sobre a dignidade, igualdade de direitos, formas de discriminação, e importância da solidariedade, nesse momento histórico, principalmente nesse cenário mundial⁸, a escola será um território privilegiado para recomeçar, pois será nela que discutirá esses assuntos, política versus pandemia, com a atual e futura geração, problematizando o quanto todos os valores supracitados estão sendo essenciais para combater um vírus.

Vírus, este que, impôs a sociedade mudanças drásticas, que há muito tempo vem sido solicitadas, mas não sendo atendidas, como por exemplo, igualdade de direitos e solidariedade. O que observa neste momento é o neoliberalismo⁹ que estava sendo exacerbado pelo mundo, sendo disseminado pelo coronavírus¹⁰.

Então, quando propõe, uma EFE com um sentido crítico superador é fomentar conhecimentos que façam os estudantes refletir sua realidade, contestá-la se preciso, e transformá-la se for necessário. Portanto, EFE não pode se omitir com essas questões sociais, deve colaborar com objetivos educacionais, e as funções da

⁷ Desde o início de fevereiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) passou a chamar oficialmente a doença causada pelo novo coronavírus de Covid-19. COVID significa Corona Vírus Disease (Doença do Coronavírus), enquanto “19” se refere a 2019, quando os primeiros casos em Wuhan, na China, foram divulgados publicamente pelo governo chinês no final de dezembro. A denominação é importante para evitar casos de xenofobia e preconceito, além de confusões com outras doenças. (FIOCRUZ, 2020).

⁸ No dia 11 de Março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou a pandemia da doença COVID-19.

⁹ Desde a década de 1980– à medida que o neoliberalismo se foi impondo como a versão dominante do capitalismo e este se foi sujeitando mais e mais à lógica do sector financeiro, o mundo tem vivido em permanente estado de crise. (SANTOS, 2020, p.1, grifo nosso).

¹⁰ Coronavírus é uma família de vírus que causam infecções respiratórias. O novo agente do coronavírus foi descoberto em 31/12/19 após casos registrados na China. Provoca a doença chamada de coronavírus (COVID-19).

escola, dessa maneira o seu papel deve estar atrelado à formação de cidadãos críticos e emancipado.

Partindo desta premissa, justifica-se a escolha do Esporte Orientação nesta pesquisa pelo fato de ser inovador e facilitador para a reflexão dos temas voltados a questão socioambiental, e por ser possível estudá-los de forma contextualizada. Esta prática corporal também apresenta um forte potencial educativo, esportivo, social, cultural, além das possibilidades econômicas ligadas ao lazer e turismo, como corrobora Inácio (2014, p.532):

[...] Também se caracterizam por possuírem alto valor educativo e por busca do (re) estabelecimento de uma relação mais intrínseca entre seres humanos e tudo que o cerca, o que pode culminar com algum avanço para superar a lógica mercadológica do/no lazer e com a instauração e/ou resgate de valores humanos como cooperação e a solidariedade.

Quando o Coletivo de Autores (1992) nos apresentou os critérios para a seleção de conteúdos da EFE, possivelmente naquela época, pouco se discutia sobre a prática do Esporte Orientação nas aulas de Educação Física. Mas certamente, fica evidente que esse esporte compactua com as principais características que precisam ser desenvolvidas por uma prática corporal dentro da Abordagem Crítico Superadora.

*A **relevância social** do Esporte Orientação no contexto escolar pode ser demonstrada no momento que o estudante percebesse o significado deste esporte, quando ao vincular à explicação daquele espaço geográfico com sua realidade social, oferecer de forma concreta, subsídios para a compreensão dos determinantes sócios históricos como condicionantes de sua classe social.*

*Como é um conteúdo versátil e aglutinador de informações, por trazer para sua prática conceitos inerentes para vida, como se orientar num espaço, compreender seu corpo no espaço, se mover com cuidado num determinado espaço, pode ser um conteúdo a ser flexibilizado e disponibilizado aos estudantes da Educação Básica. Utilizando de uma espiralidade para compartilhá-lo desde a Educação Infantil até o final do Ensino Médio, **adequando os conhecimentos com as possibilidades sócio cognoscitivas** do estudante.*

A **sistematização do seu ensino** pode ser trazida desde a ludicidade aflorada da Educação Infantil, buscando tesouros, até a complexidade de percorrer por um trajeto retilíneo, traçado por uma determinada angulação, a partir de um determinado ponto, um conjunto informações necessárias adquiridas ao longo do Ensino Fundamental. E através de uma atividade contextualizada trabalhar questões de desenvolvimento sustentável¹¹ e espaço geográfico, desde o lúdico da educação infantil e a complexidade dos conteúdos trazidos no Ensino Médio.

Este esporte tem a particularidade de dialogar com conceitos de diversos componentes curriculares, oferecendo aos estudantes **uma simultaneidade dos conteúdos**, enquanto dados para realidade do mundo, podendo, por exemplo, nesta crise pandêmica traçar uma variedade de objetivos educacionais que perpassam pela dinâmica ler mapas e entender seus espaços geográficos equivalentes. E ao mesmo tempo discutir a prática deste esporte no meio natural antes, durante e depois da pandemia, assim promovendo **a provisoriedade dos conhecimentos** no cotidiano da EFE.

Através da **contemporaneidade** que pode ser viabilizada através deste esporte, os estudantes poderiam garantir de forma contextualizada um conhecimento mais moderno, do mundo contemporâneo, mantendo-os informado dos acontecimentos nacionais e internacionais, como por exemplo, relacionar questões de desenvolvimento sustentável¹², espaço geográfico, e COVID-19.

Através desses conceitos teóricos bem desenvolvidos, a Educação Física poderá contribuir com ações educativas, que podem viabilizar possíveis mudanças na relação ser humano e natureza. O Esporte Orientação permite que a EFE dialogue com a Educação Ambiental. Conforme Reigota (2001, p. 25):

A educação ambiental, como perspectiva educativa, pode estar presente em todas as disciplinas, quando analisa temas que

¹¹ Segundo a Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, “o desenvolvimento sustentável procura atender às necessidades e aspirações do presente sem comprometer a possibilidade de atendê-las no futuro” (CMMAD, 1988, p. 44).

¹² Para Sachs (2008, p. 47), “desenvolvimento sustentável significa prosperidade globalmente compartilhada e ambientalmente sustentável”.

permitem focar as relações entre a humanidade e o meio natural, e as relações sociais, sem deixar de lado as suas especificidades.

Apesar de ter como um dos seus pontos fortes, o ensino de determinados conteúdos de forma simultânea e contemporânea, demanda de muitos conteúdos técnicos, que promovem atividades concretas, por vezes complexas. Esses conteúdos técnicos são essenciais na sua práxis, pois é neles que conseguimos aprofundar os conhecimentos. Como é um fenômeno técnico, segundo os conceitos do geógrafo Milton Santos, o Esporte Orientação poderá também proporcionar aprofundamento em questões sociais, culturais e políticas do espaço geográfico onde a escola está inserida, resgatando as histórias, observando a realidade, e vislumbrando suas possibilidades.

A técnica deve ser vista sob um triplice aspecto: como reveladora da produção histórica da realidade; como inspiradora de um método unitário (afastando dualismos e ambiguidades) e, finalmente, como garantia da conquista do futuro, desde que não nos deixemos ofuscar pelas técnicas particulares, e sejamos guiados, em nosso método, pelo fenômeno técnico visto filosoficamente, isto é, como um todo. (SANTOS, 2006, p.23)

Desta forma, por mais técnico que seja o esporte e sua prática, ele pode possibilitar a apresentação do espaço escolar numa perspectiva inovadora, seja ela para salientar, os componentes curriculares, a educação ambiental, ou as questões sociais. A tematização desses conhecimentos no contexto escolar, através do Esporte Orientação pode ser uma estratégia pedagógica para discussão e reflexão escolar sobre assuntos de urgência social, como as ações cidadãs para um desenvolvimento sustentável da sociedade.

Tahara e Carnicelle Filho (2013, p.11) afirmam que as Práticas Corporais de Aventura (PCAs) nas escolas se apresentam como um conteúdo “capaz de proporcionar às crianças e adolescentes variadas situações de relevada importância pedagógica por conta da transmissão de eficientes valores, atitudes e normas”.

O desenvolvimento desses conteúdos para a promoção de uma Educação Ambiental no ambiente escolar pode ser um caminho para que os estudantes adquiram conhecimentos, para assim lidar com conflitos e problemas socioambientais, de forma crítica e reflexiva, podendo compreender e debater

questões sobre o assunto, formando desta forma, agentes transformadores, cidadãos críticos e autônomos preparados para decidir e atuar sobre sua realidade.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Aspectos Históricos e Conceituais das Práticas Corporais de Aventura

Na década de 1990 chegaram ao Brasil algumas publicações científicas dos estudos feitos por Betrán & Betrán (1995) onde apresentaram o termo 'natureza' em reflexões e discussões acadêmicas para o Componente Curricular Educação Física. Betrán & Betrán (1995 apud MELO, 2009), no sentido de dar conceito às essas práticas, apresentam um termo para mencionar estas atividades: Atividades Físicas de Aventura na Natureza (AFAN). Segundo os autores, essas práticas referem-se,

Atividades que se fundamentam no deslizamento sobre superfícies naturais, nas quais o equilíbrio dinâmico para evitar as quedas e a velocidade de deslocamento, aproveitando as energias da natureza (eólica, das ondas, das marés, dos cursos fluviais ou a força da gravidade) (BETRÁN & BETRÁN, 1995 apud MELO, 2009, p. 98).

Em relação às produções acadêmicas, observou-se nas leituras em Betrán & Betrán (1995), Bruhns (1997) e Inácio (1997), Pereira e Armbrust (2010), Franco (2011), Tahara e Carnicelli Filho (2013), Darido (2014), Inácio e colaboradores (2016), Tahara e Darido (2016), estudos, pesquisas, dissertações, teses e demais trabalhos gerados para reflexão sobre o conceito que melhor definiria esta manifestação da cultura corporal, e corroborando com o estudo feito em Dias (2007), um elemento fundamental na caracterização dessas práticas é a relação com a natureza.

Os elementos naturais não servem apenas de palco para a prática esportiva; não são apenas figurantes ou um suporte da aventura; é ela própria, a natureza, quem vai determinar todos os acontecimentos [...]. O caso do surfe parece-nos um bom exemplo para ilustrar esta situação: o surfista ao identificar a formação de uma onda que lhe parece adequada para suas manobras posiciona-se em condições que lhe permita aproveitar o impulso da onda e no momento certo inicia a remada até o

momento em que a onda – o elemento da natureza – o empurra em velocidade, sendo seu esforço propulsor já desnecessário. Agora é a onda que vai lhe guiar; são as forças da natureza que vão lhe empurrar. Esta característica funcional é, muito provavelmente, a responsável pela criação de um imaginário que associa tais práticas [...] aos discursos de preservação ambiental (DIAS e ALVES JUNIOR, 2006, p. 330 apud DIAS, 2007, p. 22).

Existem diversas denominações para esse conjunto de conhecimentos, como: Práticas corporais de aventura, Esportes de risco, Esportes alternativos, Esportes extremos, Atividades de Aventura, Atividades Físicas de Aventura na Natureza, Esportes Radicais e outros. Com toda essa diversidade, existem alguns estudos se propondo a discutir qual dessas denominações seria a mais apropriada. Mas, não é objetivo desta pesquisa aprofundar nesta reflexão, desta forma, será discutido o termo PCAs como está colocado na BNCC.

As Práticas Corporais de Aventura na Natureza (PCANs) se consolidaram como estudo da Educação Física apenas no início do século XXI (PEREIRA, ARMBRUST e RICARDO, 2008), esta denominação introduzida por Inácio et al (2005), os quais buscaram uma terminologia que não se restringisse apenas a atividades ou esporte. Segundo os autores, as PCANs são:

Práticas corporais que objetivam comumente a aventura e o risco, realizadas em ambientes [...] com pouca interferência humana, sejam estes terra, água e/ou ar. Possuem alto valor educativo e buscam estabelecer uma relação mais intrínseca entre seres humanos e tudo que os cerca, podendo avançar para uma superação da lógica mercadológica do/no lazer e com um resgate de valores humanos como a cooperação e a solidariedade. (2014, p. 532)

Para os autores as PCANs, mesmo apresentando várias modalidades distintas, possuem características peculiares e semelhantes entre elas, como o aproveitamento dos diversos espaços como o solo, o relevo, os acidentes naturais, entre outros (ALMEIDA, 2009). Com essa premissa, as PCANs instituem um grupo de modalidades praticadas prioritariamente em locais com pouca intervenção humana, ao ar livre (outdoor), embora algumas delas atualmente possam ser praticadas também no interior de construções (indoor). Franco, Cavasini e Darido (2014) apresentam esta classificação das PCANs dividida nos elementos:

- 1. Ar, como os esportes – Asa Delta, Balonismo, Bungee Jump, Paragliding, Paraquedismo, Tirolesa;*

2. *Água, com os esportes – Canoagem, Kitesurfe, Mergulho, Rafting, Surfe, Acqua Ride, Stand up poddie, Windsurfe;*
3. *Terra, com os esportes – Caving, Corrida de Aventura, Corrida de Orientação, Arvorismo, Escalada, Mountain Bike, Parkour, Shake, Treking.*

Estas modalidades supracitadas são conhecidas, na maioria das vezes, por meio de comunicação. Por sua vez, estão sendo introduzidas na BNCC como uma grande inovação do Componente Curricular Educação Física, e para a inserção destas práticas corporais no meio escolar, consideram-se importantes algumas ações estratégicas como: inserir na formação inicial (graduação) o ensino da PCAs de forma obrigatória, já que os futuros professores serão levados a desenvolver estes conteúdos nas Escolas, oferecimento de formação continuada para aqueles professores que já estão lecionando e não tiveram contato e conhecimento com esses conteúdos, além de atualização de conhecimentos para primeiros socorros, uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), aulas no contraturno, saídas para áreas rurais. Para Tahara e Filho,

Em alguns casos, o próprio entorno da escola, mesmo que ela esteja localizada dentro de um centro urbano, pode ser capaz de proporcionar um espaço verde adaptável onde o professor possa ministrar seu conteúdo (TAHARA e FILHO, 2012, p. 64).

Assim, iniciou-se este capítulo apresentando as PCAs com seus consensos e contradições, sobretudo, os documentos que as perpassam, a relevância destes conteúdos no currículo escolar, no que se refere à possibilidade de trabalhar de forma interdisciplinar, no desenvolvimento de uma Educação Ambiental de forma contextualizada. As próximas reflexões trazem os documentos nacionais voltados para orientação da Educação Nacional. Iniciando com a Lei de Diretrizes e Bases, passando pelas Diretrizes Curriculares Nacionais, pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, como a promoção destes conteúdos já acontecia de forma ampla e subjetiva, mas somente nas discussões e elaboração da BNCC aparecem de forma bem clara e direcionada, logo uma crítica que será feita ao longo da pesquisa, no sentido de engessamento do conteúdo para um momento escolar e a classificação das práticas corporais como de “aventura” na BNCC.

2.2 As Práticas Corporais de Aventura e os documentos que as norteiam

Vários autores (INÁCIO, 2006; ABREU, 2010; TAHARA; CARNICELLI, 2013; FRANCO, 2008) concluem que as PCANs se configuram como um conteúdo que permite inserir a discussão sobre o meio ambiente e a sustentabilidade¹³ como eixos transversais. A Educação Ambiental se tornou uma obrigação nacional devido ao importante passo dado com a Constituição de 1988, quando a tornou uma exigência a ser garantida pelos governos federal, estaduais e municipais, visto exposto no artigo 225 “promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente;”. (BRASIL, 1998, Art. 225, § 1o, VI).

Assim, desde promulgação da nossa carta magna, é garantido por Lei o fomento para práticas educativas voltadas para questões ambientais, assegurando o desenvolvimento de atitudes conservadoras e conscientes dos cidadãos brasileiros, pois se sabe da importância da instituição “Escola” na formação do cidadão, e desta forma garante por meio de Lei, conhecimentos delegados como “Educação Ambiental”.

No contexto nacional, a Educação Ambiental está amparada pela Constituição Federal e pela Lei nº 9.795/99, que dispõe sobre a Educação Ambiental e institui a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA), bem como pela legislação dos demais entes federativos. A PNEA entende por esta educação os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade”. Entre os objetivos fundamentais da Educação Ambiental, está o desenvolvimento de uma compreensão integrada do meio ambiente em suas múltiplas e complexas relações, e o incentivo à participação individual e coletiva, permanente e responsável, na preservação do equilíbrio do meio ambiente, entendendo-se a defesa da qualidade ambiental como um valor inseparável do exercício da cidadania. E preceitua que ela é componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, seja formal ou não formal. Na educação formal e, portanto, também no Ensino Médio, deve ser desenvolvida como uma prática educativa integrada,

¹³ Com o crescente reconhecimento do conceito de sustentabilidade pelas organizações, as decisões organizacionais exigem uma abordagem mais complexa que envolva, simultaneamente, três dimensões da sustentabilidade, entre elas: econômica, social e ambiental. (MAIA, PIRES, 2011, p.201)

continua e permanente sem que constitua componente curricular específico. (DCNEB, 2013, p.166)

Em relação à Lei nº 9.394/1996, de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), não se percebe em sua análise uma relação explícita à Educação Ambiental, e nem a questões ambientais. Porém, os objetivos da Educação Ambiental coincidem com os objetivos da Educação Básica contidos na LDB, ao exemplo do artigo 32, onde afirma que o ensino fundamental terá por objetivo:

[...] II – a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade. Ainda, o artigo 26, prevê, em seu § 1º, que os currículos a que se refere devem abranger, “obrigatoriamente, [...] o conhecimento do mundo físico e natural e da realidade social e política, especialmente no Brasil”. O artigo 43, inciso III, que versa sobre a Educação Superior, estabelece como finalidade dessa etapa “incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive”. (DCNEB, 2013, p. 518)

Seguindo uma coerência, e pensando em aprimoramento de Leis, em 27 de abril de 1999 foi sancionada a Lei nº 9.795¹⁴ que apresentam em seus dois primeiros artigos, pontos importantes como:

Art. 1º Entende-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade. Art. 2º A educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não formal. (BRASIL, 1999).

Apesar desta legalidade para as causas ambientais, pouco se é legítimo no contexto escolar em nosso país, haja vista que a maioria das conferências mundiais da atualidade tem como prioridade a “Sustentabilidade” como reflexão, assunto de urgência e reparos imediatos, pensados de forma global.

Sustentabilidade, assim, implica o uso dos recursos renováveis de forma qualitativamente adequada e em quantidades compatíveis com sua capacidade de renovação, em soluções economicamente viáveis de suprimento das necessidades, além de relações sociais que

¹⁴ Lei nº 9.795, de 27 de Abril de 1999- Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. (BRASIL, 1999)

permitam qualidade adequada de vida para todos. (BRASIL, 1998, p. 178)

No caso do nosso país, se tivéssemos considerado o que se foi proposto há 30 anos, no momento poder-se-ia compartilhar com o Mundo, as ações políticas, educativas, e estratégicas para lidar como o ambiente natural de forma respeitosa e conservadora.

Educação Ambiental envolve o entendimento de uma educação cidadã, responsável, crítica, participativa, em que cada sujeito aprende com conhecimentos científicos e com o reconhecimento dos saberes tradicionais, possibilitando a tomada de decisões transformadoras, a partir do meio ambiente natural ou construído no qual as pessoas se integram. A Educação Ambiental avança na construção de uma cidadania responsável voltada para culturas de sustentabilidade socioambiental. (DCNEB, 2013, p.515)

A legislação na área ambiental e as abordagens da Educação Ambiental no currículo da Educação Básica no Brasil estão bem estruturadas, para tanto, se têm considerações retratadas nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), e na BNCC. Nessa perspectiva, os documentos norteadores da Educação Básica (PCNs e DCNs) foram elaborados, propondo que a Educação Ambiental nas escolas seja desenvolvida transversalmente e não como uma disciplina. Os PCNs (1998) apresentam a Educação Ambiental como tema transversal, através de um caderno específico, onde explicita que:

Trabalhar de forma transversal significa buscar a transformação dos conceitos, a explicitação de valores e a inclusão de procedimentos, sempre vinculados à realidade cotidiana da sociedade, de modo que obtenha cidadãos mais participantes. (p. 193).

Assim como as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Ambiental (DCNEA), de forma semelhante, defendem a abordagem da Educação Ambiental de forma transversal e a preservação do meio ambiente enquanto responsabilidade de todos os indivíduos, dever do exercício da cidadania para o bem comum (BRASIL, 2013). Mas, apesar de todas as orientações expostas nos documentos oficiais citados, para o oferecimento deste conteúdo de forma espiral e contextualizada, atualmente, acontecem trabalhos pontuais e com muita limitação relacionada à Educação Ambiental. Essa preocupação com as estratégias pedagógicas para o ensino já era apontada no próprio PCN (1998):

É necessário ainda ressaltar que, embora recomendada por todas as conferências internacionais, exigida pela Constituição e declarada como prioritária por todas as instâncias de poder, a Educação Ambiental está longe de ser uma atividade tranquilamente aceita e desenvolvida, porque ela implica mobilização por melhorias profundas do ambiente, e nada inócuas. Ao contrário, quando bem realizada, a Educação Ambiental leva a mudanças de comportamento pessoal e a atitudes e valores de cidadania que podem ter importantes consequências sociais. (p.182)

Portanto, percebe-se que, é preciso refletir e elaborar métodos inovadores que viabilizem o desenvolvimento desta temática na Escola para os estudantes, na perspectiva que tornem cidadãos conscientizados, que reflitam sobre a preservação e manutenção do meio natural para o bem de toda a sociedade, entendendo que esse cuidado é primordial para uma vida saudável e sustentável.

Assim, a grande tarefa da escola é proporcionar um ambiente escolar saudável e coerente com aquilo que ela pretende que seus alunos apreendam, para que possa, de fato, contribuir para a formação da identidade como cidadãos conscientes de suas responsabilidades com o meio ambiente e capazes de atitudes de proteção e melhoria em relação a ele. (BRASIL, 1998, p. 187)

Traçada essa linha histórica, percebe-se que esses documentos apresentam conceitos e fundamentações ponderados que ratificam a importância social, cultural, e política do diálogo sobre questões socioambientais durante toda Educação Básica. Neste estudo, vem-se discutindo o conteúdo “Esporte Orientação”, e suas possibilidades no espaço escolar. Como relatado, a contemporaneidade que pode ser planejada para esse conteúdo, é notoriamente possível. Assuntos que retratam, por exemplo, ações insustentáveis da nossa sociedade podem ser temas a serem discutidos durante as aulas de EFE, atrelados aos seus objetivos específicos.

Portanto, fomentar questões de sustentabilidade através contextualização de territórios pode ser um dos objetivos da EFE, e através desse objetivo podemos trazer para os estudantes, uma discussão densa sobre as ações insustentáveis promovidas pela população na sociedade.

Como o desmatamento¹⁵, a desigualdade socioambiental, a poluição do ar, o

¹⁵ O Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) divulgou hoje (18/11/2019) a estimativa da taxa de desmatamento para os nove estados da Amazônia Legal Brasileira. O valor estimado é de 9.762 km² para o período de agosto de 2018 a julho de 2019. Esse valor representa um aumento de 29,54% em relação à taxa de desmatamento apurada pelo PRODES 2018 que foi de 7.536 km².

não acesso à água, e a falta de coleta de resíduos são algumas situações que podem ser chamadas de retratos da insustentabilidade em nossa sociedade. Observando a divulgação dos dados pelos órgãos reguladores no Brasil de cada um deles, têm-se mostrado que, a população brasileira vive numa crise ambiental, crise essa que também é planetária, também é caracterizada como uma crise civilizatória, que vem retratando o modo como a nossa sociedade está se relacionando com o ambiente. Para além de uma crise chamada ecológica no seu sentido mais estrito, essa é uma crise chamada ambiental, no sentido socioambiental.

A insustentabilidade trazida pelo desmatamento¹⁶ apresenta atualmente dados alarmantes no Brasil, principalmente na Amazônia Legal¹⁷, que tem sido devastada por diversos motivos, como a extração de árvores pelo consumo de papel. Mas, um dos maiores motivos para a devastação da floresta no Brasil é a expansão da fronteira agrícola e pecuária, que existe uma estreita relação entre os nossos hábitos alimentares.

É notório também, a insustentabilidade nas ações sociais e políticas em relação à produção e tratamento dos resíduos¹⁸. Apresenta diversas consequências, como as enchentes, a poluição dos rios, lagoas e mares, lixões em lugares impróprios, e a falta de uma coleta de resíduos de forma adequada.

Insustentável também é a qualidade do nosso ar! Nas metrópoles brasileiras observa-se o aumento das emissões de CO₂¹⁹, uma relação com o excesso de uso de veículos automotores, onde os Estados e Municípios deveriam ter políticas públicas que priorizasse o transporte público para amenizar a emissão desses gases.

¹⁶ No período de agosto de 2018 a julho de 2019, o desmatamento da Amazônia Legal foi estimado em 9.762 quilômetros quadrados (km²). (INPE, 2019)

¹⁷ Lei 1.806/1953 - A chamada Amazônia Legal consiste numa área de 5.217.423 km², que ocupa 61% do território brasileiro. Desde que foi criada, seus limites já foram revistos diversas vezes em virtude das mudanças da divisão política do Brasil. Hoje, os estados que compõem a Amazônia Legal são o Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins, e parte do Maranhão.

¹⁸ Brasil gera 79 milhões de toneladas de resíduos sólidos por ano. (ABRELPE, 2020)

¹⁹ O Brasil emitiu um total de 1,9 giga tonelada de carbono equivalente (GtCO₂eq) em 2018. (SEEG, 2019)

Outra insustentabilidade imposta é a desigualdade socioambiental, expressa na discrepância numérica²⁰ entre os mais ricos e os mais pobres. Nosso planeta enfrenta um a desigualdade social e ambiental de acesso aos recursos de forma bastante intensiva, e o Brasil²¹ é um dos campeões desse tipo de desigualdade. Mais um exemplo de insustentabilidade está na de desigualdade no acesso à água²² e saneamento básico²³.

Segundo dados da ONU Habitat, 1,6 mil milhões de pessoas não têm habitação adequada e 25% da população mundial vive em bairros informais sem infraestruturas nem saneamento básico, sem acesso a serviços públicos, com escassez de água e de eletricidade. Vivem em espaços exíguos onde se aglomeram famílias numerosas. (SANTOS, 2020, p.17)

Assim, depois de serem elencadas algumas ações insustentáveis promovidas pela sociedade, todas sem exceção, trazem para esse estudo uma nova reflexão. Pensar em ações educativas que promovam um diálogo com os estudantes, a fim de discutir, cogitar, idealizar uma sociedade que promova ações sustentáveis.

[...] sustentabilidade remete à busca de um desenvolvimento econômico e social capaz de voltar-se às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade das gerações futuras atenderem às suas próprias necessidades. (SANTOS et al., 2020, p.1).

Para esta reflexão e uma compreensão mais ampla sobre esse assunto, apresenta-se os conceitos trazidos por Ignacy Sanchs (2002), onde ele traz oito dimensões da sustentabilidade:

*[...] a **dimensão social** propõe homogeneidade social, distribuição de renda justa, qualidade de vida e igualdade social; a **cultural** sugere equilíbrio, tradição e inovação, autonomia na elaboração de projetos nacionais integrados e a combinação entre confiança e*

²⁰ Em 2019, os bilionários do mundo, que somam apenas 2.153 indivíduos, detinham mais riqueza do que 4,6 bilhões de pessoas, cerca de 60% da população mundial. (OXIFAM, 2020)

²¹ Estudo divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística revela que a concentração de renda aumentou em 2018, reforçando a extrema desigualdade social no país. O rendimento médio mensal de trabalho da população 1% mais rica foi quase 34 vezes maior que da metade mais pobre. (IBGE, 2018).

²² 83,62% dos brasileiros são atendidos com abastecimento de água tratada; São quase 35 milhões de brasileiros sem o acesso a este serviço básico. (SNIS, 2018)

²³ 53% dos brasileiros têm acesso à coleta de esgoto; Quase 100 Milhões de brasileiros não têm acesso a este serviço; Cerca de 13 milhões de crianças e adolescentes não têm acesso ao saneamento básico. (SNIS, 2018)

*abertura para o mundo; a **ecológica** propõe a preservação do capital natural e a limitação no uso desses recursos; a **ambiental** engloba o respeito aos ecossistemas naturais; a **territorial** trata do equilíbrio entre as configurações urbanas e rurais, da melhoria do ambiente urbano e das estratégias de desenvolvimento de regiões; a **econômica** aborda o equilíbrio econômico entre setores, a segurança alimentar, a modernização dos meios produtivos, a realização de pesquisas científicas e tecnológicas e a inserção na economia internacional; a **dimensão política nacional** envolve a democracia, os direitos humanos e a implantação de projetos nacionais em parceria com os empreendedores; por fim, a **dimensão política internacional** trata da promoção da paz e da cooperação internacional, do controle financeiro internacional, da gestão da diversidade natural e cultural e da cooperação científica e tecnológica. (SANCHS apud MAIA, PIRES, 2011, p.189, grifo nosso).*

Contextualizando essas dimensões com os dias atuais, neste cenário de pandemia da doença COVID-19 o qual estamos sobrevivendo, percebe-se o quanto a sociedade precisa rever seus hábitos culturais destrutivos e promover mudanças de paradigmas, pois as ações insustentáveis que já eram bem evidentes, neste momento promovem uma seleção “não natural” da população, esta que sofre de vulnerabilidade social, que será mais atingida nessa crise sanitária mundial.

Grande parte da população do mundo não está em condições de seguir as recomendações da Organização Mundial de Saúde para nos defendermos do vírus porque vive em espaços exíguos ou altamente poluídos, porque são obrigados a trabalhar em condições de risco para alimentar as famílias, porque estão presos em prisões ou em campos de internamento, porque não têm sabão ou água potável, ou a pouca água disponível é para beber e cozinhar, etc. (SANTOS, 2020, p.23).

Então, pensar na capacidade que o planeta tem para sustentar a vida é fundamental nesse tempo, principalmente por conta do estilo de vida que a sociedade global insiste em ter. Logo, as dimensões sustentabilidade ecológica e a sustentabilidade ambiental pode vir a tratar do uso dos recursos naturais, com o consumo excessivo de matérias primas para comercialização, e com a geração de resíduos e a emissão de gases. Essa pandemia ressalta algumas situações conflitantes, porém em questões ambientais provocou algumas novas realidades positivas:

Por exemplo, a diminuição da poluição atmosférica. Um especialista da qualidade do ar da agência espacial dos EUA (NASA) afirmou que nunca se tinha visto uma quebra tão dramática da poluição numa área tão vasta. (SANTOS, 2020, p.6)

Nesta crise pandêmica por qual passamos, refletir também sobre uma

sustentabilidade econômica torna-se primordial, pois:

Impôs-se a versão mais antissocial do capitalismo: o neoliberalismo crescentemente dominado pelo capital financeiro global. Esta versão do capitalismo sujeitou todas as áreas sociais – sobretudo saúde, educação e segurança social– ao modelo de negócio do capital, ou seja, a áreas de investimento privado que devem ser geridas de modo a gerar o máximo lucro para os investidores. Este modelo põe de lado qualquer lógica de serviço público, e com isso ignora os princípios de cidadania e os direitos humanos. Deixa para o Estado apenas as áreas residuais ou para clientelas pouco solventes (muitas vezes, a maioria da população) as áreas que não geram lucro. Por opção ideológica, seguiu-se a demonização dos serviços públicos (o Estado predador, ineficiente ou corrupto); a degradação das políticas sociais ditada pelas políticas de austeridade sob o pretexto da crise financeira do Estado; a privatização dos serviços públicos e o subfinanciamento dos que restaram por não interessarem ao capital. (SANTOS, 2020, p.23)

Portanto, não se trata necessariamente de pensar apenas no dinheiro e nas suas “nuances econômicas”, mas pensar numa outra economia, diferente da vigente, uma economia solidária, com a valorização do ser humano em detrimento ao capital, onde teria que abandonar o “capitalismo”²⁴, e transgredir as leis econômicas. Nesses tempos, valorizar e promover sustentabilidade social estará relacionado ao bem-estar de todas as pessoas, e por uma equidade social.

[...] os Médicos Sem Fronteiras estão a alertar para a extrema vulnerabilidade ao vírus por parte dos muitos milhares de refugiados e imigrantes detidos nos campos de internamento na Grécia. Num desses campos (campo de Moria), há uma torneira de água para 1300 pessoas e falta sabão. (SANTOS, 2020, p.9)

Conforme Santos (2020), é impossível vislumbrar uma sustentabilidade enquanto houver miséria:

[...] analiso outros grupos para os quais a quarentena é particularmente difícil. São os grupos que têm em comum padecem de uma especial vulnerabilidade que precede a quarentena e se agrava com ela. Tais grupos compõem aquilo a que chamo de Sul. Na minha concepção, o Sul não designa um espaço geográfico. Designa um espaço-tempo político, social e cultural. É a metáfora do sofrimento humano injusto causado pela exploração capitalista, pela

²⁴ Capitalismo: 1- (Economia) Influência ou supremacia do capital; 2- (Sociologia) Organização econômica em que as atividades de produção e distribuição, obedecendo aos princípios da propriedade privada, da competição livre e do lucro, produzem uma divisão da sociedade em duas classes antagônicas, porém vinculadas pelo mecanismo do mercado: a dos possuidores dos meios de produção e a do proletariado industrial e rural; 3- Indivíduos, países, economias etc. capitalistas.

discriminação racial e pela discriminação sexual. Proponho-me analisar a quarentena a partir da perspectiva daqueles e daquelas que mais têm sofrido com estas formas de dominação e imaginar, também da sua perspectiva, as mudanças sociais que se impõem depois de terminar a quarentena. (SANTOS, 2020, p.14).

Através dessa premissa, viabilizar uma sustentabilidade territorial ou espacial é trazer uma reflexão sobre as diferenças entre o norte, o sul, o centro e a periferia. E perceber a má distribuição espacial dos recursos naturais, econômicos, sociais e culturais. O isolamento social sugerido pela Organização Mundial de Saúde (OMS), onde em muitos países impuseram a quarentena, já em outros não adotaram esta prática. Segundo Santos (2020), a condição para se isolar não é possível, viável para maioria da sociedade, pois essa maioria reúne as classes pobre e paupérrima de todo mundo, assim: “Qualquer quarentena é sempre discriminatória, mais difícil para uns grupos sociais do que para outros é impossível para um vasto grupo de cuidadores, cuja missão é tornar possível a quarentena ao conjunto da população”. (SANTOS, 2020, p.14).

E apesar de toda calamidade vivida, temos na cultura um alento, portanto, nesta fase peculiar que vivemos, estamos sendo motivados e energizados pela cultura, ela está sendo resiliente, e ensinado o que resiliência a todos. Sendo assim, desenvolver uma sustentabilidade cultural é preservar a cultura e a diversidade. E estar alerta ao perigo da homogeneização da cultura, e evitar que apenas uma determinada mídia ou um determinado grupo social dite quais serão as normas, quais culturas serão valorizadas, enquanto outras serão menosprezadas ou tratadas como inferiores, principalmente nesse momento turbulento, contraditório, e sem certezas pelo qual estamos transcorrendo.

Entretanto, todas essas sugestões precisam estar interligadas, todas essas dimensões precisam ser bem desenvolvidas pela sociedade. Logo, o desenvolvimento da sustentabilidade de política (nacional e internacional) consequentemente irá alavancar todas as outras vertentes. Como afirma Santos (2020), o sistema político e econômico que domina quase todo mundo, precisa ser transgredido, pois a simples propagação de um vírus deu visibilidade às suas características negativas, expondo suas fragilidades. Conforme o autor:

As pandemias mostram de maneira cruel como o capitalismo neoliberal incapacitou o Estado para responder às emergências. As

respostas que os Estados estão a dar à crise variam de Estado para Estado, mas nenhum pode disfarçar a sua incapacidade, a sua falta de previsibilidade em relação a emergências que têm vindo a ser anunciadas como de ocorrência próxima e muito provável. (SANTOS, 2020, p.27)

Deste modo, após essa fase crítica da pandemia, teremos um tempo jamais vivido, um novo contexto, e várias situações precisarão ser repensadas, como já exposto. As ações políticas, por exemplo, precisam ter mais a participação das pessoas nas tomadas de decisões, e intervenção de grupos organizados, coletivos que cobrem as mudanças necessárias, no sentido que, sem democracia não existe sustentabilidade.

Só com uma nova articulação entre os processos políticos e os processos civilizatórios será possível começar a pensar numa sociedade em que humanidade assuma uma posição mais humilde no planeta que habita. (SANTOS, 2020, p.31).

No novo e esperado tempo, pensar nessas dimensões de sustentabilidade, será promover reflexões e atitudes para irem de encontro com todos os aspectos apresentados como insustentáveis que geraram a atual crise socioambiental, que estarão potencializados na pós-pandemia. Certamente estaremos numa crise planetária, que vai requerer mudanças complexas, profundas, em nível paradigmático. Portanto,

Superaremos a quarentena do capitalismo quando formos capazes de imaginar o planeta como a nossa casa comum e a Natureza como a nossa mãe originária a quem devemos amor e respeito. (SANTOS, 2020, p.32)

Nesta perspectiva, a escola será o espaço de discussão e reflexão de toda mudança imposta pelo coronavírus. Serão os professores responsáveis por contextualizar os fatos históricos provocados e/ou acentuados pela crise pandémica para as gerações futuras. “E o pior é que enquanto a crise da pandemia pode ser de algum modo revertido ou controlado, a crise ecológica já é irreversível e agora há apenas que procurar mitigá-la”. (SANTOS, 2020, p.22)

Assim, promover a sustentabilidade, e/ou um desenvolvimento sustentável, e/ou uma educação ambiental nesse novo tempo, primeiramente será preciso que o professor, que a equipe pedagógica, que a comunidade escolar, que todos reflitam e externem através do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, que tipo de sociedade que eles almejam a partir deste fato histórico? A resposta desta

questão irá nortear uma possível definição de educação ambiental que a escola pretende realizar, como também os objetivos educacionais, as ações pedagógicas, os projetos, os programas, enfim, tudo que será desenvolvido no contexto educacional daquele espaço escolar.

Todo educador deve ter definido o seu projeto político-pedagógico. Essa definição orienta a sua prática no nível da sala de aula: a relação que estabelece com os seus alunos, o conteúdo que seleciona para ensinar e como o trata científica e metodologicamente, bem como os valores e a lógica que desenvolve nos alunos. (SOARES et al., 1992, p. 15)

Essa educação ambiental pode ser pensada para questões da comunidade escolar e/ou projetar ações mais amplas e profundas, como em intervir em políticas públicas. Então, pensar e elaborar uma educação ambiental em prol do coletivo é desenvolver a chamada “Educação Ambiental Transformadora²⁵”, que identifica os seus sujeitos sociais, com níveis diferenciados de responsabilidades ambientais. Sabendo que esta educação irá se debruçar na crise ambiental como uma manifestação da crise da nossa civilização que requer mudanças.

Portanto, o processo educativo que se promove dentro desta pesquisa, prevê uma postura dialógica problematizadora e comprometida com as transformações estruturais da sociedade por meio da ação individual, e coletiva que acontece dentro do espaço escolar. Que poderá ser vista como ato político, logo, ensinar o Esporte Orientação com todas essas premissas conceituais e ideológicas será uma política pública educacional, voltada para o ensino de uma EFE emancipatória, que reflete e discute sobre as demandas socioambientais da sua comunidade escolar, de sua comunidade geográfica, de sua cidade, do seu país e do seu mundo.

2.3 Alguns apontamentos sobre Base Nacional Comum Curricular (BNCC)

²⁵ [...] uma educação ambiental que se origina no escopo das pedagogias críticas e emancipatórias, especialmente dialética em suas interfaces com a chamada teoria da complexidade, visando um novo paradigma para uma nova sociedade. Falo de um campo amplo que se mostra adequado à educação ambiental pelo tratamento consistente de nossa especificidade como seres biológicos, sociais e históricos, de nossa complexidade como espécie e da dialética natureza/ sociedade como unidade dinâmica. (LOUREIRO, 2004, p.67)

Em Maio de 2015, muitos especialistas em Educação (professores representantes de 35 Universidades) do Brasil, e professores (as) indicados pelo Conselho Nacional de Secretários de Educação (CONSED) e pela União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (UNDIME), que investigam e estudam “currículo” foram convidados para refletir e discutir sobre uma BNCC. A BNCC tinha como premissa ser uma proposta que permitisse a escola se organizar de forma ímpar e peculiar, através dos temas interessantes para escola, onde conseguiria contemplar conhecimentos de uma região específica do país, de uma determinada comunidade.

A BNCC, ao menos nas sua primeira e segunda versões, foi concebida como um ponto de partida e não um currículo mínimo. Seu intuito era apoiar os sistemas na calibragem das propostas existentes. Não se tratava de uma relação de conteúdos a serem ensinados obrigatoriamente em todas as escolas. Na sua concepção inicial, a ideia era que o texto se tornasse um material de apoio para a elaboração de propostas estaduais, municipais, da rede privada e de cada unidade escolar. (NEIRA; ALVIANO; ALMEIDA, 2016, p.32).

A primeira versão saiu no dia 15 de setembro de 2015, onde o debate começou em Maio de 2015, após a publicação do site bncc.org. br, o público podia acessar a base e fazer comentários de dois tipos: o primeiro comentário era sobre os documentos introdutórios; e o outro era sobre os objetivos de aprendizagem. Essa versão foi submetida seminários estaduais organizados no mês de Agosto, algumas pessoas participaram e fizeram contribuições, e esse texto foi enviado ao Conselho Nacional de Educação que organizou cinco audiências regionais com uma pequena participação e finalmente foi homologado o texto da Educação infantil e do ensino fundamental pelo Ministro da Educação Mendonça Filho e se tornou público em dezembro de 2017. E em Abril de 2018, foi apresentado o documento provisório do Ensino Médio.

Mas, para iniciar a reflexão sobre a BNCC, precisa-se entender primeiramente o que se entende sobre currículo e o porquê de elaborar uma Base Comum Curricular.

A palavra currículo vem da palavra Scurrere, correr, e refere-se a curso (ou carro de corrida). As implicações etimológicas são que, com isso, o currículo é definido como um curso a ser seguido, ou, mais especificamente, apresentado. (GOODSON, 2012, p.31).

De modo geral, currículo já teve e tem várias compreensões, como: um programa de curso; aquilo que a escola ensina; aquilo que a escola não tinha descrição, mas que também garantia (currículo oculto). Atualmente o entendimento por currículo é toda experiência proposta pela escola ou a partir da escola, como: exemplos que o professor usa; ter ou não atividades para casa; usar o uniforme; as aulas em formato de círculo, usar um filme, tudo isso é que estão chamando de currículo.

O currículo, portanto, implica processos relativos ao conhecimento escolar que atuam no âmbito axiológico (referente aos valores), no âmbito epistemológico (referente ao conhecimento), ou ainda, no âmbito dos procedimentos: tudo o que diz respeito ao que se ensina, como se ensina, para que e para quem se ensine, mantêm relações com os estudos sobre currículo. (FETZNER, 2009, p.28).

Para muitos estudiosos da área da teorização curricular, o currículo é muito mais do que a relação de conhecimentos! Currículo é toda experiência proposta pela escola ou a partir da escola. Exemplificando, se a escola oferece atividades para casa, se a escola oferece merenda, se a escola oferece material, se tem aula de inglês na escola, se tem quadra poliesportiva, se a escola tem condições apresenta filmes para as crianças, se na escola tem uma biblioteca, tudo isso influencia na pessoa que se pretendei formar.

As produções acadêmicas mais recentes estão retratando que os currículos de alguma maneira interferem na constituição da identidade dos sujeitos da Educação (estudantes e professores), como afirma Goodson (2007, p.244) “as disciplinas escolares não são definidas de uma forma acadêmica desinteressada, mas sim em uma relação estreita com o poder e os interesses de grupos sociais”.

O percurso curricular de alguma maneira causa marcas nos estudantes, que acabam sendo produto da escola, que ensinou determinados conhecimentos e deixou de ensinar outros, conseqüentemente, este estudante acaba se tornando uma determinada pessoa, carregadas por esses conhecimentos.

Nesse conjunto de conhecimentos que a escola selecionou (ou que a escola não selecionou) foram veiculadas visões de mundo, cidadão, aprendizagem, homem, mulher, justiça, igualdade, etc. Qualquer um que tenha atravessado essa jornada ficou impregnado, marcado para sempre. (NEIRA; ALVIANO; ALMEIDA, 2016, p.32).

Moreira e Candau (2007, p.18) abrangem que o “currículo associa-se, assim, ao conjunto de esforços pedagógicos desenvolvidos com intenções educativas”. Essas condições passam também pelas condições dos professores, se são bem remunerados, se tem plano de carreira, se têm condições de realizar bem o seu trabalho. Portanto, não adianta só pensar no currículo, se não pensar em tudo isso que acompanha o processo educativo. Atualmente, existe uma questão central sendo refletida pelas teorias curriculares que é à saída de uma perspectiva mais tradicional de currículo, ou seja, uma relação de conhecimentos a serem ensinados, para avançar para uma perspectiva crítica de currículo, onde, por exemplo, não basta apenas ensinar o texto, é importante ensinar o contexto daquele texto. Assim, fortalece a ideia de um currículo que vai constituir um sujeito, e é nesse momento, e nesse debate que se inserem a importância das diferenças e importância de incluir todos.

O analista de currículo Neira demonstra em seus estudos a preocupação com o que aconteceu com a trajetória de construção da BNCC, relata que atualmente vive-se um contexto conservador, onde determinados grupos tem feito muita força para fazer valer uma determinada visão de currículo, como setores privatizados e ONGs, e as empresas que produzem materiais didáticos. Basta ver a preocupação como os currículos tem tido em relação à Educação financeira, com a transmissão de determinados valores, de determinadas vertentes religiosas, portanto, grupos que querem fazer valer uma determinada visão de história no currículo.

Surpreendida pelo golpe político-jurídico de maio do mesmo ano, a população brasileira tem assistido a retirada de seus direitos e o franco caminhar para um regime antidemocrático estimulado por setores conservadores e empresariais, bem representados nas políticas educacionais em curso. No bojo dessas ações, em abril de 2017, foi divulgada a terceira versão da BNCC, doravante BNCC-III. “Mais enxuta!”, como alardearam seus artífices na grande mídia, mas com sérias consequências para o futuro da sociedade. (NEIRA, 2017, p.1)

Então, quais são os pontos críticos que a BNCC apresenta? Primeiro o seu processo de construção que vinha numa caminhada e de repente esse processo é interrompido, toma outra direção, gerando outro problema central, na visão de alguns analistas curricular do documento, como Neira (2017), quando adota a pedagogia das competências, ou seja, uma perspectiva curricular que esteve no

Brasil no final dos anos 90, desapareceu e agora volta como uma pedagogia que acena para o setor empresarial, como um dos negócios do Neoliberalismo.

Segundo é que a BNCC é um documento de caráter normativo que apresenta aprendizagens essenciais, e aquilo que os professores e professoras conhecem como pedagogia da competência, que é um saber fazer, a capacidade de mobilizar recursos de ordem cognitiva, afetiva e social, quando o indivíduo enfrenta um problema.

A pedagogia das competências é uma maneira de organizar um currículo, que vai recuperar a tipologia proposta por Coll (1997), um conceito sobre procedimento, que a literatura pedagógica já tinha deixado de lado, mas a BNCC ressuscita isso e vai retomar a ideia das competências, que trabalha a partir de situações-problema, uma determinada maneira de organizar as aulas, e as atividades didáticas. Caracteriza-se por ter unidades temáticas, objetos de conhecimento se desdobram em habilidades.

[...] habilidade trata-se de uma sequência de modos operatórios, de induções e deduções, onde são utilizados esquemas de alto nível. Portanto, para o autor, a habilidade é uma série de procedimentos mentais que o indivíduo aciona para resolver uma situação real, onde ele precise tomar uma decisão. Por exemplo, quando um aluno está aprendendo a multiplicar ele utiliza a habilidade da adição e da conservação do número, que ele já possui, para resolver o novo problema. (PERROUD²⁶ apud SILVA, FELICETTI, 2014, p.19).

O problema de descrever as habilidades e chamá-las de essenciais é porque habilidade nada mais é do que um comportamento a ser modificado, e houve uma preocupação na BNCC para dosar quais eram os comportamentos dos anos da Educação Infantil, dos Anos Iniciais, e dos Anos Finais (Ensino Fundamental), desconsiderando a diversidade que existe no Brasil, e as características específicas de cada região. Redigir competências e habilidades esperando que todos os estudantes correspondam a certa progressão vai ser bastante complicado e difícil, pois cada estudante responde de maneira diferente as atividades propostas, e não

²⁶ PERRENOUD, P. Avaliação da excelência à regulação das aprendizagens: entre duas lógicas. Porto Alegre: Artmed, 1999.

dá para esperar que todos eles fiquem numa mesma direção. Então, como essas habilidades podem ser vistas como habilidades essenciais?

A BNCC têm dez competências a serem alcançadas, e quando coloca a progressão de habilidades a serem desenvolvidas, retoma a taxonomia dos objetivos educacionais de Bloom, seguindo a análise de Neira constata-se que:

[...] recorre a elementos gráficos para explicar que cada área de conhecimento estabelece competências específicas articuladas às gerais. Recuperando a taxonomização dos conteúdos proposta por Coll (1997), também são definidas competências por componente, cujo desenvolvimento é alcançado mediante a aprendizagem de “habilidades essenciais” relacionadas aos objetos de conhecimento, fragmentados em conceitos, atitudes e procedimentos. (NEIRA, 2017, p.2)

A versão da BNCC que é conhecida houve a supressão daqueles antigos objetivos de aprendizagem e desenvolvimento, que problematizava as diferenças. A segunda versão garantia as questões étnicas, de raça, de gênero, de classe, de moradia, de experiência pessoal, graças à contribuição da população brasileira, esta versão foi um documento mais aberto a essas preocupações. Só que isso desapareceu na última versão, a visão crítica que estava presente em alguns componentes também apareceu.

Então, em função disto, na prática a BNCC se tornou uma lista de conteúdos, competências e habilidades, mas ela precisa ser discutida, e cada escola observar em que medida esse documento vai nortear os trabalhos, onde os professores precisarão fazer uma leitura crítica deste texto, pensar numa educação mais próxima dos estudantes, não seguir a base como se ela fosse uma lei, e sim “a base” que vai ajudar a pensarem nas suas propostas.

O Ministério da Educação (ME) atualmente está na fase da implementação da BNCC na Educação Básica. No documento, a Educação Ambiental é um dos Temas Especiais, onde é incentivada a ser trabalhada de forma interdisciplinar, pois “... almeja-se articular direitos e objetivos de aprendizagem em torno das questões socioambientais” (BNCC, p. 51, 2016). E uma das grandes inovações da BNCC para a EFE são as PCAs, que se apresentam como possibilidades de aproximação do indivíduo ao ambiente natural, e de ampliar o campo de atuação da EFE, possibilitando vivências esportivas diferenciadas a fim de desenvolver um olhar crítico para transformação, promovendo a inclusão, e tendo o meio ambiente a

serviço da educação. Por conta desta novidade, é praticamente comum nos textos já à disposição da comunidade acadêmica, a indicação de que as PCAs requerem uma mudança nos cursos de formação inicial de Educação Física (INÁCIO, 2013). A proposta da BNCC homologada em 2018 apresenta as PCAs, e as fundamenta enquanto conteúdos nas aulas de EFE, e como meio de afirmação na relação entre o ser humano e a natureza. Pressupõe que, estes conteúdos oferecerão a discussão sobre o meio ambiente e a sustentabilidade como eixos transversais no contexto escolar. Todavia, as reflexões sobre o meio ambiente na Escola já estavam garantidas desde homologação da Constituição Brasileira, e com as outras leis direcionadas a esta pauta como já foram supracitadas. A Base, por sua vez, apresenta:

[...] as práticas corporais de aventura, cujo aspecto central e diferenciador em relação às anteriores é que a vertigem e o risco controlado são determinantes em sua organização. Suas expressões e formas de experimentação corporal estão centradas nas perícias e proezas provocadas pelas situações de imprevisibilidade que se apresentam quando o praticante interage com um ambiente desafiador. [...] Neste documento, optou-se por diferenciá-las com base no ambiente de que necessitam para serem realizadas: na natureza e urbanas. As práticas de aventura na natureza se caracterizam por explorar as incertezas que o ambiente físico cria para o praticante na geração da vertigem e do risco controlado [...] As práticas de aventura urbanas, diferentemente das anteriores, exploram a “paisagem de cimento” para produzir essas condições (vertigem e risco controlado) durante a prática [...]. Reconhece-se, no entanto, que, apesar das diferenças, algumas modalidades podem ser realizadas tanto em um entorno como em outro, o que aumenta a possibilidade de sua vivência. (BRASIL, 2016, p.106).

A partir desta definição, Neira (2018) coloca outra questão preocupante na BNCC, quando destacam algumas práticas como de aventura. Como classificar a prática corporal como aventura? Uma situação bastante questionável, como já colocado, não existe consenso na literatura da ideia de prática corporal de aventura, para muitos pode ser esporte, atividade, brincadeira, ou qualquer outra coisa. No caso do Esporte Orientação, desde sua criação é caracterizado como uma modalidade esportiva, desta forma, para suas organizações formais e praticantes, todos entendem que estão praticando um esporte, que é caracterizado para muitos como “Esporte da Natureza” (PASINI, 2004).

As práticas corporais são resultados da linguagem²⁷ corporal, porém na BNCC a conceituação sobre práticas corporais é contraditória, segundo Neira (2018), ao invés de entender as práticas corporais como textos da cultura passíveis de leitura interpretação e organização, a BNCC coloca três elementos fundamentais comuns às práticas corporais, que são: movimento corporal como elemento essencial de organização, produto cultural vinculado com lazer e entretenimento, e a saúde.

Portanto, entende-se que essas práticas corporais são aquelas realizadas fora das obrigações laborais, domésticas, higiênicas e religiosas, nas quais os sujeitos se envolvem em função de propósitos específicos, sem caráter instrumental. (BNCC, 2017, p.213).

O autor considera problemático esta definição, pois como já exposto, prática corporal é uma forma de expressão dos vários grupos sociais, não se restringe a movimento corporal, a certa organização interna, e de atendimento à saúde das pessoas. As práticas corporais podem estar ligadas a diversas questões, como questões religiosas, questões profissionais, questões competitivas, portanto, podem ser atribuídas em diversos significados. Conforme Neira (2016),

As teorias pós-críticas alertam que todas as práticas corporais, enquanto textos da cultura são perpassados por relações de poder que tem na classe, etnia, gênero, religião, geração, deficiência etc., alguns dos seus marcadores sociais. (p.86)

Então, as práticas corporais nada mais são do que brincadeiras, danças, esportes, lutas e ginásticas. Uma prática corporal é uma produção da gestualidade, é o produto da linguagem corporal, justamente por isso que a Educação Física está inserida na área das linguagens.

Entende-se que a partir da vivência e da interpretação das práticas corporais os seres humanos produzem a linguagem corporal, que possibilita aos indivíduos interagir entre si, comunicando-se e transformando-se por seu tocante expressivo. (NOGUEIRA et.al., 2018, p. 1267)

²⁷ A Educação Física é uma disciplina que trata, pedagogicamente, na escola, do conhecimento de uma área denominada aqui de cultura corporal. Ela será configurada com temas ou formas de atividades, particularmente corporais, como as nomeadas anteriormente: jogo, esporte, ginástica, dança ou outras, que constituirão seu conteúdo. O estudo desse conhecimento visa apreender a expressão corporal como **linguagem**. (SOARES et al., 1992, p.41, grifo nosso)

Logo, uma prática corporal é um texto passível de leitura, significação e produção. São consideradas como artefatos da cultura relacionados a determinadas produções que veiculam significados, que incorporam visões de mundo, visões de sujeito, visões sociedade que algum grupo produziu. São também subjetivas, pois atribui uma identidade a essas práticas, basta lembrar que certas práticas corporais são direcionadas sendo de meninas, e outras de meninos. Como a ideia de que pessoas idosas não pudessem andar de skate, de patins, apenas as crianças, como se alguma prática corporal fosse exclusiva para um determinado grupo.

As práticas corporais também são denominadas como práticas culturais, ou seja, brincadeira dança luta, esporte, ginástica são práticas da cultura, portanto, nessas condições são significados que podem constituir uma pessoa. Assim, tomando como exemplo, o Esporte Orientação, quando uma pessoa pratica, assiste e aprecia o mesmo, pode vir atribui um conjunto de significados a essa prática corporal, e na medida em que participa dessa experiência, ela vai se significando, ou seja, uma prática corporal nada mais é do que uma forma, que um determinado grupo escolheu para transmitir os seus valores e suas formas de entendimento sobre o mundo.

O significado dado à “Orientação” pela maioria dos seus praticantes no Brasil e no mundo é como modalidade esportiva, pois seguindo a própria definição de esporte trazido pela Base:

[...] caracteriza-se por ser orientado pela comparação de um determinado desempenho entre indivíduos ou grupos (adversários), regido por um conjunto de regras formais, institucionalizadas por organizações (associações, federações e confederações esportivas), as quais definem as normas de disputa e promovem o desenvolvimento das modalidades em todos os níveis de competição. (BNCC, 2017, p.215)

Com essa compreensão, será tratada a “Orientação”, como esporte²⁸, como é considerado no Brasil e no Mundo. Para realização desta pesquisa foi feito um levantamento Bibliográfico, especificamente ao que concerne à relação entre EFE

²⁸ O **esporte** como prática social que institucionaliza temas lúdicos da cultura corporal, se projeta numa dimensão complexa de fenômeno que envolve códigos, sentidos e significados da sociedade que o cria e o pratica. Por isso, deve ser analisado nos seus variados aspectos, para determinar a forma em que deve ser abordado pedagogicamente no sentido de esporte escola e não como o esporte “na” escola. (SOARES et al., 1992, p. 48, grifo nosso)

versus PCAs, e sobre o Esporte Orientação. Foram realizadas pesquisas no site da Revista Brasileira de Pós-Graduação (RBPG – CAPES), e na base de dados Scientific Eletronic Library Online (SCIELO) obtendo alguns resultados. No contexto acadêmico, de produção do conhecimento, vem crescendo o interesse por temas como corpo, cultura, natureza e lazer. Em geral, os trabalhos inclinam para o aprofundamento sobre as atividades físicas na natureza, seus impactos, necessidades, possibilidades para praticantes e para o campo de atuação da Educação Física.

Assim, o produto deste estudo pretende fomentar o trabalho em rede para colaboração de planejamento e execução de um currículo diferenciado e contextualizado, corroborando com as questões socioambientais. Essa produção acadêmica “Cartilha Pedagógica para Esporte Orientação” poderá ser apresentada como subsídio pedagógico para professores que não tem conhecimento e expertises sobre o conteúdo e sua aplicabilidade dentro do contexto escolar. E, seguindo este itinerário acadêmico, no próximo capítulo será apresentado o Esporte Orientação e as suas possibilidades pedagógicas na escola.

3 O ESPORTE ORIENTAÇÃO

A denominação Orientação pode gerar algumas dúvidas, pois muitos conhecem apenas o conceito da palavra “Orientação” como sinônimo de ajuda, auxílio, ou então orientação vocacional. Porém, existe o Esporte Orientação, que é conhecido no Mundo como “Orienteering”. Etimologicamente, “Orientação” é o ato ou arte de orientar-se que, ato contínuo, visa determinar ou ajustar uma posição (lugar) em relação aos pontos cardeais. Mas, definindo Orientação como esporte, afirma-se que é: a arte de navegar por terras desconhecidas com o auxílio de um mapa topográfico e uma bússola, onde está marcado o percurso que deve ser realizado, no menor de tempo possível.

O orientista, como é chamado o praticante do esporte, encontrará os pontos de controle que estão representados no terreno, por prismas, cuja área de localização está representada por um círculo, no mapa. É praticada em ambientes

naturais, como florestas, parques e reservas; por isso, é considerado um “esporte da natureza”, pelos seus praticantes. Mas, atualmente, muito praticado em ambientes urbanos e prédios, vertente que surgiu principalmente para dar visibilidade ao esporte.

Como esporte, a Orientação surgiu em 1850 nos meios militares²⁹ Escandinavos, que a utilizavam como meio de entretenimento para as suas tropas. Após alguns decênios, em que o bichinho se espalhou, os clubes desportivos começaram a organizar as primeiras competições. Em 1888, a palavra Orientação é usada pela primeira vez na Academia Militar Sueca (em Karlberg, perto de Estocolmo). A primeira competição de Orientação em Estocolmo, organizada por Gösta Drake aconteceu em 30 de Junho 1895. A Orientação entra no programa da Federação Sueca de Atletismo em 1912, por influência do Chefe de Escuteiros Ernst KILLANDER³⁰.

Em 25 de Março de 1919 acontece a primeira competição oficial, que reúne 217 participantes inscritos em três categorias. Com 12 km e apenas três pontos de controles, a prova foi organizada pela Federação de Desportos de Estocolmo, tendo como diretor de prova o Ernst Killander.

Como esporte educacional, em 1935 iniciou-se como disciplina nos currículos escolares da Suécia. Em Copenhague/Dinamarca, 1965 reuniram-se dez países (Bulgária, Ex - Checoslováquia, Dinamarca, Finlândia, Hungria, Noruega, Ex - RDA, Ex - RFA, Suécia e Suíça) para fundar a International Orienteering Federation - IOF.

O Esporte Orientação foi apresentado aos brasileiros através das Forças Armadas, em anos consecutivos a partir de 1970, com diversas ações em suas organizações militares, escolas de formação e competições que foram fortalecendo e difundindo a prática do esporte no país.

Em 1974, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) reconheceu o Esporte Orientação no currículo da Escola de Educação Física do Exército (EsEFEx) como matéria obrigatória, e foi elaborado o primeiro manual d o Esporte Orientação. No

²⁹ As informações contidas a partir deste parágrafo até o final do histórico mundial e do Brasil foram baseadas na Apostila da Escola de Educação Física do Exército (1998).

³⁰ Major Ernest Killander – considerado o criador do Esporte Orientação.

ano de 1979, o esporte tornou-se matéria curricular temporária na Academia Militar das Agulhas Negras.

Em 1988, o militar José Ferreira Barros, atleta de elite do Clube de Orientação Floresta e da Marinha do Brasil ensina Orientação informalmente para alunos do primeiro período do curso de Educação Física e professores da Universidade Federal do Rio de Janeiro de 1988 a 1991. Campus da UFRJ, Ilha do Fundão, RJ. Mas, foi em 1992, que esporte foi incluído no currículo dos cursos de Licenciatura em Educação Física e Bacharelado em educação Física da Escola de Educação Física e Desportos/UFRJ. No ano de 1994, a WWOP (World Wide Orienteering Promotion) enviou para o Brasil o sueco Arto Rautiainen que colaborou na confecção de um mapa conforme a especificação internacional para mapas de Orientação.

Em 1997, o Brasil teve colaboração de HIGINO ESTEVES, Português, membro do conselho da IOF, foi o ponto mais importante de desenvolvimento da Orientação no Brasil. Também neste ano aconteceu o I Campeonato Brasileiro Universitário de Orientação (125 atletas). AFA, AMAN, EN, FABRA, FRASCE, PUC, UFJF, UFMS, UFPEL, UFRJ, UFRGS, UFSC, UFSC-Flori, ULBRA, UNIJUÍ, UNISC, URCAMP e URI, em Santa Maria, RS.

A Confederação Brasileira de Orientação (CBO) foi fundada em 11 de janeiro de 1999, Guarapuava - PR. Neste mesmo ano, em 24 de Abril o Clube de Orientação Lobo Bravo de Guarapuava, PR, organizou a primeira prova Oficial da CBO (I Etapa do Campeonato Brasileiro de Orientação). Em 2 de agosto, na reunião do Conselho da Federação Internacional de Orientação (IOF), cidade de Inverness, Escócia, UK, o Brasil foi aprovado como Membro de Pleno Direito da IOF.

Desde 2000 são organizados eventos nacionais e internacionais pela CBO. A Orientação faz parte do currículo do ensino fundamental e médio de algumas escolas da Região Sul e em escola Militares, onde esporte é mais desenvolvido. Em relação às instituições de Ensino Superior, apenas as Instituições Militares e a Universidade Federal do Rio de Janeiro possuem a disciplina “Esporte Orientação”, sendo que nas Instituições Militares, a disciplina é obrigatória e na Instituição Civil é eletiva.

3.1 A orientação na escola

Saber orientar-se utilizando um mapa, isto é, deslocar-se com segurança de um ponto para outro, em qualquer ambiente novo e desconhecido, utilizando a representação gráfica desse meio, com croqui, planta, mapa, carta topográfica, e/ou mapa convencional do Esporte Orientação, fazendo a relação espacial do desenho com a realidade, é o principal objetivo do esporte, que pode ser um potencial conteúdo educativo a ser desenvolvido no espaço escolar.

Em algum momento da vida, as pessoas são confrontadas com um mapa da cidade, da estrada, em situações de turismo, etc. A leitura de um mapa e a orientação são habilidades necessárias em diversas situações na cidade, em viagem ou na prática de esportes ao ar livre, o que, na realidade, implica várias habilidades. Nada melhor do que iniciar com exercícios práticos que utilizem croquis e mapas de áreas conhecidas e seguras (espaço escolar), passando por toda a Educação Básica, promovendo estímulos de características necessárias para que cada indivíduo possa se deslocar com propriedade e em segurança em lugares desconhecidos.

A iniciação em mapas simples oportuniza os estudantes o desenvolvimento da visão tridimensional, que é o “[...] mesmo que a imagem projetada na retina de nossos olhos seja plana, conseguimos enxergar em três dimensões (profundidade, altura e largura)” (SILVA, 2019), e deve ser ensinado de forma progressiva, cada passo, cada técnica, cada competência, evoluindo do conhecido para o desconhecido, como da sala de aula e ginásio, para o espaço escolar e espaços entorno da escola (a comunidade, o bairro), e sempre que possível, no ambiente natural (florestas, bosques e parques), para assim poder aplicar os conhecimentos adquiridos em meio natural e desconhecido.

A aprendizagem da Orientação na escola em mapas simples, além de permitir desenvolver diversos conteúdos de diversas disciplinas, faz ainda a promoção de um esporte que oportuniza vivências em ambientes naturais. Segundo Darido (2005),

[...] Sobretudo aquele realizado junto à natureza, representa uma possibilidade de aproximação entre o indivíduo e o meio ambiente, devido à interação com os elementos naturais e as suas variações, com o sol, vento, montanha, rios, vegetação densa ou desmatada, lua, chuva, tempestade, desencadeando atitudes de admiração, respeito e preservação. Seria ingênuo acreditar que o simples contato com a natureza fosse condição suficiente para considerar o indivíduo como defensor do meio ambiente, porém a reflexão e discussão sobre as vivências podem constituir mais uma possibilidade para as atividades de lazer abordadas pela a educação física na escola. (p.184)

Para além de aprendizados técnicos, viabiliza o desenvolvimento da autonomia, tomada de decisão, autocontrole, observação, reflexão, sem falar no desenvolvimento das capacidades físicas, como resistência, força, flexibilidade, velocidade, agilidade. Dentro da escola, essa modalidade pode ser revolucionária, já que fomenta conceitos e coloca em prática atitudes importantes, como saber fazer escolhas, protagonismo juvenil, apresentando desta forma várias características que proporcionam uma educação integral. Como afirma Dornelles (2005):

É capaz de desenvolver no indivíduo qualidades físicas e biopsicossociais positivas ou negativas para toda a vida, em função das afirmações e superações ou decepções e fracassos pelos quais é levado a experimentar ao longo do processo de desenvolvimento humano. (p.06)

E somando a todos esses aspectos positivos, este esporte têm contribuições para uma educação ambiental. Assim, todas essas características podem justificar o seu ensino ao longo de toda a escolaridade. Apesar disto, a Orientação como esporte de ar livre, praticado na natureza, embora atualmente faça parte da BNCC, raramente entra nos conteúdos de ensino da Educação Física Escolar. Para a maioria das instituições de ensino, por razões relacionadas com a falta de tempo, distâncias a percorrer até às áreas mapeadas, custo elevado dos recursos materiais necessários (transportes, mapas específicos e outros materiais didáticos), formação específica dos professores, esta atividade por vezes, só é viável de realizar, no interior das escolas ou espaços próximos à escola, utilizando mapas simples (plantas, croquis).

Nesta perspectiva, pode-se promover a prática do Esporte Orientação em qualquer espaço, desde que mapeado. Em função das condições de prática oferecidas pela escola, o professor poderá desenvolver a atividade em espaços

como: ginásios, campos de jogos, espaço escolar, parques/jardins municipais, e sempre que possível, em áreas de floresta.

Porém, a dificuldade está em criar as condições mínimas para a prática de esporte, e as metodologias inovadoras para desenvolvê-lo dentro da escola. Para tal, surgiu à iniciativa de compartilhar através desta pesquisa a cartilha pedagógica, e assim estimular o ensino do esporte no espaço escolar, oferecendo subsídios mínimos, com ideias simples e práticas, para assim estimular o docente a criação das suas próprias atividades, enfim, possibilitar a processo inicial de introdução de uma modalidade esportiva, que para muitos docentes é desconhecida.

São inúmeras as dificuldades encontradas na Educação Física para a construção de um trabalho interdisciplinar, porém é fundamental empenharmos esforços nesse sentido. É preciso investir na formação do professor e nas novas formas de organização do espaço e do tempo escolar, para que a implementação de projetos não seja apenas mais modismo pedagógico e, sim, traduza efetivamente a necessidade de compreensão da complexidade das questões sociais, sendo que, na maior parte das vezes, o termo ainda é utilizado para designar atividades extracurriculares. (DARIDO, 2005, p.98)

3.2A materialização da interdisciplinaridade pelo Esporte Orientação

O potencial pedagógico do Esporte Orientação coloca-o em condições de estratégia pedagógica, pelo fato de ser um meio de contextualizar conceitos de diversas disciplinas do currículo escolar. O estudante tem a possibilidade de materializar³¹ conceitos que aprendeu em sala de aula, devido práxis educativa do esporte, que permeia por uma variedade de informações e ensinamentos. Assim afirma PASINI (2004):

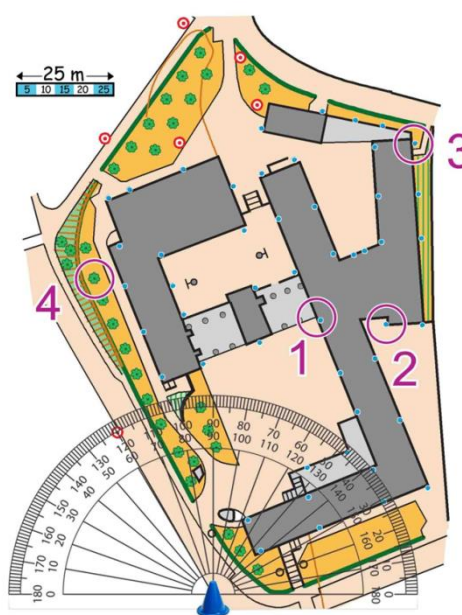
É um desporto que contribui significativamente para formação do cidadão, inculcando – lhes princípios éticos e de responsabilidade, desenvolvendo inteligência, a moral e contribuindo para o aprimoramento físico e da saúde mental. Portanto, deve ser inserida através de um currículo pedagógico, interdisciplinar, com conteúdo e

³¹ A relação entre as matérias enquanto partes e o currículo enquanto todo é uma das referências do conceito de currículo ampliado que propomos. Esse currículo se **materializa** na escola através do que se denomina de dinâmica curricular. (SOARES et al., 1992, p. 18, grifo nosso)

objetivo bem definido (p.153).

Com essas características esta modalidade esportiva, se apresenta no ambiente escolar com um grande potencial educacional, que proporciona como conteúdo e estratégia pedagógica, o rompimento com a educação tradicional e excludente, que torna o estudante limitado e dependente, sempre indicando a direção a seguir e como fazer.

Figura 1 – Trabalho com ângulo para definir rotas para os pontos de controle.



Fonte: <https://www.facebook.com/Mapico>.

Através de uma Educação Física Inovadora³², com uma prática educativa contextualizada, o Esporte Orientação apresenta-se como um desafio interessante, exigindo dos estudantes diversos conhecimentos, sendo consultados concomitantemente, como: interpretação de mapas, orientação em espaços desconhecidos, elaboração de cálculos matemáticos, atrelados ao controle físico e motor. Quando o estudante consegue entender o porquê de aprender tantos conteúdos, der sentido ao aprendizado, eles começam a entender que todo conhecimento é necessário, e que determinado momento, eles podem vir lançar mão deles. Logo, Machado (2002) argumenta que:

³² Para pesquisadora, será uma EFE que trabalhe com diversos temas da cultura corporal, através de métodos inovadores, e sempre que possível, apresentar conteúdos inovadores, ou seja, práticas corporais desconhecidas, ou pouco experimentadas pelos estudantes.

[...] Durante a permanência na escola, a contextualização favorece a construção de significados, constituindo uma estratégia fundamental para a mobilização do conhecimento a serviço da inteligência ou dos projetos das pessoas. (p.150)

Para conseguir desenvolver todas as características necessárias para a prática do esporte, é preciso considerar o aluno como um todo, e não um ser fragmentado. A mente, o corpo, e os diversos ensinamentos, todos interligados. Para isso, é fundamental fomentar uma aprendizagem e um ensinamento ampliado, com bastante troca, compreensão e coletividade.

Conteúdos, projetos, e aulas, ajudam no:

O pressuposto básico para o desenvolvimento da interdisciplinaridade é a comunicação, e a comunicação envolve, sobretudo participação. A participação individual e coletiva só será garantida na medida em que a instituição, a escola, compreender que o espaço para troca é fundamental. (FAZENDA, 1998, p.26)

O aprendizado da Orientação é possível fazer uma conexão com conteúdos de algumas disciplinas, como: Ciências, Educação Ambiental, Educação Artística, História, Português e Inglês. Mas, para a prática do esporte faz-se necessário saber muito bem conteúdos das disciplinas Educação Física, Geografia, Matemática.

Figura 2 - Fluxograma das disciplinas³³.



Fonte: Arquivos da Pesquisadora.

³³ Elaborado pela pesquisadora.

Em sua prática, conceitos matemáticos são fundamentais, pois o tempo todos os estudantes precisam conferir códigos numéricos, seguir uma sequência numérica, fazer cálculos, compreender angulações e trabalhar com escala. No caso do português e geografia, é preciso leitura mapas e entender o relevo.

Quadro 1 – Disciplinas Fundamentais

<i>Disciplinas Fundamentais para prática do Esporte Orientação</i>	
<i>Disciplinas</i>	<i>Principais Conteúdos</i>
<i>Geografia</i>	<i>Estudo dos mapas, escalas, latitude, longitude, interpretação de convenções cartográficas, reconhecimento de tipos de vegetação, direção de rios, orlas dos lagos, etc.</i>
<i>Matemática</i>	<i>Cálculos, estudo das escalas, retas, ângulos, diagonal, etc.;</i>
<i>Educação Física</i>	<i>Desenvolvimento das qualidades físicas, sociais, culturais, lazer, saúde e higiene, na exploração do meio ambiente.</i>

Esse conteúdo pode ser trabalho apenas com o professor de Educação Física, mas o ideal no contexto escolar seria o trabalho como projeto interdisciplinar³⁴ através de um planejamento participativo e compartilhado, com o envolvimento de vários professores e com todos os estudantes.

[...] Essa novas formas de organização buscam estabelecer relações entre os conteúdos de diversas maneiras, de tal modo que os alunos passem a compreender a realidade, que sempre se manifesta globalmente. (DARIDO, 2003, p.81)

³⁴ Cada matéria ou disciplina deve ser considerada na escola como um componente curricular que só tem sentido pedagógico à medida que seu objeto se articula aos diferentes objetos dos outros componentes do currículo (Línguas, Geografia, Matemática, História, Educação Física etc.). (SOARES et al., 1992, p. 18)

O planejamento participativo com os estudantes torna-os protagonistas do processo educativo, proporcionando uma aprendizagem significativa, que faz sentido para o estudante quando emitem opiniões, estabelecendo outro tipo de relação com os conteúdos, já que opinaram sobre o que é pertinente para eles, e com o processo de ensino e aprendizagem. Assim, como afirma Darido (2005) “Nossa Educação Física Escolar precisa fazer sentido e significado para os envolvidos no processo de escolarização, especialmente se pensarmos em autonomia” (p.98).

O planejamento compartilhado vai permitir a equipe pedagógica, coordenação e docentes, elaborarem um projeto interdisciplinar que terá características de todos docentes com suas respectivas disciplinas em prol de um objetivo comum, no caso sugerido neste estudo, o aprendizado do Esporte Orientação de forma contextualizada, e proporcionando a materialização dos conteúdos vivenciados em sala de aula, porém com esporte, na forma concreta, saindo do abstrato, do subjetivo. Corroborando assim, com as afirmações de Darido (2005):

Os projetos educacionais necessitam reconhecer que os conhecimentos disciplinares são fundamentais, porém não devem enrijecer os currículos, e sim estimular o trânsito de informações entre as mesmas, tendo em vista a realidade de aplicação dos conhecimentos. (p.98)

Outra característica importante do Esporte Orientação na escola é que esta modalidade pode ser um recurso pedagógico para refletir sobre Meio Ambiente e Sustentabilidade. Como foi criado para ser praticado na natureza, o que não quer dizer que não possa ser praticado em escolas, o estímulo dos estudantes à prática de esportes na natureza pode proporcionar um itinerário educativo que possibilitará o desenvolvimento dos estudantes numa perspectiva sustentável. Trazendo a possibilidade de estudar as questões ambientais de uma forma contextualizada e exploratória. Porque de fato, a maioria dos estudantes nunca esteve em contato com bosques ou florestas, e não entendem o porquê de preservar os ambientes naturais. Com afirma Darido (2005):

O mesmo referencial capaz de trazer esclarecimento sobre o relacionamento entre sociedade e a natureza traz também contribuições para a compreensão da relevância da Educação Física como parte integrante da escola, para trabalhar com atitudes, com formação de valores, com o ensino de habilidades e procedimentos no sentido da construção de comportamentos “ambientalmente corretos”. (p.91)

Nesse sentido, vivenciar práticas corporais nesses ambientes pode fazer com que entendam o quanto precisam ser cuidadosos, pois esses estudantes precisam entender o valor do seu campo de jogo “A Natureza!”. Incentivar a preservação do meio ambiente, criando consciência ecológica nos estudantes, desenvolvendo uma educação ambiental, fazendo com que o indivíduo e a coletividade construam valores sociais, conhecimentos, habilidades, e atitudes voltadas para a conservação do meio ambiente é objetivos possíveis de serem trabalhados com a prática do Esporte Orientação no contexto escolar. Portanto, Educação Ambiental almejada pelo esporte busca uma transformação social, como exemplifica Loureiro (2003),

Em Educação Ambiental, além do conhecimento do cenário global, suas causas e implicações que definem o contexto em que se move a atuação pedagógica são importantes trabalhar os problemas específicos de cada grupo social, principalmente quando se tem por finalidade básica a gestão ambiental participativa com vistas à transformação da realidade de vida e o estabelecimento de um processo emancipatório. (p.50)

Neste contexto, o ensino do Esporte Orientação irá superar a justaposição de disciplinas, técnicas e fundamentos para a prática esportiva, pois será um conteúdo que trará possibilidades de diálogos com temas socioambientais de seu grupo social (escola, bairro, cidade, estado, país), e o fomento de uma Educação Ambiental para além da preservação e conservação de um ambiente natural restrito, e sim pensando em sustentabilidade de forma social, cultural e política.

Na concepção de Educação Ambiental Transformadora, a educação escolar é considerada como um ambiente de mudança social, onde acontece a transformação ligada aos valores, à ação política democrática, às normas jurídicas ambientais e às relações econômicas. (MENDES; OLIVEIRA, 2017, p. 2)

E para condensar os aspectos positivos do Esporte Orientação, o que fortalece a proposta deste conteúdo no currículo escolar são as habilidades que podem ser desenvolvidas através da dimensão atitudinal deste conteúdo. Já se colocou a dimensão conceitual com a importância dos diversos conteúdos imbuídos na práxis do esporte, ratificou-se também da dimensão procedimental, com a importância de trabalhar o esporte por projeto interdisciplinar, iniciando com a estrutura da escola e expandido para aos redores e se possível no ambiente natural. Mas, as atitudes positivas promovidas são de extrema importância para vida social dos estudantes. A BNCC trata essas atitudes como “competências

socioemocionais”, onde o documento considera que são essenciais para a convivência e para o desenvolvimento de projetos de vida, seja no contexto pessoal, escolar ou profissional.

O Esporte Orientação tem a particularidade de oportunizar aos estudantes atuar efetivamente de forma autônoma, porque não se restringe a simples exercícios de certas habilidades corporais, mas a possibilidade de exercê-las com autonomia de maneira social e culturalmente significativa. Ao praticar o esporte, atitudes como autoconhecimento, autocontrole, consciência social, tomada de decisão responsável estarão sempre em desenvolvimento, pois o praticante tem que o tempo todo, identificar o problema, buscar a melhor solução e agir.

O poder de decisão no momento da escolha, e do caminho a ser tomado são ações significativas para a prática do esporte. Ao analisar o terreno através do mapa, todos os conhecimentos e experiências se interagem proporcionando uma atividade significativa. As escolhas feitas podem proporcionar melhores ou piores rotas para alcançar os objetivos. Como reitera Dornelles (2005):

É capaz de desenvolver no indivíduo qualidades físicas e biopsicossociais positivas ou negativas para toda a vida, em função das afirmações e superações ou decepções e fracassos pelos quais é levado a experimentar ao longo do processo de desenvolvimento humano. (p.06)

Com esses argumentos pedagógicos, o Esporte Orientação se apresenta como um excelente conteúdo curricular, pois viabiliza o desenvolvimento integral dos alunos. Nas aulas, o Esporte Orientação pode ser desenvolvido como fenômeno cultural e social, e de forma diversificada, ofertado para enriquecer a experiência dos estudantes.

A Base Nacional evidencia que práticas como a corrida de orientação ou o skate, entre tantas outras, não só podem como devem ser transformadas, didática e pedagogicamente, para que sejam tematizadas nas aulas de Educação Física. (TAHARA, A. K.; DARIDO, S. C., 2018, p.980)

O próximo capítulo será feito uma reflexão de como esta modalidade esportiva pode estudar dialogar com questões sociais perpassadas nos estudantes, fazendo uma correlação com espaços geográficos onde estão inseridos.

4 O ATO DE SE ORIENTAR NO TERRITÓRIO DA EDUCAÇÃO

As PCAs como já colocadas surgem como uma grande inovação para a componente curricular Educação Física na reformulação de currículo proposta pelo ME, sendo apontada por Inácio (2014), Franco (2008), Tahara (2013), Darido (2012), Armbrust e Pereira (2012) como uma grande dificuldade para muitos docentes universitários e graduandos, já que muitas Universidades ainda não oferecem disciplinas para a formação inicial e continuada sobre este conteúdo.

Por sua vez, Silveira, Moraes e Inácio (2013), buscaram nos 36 cursos de formação inicial em EF de universidades federais brasileiras indicações da presença das PCAs, fosse como disciplinas próprias ou como conteúdo de outras, e encontraram apenas duas disciplinas do tipo 'optativas', e como conteúdo, inserida na ementa, em três disciplinas ligadas à temática 'Lazer'. (INÁCIO et.al., 2016, p.180)

Mesmo com toda esta complexidade, muito se tem discutido e refletido sobre a importância do ensino e difusão destas modalidades esportivas "outdoor". No cenário atual, a prática do esporte tem sido levada para espaços abertos (outdoor), que se apresentam como possibilidades de aproximação entre o indivíduo e o meio ambiente, do estabelecimento de reflexão e discussão crítica sobre o relacionamento homem-natureza. A proposta do ME apresenta as PCAs como um dos conteúdos da Educação Física Escolar, em que o Esporte Orientação pode ser um conhecimento a ser compartilhado no 4º ciclo para o 8º e 9º anos, com as seguintes ações:

Experimentar e fruir diferentes práticas corporais de aventura na natureza, valorizando a própria segurança e integridade física, bem como as dos demais, respeitando o patrimônio natural e minimizando os impactos de degradação ambiental. (BNCC, 2018, p.239).

O recorte deste estudo é o Esporte Orientação, e como seu fomento na escola pode contribuir na formação dos estudantes. Apresenta-se como um grande potencial educacional, excelente conteúdo para tencionar a educação tradicional. Uma prática corporal que proporciona um trabalho interdisciplinar no ambiente escolar, e com grande potencial nas áreas de lazer, cultural, e turismo, como afirma Inácio (2014):

[...] Também se caracterizam por possuírem alto valor educativo e por busca do (re) estabelecimento de uma relação mais intrínseca entre seres humanos e tudo que o cerca, o que pode culminar com algum avanço para superar a lógico-mercadológica mercadológica do/no lazer e com a instauração e/ou resgate de valores humanos como cooperação e a solidariedade. (p.532)

Assim, Tahara e Carnicelle Filho (2013) afirmam que as PCAs nas escolas se apresentam como um conteúdo “capaz de proporcionar às crianças e adolescentes variadas situações de relevada importância pedagógica por conta da transmissão de eficientes valores, atitudes e normas” (p.11). Neste capítulo, buscou-se refletir sobre a importância que o Esporte Orientação tem para a significação do espaço escolar e do espaço geográfico onde está inserida a escola. Serão elencados alguns conceitos de “espaço”, começando com o Dicionário (2001), onde no mesmo, apresentou-se como diversos conceitos:

1) Extensão tridimensional ilimitada ou infinitamente grande, que contém todos os seres e coisas e é campo de todos os eventos; 2) O Universo, além do invólucro atmosférico da Terra; a extensão em que existem o sistema solar, as estrelas, as nebulosas e as galáxias; 3) Porção dessa extensão em dado instante (como o espaço ocupado por um corpo; o espaço dentro de uma esfera oca; um espaço de 10 m³); volume. 4) Extensão limitada em três dimensões: Esta mala ocupa pouco espaço. 5) Extensão superficial limitada; área, dimensão, superfície: O prédio ocupa um espaço de 160 m². 6) Distância linear entre duas coisas, objetos etc.; intervalo, vão, vazio: Árvores plantadas a espaços iguais. 7) Linha que se imagina descrita por um ponto em movimento. 8) Distância percorrida por um corpo que se move em um tempo determinado. 9) Intervalo em branco entre palavras ou linhas em uma matéria impressa; 10) Peça de metal-tipo, mais baixa que os tipos e do mesmo corpo destes, com a qual o tipógrafo separa as palavras de uma composição e justifica as linhas. 11) Matriz, peça ou outro dispositivo que, nas máquinas compositoras, dá o claro de separação das palavras; 12) Cada um dos anéis de ferro ou de alumínio que, encaixado entre os discos da máquina de pautar, dá, pela sua grossura, a distância das linhas; 13) Extensão abstrata, indefinida, intangível: Tinha os olhos perdidos no espaço. 14) Intervalo entre uma linha e outra na pauta musical. 15) Lapso de tempo entre duas datas, eventos ou outros quaisquer limites; extensão limitada de tempo; período de tempo; intervalo de tempo. 16) Quantidade de tempo; decurso, duração, lapso. (p.314)

E analisando estas definições do dicionário, percebe-se o tamanho da complexidade para o entendimento sobre o que é o espaço, já que é necessário entender em qual contexto segue a discussão, ou se busca entendimento do que é

“espaço”. Só no dicionário encontram-se diversos conceitos para espaço, como no campo físico, gráfico, musical, figurado e na astronomia.

Contextualizando com o Componente Curricular Educação Física, muito se estuda sobre o corpo em movimento, e sobre as diversas práticas corporais que perpassam por diversos espaços. E estes estudos possuem óticas diferentes, pois as mesmas práticas corporais são discutidas por abordagens pedagógicas diferentes. A EFE poder ser desenvolvida por diversas vertentes pedagógicas, por muito tempo, e ainda nos dias atuais, encontra-se docentes compartilhando os conteúdos de forma tecnicista e/ou esportivista. Porém, existem outras abordagens pedagógicas que surgiram em decorrência de estudos nas áreas de ciências humanas e sociais, diversificando assim, as possibilidades para a prática pedagógica. As abordagens Psicomotricidade, Desenvolvimentista, Construtivista-interacionista, Crítico Superadora, Crítico Emancipatória e Cultural surgiram para romper paradigmas, como do o corpo saudável e servil. Darido (2012) aponta como modelos renovadores na EFE as teorias críticas, voltadas para a transformação social e pós-críticas voltadas para a valorização cultural. Muitos pesquisadores que estudam a EFE ao um longo tempo, veem debatendo as questões que permeiam as várias vertentes e abordagens pedagógicas na tentativa de problematizar e contextualizar a Educação Física no chão da escola. Estes estudos surgem a partir de diversas problemáticas como: corporeidade, currículo, práticas corporais, métodos, avaliação, gênero, de etnias, e questões sobre a importância da disciplina.

Aprofundando a discussão sobre “espaço” na EFE, a abordagem pedagógica Psicomotricidade tem uma grande contribuição, pois apresenta de forma categorizada a função psicomotora “Estruturação – Espaço – Temporal”, de grande importância para a educação integral do estudante. Essa estruturação do espaço é segundo Le Boulch (1987), uma tomada de consciência da situação das coisas entre si; é a possibilidade do indivíduo organizar os objetos que estão a sua volta, movimentando-as. Está dividida em quatro etapas: o conhecimento das noções, a orientação espacial, a organização espacial e a compreensão das relações espaciais. Mas, nesta reflexão sobre o Esporte Orientação, e sua importância como conteúdo escolar, principalmente na conceituação sobre o espaço, será traçado um paralelo com alguns conceitos do geógrafo Milton Santos. O espaço trazido aqui

para estudo é o espaço geográfico, meio utilizado e transformado pelas atividades humanas. Santos (2006), em seu livro *A Natureza do Espaço*, afirma que:

O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá (p.39).

O espaço geográfico pode ser entendido como um local determinado pelo homem, que está sempre alteração, vinculado com questões históricas, e possuindo características da atuação deste homem. Assim, com essa concepção de espaço, será conceituada a Escola, e apresentado o Esporte Orientação como objeto e ação para materializar conceitos objetivos e subjetivos pressupostos para Escola. Por diante, será feito uma analogia entre os conceitos de objeto, técnicas e território de Milton Santos, com o Esporte Orientação e sua potencialidade no desenvolvimento educacional dos estudantes.

O Esporte Orientação por ser considerado por diversos estudiosos como interdisciplinar, é um conteúdo que fomenta diversos conceitos de conteúdos diferentes, pois se faz necessário a aplicação desses conceitos simultaneamente para a prática do esporte. A inserção do Esporte Orientação no currículo com um planejamento bem alicerçado pode ser imprescindível, e para proferir essa afirmação destaca-se:

É um desporto que contribui significativamente para formação do cidadão, a partir do desenvolvimento de princípios éticos e de responsabilidade, ampliando inteligência, preceitos morais e contribuindo para o aprimoramento físico e da saúde mental. Portanto, deve ser inserida através de um currículo pedagógico, interdisciplinar, com conteúdo e objetivo bem definido. (PASINI, 2004, p.153).

Alguns conteúdos e fundamentos do esporte são muito técnicos, mas podendo também, com muita consistência e coerência, possibilitar a exploração das vertentes, política, crítica e social sobre o espaço escolar. Logo, essa prática corporal pode trazer uma discussão contextualizada, de forma bem ampla e significativa, conceitos inerentes, objetivos e subjetivos propostos e imbuídos na Escola.

4.1 O espaço geográfico: Escola

O espaço escolar é um espaço geográfico. Sabendo da complexidade deste espaço geográfico, e que estudar o espaço – escola não se resume num capítulo, assim, serão apresentados nesta reflexão apenas alguns conceitos trazidos pelo geógrafo Milton Santos, fazendo um diálogo com o Esporte Orientação em sua práxis na escola. Como já sinalizado, será feito uma analogia do esporte e seus aspectos técnicos com espaço geográfico – espaço escolar, objetos, técnicas e finalizando com território.

O espaço é uma construção social, e o espaço escolar é uma das modalidades de sua conversão em território e lugar. Segundo Viñao (2005), a análise do espaço escolar implica considerar três aspectos: sua morfologia ou estrutura, seus diferentes usos e funções e a sua organização ou relações existentes entre os seus diferentes espaços e funções.

[...] a instituição escolar ocupa um espaço que se torna, por isso, lugar. Um lugar específico, com características determinadas, aonde se vai, onde se permanece certas horas de certos dias, e de onde se vem. Ao mesmo tempo, essa ocupação de espaço e sua conversão em lugar escolar leva a conseguem sua vivência como território por aqueles que com ele se relacionam. Desse modo é que surge a partir de uma noção objetiva – a de espaço – lugar – uma noção subjetiva, uma vivência individual ou grupal, a de espaço – território. (VIÑAO, 2005, p. 17)

O espaço escolar é constituído por uma comunidade (professores, estudantes, responsáveis, equipe gestora, e equipe de apoio) que está em constante troca, comunicação, e compartilhamento de ensinamentos e informações. Assim, a contextualização deste espaço em relação aos seus aspectos objetivos e subjetivos pode contribuir para a reflexão sobre diversas questões, uma vez que pode fomentar conhecimentos econômicos, políticos, ideológicos e sociais que se manifestam sobre as pessoas e sobre a Escola. Alguns temas, como a segregação espacial, o processo de favelização, a evolução da violência e marginalidade, podem trazer toda essa reflexão através das práticas corporais contextualizadas, dando significado aos conteúdos escolares, o currículo formal e oculto da escola.

Esse espaço escolar precisa ser apresentado para os estudantes, numa nova perspectiva, tudo deve ser ensinado com enredo, procurando apresentar os fatos e acontecimentos de forma significativa, com necessidade de propor uma educação

diferenciada, propor o entendimento do que é o mundo, do que são os lugares, e a partir deste pressuposto, buscar desenvolver a compreensão do que é a sociedade hoje, e propor algo que consiga garantir uma educação contemporânea.

Corroborando com Santos (2006), todo objeto técnico participa da construção social, ele é ideológico quando reconhecido dentro do sistema de ações. Desta forma, é necessário levar em consideração os objetos e sistemas de ações da escola, e ter intencionalidade³⁵ nas ações para trazer outro olhar para aquele espaço e seus objetos técnicos como a carteira, o arquivo, o armário, o escaninho, enfim, os diversos objetos que compõem o espaço geográfico – escola.

Para Santos (2006) “A noção de intencionalidade permite outra releitura crítica das relações entre objeto e ação” (p.57). Assim, a aplicação do Esporte Orientação no espaço escolar se apresentaria como uma ação educativa intencional, através de um movimento que correlaciona conceitos, viabilizando a apresentação dos objetos técnicos de forma objetiva e subjetiva. Portanto, quando numa atividade inicial³⁶ do esporte for proporcionada, como a apresentação da sala de aula com todos os seus objetos técnicos através de cartografia, haverá um aprofundamento daquele espaço escolar, levando os estudantes em lugares jamais vistos por eles.

E ampliando, ainda mais está ação intencional, propor a reflexão sobre a comunidade na qual a escola foi e está inserida, através de mapas, tecnologias e aulas externas, enfim um sistema de ações para a conceituação daquele espaço escolar nos aspectos educacionais, sociais e políticos. A partir da compreensão deste espaço geográfico será ratificada a relação de afetividade, identidade e pertencimento do estudante com a escola e com o espaço onde vive (bairro, cidade, e país). Está mudança de perspectiva, só será possível através da intencionalidade proposta na ação educativa para transformação daquele espaço, e daqueles que usufruem do mesmo.

Sistemas de objetos e sistemas de ações interagem. De um lado, os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e, de outro lado, o sistema de ações leva à criação de objetos novos ou

³⁵ A metodologia na perspectiva crítico-superadora defendida neste livro implica um processo que acentue, na dinâmica da sala de aula, a intenção prática do aluno para apreender a realidade. Por isso, entendemos a aula como um espaço **intencionalmente** organizado para possibilitar a direção da apreensão, pelo aluno, do conhecimento específico da Educação Física e dos diversos aspectos das suas práticas na realidade social. (SOARES et al., 1992, p.62, grifo nosso)

³⁶ Caça ao Tesouro: Atividade lúdica, muito utilizada na iniciação do esporte.

se realiza sobre objetos preexistentes. É assim que o espaço encontra a sua dinâmica e se transforma. (SANTOS, 2006, p.39)

O sistema não é algo aleatório, assim a sociedade não se constrói de maneira aleatória, ela se constrói com base, de vários agentes que atuam num espaço geográfico, que para Santos (2006) é Híbrido, “O espaço geográfico deve ser considerado como algo que participa igualmente da condição do social e do físico, um misto, um híbrido.” (p.56). Híbrido porque contem com várias intenções reunidas e degradando-se, ora se combinando, ora cooperando, ora se opondo neste mesmo espaço, e são essas forças, em constante conflito, em constante cooperação que irão definir quais seriam as principais características, daquela sociedade, ou seja, daquela escola e a construção, do seu espaço geográfico.

Esse sistema de ações intencionais pode proporcionar transformações da realidade de acordo com a interpretação que o estudante tem, porém é preciso fornecer a ele, um método de interpretação, no caso o Esporte Orientação como todas suas possibilidades educativas, não o esporte pelo esporte, mas o esporte como meio de aprendizado de diversos conceitos, e técnicas para a compreensão do mundo.

4.2 O ato de se orientar

Santos (2006) coloca que:

É por demais sabido que a principal forma de relação entre o homem e natureza, ou melhor, entre o homem e o meio, é dada pela técnica. As técnicas são um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço. (p.16)

O ato de se orientar é uma técnica pela qual o homem se localiza e se locomove no espaço geográfico. A escola, a casa, a rua, o bairro, todos são espaços geográficos onde temos que nos deslocar e localizar pessoas e objetos. O homem sempre soube da importância de se orientar no espaço geográfico e, por isso, nos últimos anos, os instrumentos de orientação e locomoção têm se tornado cada vez mais avançados, com alta tecnologia empregada na elaboração desses equipamentos. Como afirma Santos (2006):

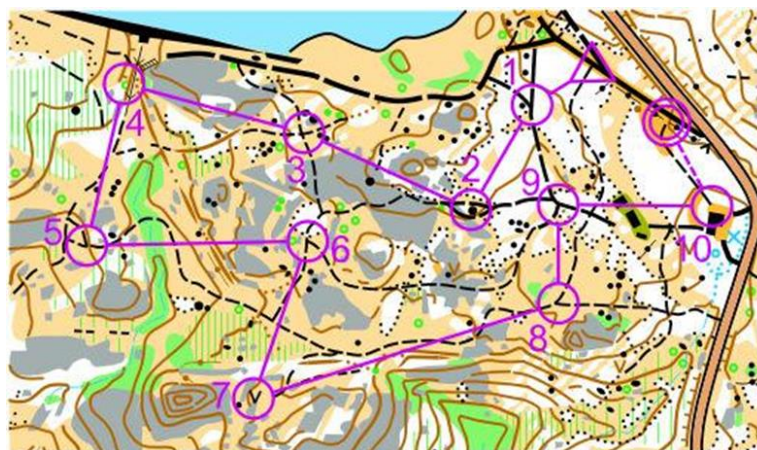
As técnicas participam na produção da percepção do espaço, e também da percepção do tempo, tanto por sua existência física, que marca as sensações diante da velocidade, como pelo seu imaginário. (p.34)

Em relação à estruturação física de um corpo no espaço, é bastante simples se pensar que a todo o momento é preciso fazer algo relacionado à orientação. Por exemplo, ao entrar na escola, precisa orientar-se para chegar até a sala de aula. Dentro da sala de aula, precisa orientar-se para chegar até a carteira. Geralmente, para orientação e localização, utiliza-se de objetos técnicos como bússola, GPS, ou termos técnicos, como as palavras à esquerda, à direita, atrás, em frente, acima, abaixo, todas com o intuito de orientar uma pessoa ou um objeto. Em relação ao espaço geográfico, utilizamos os pontos cardeais, os pontos colaterais. Mas, trazendo um questionamento de Santos (2006): “Como trabalhar a questão da técnica de modo a que sirva como base para uma explicação geográfica? Cremos que um primeiro enfoque é considerar a própria técnica como um meio.” (p.22).

Como resposta a esta pergunta, traz-se a importância do Esporte Orientação ao estudante, como conteúdo da EFE que contextualiza diversos conceitos, de diversos componentes curriculares através de uma prática corporal, por meio de questões referentes aos elementos cartográficos e suas utilidades (geografia), como a escala (matemática) e a legenda (português), os tipos de mapas (físicos, econômicos, políticos, demográficos, topográficos, temáticos, culturais e ilustrativos) e as atribuições dadas a cada um.

Santos (2006) apresenta um conceito sobre as técnicas “[...] são um conjunto de instrumentos e sociais, com as quais o homem realiza sua vida, produz, e ao mesmo tempo cria espaço” (p.16). Portanto, a técnica é o meio pelo qual as pessoas, a sociedade transforma o meio, o território, e da vida a esse território e cria novas coisas. Considerada também como a parte prática do pensamento que produz objetos que são partes integrantes do espaço geográfico, elas mudam espaços geográficos, entretanto, não mudam de maneira igual, nem todas as classes sociais, e nem todos os espaços, porque depende do sistema, depende do meio que vai absorvê-lo.

Figura 3 - Mapa Topográfico específico para prática do Esporte Orientação.



Fonte: <https://adsumusmataatlantica.wordpress.com>

Portanto, na escola, o Esporte Orientação representa um fenômeno técnico, que pode adequar à materialização de alguns conceitos, que culturalmente ficam apenas nas notas dos cadernos e/ou livros didáticos. Esta técnica pressupõe uma forma ideal e meio para se alcançar a materialização de alguns conteúdos, principalmente em relação ao conteúdo de Geografia “Cartografia”. Mas para isso, será preciso uma sistematização do conteúdo, de forma a contemplar todos os aspectos (econômicos, sociais, culturais, educacionais e políticos), pensar em ações educativas que possam fazer refletir sobre estas questões. Consecutivamente, pensando no Esporte Orientação como enredo, que contextualizará o aprendizado, e na necessidade de validação desta técnica educativa, se torna necessário também, pensar na forma de verificação deste tipo de aprendizagem, como já exposto por Santos (2006):

A questão que aqui se coloca é a de saber, de um lado, em que medida a noção de espaço pode contribuir à interpretação do fenômeno técnico, e, de outro lado, verificar, sistematicamente, o papel do fenômeno técnico na produção e nas transformações do espaço geográfico. (p.27)

Desta forma, pensar em difundir o Esporte Orientação no espaço escolar, é pensar em instrumentos e estratégias educacionais que viabilizem a aplicação e a avaliação do mesmo, assim como, fomentar estudos e pesquisas sobre este fenômeno técnico em relação às produções e transformações nos “Territórios de educação: Escolas”.

4.3 “Território da Educação”: A Escola

Atualmente, uma das principais definições usadas sobre território foi o apresentada pelo geógrafo Milton Santos, onde elucida que território é o espaço apropriado e transformado pela atividade humana. Conceituar território tem sido uma questão em diversos campos do conhecimento, como a Geografia, a Biologia, a Antropologia, a Sociologia, a Ciência Política e a Filosofia. Mas, aqui neste recorte segue – se com afirmação de Santos (2002), que território é um conjunto indissociável e contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente.

Ele seria formado pelo conjunto indissociável do substrato físico, natural ou artificial, e mais o seu uso, ou, em outras palavras, a base técnica e mais as práticas sociais, isto é, uma combinação de técnica e política (p. 87).

O território é ainda lugar de produção contínua de modos de vida e de relações que escapam ao controle. Santos (2001) aponta essa dualidade de forças que incidem no território, afirmando que,

O território não é um dado neutro nem um ator passivo. Produz-se uma verdadeira esquizofrenia, já que os lugares escolhidos acolhem e beneficiam os vetores da racionalidade dominante, mas também permitem a emergência de outras formas de vida. Essa esquizofrenia do território e do lugar tem um papel ativo na formação da consciência. O espaço geográfico não apenas revela o transcurso da história como indica a seus atores o modo de nela intervir de maneira consciente (p. 80).

Para o geógrafo Milton Santos, o território se apresenta como um objeto dinâmico, repleto de relações, e é essencial sobre a vida do indivíduo e do corpo social. Então, o território englobaria as características físicas de uma dada área, e também as marcas produzidas pelo homem, ou seja, há uma dependência estrutural, funcional e processual entre a sociedade e o espaço geográfico.

Nesta perspectiva, o território é formado por diversos processos sociais, econômicos e políticos. Pensar o território como espaço, como processo, como relação, rompe com a noção dos limites físicos da sociedade, que delimita áreas de abrangência e considera apenas o frio mapa de um bairro, cidade ou país. Assim, para além da dimensão física, o território inclui um conjunto de relações e representações sociais.

Por saber que um território é espaço com pressupostos de um grupo influente e lugar de nascimento de grupos da resistência, onde ocorrem ações e relações, se torna necessário pensar nos “territórios da educação: as escolas”. Pensar em escolas que otimizem o desenvolvimento integral dos estudantes. Mas, esse território educacional vislumbrado só será possível quando forem pensados e produzidos por aqueles que o ocupam. Por isso, a importância de pensar e promover escolas que garantam a participação de toda comunidade escolar na potencialização de suas ações e relações. Um “território da educação”, onde sujeitos possam viver construir suas subjetividades, com base nas relações e realidades lá viventes.

Logo, o fomento de políticas públicas educacionais e ações intencionais são fundamentais na garantia do pleno desenvolvimento dos estudantes, sempre levando em conta as características que a escola apresenta, desde questões geográficas às sociais. É preciso oportunizar ações educativas, trazendo à cultura, as relações sociais, a história e outros elementos que nela existem em prol do desenvolvimento de toda comunidade escolar. A apresentação de práticas corporais inovadoras, como o Esporte Orientação, é uma oportunidade de trazer os conhecimentos de forma diferenciada, contextualizando não só o aspecto técnico dos conteúdos de educação física, geografia, matemática, mas materializando os conceitos de espaço geográfico.

Com esta perspectiva, busca-se a promoção do conceito de território que supere a noção limítrofe dos espaços, compartilhando a ideia de um território que correlata os aspectos vivenciais, onde acontecem construções e modificações que se dão entre a geografia natural e a geografia social daquele espaço, em síntese: nos acontecimentos, nas manifestações, nas percepções, nas vivências, na compreensão sobre o lugar físico e subjetivo, e nas relações que surgem. Em suma, por meio das práticas cotidianas escolares, entender as apropriações, os valores sociais, econômicos, políticos e culturais ali geradas.

Neste contexto, o Esporte Orientação, avançaria para além da interdisciplinaridade de conteúdos dos componentes curriculares necessários para prática do mesmo, e trataria da apresentação dos mapas de forma contextualizada dos ambientes escolares e extraescolares, materializando o que é aquele espaço escolar, dentro daquele bairro, dentro daquela cidade, dentro daquele país, com

aquele público e consequentemente suas ações. Fazer com que estes estudantes deem importância ao espaço geográfico escola com toda sua complexidade. O objeto técnico, no caso em questão o esporte orientação, caindo na percepção do estudante, objetos como os mapas introduzidos em um determinado sistema de ações (escola) podem viabilizar o aprendizado sobre aquele território, como afirma Almeida (2001):

O ensino de mapas e de outras formas de representação da informação espacial é importante tarefa da escola e ainda reforça a importância de preparar o aluno para compreender a organização espacial da sociedade, o que exige o conhecimento de técnicas e instrumentos necessários à representação gráfica dessa organização (p.17).

Quanto à utilização de instrumentos cartográficos, Scherma (2010) discorre sobre a utilização de mapas:

A leitura e compreensão do mapa é uma habilidade muito importante e necessária para todo cidadão. Essas representações fazem parte da vida contemporânea e podem ser utilizadas em diferentes contextos, como em artigos de jornal, televisão, shopping, processo educacional, etc. Confirma-se, assim, a exigência frequente do uso de mapas, no deslocamento de um lugar para outro, no esporte de Orientação, na análise do tempo atmosférico, na distribuição das indústrias ou da poluição do ar. São alguns dos modos e momentos oportunos da leitura cartográfica, que ocorrem no cotidiano e diversificadamente, dadas as condições de vida em nossa sociedade atual (p. 24).

A proposta de difundir o Esporte Orientação ajudaria sim nas questões práticas de alguns conteúdos do currículo oficial, mas fomentaria sobre tudo o currículo oculto. Os estudantes podem ser incentivados a olhar com outros olhos os espaços existentes no interior da escola e em torno dela, pois muitas vezes a familiaridade excessiva com os lugares por onde nos movimentamos nos impede de ver a potencialidade de transformação que eles comportam. Assim, o Esporte Orientação proporcionaria uma reorientação, uma nova leitura do território, nessa perspectiva, os mapas de orientação podem fornecer subsídios para produzir novos modos de conhecer e compreender o bairro, a cidade, o país, isso seria um avanço para a transformação social. Neste entendimento, a contribuição Santos (2001) é indispensável. Para ele:

O território é o chão e mais a população [...], o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é à base do trabalho da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre os

quais ele influi. Quando se fala em território deve-se, pois, de logo, entender que se está falando em território usado, utilizado por uma dada população. (p. 96).

Território usado é um espaço geográfico historicizado, por uma comunidade, assim, entender “território” é estar atento para os modos de organização, de articulação, de resistência e de sobrevivência que as pessoas que ocupam esses espaços vão criando no seu cotidiano. Ou seja, o território usado, no nosso estudo “a escola”, é tanto o resultado do processo histórico quanto a base material e social das novas ações pedagógicas, tanto dos professores como dos estudantes. Então a escola, o espaço geográfico, o território da educação, este território usado pode condicionar e explicar as relações com os espaços que estão ao seu redor; mostrar as relações entre as zonas edificadas e não edificadas da escola, a sua distribuição e o seu uso; e as relações interpessoais instauradas naquele espaço. Neste contexto, o Esporte Orientação na sua prática pode auxiliar na identificação da realidade, história, e potencial daquele espaço geográfico, assim contribuir para e com o bem comum, que no território de educação seria o fomento das ações educativas a fim de proporcionar uma educação pública.

Se aproximando para o desfecho deste capítulo, corroboro com Tahara e Carnicelli Filho (2013), os quais nos dizem que as PCAs no âmbito de atuação educativo-pedagógica constituem-se como um bloco de conteúdos “capaz de proporcionar às crianças e adolescentes variadas situações de relevada importância pedagógica por conta da transmissão de eficientes valores, atitudes e normas.” (p.61). Porém, através desta análise percebeu-se que existem lacunas, uma na formação dos professores, e outra em relação à falta de práticas, instrumentos e estratégias pedagógicas que viabilizariam a implantação das práticas corporais em ambientes naturais na grade curricular, como afirma Inácio (2016),

As expressões ‘experiência’, ‘formação adequada’, ‘conhecimento sobre’, ‘profissionais capacitados’, no contexto que são apresentadas, indicam que tal qualificação (conforme demonstram SILVEIRA; MORAES; INÁCIO, 2011) e experiência estão ausentes da realidade escolar, sendo assim, uma importante limitação - e um desafio a ser enfrentado pelas instituições de ensino superior, para a inserção efetiva das PCAs na EF. (INÁCIO, et al., 2016, p.182)

Correlacionando essa afirmação especificamente com o Esporte Orientação, apesar de todas “limitações” apresentadas, observa-se que existem “possibilidades” para esta prática corporal no âmbito escolar, pois pode proporcionar aos estudantes

a contextualização de vários conteúdos, de diversas disciplinas, além de fomentar um novo olhar para escola, o “território da educação”, estabelecendo possibilidades de aprendizagem que conectem os saberes aprendidos, com os espaços e os saberes locais, mas sempre em conexão com o mundo, com as questões sociais, culturais, políticas e econômicas. Neste “território da educação”, ações educativas intencionais, como as vivências do Esporte Orientação podem oportunizar aos estudantes uma construção objetiva e/ou subjetiva do seu espaço geográfico através das relações e realidades ali existentes. Assim, ratifica-se a importância de novos estudos com essa temática, sobretudo os que tratem de intervenções ou ações práticas com o Esporte de Orientação no espaço escolar.

5 MATERIAL E MÉTODO

5.1 Campo da pesquisa

A pesquisa foi realizada com professores de Educação Física da 8ª e 10ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE) da Rede Municipal da Cidade do Rio de Janeiro.

5.2 Natureza da pesquisa

A natureza da presente pesquisa é descritiva, com abordagem qualitativa. Uma pesquisa aplicada que envolveu interesses locais (de alguns docentes) a fim de gerar conhecimentos sobre aplicação da cartilha pedagógica do “Esporte Orientação”. Foi feita uma análise de dados de forma organizada, porém intuitiva sobre a interpretação dos fatos do que aconteceram em quatro espaços escolares distintos. Deste modo, esta pesquisa analisou algumas características e variáveis que se relacionaram com o fenômeno, que no presente estudo é o “Esporte Orientação”. Não houve interferência da pesquisadora, que buscou descobrir como o esporte aconteceu se estruturou e funcionou no contexto escolar, a partir de atividades elaboradas para o conhecimento e prática do mesmo.

5.3 Participantes

A escolha dos sujeitos se deu observando alguns critérios. Além de serem professores que trabalham somente no ensino público da Secretaria Municipal de Educação da Cidade do Rio de Janeiro, considerou-se também que era importante que tivessem significativa carga horária de aulas na mesma escola. A pesquisa teve como sujeitos quatro (04) professores de Educação Física Escolar. Também se considerou os seguintes critérios de inclusão: aqueles lotados em escolas da 8ª e 10ª CRE, e ministrando aulas para o ensino fundamental I e II. Como critérios de exclusão foram utilizados: professores lotados nas seguintes CREs: 1ª, 2ª, 3ª, 4ª, 5ª, 6ª, 7ª, 9ª, e 11ª; e que ministrassem aulas para a Educação Infantil. A participação dos docentes no estudo foi de forma voluntária e, portanto, não se sentiram obrigados a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pela Pesquisadora.

5.4 Instrumentos

Cartilha Pedagógica e Questionários. A cartilha pedagógica disponibilizou para os professores uma apresentação sobre o esporte com seu histórico, seus fundamentos, regras e suas possibilidades para o contexto escolar. Os Questionários foram aplicados em dois momentos. No primeiro momento, o questionário foi aplicado antes da disponibilização da cartilha, reunindo informações sobre o perfil docente, como formação, tempo de atuação no magistério, conhecimento sobre Esporte Orientação; Já o segundo questionário, buscou-se informações para compreender como aconteceu a aplicação da cartilha e avaliação da mesma.

5.5 Procedimentos para a coleta e seleção de dados

Para dar início à pesquisa, a pesquisadora entrou em contato com os professores, foram esclarecidos acerca da pesquisa e convidados a participar, recebendo todas as informações necessárias. Para aqueles que aceitaram participar foi enviado por e-mail o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para que fosse lido e compreendido. Eles foram instruídos para o preenchimento correto, prevendo-se a possibilidade de interrupção da participação a qualquer momento sem qualquer tipo de prejuízo ou danos aos mesmos.

É uma pesquisa com Survey, que buscou informações diretamente com os grupos de interesse. Como instrumentos de coleta de dados foram aplicados aos professores dois questionários; o primeiro apresentando perguntas de fechadas com objetivo de fazer uma diagnose sobre as condições para a aplicação da cartilha (recursos humanos, recursos técnicos, infraestrutura e materiais); após aplicação da cartilha foi aplicado o segundo questionário de perguntas abertas para avaliar o material didático, em relação o porquê de o docente ensinar o esporte e aplicar a cartilha, sobre as atividades propostas, a facilidade e/ou os desafios para sua implementação do material pedagógico.

6 Análise de dados

6.1 Análise dos dados do primeiro questionário

O Primeiro Questionário foi pensado e elaborado por conta da necessidade de entender e saber as condições nas quais os sujeitos da pesquisa estariam aplicando a Cartilha. Conhecer uma pouco sobre as experiências e perspectivas dos sujeitos sobre o Esporte Orientação na Escola seria de fundamental importância para analisar os resultados da avaliação da Cartilha que ocorreria com o segundo questionário.

No questionário 1 (Quadro 3) foram feitas perguntas fechadas, onde suas respostas trouxeram um panorama sobre os sujeitos, suas características (pessoais, acadêmicas e profissionais) e a primeira informação sobre a estrutura da escola onde seria vivenciada as atividades propostas na Cartilha.

De forma proposital, foi oferecida a Cartilha Pedagógica para testagem, e enviada para 10 (dez) professores de Educação Física, sendo 5 (cinco) do Ensino Fundamental I e 5 (cinco) do Ensino Fundamental II. Esses professores foram escolhidos aleatoriamente, numa lista de e-mails do Curso de Formação Continuada em Serviço que foi oferecido pela pesquisadora no Ano de 2017 para professores em estágio probatório da Rede Municipal da Cidade do Rio de Janeiro, respeitando claro, os critérios de inclusão e exclusão já supracitados.

Os professores só recebiam a Cartilha Pedagógica (arquivo em PDF por e-mail) depois que respondessem o questionário 1 (enviado também por e-mail – link de um formulário do Google). Apenas 9 (nove) professores responderam o questionário 1 e receberam a Cartilha. Após 3 meses foi enviado um outro e-mail para os professores que receberam a Cartilha, onde receberam o TCLE e o outro link de formulário do Google para o questionário 2.

A Cartilha foi aplicada e avaliada por 4 (quatro) dos 9 (nove) professores iniciais, por isso no Quadro 2 apresenta apenas 4 respostas, e é por meio da percepção desses 4 sujeitos que será analisado a aplicabilidade da Cartilha.

No questionário 2 (Anexo III) foram feitas perguntas abertas, que buscavam as impressões sobre o material pedagógico em relação ao seu potencial e suas fragilidades. Através de análise dos conteúdos será feita uma reflexão sobre a Cartilha. Os professores em ambos os questionários são identificados como (P1) para professores do Ensino Fundamental-Anos Iniciais, e (P2) para professores do Ensino Fundamental-Anos Finais. Estes são bem distintos entre si, apesar de formarem estes dois subgrupos.

Nesta primeira análise sobre os sujeitos, a uma característica em comum apontadas por todos os professores é a falta de material específico para a prática e aprendizado do Esporte Orientação, fato plausível, levando em conta que é um conteúdo da EFE considerado contemporâneo por muitos autores como Darido (2018), Inácio (2016), assim pouco conhecido e desenvolvido no contexto escolar.

São professores com tempos de magistério bem diferentes um dos outros, onde os mais experientes atuam nos anos finais do Ensino Fundamental, e a mais nova atua nos anos iniciais. Quando se optou em distribuir as cartilhas para

professores que atuassem também nos anos iniciais foi para evidenciar uma das incoerências expressas na BNCC. Neira (2018) coloca que existe um desequilíbrio na distribuição entre as unidades temáticas, como por exemplo, a sugestão para as PCAs, que devem ser ensinadas no final do Ensino Fundamental (8º e 9º Anos) e no Ensino Médio. Assim, pretendeu-se promover vivências de umas destas práticas, no caso, o Esporte Orientação e constatar as possibilidades pedagógicas deste esporte para os estudantes dos anos iniciais, evidenciando desta forma, as negações de vivências destas práticas são de tal falta de engajamento político e pedagógico expressa num documento oficial direcionado para Educação Nacional do nosso país.

[...] tais manifestações infelizmente não vêm sendo utilizadas como conteúdo educacional, devido às estruturas e condições ruins da maioria das escolas, além da necessidade de um maior conhecimento sobre a temática, uma vez que alguns professores não sabem como abordá-la devidamente em suas aulas, bem como se desconhece as possibilidades e os benefícios que as PCA podem acarretar ao contexto escolar. (TAHARA, A. K.; DARIDO, S. C., 2018, p.982)

Quadro 2 - Questionário realizado antes da aplicação da Cartilha Pedagógica

Questionário 1- Anamnese				
Perguntas	Professores – Tempo de magistério			
	P1.1 (01 ano)	P1.2 (09 anos)	P2.1 (15 anos)	P2.2 (19 anos)
1. Na sua Formação Inicial (Graduação) você teve alguma disciplina sobre as práticas corporais de aventura na natureza?				
2. Você fez alguma Formação Continuada sobre práticas corporais de aventura na natureza?				
3. Você fez alguma Formação Continuada Específica em Esporte Orientação?				
4. Você pratica o Esporte Orientação?				

5. Você já praticou o Esporte Orientação?								
6. Você já tinha ensinado o Esporte Orientação na Escola antes da Homologação da BNCC sugerindo essa inovação em conteúdos para Educação Física Escolar?								
7. A sua realidade escolar apresenta condições físicas para a prática do Esporte Orientação?								
8. A escola tem material específico para a prática do Esporte Orientação?								
Legenda:	Não		Sim					

Interessante ressaltar, mesmo neste pequeno universo de pesquisa, o único professor que decidiu ensinar o Esporte Orientação antes das sugestões da BNCC para as PCAs, foi um professor dos anos iniciais, portanto há não apresentação destes conteúdos, pode evidenciar um “equivoco curricular” promovido pela BNCC, já que são conteúdos que possibilitam um trabalho interdisciplinar, contextualizado e temático, que podem envolver várias urgências sociais e conteúdos básicos que precisam ser fomentados em todos ciclos do Ensino Fundamental, como a promoção da Sustentabilidade.

Todos os professores não são praticantes de Esporte Orientação, mas acreditam que no espaço escolar que atuam é possível o aprendizado do esporte. A proatividade desses professores dispostos a compartilhar conhecimentos que não conhecem, é de extrema importância para uma renovação pedagógica, assim afirma Tahara e Carnicelli Filho:

É inegável que muitos obstáculos e dificuldades irão permear o caminho do professor que (tentar) inovar suas aulas com tais conteúdos, mas a persistência e vontade em propor aos educandos algo diferente dos conteúdos habituais das aulas de Educação Física deve ser ainda maior. (2012, p.65)

Outra informação relevante observada é em relação à Formação Inicial dos sujeitos. A professora mais nova no magistério, logo, pouco tempo de distanciamento da Academia, teve na sua formação o contato com os conteúdos das PCAs. A preocupação de muitos pesquisadores da área curricular em relação ao ensino destas práticas é a lacuna deste conhecimento no contexto acadêmico,

Apenas nos últimos anos é que alguns cursos de Educação Física espalhados pelo Brasil começaram a direcionar olhares para que o conteúdo das atividades de aventura e do meio ambiente fizessem parte das suas grades curriculares. As discussões sobre este eixo temático do lazer são ainda incipientes dentro dos cursos de formação, onde deve haver mais iniciativas para o desenvolvimento das atividades de aventura nos currículos de graduação, evitando um grande distanciamento entre a parte teórica e a prática pedagógica. (TAHARA; CARNICELLI FILHO, 2012, p.63).

Neste caso, uma das soluções imediatas para os professores que não possuem esses conhecimentos, e/ou expertises seria a Formação Continuada.

Uma boa alternativa para aqueles que não tiveram isto contemplado em suas graduações pode ser o fato de realizar algum curso que aborde determinada modalidade (existem muitos cursos específicos de algumas modalidades, ministrados por confederações, agências operadoras e por bons profissionais da área) e, assim adquirir condições de enfatizar novos conhecimentos e conteúdos em suas aulas. (TAHARA; CARNICELLI FILHO, 2012, p.63).

Com a imposição de conhecimentos a serem ensinados, que certamente serão cobrados nos exames de larga escala, a BNCC estará oferecendo parâmetros das avaliações externas que serão promovidas no cenário educacional brasileiro. Uma condição para a política nacional já prevista pela nossa Constituição apresentada no Artigo 210: “fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais” (BRASIL, 1988). Logo, essa imposição traz a necessidade de formações, e certamente os sistemas de ensino terão que se adaptar, e seus professores respectivamente.

6.2 Análise dos dados do segundo questionário

Buscou-se através da análise de conteúdo coletado, compreender o material qualitativo de forma não ingênua, penetrando nos significados dos entendimentos dos sujeitos que compartilharam as suas vivências em relação à prática do Esporte Orientação no contexto escolar. Decidiu-se por uma análise temática, que para Minayo (2007, p.316) é [...] descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação...”. Assim, através desta perspectiva serão apresentadas as categorias iniciais, intermediárias, para enfim, analisar duas categorias finais (temáticas) sobre a Cartilha Pedagógica, que são: o produto pedagógico para o Esporte Orientação; e as experiências geradas pela Cartilha.

6.2.1 Categorias Iniciais

O questionário 2 apresentou aos sujeitos perguntas abertas, na busca de respostas que expressassem de forma mais original possível a aplicabilidade da Cartilha oferecida. A partir destas perguntas configuraram-se as categorias iniciais (Quadro 3), que representam as características e realidade do sujeito que optou por experimentar o material pedagógico, e as vivências promovidas pela cartilha.

Quadro 3 – Categorias Iniciais

Categorias Iniciais
<i>a) Motivação para aplicar a Cartilha</i>
<i>b) Aceitação da Cartilha</i>
<i>c) Entendimento da Cartilha</i>
<i>d) Sequência de atividades da Cartilha</i>
<i>e) Apresentação do esporte</i>
<i>f) Flexibilizações das atividades da Cartilha</i>
<i>g) Desafio na aplicação das atividades</i>
<i>h) Facilidades na aplicação das atividades</i>

a) Motivação para aplicar a Cartilha

Iniciou-se com esse questionamento, pelo motivo de entender a priori o quê levou o professor a estudar, vivenciar, produzir e compartilhar conhecimento que

talvez não tivesse experiência na sua prática pedagógica. Os professores apontaram os seguintes motivos:

*P1.1 – “Foi após um **curso de formação sobre este esporte**³⁷, no qual achei muito interessante para desenvolver com os alunos.”*

*P1.2 – “**Vivência do conteúdo em questão**, e ausência de material na escola.”*

*P2.1 – “Levar **um conteúdo novo** para meus alunos.”*

*P2.1 – “**Esporte diferenciado** com interação com a natureza.”*

Atualmente, a BNCC é o documento de caráter normativo para nortear as propostas curriculares dos sistemas públicos e privados, e para o amplo e complexo processo de implementação deste documento, muito se tem discutido sobre os avanços e retrocessos do mesmo. Muitas demandas surgiram e surgem nesta implementação, entre elas está a formação continuada dos professores, como afirma Albino e Silva:

A Base se constitui como referência nacional obrigatória para a elaboração dos currículos municipais, estaduais, do Distrito Federal. É parte integrante da política nacional de educação básica e objetiva alinhar-se a outras políticas como formação docente, avaliação e infraestrutura básica para desenvolvimento educacional em todo território nacional. (2019, p.141)

Como o professor (P1.1) coloca, foi através de uma formação continuada que surgiu a motivação para inovar suas ações pedagógicas, e com essas mudanças de paradigmas e na política educacional brasileira, se torna necessário estudar, refletir e discutir sobre o processo de formação inicial e continuada dos professores. Em dezembro de 2018, o Ministério da Educação apresentou versão preliminar da Base Nacional Comum da Formação de Professores da Educação Básica (BNCFP), e este documento como a BNCC “colecciona” elogios e críticas de diferentes segmentos da sociedade. Na comunidade acadêmica, muitos pesquisadores não apoiam estes documentos,

Diante da proposta de formação formatada deste documento, reiteramos a posição da ANPEd em favor da manutenção das DCNs de 2015 (Resolução nº 2/1015) e consequente arquivamento do

³⁷ Os grifos nos discursos dos professores são pontos importantes que serão discutidos.

documento supracitado e do processo de reforma, lembrando a este Conselho que a oferta de uma formação plena dos sujeitos, entre eles os professores, articulada aos objetivos de cidadania e formação para o mundo do trabalho, conforme preceito constitucional, exige confiança, investimento e regularidade nas políticas. (ANPEd et al, 2018)

Percebe-se, sem dificuldades, que a intenção é instaurar um sistema que regula a formação de professores baseado na padronização do que será ensinado em sala de aula e do como ensinar. Essa é a principal tese que o texto legal procura legitimar. Conforme a proposta da BNCCFP, a formação inicial de professores precisa de novos marcos para o desenvolvimento de habilidades e competências profissionais cujos focos consistam no domínio dos conhecimentos previstos na BNCC e no conhecimento pedagógico do conteúdo. (NEIRA, 2019, p.19)

Mas, existem os apoiadores das Bases, como os integrantes do “Movimento pela Base”, que são: alguns órgãos públicos (ME, Secretarias Estaduais e Municipais de Educação, alguns elementos de algumas Universidades - UFRJ, UFMG, UFJF, UERJ, USP, UNDIME, UNESCO, CONSED); algumas Instituições (Itaú Social, Bradesco, Santander, Fundação Vale,...); e algumas empresas (Shell, Odebrech, Grupo Globo,...). O Movimento pela Base reitera que,

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) traz uma nova proposta para a educação, que aponta para uma formação integral do aluno, muito além da memorização dos conteúdos. No mundo de hoje, em que a informação nunca esteve tão acessível, a educação deve proporcionar a oportunidade de desenvolver a criatividade, a criticidade, a autonomia, a capacidade de mobilizar conhecimentos e habilidades para resolver problemas do mundo contemporâneo. Nesse sentido, a BNCC propõe repensar o modo como se aprende e, consequentemente, a forma como se ensina. Essa mudança exige um planejamento cuidadoso das formações, iniciais e continuadas, a fim de que os professores sejam plenamente capacitados para inovar nas práticas pedagógicas, manter um canal de escuta aberto com os alunos e aprimorar suas próprias habilidades, tanto profissionais quanto pessoais. (MOVIMENTO PELA BASE, 2019, p.3))

Como a BNCC estabelece conhecimentos, competências, e habilidades que todos os estudantes devem desenvolver ao longo da escolaridade básica, desde a homologação deste documento, Estados e Municípios têm elaborado ou revisado os currículos de suas redes de ensino. A Secretarias de Educação estão no momento dando apoio aos gestores escolares e professores em ações para possibilitar a implementação da BNCC. Cada escola, a partir dos currículos de sua rede, precisa

desenvolver um Projeto Político Pedagógico (PPP) que implemente de fato os conteúdos básicos, e para que os mesmos cheguem à sala de aula conforme as novas premissas é essencial que as formações continuadas dos profissionais da educação promovam essa demanda. Nesse momento da política educacional de educação, é importante refletir sobre a organização e os assuntos dessas formações continuadas, eleger os temas mais importantes para as formações, priorizar estudo detalhado do currículo adotado pelo município e dos projetos políticos pedagógicos em cada escola. Os professores e gestores escolares precisam estar envolvidos no processo de construção desse documento (PPP), mas a exploração e o aprofundamento devem ser nas formações continuadas, pois será neste momento que será discutido sobre as formas de ensinar, sobre como se adequar ao desenvolvimento das competências, habilidades e conhecimentos exigidos pela Base.

Caberá ao educador estudar e procurar as melhores atividades, as práticas avaliativas, a organização da turma, e o aprofundamento sobre esses assuntos, e para isso, devem acontecer diversas formações organizadas ao longo do ano, seja em serviço ou não. Essas formações são fundamentais para que os professores possam se dedicar aos conteúdos, a interdisciplinaridade na educação, e/ou aos temas transversais, entre outros. Esses encontros de formação continuada são oportunidades de compartilhar as teorias e práticas de trocar experiências e de adquirir autonomia para organização do trabalho.

A gestão escolar, com apoio de sua secretaria de educação, precisa criar condições para suprir as necessidades individuais de cada professor, seja subir o horário de estudo dos profissionais, seja respeitar e valorizar os professores da escola, criar um calendário de estudo, indicar temas para os encontros, definir os responsáveis pela formação, indicar profissionais da própria rede, contribuir com recursos técnicos para a formação, trabalhar considerando o regime de colaboração com Universidades, Instituições Especializadas, outras secretarias de outros Municípios e Estados.

A gestão educacional pública, seja nas escolas e/ou nas secretarias de educação, precisa garantir as ações de formações continuadas, registrar os resultados, avaliá-los constantemente, se estão gerando impactos educacionais, isto

é, colaborando para a aprendizagem dos alunos e com uma qualidade do trabalho dos educadores.

O fato é que a formação continuada é fundamental na carreira profissional, e essencial na Educação. Neste momento, com todas as mudanças propostas e obrigatórias, se torna imprescindível e inadiável, principalmente para os professores que já estão atuando. Discutir, refletir e propor acima deste documento são ações rotineiras para toda comunidade escolar. Fazendo um paralelo com a pesquisa, seria pensar como apoiar o professor de Educação Física no momento de ensinar um conteúdo que o mesmo não tem experiência e nem a escola tem material didático específico.

O professor (P1.2) expressa exatamente essa angústia profissional, quando em sua resposta relata “conteúdo em questão versus ausência de material”, essa dicotomia imposta há muitos professores, ter que ensinar com poucos recursos ou nenhum, é uma realidade da educação brasileira. O termo dicotomia estabelece uma relação de contradição entre termos, onde juntos constituem um todo maior (Michaelis, 2008). E agora com as imposições da BNCC, fica evidente que o professor precisará de muito apoio para se estruturar pedagogicamente, para colocar em prática determinados conteúdos, no caso aqui ratificado, o Esporte Orientação.

Mesmo com esse problema dicotômico, muitos professores estão dispostos a uma renovação pedagógica, quando o professor (P2.1) apresenta a importância de conteúdos novos, ressalta-se em particular para esta pesquisa, o potencial da Cartilha, pois o principal objetivo deste produto acadêmico é apresentar um “Esporte diferenciado”³⁸ e torna-lo viável no contexto escolar. Logo, a possibilidade de propor a professores sair de sua área de conhecimento para explorar conteúdos jamais vistos ou testados podia causar desistência, como aconteceu, pois como já exposto, alguns professores iniciaram o processo investigativo, porém não foram até o final. Inovar para o professor, talvez traga inseguranças, pois:

Professores inovadores, portanto, são aqueles capazes, assim, de superar, ao menos um pouco, o vazio que se abriu entre “o não mais e o ainda não”, para lembrar aqui da metáfora cunhada por Fensterseifer e González (2007) ao se referirem a status da

³⁸ Classificação do conteúdo esporte utilizada pelo professor (P2.2).

Educação Física após a ruptura com sua tradição. (ALMEIDA, 2017, p.13)

Pesquisadores como Bracht (2011), Fensterseifer e Silva (2011), González (2016), Almeida (2017) e Farias Nogueira e Maldonado (2017) tem estudado as características das práticas pedagógicas inovadoras e como que essas vivências estão se materializando na escola. Conteúdos e práticas “inovadoras” são opções para promover uma renovação pedagógica, pois viabilizam uma ruptura com a “somente” repetição de conteúdos tradicionais, e apresenta possibilidades para ampliação dos conhecimentos, e vivências singulares aos estudantes.

b) Aceitação da Cartilha

Saber “o porquê” cada professor aceitou aplicar a Cartilha foi de fundamental importância para analisar a avaliação feita pelos mesmos para a Cartilha. A ação de aceitar o material pedagógico, mesmo para aqueles que não concluíram a pesquisa é primordial, pois pode representar a possibilidade de mudança na perspectiva de EFE que esses sujeitos têm vislumbrar conteúdos novos, podem significar mudanças de paradigmas, de percepções, novos caminhos, novas experiências. Assim, os professores apontaram a seguintes causas:

*P1.1 – “Como pude iniciar a atividade em minha unidade escolar, a apostila foi de grande valia no auxílio do **planejamento das aulas**.”*

*P1.2 – “Devido à **falta de conhecimento no conteúdo** busquei orientação na cartilha.”*

*P2.1 – “Para **aprender e ensinar**.”*

*P2.1 – “Pra motivar os alunos e colocá-los em contato com a **natureza** ensinando a valorizá-la e respeitá-la.”*

A leitura feita nas respostas dos professores foi bastante satisfatória em relação ao principal objetivo da cartilha. Os professores relatam o quanto o material didático foi importante para propor, elaborar e colocar em prática o Esporte Orientação na escola. Percebe-se também com os professores (P1.2) e (P2.1) o quanto a cartilha foi importante também para o aprendizado deles. Muitos professores nunca ouviram falar sobre determinadas práticas, esportes, e a

“Orientação” é uma delas. Uma questão relevante trazida pelo professor (P2.2) é ele considerar importante os ensinamentos e as considerações sobre “a natureza” para os estudantes. No capítulo 2, foram apresentadas e discutidas muitas argumentações em relação às práticas que propõem vivências em ambientes naturais, conforme Tahara e Carnicelli Filho:

Tal temática pode constituir-se como práticas de elevado poder formativo e, se tratadas de forma pedagógica, podem auxiliar de maneira eficaz na tarefa de educar os alunos coerentemente para com os assuntos ligados à educação ambiental e à aprendizagem de algumas modalidades ligadas às atividades de aventura. (2013, p. 62)

Exemplificando, ensinar a Ecologia apenas partir da lógica da Biologia é muito limitado, pois refletir sobre o Meio Ambiente, e a discussão sobre a Sustentabilidade precisam passar por todas as disciplinas. A Educação Ambiental é uma disciplina complexa na Educação Básica, de certa forma, acaba por sendo de responsabilidade dos professores e função dos temas transversais.

É necessário que o professor tenha em mente que ao propor essas atividades, deve sempre trazer à tona a discussão do meio ambiente natural e uma educação ambiental entre os alunos; em saber como praticar as atividades sem agredir a natureza, buscando um equilíbrio e sintonia entre a sua utilização para atender as necessidades do ser humano e a consequente preservação para gerações futuras. (TAHARA; CARNICELLI FILHO, 2013, p.63).

Ética, Meio Ambiente, Saúde, Trabalho e Consumo, Orientação Sexual, Pluralidade Cultural são os seis temas transversais que segundo os PCNs devem ser abordados por todas as disciplinas escolares. Temas que surgem com os PCNs (1997), elencados como urgência nacional à época, e ainda muito atual. O documento sugere que esses temas devem ser trabalhados por todas as disciplinas escolares, enfim, inseridos e desenvolvidos por meio dos conteúdos que o professor já trabalha.

Os temas transversais acabam sendo assuntos que perpassam por toda discussão dos conteúdos dos diversos componentes curriculares na escola para atender a demanda e as necessidades do cotidiano das crianças, da sociedade como um todo. Esses temas podem ser tratados associados a outros conteúdos curriculares ou ainda mesclados entre si não necessariamente devem ser trabalhadas isoladamente. Os temas podem problematizar e discutir diversas

questões, e algumas possibilidades podem ser realizadas ou trazidas para discussão a partir de determinadas práticas pedagógicas do professor.

A Educação Física é uma disciplina muito rica para trabalhar essas questões dos temas transversais, pois esses os temas se tornam mais viáveis pela facilidade que o professor tem, em função da natureza de sua formação, em lidar com questões variadas, principalmente sobre as discussões e tematizações da cultura corporal que são manifestações vivas da sociedade. Os temas transversais na Educação Física são muito orgânicos, são muito vivos, e surgem constantemente nas aulas, não tem como fugir deles. Incluí-los na Educação Física, é associá-la com os grandes temas sociais importantes para a formação do cidadão. E hoje, para ser um cidadão é fundamental que tenha mínimo conhecimento sobre essas questões que foram eleitas como as questões centrais, de certa forma, pilares para a organização das discussões sociais e contemporâneas.

Trazendo essa discussão para o foco desta pesquisa, quando se fala e estuda o Meio Ambiente, sair da escola para uma prática de atividade física através do Esporte Orientação, pode ser muito interessante, pois pode-se começar a discutir de forma diferenciada, vários assuntos, como: a relação da eficiência do exercício físicos em ambientes naturais, questões sobre natureza como o equilíbrio orgânico com os humanos de uma forma geral. Então, como desenvolver valores em relação ao Meio Ambiente?

Logo, não é só o conhecimento técnico, é outra dimensão dos temas transversais. A escola precisa problematizar essas questões, através de uma problematização pedagógica, uma intencionalidade pedagógica do professor. Uma formação de qualidade para o professor pode fazer com que tanto os temas transversais quanto outros temas relevantes para a educação do estudante estejam presentes no processo de ensino-aprendizagem. Houve um momento em que a formação do professor o enchia de conhecimento e colocava no mundo do trabalho com aquela quantidade do conteúdo. Hoje em dia, é necessário pensar na formação do professor como algo que se renova constantemente, com o diálogo, conceitos e prática que fazem com que esse professor sinta a demanda, e que o próprio busque uma atualização a partir de uma demanda viva, uma demanda que acontece!

Torna-se relevante o papel dos professores de Educação Física, para que essas práticas, ao serem tratadas como conteúdos em aulas, possam ser instrumentos de formação de cidadãos mais engajados e responsáveis, aprendendo a valorizar e respeitar o patrimônio público urbano, adotar uma consciência de preservação ambiental, entre outros exemplos que podem ser trabalhados e/ou abordados pelos professores junto aos alunos. (TAHARA, A. K.; DARIDO, S. C., 2018, p.980)

c) Entendimento da Cartilha

O retorno sobre a qualidade do material em relação a sua organização, e seu conteúdo é importantíssimo, dados estes que podem trazer para a pesquisadora, uma reflexão encima da ação, um aprimoramento do material, em busca do melhor entendimento do esporte e seu desenvolvimento no contexto escolar. Os professores não tiveram problemas em compreender o conteúdo proposto na cartilha, mas a colocação feita pela o professor (P 2.2) foi crucial para reestruturar e aprimorar a cartilha, já que é um produto acadêmico aberto, suscetível a mudanças conforme as necessidades acadêmicas que forem surgindo pelos professores e pelos estudantes.

P1.1 – “Sim.”

P1.2 – “Sim.”

P2.1 – “Sim.”

*P2.1 – “Foi bem difícil o entendimento das **particularidades do esporte.**”*

O Esporte Orientação tem muitos termos “importados”, diversas palavras em inglês, e alguns termos técnicos do esporte. Ignorou-se a possibilidade que o leitor nunca ter tido contato com alguns termos, e não houve explicação dos mesmos. Com esse relato, e por conta de outras observações será apresentada a mesma Cartilha no Anexo II, porém editada com retificações, aprimoramentos de atividades, e inserção de trechos textuais. Alteração que foram feitas a partir das avaliações dos professores e reflexões da pesquisadora.

d) Sequência de atividades da Cartilha

A Cartilha foi disponibilizada durante a pesquisa aos sujeitos. As sugestões pedagógicas sugeridas na Cartilha é uma sequência de atividades que já foram testadas pela pesquisadora durante sua prática pedagógica no contexto escolar, com o ensino do Esporte Orientação por 15 anos. Contudo, após as leituras, discussões e reflexões de livros, artigos acadêmicos e textos disponíveis no percurso acadêmico e investigativo, observou-se algumas ausências conceituais importantes, e a exacerbação de termos técnicos, e atividades mais voltadas para a prática (procedimentais). Com os estudos da obra de Milton Santos (2006), percebeu-se como é possível explorar as questões sociais sobre o espaço escolar, e o espaço geográfico que a escola está inserida através de contextualização de mapas. E trabalhar temas de urgência social, como fomentar a Educação Ambiental, que é contextual na práxis do esporte, porém ficou subentendida, sem objetivos claros e explicitados nos planejamentos. Estas falhas estruturais e conceituais não foram percebidas pelos professores, exceto o professor P2 que apontou a dificuldade com os termos técnicos.

P1.1 – “Sim.”

P1.2 – “Sim.”

P2.1 – “Sim.”

P2.1 – “Sim.”

e) Apresentação do esporte

Apesar das falhas apontadas pelo professor (P 2.2) e pela pesquisadora, a cartilha proporcionou a apresentação da modalidade esportiva, de forma objetiva.

*P1.1 – “Sim, **complementou todo o trabalho.**”*

P1.2 – “Sim.”

P2.1 – “Sim.”

P2.1 – “Sim.”

O interessante neste questionamento é o relato do professor P (1.1). É um professor dos anos iniciais, que já trabalhava com este conteúdo, e a cartilha “complementou todo o trabalho.” Então, no momento que existe um documento oficial (BNCC), que é um arcabouço para produção de material didático, observa-se que neste caso, o documento deixa de atender as necessidades pedagógicas desses estudantes, desse professor, já que se planejou ensinar o Esporte Orientação, que é um conteúdo não orientado para estes ciclos:

[...] atividades de aventura dentro do ambiente escolar, um trabalho esclarece que as mesmas devem proporcionar estímulos apropriados aos diferentes segmentos de ensino, desde a educação infantil ao ensino médio. (TAHARA, CARNICELLI, 2013, p.62).

Se existe a possibilidade de professores estarem ensinando o Esporte Orientação desde a Educação Infantil, então o porquê propor esse conteúdo apenas para os anos finais e Ensino Médio, já que o experimento é uma forma de acender conhecimentos, logo oferecer aos estudantes a possibilidade de vivenciar diversas formas de linguagem corporal pode possibilitar a percepção do mundo de forma particular.

Desta forma, Inácio et al. (2016) critica ausência deste conteúdo nestes segmentos e reafirma a importância de pesquisas, estudos que apontem estratégias de inserção deste tipo de conteúdo, não só na escola, mas também na formação inicial e continuada dos professores da Educação Básica.

f) Flexibilizações das atividades da Cartilha

Esse questionamento foi elaborado pensando na possibilidade de o professor ter tido dificuldade em aplicar as atividades e ter tido que flexibilizar para colocar em prática a proposta pedagógica. Os professores não sentiu necessidade de fazer modificações nas atividades propostas pela cartilha. Não ficou claro, devido às respostas objetivas oferecidas, se realmente era de fácil aplicabilidade ou se o

professor não tinha arcabouço prático e teórico para modificar a atividade, sabendo que, todos os professores não tinham experiência com o esporte.

P1.1 – “Sim.”

P1.2 – “Sim.”

P2.1 – “Sim.”

*P2.2 – “Tive a necessidade de **simplificar e adaptar às atividades e os recursos matérias para uma melhor aplicabilidade do esporte na minha unidade escolar.**”*

Com a exceção do professor P2.2, que relatou a flexibilização nas atividades propostas. Fazendo um cruzamento com seus outros relatos, ficou claro que a dificuldade de entendimento da cartilha somou-se a simplificação das atividades, porém com toda essa dificuldade de entendimento técnico e a estratégia de mudança para realização, o professor continuou com o objetivo de apresentar o “esporte diferenciado” como mesmo nomeou, e Cartilha se tornou um parâmetro para sua prática pedagógica.

g) Desafio na aplicação das atividades

Essa argumentação, como a próxima, é extremamente relacionada à viabilidade das atividades propostas pela Cartilha. Como esse produto acadêmico surgiu da necessidade de compartilhar com docentes um material pedagógico que ajudasse aos estudantes e docentes vivenciarem o Esporte Orientação, os posicionamentos dos professores foram analisados com cuidado, para que auxiliem na avaliação da Cartilha e edição da mesma. Os professores colocaram os seguintes “desafios na aplicação da atividade”:

*P1.1 – “**Não tive problemas com a aplicação.**”*

*P1.2 – “Nenhum, somente alguns ajustes considerando a **ausência de material na escola.**”*

*P2.1 – “**Material.**”*

P2.1 – “Tornar o entendimento do esporte mais simples, fazendo com que, aos poucos, possamos aumentar o grau de dificuldade de leitura do mapa e navegação pelo terreno.”

Foram dois desafios apontados: a falta de “material” específico e o entendimento do esporte. O acesso a determinadas práticas corporais parece ser limitado devido à falta de espaços físicos públicos adequados à sua prática, além da disponibilidade de materiais. Algumas práticas corporais são consideradas elitizadas pelo fato de necessitarem de materiais e locais específicos, o que inviabiliza para muitos. Tais componentes para a prática corporais mais elitizadas são encontradas quase em sua totalidade em escolas privadas ou em clubes esportivos, o que acaba por dificultar o envolvimento de pessoas pertencentes às classes menos favorecidas.

[...] muitas modalidades necessitam de inúmeros materiais específicos para a referida prática, o que pode dificultar sua execução. Em alguns casos, o próprio professor tem algum tipo de material (ou empresta de conhecidos) por já possuir relativa experiência na modalidade, e aí consegue adaptar uma situação na escola que possibilite aos alunos experimentar algo novo. (TAHARA; CARNICELLI FILHO, 2013, p.63).

O Esporte Orientação tem diversas complexidades em sua prática tradicional, pois normalmente o praticante precisa de bússola, roupas adequadas para movimentação no meio natural. Já a organização do esporte precisa de prismas e picotadores (ou sistema eletrônico), e mapas coloridos. Mesmo sendo praticado em lugares indoor (espaços prediados como a escola), ou pequenos espaços abertos, e com materiais alternativos, muito se precisa para desenvolvê-lo no espaço escolar, logo se pode considerá-lo como um “esporte elitizado”. Para muitos professores na atualidade, colocar em prática este tipo de conteúdo na escola é muito complexo, por conta de todas as particularidades sinalizadas.

Em relação às dificuldades para inserção das PCA nas aulas, Franco et al. (2011) mencionam que há muitos obstáculos para desenvolver este conteúdo na Educação Física Escolar, entre os quais estão um maior empenho do professor em buscar estar sempre atualizado e em formação continuada, assim como as condições e estruturas deficitárias da maioria das escolas brasileiras, os recursos materiais insuficientes para uso nas aulas, entre outros aspectos que dificultam este processo. (TAHARA, A. K.; DARIDO, S. C., 2018, p.982)

Na Cartilha foi disponibilizada aos professores, opções alternativas para driblar a falta de material específico, com materiais de papelaria como TNT para a produção dos prismas, e com os materiais comuns da EFE, como arcos e cones. Opções que permitem a prática do esporte, apesar de saber da necessidade de termos materiais adequados para qualquer prática pedagógica, principalmente se for imposta, como é colocada na BNCC.

Este material didático é uma proposta pedagógica criada para apresentar o Esporte Orientação no espaço escolar, mas para realmente apresentar sua prática com todo seu potencial pedagógico, o ideal seria que os estudantes tivessem a oportunidade de vivenciá-lo na natureza, uma outra particularidade de difícil execução. Para ações educativas externas, pensando nas escolas públicas, precisaria de investimento público por parte da gestão, e investimento pedagógico por parte do professor. A BNCC apresenta esses conteúdos inovadores, logo se essa é a renovação curricular proposta atualmente, será preciso “meios”, “caminhos” que viabilizem essas novas práticas.

Novas políticas públicas que priorizem a criação de espaços adequados para as práticas esportivas devem ser estabelecidas com intuito de facilitar o acesso a estes locais por jovens em situação econômica desfavorável. Além disso, o maior acesso a diferentes locais de práticas esportivas, bem como os incentivos de pais, amigos e ambiente escolar devem ser fortalecidos. (SILVA et. al., 2009, p.273)

O professor P2.2 quando coloca “tornar o entendimento do esporte mais simples”, novamente relata a dificuldade em compreender o esporte. Assim, muitas dessas práticas corporais inéditas no contexto escolar necessitarão de muitos estudos, pesquisas, investimentos públicos para se tornarem realidade no contexto escolar. Produção de propostas pedagógicas, materiais alternativos, viabilidade de locais públicos, muitas dessas ações são extremamente necessárias para desenvolver tais possibilidades de práticas corporais.

h) Facilidades na aplicação das atividades

É relevante saber como o trabalho pensado conseguiu atingir as metas. Testar e ratificar o potencial pedagógico das atividades é a oportunidade de validar materiais e atividades pedagógicas que podem muito auxiliar os professores que não tenham expertises no determinado assunto, pois através de um material didático bem elaborado pode-se conseguir oportunizar aos estudantes experiências de práticas corporais desconhecidas.

*P1.1 – “Minha unidade escolar possui **um amplo espaço para as atividades, facilitando a prática.**”*

*P1.2 – “**Bastante simples e direta** orienta muito o professor que não possui experiência na área.”*

*P2.1 – “**Fácil entendimento.**”*

*P2.1 – “A descoberta, por parte dos alunos, de algo **diferente e desafiador.**”*

Interessante a colocação do professor P1.1 em relação ao “amplo espaço” de sua unidade escolar, pois a partir da percepção do espaço escolar e suas potencialidades, ele vislumbrou algo a mais para sua prática pedagógica.

Em alguns casos, o próprio entorno da escola mesmo que ela esteja localizada dentro de um centro urbano, pode ser capaz de proporcionar um espaço verde adaptável onde o professor possa ministrar seu conteúdo. Desta forma, é passível de imaginar que os alunos de escolas localizadas próximas a algum desses locais que favoreçam a vivência das atividades de aventura deveriam ter um acesso mais direto a informações em relação a essas práticas e o seu contexto na região em que vivem. (TAHARA; CARNICELLI FILHO, 2013, p. 64).

Quando os professores exploram o espaço escolar para além da apresentação física, e sim para propor ensinamentos a fim de causar pertencimento sobre o espaço, sempre terá grande valia para os estudantes. Pois, entender o espaço onde estuda, onde está localizado, o porquê foi construído naquele local, porque tem área verde ou não, todas essas alternativas darão significado a espaço, logo, a escola, conceito esse já discutido no capítulo III com os estudos de Milton Santos.

Os elogios em relação a Cartilhas pautados pelos professores P 1.2 e P2.1, fortalece a ideia e o propósito do material elaborado, mesmo sabendo que já está

suscetível a mudanças, devido as descobertas da pesquisa, e mesmo com sua fragilidade³⁹ técnica e pedagógica, os professores conseguiram aplicar as atividades propostas e compartilhar o conhecimento sobre o Esporte Orientação. O professor P 2.2 valorizou o que a Cartilha conseguiu proporcionar para os estudantes, já que apresenta tanto para o professor e conseqüentemente para seus respectivos estudantes um conteúdo inédito.

Tais atividades podem gerar motivações e interesses diversificados entre os alunos ao participarem das aulas de Educação Física, existindo curiosidade e satisfação naquilo que a prática possa proporcionar em termos de sensações e emoções individuais que podem ser compartilhadas com o grupo, como a percepção de liberdade, o ineditismo na vivência, a questão dos riscos sob controle, entre outros. (TAHARA; CARNICELLI FILHO, 2013, p.62).

6.2.2 Categoria Intermediária

Estas categorias foram identificadas e constituídas através das palavras norteadoras de cada pergunta em diálogo com os dados obtidos de cada sujeito, logo, cada categoria intermediária emerge da conjunção de duas categorias iniciais, da discussão de cada uma, os conceitos norteadores, os referenciais teóricos e as observações da pesquisadora. Desse modo, o Quadro 4, ilustra as categorias intermediárias com referências as suas categoriais iniciais e o conceitos norteadores:

Quadro 4 – Categorias Intermediárias

Categoria Inicial	Conceito Norteador	Categoria Intermediária
a) <i>Motivação para ensinar o Esporte Orientação</i>	<i>Docente que proporciona a aprendizagem de novos conteúdos.</i>	<i>Apresentação de novos conteúdos</i>
b) <i>Aceitação do uso da Cartilha</i>	<i>Docente Flexível em sua prática pedagógica.</i>	
c) <i>Entendimento da</i>	<i>Redação explicativa e</i>	<i>Compreensão sobre o</i>

³⁹ Fragilidade que será discutida na categoria final: “As experiências geradas pela Cartilha”.

<i>Cartilha</i>	<i>objetiva.</i>	<i>método</i>
d) Sequência de atividades da Cartilha	Proposta metodológica	Contribuição para o material pedagógico.
e) Aprendizado sobre o esporte	Percepção sobre o conhecimento	
f) Flexibilizações das atividades da Cartilha	Flexibilidades em propostas pré-determinadas.	
g) Desafio na aplicação das atividades	Aplicabilidade de atividades desconhecidas.	Avaliação sobre o material pedagógico
h) Facilidades na aplicação das atividades	Propostas pedagógicas viáveis.	

a) Apresentação de novos conteúdos

Quando um professor define que irá trabalhar com determinada prática corporal nas aulas, essa prática corporal poderá influenciar na constituição da identidade dos estudantes. Nesta perspectiva, refletindo sobre o contexto escolar através desta lógica de pensamento, dá para considerar o porquê algumas práticas corporais estão ausentes do currículo, enquanto outras práticas corporais estão presentes no currículo. Logo, se o professor assume a responsabilidade de definir as práticas corporais, entende-se que a ausência ou presença das práticas corporais no currículo, de forma não aleatória, traz a constituição de pessoas.

A ideia da presença de certas práticas corporais no currículo reafirma-se como meios de legitimação, um meio de validação da prática corporal no currículo, principalmente quando ela se repetir em vários anos escolares. Se o professor trabalha com práticas corporais que fogem dos esportes tradicionais, de alguma maneira está colocando em crise a identidade que esse grupo está atribuindo ao componente curricular Educação Física.

Assim, não será apenas a certeza que existe uma BNCC, que será certo que os professores estarão implementando suas premissas. Dizer para o professor qual é a prática corporal que ele tem que trabalhar, o que pode ou não pode ser realizado, pois se o trabalho do professor estiver na lógica de promover cidadãos e

cidadãos que circulam na sociedade, que possam ler as práticas corporais e reconstruí-las, esse professor só conduzirá determinados conteúdos caso ache oportuno, necessário e imprescindível para aquele grupo e/ou para sua prática pedagógica, isto significa, autonomia pedagógica, e é esta autonomia que pode possibilitar a inovação e diversificação de conteúdo.

Apresentar um conteúdo novo e pensar em inovação curricular é ações que se associam com uma ideia de currículo crítico ou pós-crítico. E quando um professor pensa em não fazer mais do mesmo, e tem como objetivo se afastar da tradicionalidade do currículo com todas suas características.

Um currículo tradicional da EFE busca promover o desenvolvimento cognitivo, afetivo, social, e um estilo de vida fisicamente ativo, com isso tem com o objetivo apenas o sujeito, não se preocupando com a sociedade onde esse sujeito está inserido. Não existe uma reflexão mais ampla, não tem nenhuma intenção de questionar os conhecimentos veiculados no currículo e nem muito menos questionar o formato o desenho injusto e desigual destas sociedades.

Torna-se perceptível que, em muitos casos, os professores tendem a abordar apenas aqueles conteúdos sobre os quais têm maior domínio e com os quais se sentem mais à vontade, o que torna, muitas vezes, as aulas de Educação Física geralmente restritas e vinculadas aos esportes coletivos tradicionais. (TAHARA, A. K; DARIDO, S. C., 2018, p.981)

Existem traços fortes desse tipo de currículo na BNCC quando recupera, retoma, faz ressurgir a ideia de competência, pois um currículo baseado em competências e habilidades é um currículo tradicional.

*Já o currículo crítico, como por exemplo, o crítico-superador, é uma proposta que prioriza que o estudante possa aprender o desenvolvimento sócio histórico dos temas da cultura corporal (COLETIVO DE AUTORES, 1992). Nesta perspectiva, o objetivo é refletir sobre a prática corporal, como foram organizadas num determinado contexto sócio histórico e como se transformou ao longo do tempo, e isso decorre do campo conceitual que essa obra se fundamenta que é o **materialismo histórico dialético**⁴⁰.*

⁴⁰ O materialismo histórico dialético (MHD) é um paradigma de conhecimento construído a partir da necessidade de superação das contradições e desigualdades sociais promovidas pelo modo de

A proposta de uma educação física sob uma perspectiva crítica baseada no MHD tem como fundamental iniciativa, permitir que o aluno possa passar de um estado de subjugação, onde não compreende a si e sua relação com o meio e está apenas na situação de ouvinte e reprodutor do que o professor faz e fala, para um estado de libertação intelectual e consequente emancipação, para que possa ser o criador de seus próprios anseios, passando a ter autonomia e consciência para compreender o que está a sua volta, compreender o seu corpo como instrumento para a sua conquista. (NETO, et. al., 2010, p.4)

Então, fazendo uma comparação rápida entre essas duas essas noções de currículo, conforme as posições de Tomás Silva (2005) são propostas que pretendem formar pessoas diferentes.

Teorias Tradicionais: (ênfatisam) ensino-aprendizagem-avaliação – metodologia – didática – organização -planejamento – eficiência - objetivos. Teorias Críticas: (ênfatisam) ideologia - reprodução cultural e social poder - classe social- capitalismo - relações sociais de produção conscientização-emancipação-curriculo oculto-resistência. (SILVA, 2005, p.17)

Pensando em uma EFE contemporânea, e num material pedagógico que dialogasse com as premissas da teoria curricular crítica, buscou-se na “Metodologia do Ensino da Educação Física”, uma obra que vem sendo referência na formação inicial e continuada de profissionais de Educação Física, uma leitura imprescindível e clássica da área, como suporte teórico para nortear os conceitos e planejamentos das atividades da cartilha, pois no Coletivo de Autores (SOARES et. al., 1992, p. 62) “os temas da cultura corporal, tratados na escola, expressam um sentido/significado onde se interpenetram, dialeticamente, a intencionalidade/objetivos do homem e as intenções/objetivos da sociedade”.

Apropriando-se do currículo crítico como respaldo para a elaboração do produto desta pesquisa, sabendo que nesta perspectiva curricular, os conteúdos são conhecimentos necessários que precisam ser desenvolvidos levando em consideração as questões históricas e sociais dos mesmos, quando pensou nas atividades, vislumbrou-se naquelas que viabilizasse conhecimentos que permitissem entender e acessar de diversas maneiras a prática corporal Esporte Orientação, ou seja, entender porque que é praticado daquela maneira, porque se tornou daquela

maneira, entender as transformações, logo, entender, por exemplo, o porquê criou a possibilidade de praticar o Esporte Orientação em ambientes fechados (indoor).

*O que foi percebido através dos sujeitos da pesquisa, que produtos como a cartilha são recursos pedagógicos para professores com anseios de renovações pedagógicas, logo, **docentes que proporcionam a aprendizagem⁴¹ de novos conteúdos, docentes flexíveis em sua prática pedagógica.** Tais renovações dependem de uma prática pedagógica inovadora, aquelas que conseguem laborar, como o que Betti (2007) chamou de dilema culturalista da Educação Física, ou seja, o conteúdo não deve apenas se caracterizar por um saber sobre a cultura corporal de movimento, mas também por uma ação pedagógica com ele. Os professores que estão sempre dispostos a aprenderem para logo compartilhar serão sempre os profissionais diferenciados em qualquer corpo docente, de qualquer escola.*

Assim, imagina-se que enfatizar algo relativamente “novo” em se tratando de escolas possa estimular nos alunos uma vontade a mais em conhecer e praticar modalidades esportivas não habituais e interagir de forma mais harmônica com a questão ambiental, desde que esta temática seja bem trabalhada durante as aulas pelos docentes. (TAHARA; CARNICELLI FILHO, 2013, p.62).

No caso da pesquisa em questão, a EFE promovida através da Cartilha acontecerá para além dos ginásios, salas e pátios, porque como já visto o Esporte Orientação possibilita aprendizagens diversas com temas tradicionais (matemática, geografia), e temas de urgência social (espaço geográfico, sustentabilidade). E para os sujeitos da pesquisa, este conteúdo apresentou importância, e perceberam o diferencial da prática corporal Esporte Orientação na escola, onde é possível estudar de forma contextualizada e materializada as questões socioambientais através de simples atividades de espaço, mapas, e localização, que podem trazer à tona para discussões e reflexões nas aulas de Educação Física.

Essas atividades, como componente curricular inovador dentro da área da Educação Física escolar, podem ampliar quantitativa e qualitativamente as vivências dos educandos, e assim possibilitar experiências práticas que conduzirão à aquisição de novos conhecimentos e aprendizagens, interligados com a importante abordagem das questões ligadas ao meio ambiente natural. (TAHARA; CARNICELLI FILHO, 2013, p. 62).

⁴¹ As palavras grifadas são os conceitos norteadores que geraram as categorias intermediárias. Cada categoria intermediária tem no corpo do seu texto, seus conceitos norteadores.

b) Compreensão sobre o método

O Esporte Orientação é uma das modalidades esportivas pouco difundidas na formação inicial, assim, muitos professores que estão na graduação, ou aqueles que já se formaram há muito tempo, não possuem vivências e nem conhecimento sobre o esporte.

Reconhecer-se que a presença das PCA nos currículos dos cursos de formação inicial em Educação Física ainda se configure como uma importante lacuna a ser preenchida, uma vez que muitas instituições de ensino superior ainda não abordam o tema de maneira específica na formação inicial. (TAHARA, DARIDO, 2018, p.978)

*Apesar de que a proposta pedagógica da cartilha, para os professores que a utilizaram, não houve a necessidade de mudança, chegou-se à conclusão que será necessário explicar alguns termos técnicos para que a **redação fique mais objetiva e explicativa**. E **alterar a proposta pedagógica** incluindo alguns assuntos considerados importantes nas atividades propostas, como a tematização sobre o espaço geográfico da escola, e questões de sustentabilidade.*

A falta deste conhecimento básico sobre o esporte, talvez influenciasse os professores (sujeitos da pesquisa) a não perceberem as falhas existentes na cartilha, pois a apresentação de um conhecimento inédito para os professores, sem os mesmos terem parâmetros conceituais e procedimentais, possivelmente fique inviável para os mesmos avaliarem, e tecerem um valor real sobre material didático. Tahara e Darido (2018), apesar de fazerem colocações em relação ao PCA, mas como as mesmas abrangem a “Orientação” afirmam que,

Esta questão referente à formação inicial e desconhecimento dos próprios professores de Educação Física em relação a uma possível inserção das PCA em aulas parece mesmo se tornar um dos principais fatores que tendem a inviabilizar e dificultar o processo em conseguir oportunizar aos alunos a vivência o aprendizado do conteúdo relacionado à aventura. (TAHARA, DARIDO, 2018, p.978)

Diante de tal realidade, é extremamente necessário reestruturação curricular nas formações iniciais e continuadas, para que os graduandos e graduados obtenham e/ou ampliem conhecimentos que abordem tais práticas corporais. A

valorização de práticas corporais em ambientes naturais, e oportuniza-las para nossos estudantes através de ações didáticas e pedagogias inovadoras, é proporcionar um maior número de manifestações que compõe o universo da Cultural Corporal do Movimento.

c) Contribuição para o material pedagógico

Uma contribuição de valor notório obtida através da **percepção da Cartilha** apontada pelo os professores P 1.1 e P1.2, foi constar no recorte da pesquisa, o quanto o Esporte Orientação pode ser importante nos primeiros ciclos do Ensino Fundamental, partindo das vivências compartilhadas e analisadas, onde um dos professores já ensinam o esporte independente do compartilhamento da Cartilha e da imposição curricular da BNCC. Outra colocação, que provocou uma edição na proposta pedagógica foi o relato do professor P. 2.2 em relação aos termos técnicos da cartilha, onde precisou **flexibilizar as atividades**. No Anexo II a cartilha já está editada com a percepção trazida por este professor, isto é, com maiores esclarecimentos em relação aos termos peculiares do esporte.

Em relação à necessidade de modificar as atividades propostas em material didático é uma situação que dependerá muito de contexto do professor, no caso do professor P2.2, foram os termos técnicos que dificultou o entendimento, e as condições estruturais da sua Unidade Escolar. Mas, independente do material de apoio que o professor tenha disponível para auxiliar sua prática pedagógica, para os mesmos ensinarem a prática corporal Esporte Orientação nas suas aulas de Educação Física, será preciso que eles construam sua própria didática, para assim conseguirem ler e entender de acordo com os métodos escolhidos, qual é o melhor caminho pedagógico para compartilhar tal conhecimento.

O diálogo será essencial para o professor conhecer melhor o estudante e assim escolher a estratégia didática mais apropriada para cada turma, a partir de uma perspectiva do diálogo, do que está acontecendo, pressupõe uma ação do professor, logo, determinadas ações, determinados contextos, na própria aula serão discutidas, criando uma cultura do estudante a pensar sobre as suas ações, e as

ações que acontecem em determinados momentos. Conforme Paulo Freire (1996), conhecer o estudante é fundamental na relação ensino-aprendizagem, pois segundo a teoria de Freire, ensinar exige respeito aos saberes dos educandos. Logo, conversar e debater com os estudantes a relação que eles estabelecem com o corpo é uma das estratégias didáticas possíveis para tratar os conteúdos. Então, mesmo com um material didático, material específico, enfim, todos os recursos pedagógicos possíveis, para cada conteúdo da cultura corporal é necessário estudar, buscar estratégias, observar qual é a melhor forma de abordá-lo. Assim, ensinar o esporte como a “Orientação”, por conta das suas peculiaridades técnicas, talvez seja necessário usar diversas estratégias, diversas linguagens para que os estudantes percebam como é que a prática corporal.

d) Avaliação sobre o material pedagógico

*Por meio do segundo questionário aplicado conseguiu-se através dos relatos, e as percepções dos professores sobre a cartilha constatar a **aplicabilidade de atividades desconhecidas**. Percebeu-se também que a cartilha precisaria ser editada para tornar as **propostas pedagógicas viáveis**. Esta avaliação prevista para o produto pedagógico trouxe para reflexão e discussão dentro da pesquisa, pontos de extrema importância, que levou a pesquisadora a tratar da simplificação do material didático para maior entendimento dos leitores, e para facilitar o aprendizado dos discentes e dos docentes e propor nesta edição do material didático a discussão sobre o espaço geográfico da escola e da comunidade que ela está inserida. Propor também que as atividades sejam tematizadas.*

Com essas mudanças vislumbra-se aproximar mais o conteúdo com a realidade dos estudantes. Na cartilha editada, trabalhar a tematização do conteúdo, terá a pretensão de abordar o Esporte Orientação de diversas maneiras, onde será promovida a realização de atividades de ensino que permitam aos estudantes a conhecer, vivenciar a prática, entender a prática, situar a prática na sociedade, ou seja, ter uma visão mais ampla, do que a mera realização motora do esporte.

6.2.3 Categorias finais

Essas categorias apresentam a contextualização dos relatos dos professores sobre a cartilha vinculados como pontos elencados com primordiais para discussão sobre a cartilha, que são: conteúdo inovador – Esporte Orientação; Metodologias Inovadoras; Possibilidades e desafios do esporte no contexto escolar; e Avaliação sobre o produto.

Quadro 5 – Categorias Finais

Categoria Intermediária	Conceito Norteador	Categorias Finais
<i>Apresentação de novos conteúdos</i>	<i>Conteúdos Inovadores</i>	a) <i>Um produto pedagógico para o Esporte Orientação</i>
<i>Compreensão sobre o método</i>	<i>Métodos Inovadores</i>	
<i>Contribuição para o material pedagógico.</i>	<i>Compartilhamento sobre as possibilidades pedagógicas</i>	b) <i>As experiências geradas pela Cartilha</i>
<i>Avaliação sobre o material pedagógico</i>	<i>Contribuição para o aprimoramento do material.</i>	

a) Um Produto pedagógico para o Esporte Orientação

A ideia principal que fundamentou a pesquisa esteve sempre ligada à premissa de viabilizar a prática do Esporte Orientação no espaço escolar, acreditando sempre no potencial pedagógico do esporte, **num conteúdo inovador** para a EFE e por ser também **um método inovador** para refletir e discutir sobre a geografia local e condições ambientais de onde a escola está inserida.

No primeiro momento, logo quando foram criadas as primeiras atividades, a preocupação era apenas em ensinar um esporte novo, muito pela experiência vivida pela pesquisadora, na certeza que era um conteúdo diferenciado, e por poder apresentar novos conteúdos e mudar o cotidiano daquela EFE. Os anseios começaram a aumentar por conta das oportunidades esportivas que a própria Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro oferecia aos estudantes da rede de ensino, como os Jogos Estudantis. Quando surgiu a pergunta: Porque nos jogos estudantis são oferecidos apenas os esportes tradicionais? Porque não oferecer um leque maior de modalidades esportivas para os estudantes?

O problema é que mudanças estruturais em eventos consolidados em órgãos públicos, como uma Secretaria Municipal de Educação é preciso muito convencimento, como: elaboração de projeto, apresentação do mesmo, formação para professores, difundir o esporte na rede municipal de ensino, investimento público na compra de materiais e promoção de eventos. Uma série de ações de gestão pública, pedagógicas, logísticas e estruturais, com planejamentos de curto, médio e longo prazo, que não são fáceis de serem alcançadas e por vezes inviabilizadas.

Assim, a cartilha ao longo de alguns anos (15 anos) foi tendo vários formatos. Começando apenas com atividades, pois era sempre compartilhada com amigos professores de Educação Física que conheciam bem o esporte e também queriam ensinar o esporte. Depois foi ganhando conteúdo como o histórico e fundamentos do esporte, para ajudar aqueles que se interessasse em compartilhar o esporte, porém não tinha nenhuma vivência do mesmo. Em 2005, quando os convites começaram a surgir para promover formações de professores compartilhando este conteúdo, surgiu a necessidade de fundamentar mais a cartilha com os posicionamentos de alguns pesquisadores e estudiosos sobre o esporte e a trabalho diferencial que pode se desenvolver com este esporte no ambiente escolar.

Nesse processo de elaboração, a cartilha obteve vários formatos! No momento, para esta pesquisa, quando ela foi compartilhada para ser testada, houve outra edição, mais voltada para as atividades. Pensando em um trimestre, editei algumas atividades, criei outras, pois a ideia era oferecer uma sequência pedagógica simples de 12 aulas, onde o professor pudesse apresentar o Esporte

Orientação de forma clara e objetiva. Não tive preocupação nas atividades de aprofundamento técnico, e sim de apresentação de forma bem simples sobre a dinâmica do esporte. O objetivo era responder as seguintes perguntas: Será que um professor sem muito conhecimento do esporte conseguiria apresentar aos seus estudantes o Esporte Orientação? Já que o Esporte Orientação é normalmente praticado em ambientes naturais, será possível apresentá-lo no espaço escolar? Estudantes dos primeiros ciclos do ensino fundamental conseguem assimilar e aprender o esporte?

Então, a cartilha de muitos anos, foi compartilhada, aplicada e avaliada pelos professores de quatro espaços escolares diferentes. Esses sujeitos despertaram a vontade de inovar em suas aulas. Essa condição pessoal e profissional é explicada por Vargas e González,

O chamado investimento pedagógico conforme Silva e Bracht (2012) são perfis inovadores que caracterizam - se pela busca de novos conteúdos frente aqueles tradicionais (prática de um ou dois esportes). Estes são previamente organizados e pensados com a lógica de que ao final de um ciclo escolar o aluno tenha adquirido um conhecimento específico nas aulas de EF, assim como acontece nos demais componentes que fazem parte do currículo escolar. (2013, p.2)

A Cartilha foi um recurso primordial para o “investimento pedagógico” desses professores, auxiliou na apresentação do conteúdo novo para os professores e na apresentação de um esporte diferenciado para os estudantes.

b) As experiências geradas pela cartilha

Conforme os relatos dos sujeitos da pesquisa, as atividades propostas pela cartilha apresentaram de forma satisfatória aspectos procedimentais bem organizados, almejando inovações e promovendo experimentações diferenciadas. A releitura de um material pedagógico, a edição do mesmo, a leitura das obras e artigos acadêmicos, enfim algumas fases do percurso investigativo fizeram com que novos conhecimentos surgissem, novas perspectivas sobre o esporte, novo prisma acadêmico para o mesmo.

Os posicionamentos dos professores sobre a cartilha **contribuíram com o aprimoramento do material**, e certamente como esse “produto revisitado⁴²” que surgiu depois da pesquisa, e que não está completo, pois é um material que estará sempre aberto, suscetível a mudanças e inclusão de assuntos, conceitos e novas atividades.

A partir de toda discussão ocorrida na pesquisa, apresenta-se uma cartilha editada, onde o Esporte Orientação deixa de só ser ensinado, e passa também contextualizar as atividades, valorizando também os aspectos sociais relacionados a valores e atitudes dos estudantes. Logo, trabalhar a contextualização será fundamental no processo educativo da cartilha, seguindo perspectiva afirmada por Caldart et. al.(2004; p. 52-53), onde diz que a escola “precisa desenvolver um projeto educativo contextualizado, que trabalhe a produção do conhecimento a partir de questões relevantes para a intervenção social nesta realidade”.

A “Orientação” além de um esporte é uma possibilidade pedagógica, pois através de seus ensinamentos, como já visto, pode-se contextualizar questões socioambientais, geografia social, materializar⁴³ a interdisciplinaridade e trabalhar algumas atitudes nos estudantes como autonomia, autocontrole e resiliência. **Compartilhar essa possibilidade pedagógica** com professores, principalmente, com os que estão no “chão das escolas públicas”, é extremamente importante, pois compartilhar conhecimento, atividades, reflexões, é dar oportunidade aos estudantes a vivenciarem o maior número de práticas corporais possíveis, e desta forma, terem conhecimentos sobre as práticas que configuram a Cultura Corporal.

CONSIDERAÇÕES E REFLEXÕES FINAIS

Os conteúdos da Educação Física surgem de uma dinâmica sociocultural, reúnem um rico patrimônio cultural da humanidade que levou séculos para ser construído, e como o ser humano tem a capacidade de intervir na cultura, os professores podem através de suas aulas, apresentá-los, experimentá-los, e ressignificá-los. Perante isto, através das aulas de EFE os estudantes têm a

⁴² Cartilha editada depois das considerações dos professores e a leitura feita pela pesquisadora.

⁴³ Conceito discutido no capítulo II.

oportunidade de experimentar muitas práticas da cultura corporal, e dependendo de como são apresentadas, de como são compreendidas podem vir a interferir no modo de ser dos mesmos.

Assim, trabalhar de forma contextualizada e tematizada nas ações educativas é de fundamental importância, pois teoria e prática são faces distintas de uma mesma totalidade, logo, a teorização da consciência corporal, da cultura corporal é essencial no cotidiano da EFE, e através desta estratégia pode-se promover o desenvolvimento dos estudantes para serem capazes de interpretar de forma autônoma e crítica às práticas corporais que conhecem e/ou praticam.

Portanto, ampliar a perspectiva da Educação Física para uma maior compreensão da cultura corporal pode vir a ser complexo, pois este componente curricular se depara hoje com o novo desafio. Nunca a Educação Física teve tantas alternativas pedagógicas e se faz presente na escola como hoje, mas também talvez nunca tenha tido tanta dificuldade em estar na escola como hoje! Isso é um paradoxo, pois os professores têm muitas alternativas pedagógicas para intervir na escola, como conteúdos inovadores, métodos inovadores, mas ao mesmo tempo, os mesmos têm diversas dificuldades, desde estruturais, financeiras, pedagógicas até a formação profissional, enfim vários aspectos que podem impedir uma renovação pedagógica.

Não há mais dúvida que a Educação Física precisa renovar para alcançar inclusive uma identificação junto aos estudantes e entrar em sintonia com o mundo contemporâneo, acessar práticas da cultura corporal que existem muito além dos muros escolares, logo, se torna essencial na práxis do professor de Educação Física renovar o trato pedagógico com as práticas já existentes, e incluir outras práticas corporais.

A estrutura física de algumas escolas possui a quadra esportiva, e só a presença dela pode promover alguns conceitos retrógrados sobre o espaço da EFE. A quadra tem as linhas demarcadas dos quatro esportes coletivos mais comuns (basquete, vôlei, futebol, e handebol), então, muitas vezes, acaba-se utilizando o espaço porque está ali, pronto para ser usado, apenas aguardando os estudantes, um conjunto de bolas e fundamentos daqueles esportes tradicionais. É preciso promover a EFE para além das quadras! Onde a sala de aula da EFE seja em todos

os espaços da escola. Ampliar, diversificar, ressignificar a cultura corporal dentro do espaço escolar, promover diferentes⁴⁴ conteúdos através de diversas linguagens possibilita ao estudante uma expansão de conhecimentos de forma significativa.

Uma das características do produto produzido e compartilhado nesta pesquisa, a Cartilha Pedagógica sobre o Esporte Orientação, é um recurso para promover a diversificação dos conteúdos na EFE, e para possibilitar aos estudantes se identificarem com outra prática da Cultura Corporal. Neste estudo buscou-se analisar o conteúdo “Esporte Orientação”, e sua viabilidade no espaço escolar, para alcançar os objetivos específicos a Educação Física, e como fomentador de questões de sustentabilidade e de contextualização de territórios.

Com a disponibilização da Cartilha pretendeu-se fomentar o trabalho docente e a promoção de um currículo diferenciado, assim apresentou-se esse subsídio pedagógico para professores que tinham pouco conhecimento e/ou nenhuma expertise sobre o conteúdo e sua aplicabilidade dentro do contexto escolar.

Uma cartilha pedagógica com atividades direcionadas para ambientes escolares, de um esporte que possui características peculiares em relação às demais práticas desenvolvidas nas aulas de EFE. Um material didático que buscou viabilizar uma aprendizagem do Esporte Orientação na escola através de mapas simples, com o desenvolvimento de diversos conteúdos de diversas disciplinas, e a de vivências em ambientes naturais, sejam eles na parte externa da escola, ou próxima da escola. Apresentou com suas atividades a possibilidade da prática do Esporte Orientação em qualquer espaço, desde que mapeado. Vislumbrando os espaços que poderiam ser disponibilizados para a prática do esporte na escola, o professor poderia desenvolver as atividades em espaços como: salas de aula, pátios, ginásios, todo espaço escolar, e se possível, em ambientes naturais próximos a escola.

Esta cartilha foi aplicada por quatro professores do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino da Cidade do Rio de Janeiro, sendo que dois professores

⁴⁴ Continuamos a acreditar, fundamentar, argumentar, defender e elaborar a Educação Física Crítico-Superadora, por compreender que a obra traz contribuições ímpares para o objeto de estudo específico da Educação Física na escola, elucidando os sentidos e significados em tratar os **diferentes temas da Cultura Corporal**, como expressão de sua linguagem. (SOARES et al., 2012, p. 119, grifo nosso).

aplicaram nos anos iniciais, e dois professores aplicaram nos anos finais do Ensino Fundamental. Os resultados obtidos pelo recorte feito neste estudo permitiram concluir que a cartilha viabilizou vivências do Esporte Orientação através de sua sequência pedagógica de atividades no espaço escolar. Contudo, analisando os dados, ressalta-se alguns apontamentos dos professores, sujeitos da pesquisa, em relação à aplicabilidade da cartilha, como as particularidades técnicas sobre o esporte não muito explicadas e exemplificadas, e a necessidade de flexibilização das atividades por conta de falta de material específico e particularidades do espaço escolar.

Contudo, os dados de fundamentação teórica desta pesquisa revelaram que mesmo com toda esta complexidade, muito se tem discutido e refletido sobre a importância do ensino e difusão desta modalidade esportiva. As práticas de esportes em ambientes naturais apresentam-se como possibilidades de aproximação entre o indivíduo e o meio ambiente, e uma discussão crítica sobre o relacionamento homem-natureza.

A BNCC homologada em 2018 apresenta as PCAs, e as fundamenta enquanto conteúdos nas aulas de EFE, e como meio de afirmação na relação entre o ser humano e a natureza. Pressupõe que, estes conteúdos oferecerão a discussão sobre o meio ambiente e a sustentabilidade como eixos transversais no contexto escolar. Porém, algumas críticas são tecidas por muitos estudiosos da PCAs no sentido de engessamento do conteúdo na BNCC para determinados grupos escolares, no caso, o último ciclo do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Outras argumentações foram encontradas nos estudos em relação às PCAs, como Neira (2018) que acha preocupante a classificação de algumas práticas corporais como de “aventura” na BNCC. Um exemplo claro é o Esporte Orientação, que para maioria dos seus praticantes no Brasil e no Mundo é considerado como uma modalidade esportiva, e não como uma prática corporal de “Aventura”, logo, a pesquisa seguiu essa compreensão e reiterou-se essa conceituação para a prática corporal estudada, sendo “Esporte Orientação”.

Os dados teóricos relatam uma série de documentos nacionais voltados para orientação da Educação Nacional, no que se refere à possibilidade de trabalhar de forma interdisciplinar e contextualizada o desenvolvimento de uma Educação

Ambiental. A LDB, as DCNs, os PCNs, todos sem exceção, promovem que a Educação Ambiental aconteça através dos conteúdos, das diversos componentes curriculares, de forma transversal, porém apesar apresentar essa premissa de ensino amplo e subjetivo, muitas das experiências escolares são estanques, pontuais e/ou comemorativa, como o dia da árvore, dia do meio ambiente, semana da sustentabilidade. Somente nas discussões e elaboração da BNCC aparecem de forma bem clara e direcionada, principalmente quando colocam as PCAs como meio de promoção da Educação Ambiental.

Entretanto neste estudo, apresenta-se o Esporte Orientação como estratégia pedagógica, como um conteúdo para EFE, e materialização de diversos conceitos de distintos componentes curriculares do currículo⁴⁵ escolar. O potencial pedagógico deste esporte está na condição de materializar conceitos escolares, devido a práxis educativa do esporte, que permeia por uma variedade de informações e ensinamentos.

Apresentar a possibilidade de estudar as questões ambientais de uma forma contextualizada e exploratória é mais um dos potenciais deste esporte, pois se apresenta como um conteúdo que possibilita diálogos com temas socioambientais na sua esfera social, e o desenvolvimento de uma Educação Ambiental pensando em sustentabilidade de forma social, cultural e política. As vivências do Esporte Orientação poderão estimular nos estudantes anseios à prática de esportes na natureza, e possibilitar o desenvolvimento dos mesmos numa perspectiva sustentável.

Os dados da pesquisa também destacam que para os professores desenvolvem conteúdos como o Esporte Orientação será necessário que os cursos de formações iniciais se reestruturem, e o oferecimento de formação continuada

⁴⁵ O currículo capaz de dar conta de uma reflexão pedagógica ampliada e comprometida com os interesses das camadas populares tem como eixo a constatação, a interpretação, a compreensão e a explicação da realidade social complexa e contraditória. Isso vai exigir uma organização curricular em outros moldes, de forma a desenvolver outra lógica sobre a realidade, a lógica dialética, com a qual o aluno seja capaz de fazer outra leitura. Nesta outra forma de organização curricular se questiona o objeto de cada disciplina ou matéria curricular e coloca-se em destaque a função social de cada uma delas no currículo/ Busca situar a sua contribuição particular para explicação da realidade social e natural no nível do pensamento/reflexão do aluno. Isso porque o conhecimento matemático, geográfico, artístico, histórico, linguístico, biológico ou corporal expressa particularmente uma determinada dimensão da "realidade" e não a sua totalidade. (SOARES et al., 1992, p. 17, grifo nosso)

com essas novas demandas educacionais para os professores com tempo de magistério que atuam no chão da escola, pois a formação é fundamental e essencial neste momento, principalmente com as mudanças propostas e obrigatórias trazidas na BNCC. Com todas essas mudanças na política educacional brasileira, se torna necessário estudar, refletir e discutir sobre essa reformulação curricular apresentada pela BNCC, que irá refletir na formação inicial e continuada dos professores. Haja vista que, a inovação curricular para EFE que são as PCAs, muitos professores nunca tiveram contato com esses conteúdos, muitas universidades ainda não possuem disciplinas que deem conta desses conteúdos, logo, exigindo e criando expectativas de ações pedagógicas inviáveis no primeiro momento. Irá depender da proatividade dos professores em atuação, para que conteúdos jamais vistos e experimentados por eles sejam compartilhados com seus estudantes.

No caso desta pesquisa, quatro professores decidiram inovar, experimentar, aprender e ensinar o Esporte Orientação, sendo que um deles, já trabalhava com esse conteúdo. Os dados teóricos também revelaram que conteúdos e práticas do Esporte Orientação no espaço escolar desses professores promoveram uma renovação pedagógica, porque através dos relatos observou-se que a cartilha viabilizou uma ampliação de conhecimento sobre o esporte, e vivências singulares aos estudantes. O que foi proposto para os professores, foram atividades que promoveram vivências do Esporte Orientação, que é singular, diferenciado como disse um dos sujeitos da pesquisa, motivador, complexo e de característica investigativa. Sempre fazendo com que seus praticantes busquem algo, escolha estratégias, defina ações, e tire conclusões. Essas são ações naturais na prática do Esporte Orientação, que fazendo um paralelo como nossas ações cotidianas, todas elas fazem parte da vida do ser humano, assim outro potencial do esporte, extremamente formativo!

Notou-se também, conforme as análises realizadas pelas observações da pesquisadora, que os professores sentiram um pouco de dificuldade em relação às questões mais técnicas do esporte e a especificação dos materiais para a prática do esporte. Observou outro aspecto limitante para a prática do Esporte Orientação no ambiente escolar, que foi a estrutura física da escola, onde um professor destacou que necessitou de adaptações de certas atividades em função dos espaços do

ambiente escolar. A falta de espaços naturais adequados à sua prática, além da falta de materiais são alguns aspectos que também limitam o acesso ao Esporte Orientação, portanto pode-se considerá-lo um esporte elitizado, o que acaba por dificultar o envolvimento de pessoas pertencentes às classes menos favorecidas.

Ainda, de acordo com a fundamentação teórica, a prática corporal “Esporte Orientação” necessitará de muitos estudos, pesquisas, investimentos públicos para se tornarem realidade no contexto escolar, como: produção de propostas pedagógicas, distribuição de materiais específicos, viabilidade para prática em ambientes naturais, muitas dessas ações são extremamente necessárias para desenvolver tais possibilidades de práticas corporais inéditas no contexto escolar.

Neste estudo, foi possível perceber a exacerbação técnica da cartilha, e o quanto o material deixou de problematizar algumas questões que são explícitas em sua prática, como discutir o espaço escolar e as questões socioambientais que permeiam aquele espaço. Está certo, que foi criada para apresentar o esporte num trimestre, logo ser ensinado em doze aulas de forma mais objetiva possível, um número de aulas que realmente é insuficiente para entender toda a complexidade do esporte, e suas possibilidades. Entretanto, as atividades poderiam trazer pequenos apontamentos teóricos para que o professor pudesse juntos com seus estudantes refletir sobre tais questões.

A clareza desta lacuna surgiu com estudos feitos da obra de Milton Santos (2006) “A Natureza do Espaço”, onde foi feita uma reflexão de como o Esporte Orientação pode dialogar com questões sociais perpassadas nos estudantes, fazendo uma correlação com espaços geográficos onde estão inseridos. Discutir questões sobre territórios, em particular “a escola”, os resultados do processo histórico quanto à base material e social das novas ações pedagógicas, tanto dos professores como dos estudantes. Com os estudos, compreendeu-se que a escola é um “território da educação”. Um território usado que pode condicionar e explicar as relações com os espaços que estão ao seu redor; mostrar as relações entre as zonas edificadas e não edificadas da escola, a sua distribuição e o seu uso; e as relações interpessoais instauradas naquele espaço. Neste cenário, o Esporte Orientação na sua práxis pode auxiliar na identificação da realidade, da história, e do potencial daquele espaço geográfico, assim contribuir com esse território, e no

fomento das ações educativas, a fim de proporcionar uma educação pública de excelência.

Com base nestes dados, entendeu-se a necessidade de revisitar a Cartilha, considerando os relatos dos sujeitos e as observações da pesquisadora, para de editá-la, aprimorá-la, torná-la cada vez mais salutar, compreensível, efetiva, eficiente e eficaz no alcance dos objetivos educacionais. Assim, a pesquisa apresenta um produto pedagógico revisitado, que apesar de não ser testado novamente, por meio de pesquisa, pelo mesmo grupo de sujeitos, será disponibilizada para os mesmos, onde poderão constatar que a cartilha foi editada seguindo seus relatos de experiências e trazendo conceitos, formulações e atividades diferentes, para assim evidenciar que a necessidade de inovar, renovar, reaplicar, precisa estar presente na prática educativa, com a reformulação de metas, objetivos, planejamentos e estratégias pedagógicas. Assim aconteceu com a Cartilha, que estará sempre suscetível a mudanças.

Assim fazer reflexões em cima de ações geradas pela cartilha foi essencial para fazer um vínculo mais coerente entre prática e a teoria. Analisar métodos, repensar atividades é entender que o professor e/ou a pesquisadora não podem ficar com apenas uma única didática, com uma única estratégia, com uma única maneira de dar aula, porque assim ambos podem atingir apenas um determinado grupo de estudantes, e outra parcela de estudantes podem não ser atingidos, com também determinados objetivos previstos para o conteúdo podem não serem alcançados.

Por todas essas contribuições, considera-se viável e importante que essa Cartilha seja sempre que possível ser testada e editada, pois esse esporte está apenas iniciando o seu trajeto no contexto escolar brasileiro, muito se tem a pesquisar, elaborar, e aplicar. Muitas dúvidas e ideias ainda estão a surgir, assim, os estudos sobre o Esporte Orientação e suas possibilidades precisam ser mais efetivos na Academia e na Educação Básica, por exemplo, como trabalhar esse conteúdo de forma espiral, iniciando na Educação Infantil até o Ensino Médio. Para isto, demanda muito estudo, muita investigação e muita formação.

O percurso investigativo, com o estudo de diversos documentos educacionais nacionais, e as obras de diversos autores trouxeram diversos conhecimentos e compreensão sobre a importância das práticas corporais em ambiente naturais, e a importância se terem tratadas nas aulas de EFE, porém muitos dos mesmos autores também afirmam que esta temática é pouco tratada nas escolas, que muitos professores de Educação Física não acreditam na viabilidade destas práticas corporais no contexto escolar.

Como apontado neste estudo, tanto na revisão de literatura quanto nas análises dos dados, existe uma negligência perante a Educação Infantil e os anos iniciais Ensino Fundamental, no que se refere ao proporcionar vivências das práticas corporais em ambientes naturais, o que se reafirma a importância de estudos com esse recorte, a fim de, buscar evidências positivas e/ou negativas sobre as consequências perante a exclusão destes conteúdos para essas etapas da Educação Básica.

No que se refere à prática do Esporte Orientação em ambiente natural (parques, bosques, praças, trilhas, etc.), entende-se que, antes de vivenciá-las no ambiente externo à escola, é necessário vivenciá-las previamente nos próprios espaços escolares, por conta disto, acreditou-se no potencial pedagógico da Cartilha, que poderia ter um papel fundamental na apresentação do esporte na escola. Por outro lado, de acordo com a abordagem realizada na revisão teórica, não é tarefa simples viabilizar a saída dos estudantes para ambientes naturais, principalmente para os estudantes das escolas públicas. Questões estruturais e financeiras que inviabilizam tais experiências, fora a questões técnicas do esporte, que demanda de uma dedicada organização para sua prática em ambientes naturais. Enfim, necessitaria que a comunidade escolar estivesse junta nessas experiências e de políticas públicas educacionais que viabilizassem essas aulas em ambientes naturais.

Visto a complexidade do tema, acredita-se ainda que os aprofundamentos teóricos e práticos sobre o Esporte Orientação devam ser tratados com base na complexidade, pois alguns conteúdos e fundamentos do esporte são muito técnicos. Assim, estudá-lo com propriedade, pode possibilitar a exploração das vertentes, política, crítica e social sobre o espaço. Logo, essa prática corporal pode trazer uma

discussão contextualizada, de forma bem ampla e significativa, conceitos inerentes, objetivos e subjetivos propostos e imbuídos na Escola.

Portanto, é imprescindível a continuação das discussões pautadas por esta pesquisa, ampliando as possibilidades e as contribuições pedagógicas do Esporte Orientação, como conteúdo da EFE que oportuniza a contextualização diversos conceitos, de diversos componentes curriculares através de uma prática corporal. Porém, avançaria para além da interdisciplinaridade, seria uma nova perspectiva para o ensino do Esporte Orientação, como tratar a apresentação dos mapas de forma contextualizada dos ambientes escolares, materializando o que é aquele espaço escolar, dentro daquele bairro, dentro daquela cidade, dentro daquele país, com aquele público e conseqüentemente suas ações, logo, trazer para os estudantes a importância do espaço geográfico escola e suas questões socioambientais.

A presente pesquisa emergiu da necessidade de aprofundamento teórico a respeito de uma prática promovida durante 15 anos escolas públicas pelas quais lecionei, dentre tantos aspectos de contribuições deste estudo, ratificam-se o aperfeiçoamento e o crescimento pessoal e profissional da presente pesquisadora e professora de Educação Física. Neste sentido, esta pesquisa proporcionou a professora-pesquisadora algumas respostas, mas trouxe diversas incertezas e questionamentos que permeiam sobre as vivências do Esporte Orientação no contexto escolar.

O objetivo deste estudo foi analisar a aplicabilidade da Cartilha elaborada para o Esporte Orientação, e a perspectiva desta prática corporal no contexto escolar. Por fim, verificou-se que a Cartilha proporcionou aos professores possibilidades pedagógicas para apresentar o Esporte Orientação, e tornando viável a prática do mesmo no ambiente escolar. Uma Cartilha pedagógica como apoio didático, isoladamente, é insuficiente para promover qualquer prática corporal inovadora, mas certamente com um investimento pedagógico por parte do professor, com apoio da gestão escolar, da equipe pedagógica, e com um investimento político por parte da gestão educacional, pode ser uma relevante possibilidade para a renovação pedagógica tão almejada na EFE. Apesar dos objetivos alcançados, já se compreendeu a incompletude desta pesquisa, e que a continuação dessas

discussões será imprescindível para o aprofundamento teórico e prático desta temática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, M. J. **Relações entre Educação Ambiental e Educação Física – um estudo na rede municipal de ensino de Curitiba**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Paraná, Curitiba, 2010.

A ESTIMATIVA da taxa de desmatamento por corte raso para a Amazônia Legal em 2019 é de 9.762 km². **O Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE**, São José dos campos, 18 novembro 2019. Disponível em: http://www.inpe.br/noticias/noticia.php?Cod_Noticia=5294. Acesso: 11 de Maio 2020.

ALBINO, A.C.A.; SILVA, A.F. BNCC E BNC da formação de professores: repensando a formação por competências. *Revista Retratos da Escola*, Brasília, v.13, n.25, p.137-153, jan./mai.2019.

ALMEIDA, R. D.; PASSINE, E. Y. **Do desenho ao mapa: iniciação cartográfica na escola**. 2ed. São Paulo: Contexto, 2001.

ALMEIDA, R. D.; PASSINE, E. Y. **Cartografia Escolar**. (org.). 2ed. São Paulo: Contexto, 2001.

ALMEIDA, R. D.; PASSINE, E. Y. **O espaço geográfico: ensino e representação**. 15ed. São Paulo: Contexto, 2006.

ALMEIDA, A. C. P. C. *Esporte, Aventura e Natureza: o praticante e a responsabilidade ambiental*. IN: MARINHO, A.; UVINHA, R. R. (Org). **Lazer, Esporte e aventura: a natureza em foco**. Campinas: Editora Alínea, 2009.

ALMEIDA, F. Q. *Educação Física Escolar e práticas pedagógicas inovadoras: uma revisão*. **Corpoconsciência**, Cuiabá-MT, v. 21, n. 3, p. 7-16, set./dez.2017.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS –GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO (ANPEd) et al. *Nota sobre a Base Nacional Comum para Formação de Professores*. 21/12/2018. 2018. Disponível em: <http://www.anped.org.br/news/nota-sobre-base-nacional-comum-para-formacao-de-professores>. Acesso em: 30 abr.2020.

ARMBRUST, I.; SILVA, S. A. P. S. *Pluralidade Cultural: os esportes radicais na Educação Física escolar*. **Movimento**, Porto Alegre, v.18, n.1, p. 281-300, jan./mar. 2012.

BETTI, M. *Educação física e cultura corporal de movimento: uma perspectiva fenomenológica e semiótica*. **Revista da educação física**, Maringá, v. 18, n. 2, p. 207-217, 2. sem. 2007.

BETRÁN, J. O. BETRÁN, A.O. *La crisis de la modernidad y el advenimiento de la posmodernidad: el deporte y las prácticas físicas alternativas en el tiempo de ocio activo*. **APunts**, Barcelona, Espanha, v.41, n.3, p.10-29, 1995.

BILIONÁRIOS do mundo têm mais riqueza do que 60% da população mundial. **OXFAM Brasil**, Pinheiros, 19 Janeiro 2020 Disponível em:

<https://oxfam.org.br/noticias/bilionarios-do-mundo-tem-mais-riqueza-do-que-60-da-populacao-mundial/>. Acesso: 11 de Maio de 2020.

BRACHT, V. **Dilemas no cotidiano da educação física escolar: entre o desinvestimento e a inovação pedagógica**. Salto para o futuro - Educação Física Escolar: dilemas e práticas, ano XXI, boletim 12, 2011.

BRACHT, Valter. **Educação física e ciência: cenas de um casamento (in)feliz**. Ijuí, RS: Unijuí, 1999.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: 1ª versão. Brasília: MEC, 2015. 302 p.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: proposta preliminar. 2ª versão revista. Brasília: MEC, 2016. 652 p.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Versão Final. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2020]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 25 mai.2020.

BRASIL gera 79 milhões de toneladas de resíduos sólidos por ano. **Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais - ABRELPE**, São Paulo, 2019. Disponível em: <http://abrelpe.org.br/download-panorama-2018-2019/>. Acesso em: 08 de Maio de 2020.

BRASIL. **Lei de n.º 5.173, de 27 de outubro de 1966**. Dispõe sobre o Plano de Valorização Econômica da Amazônia; extingue a Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA), cria a Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, [1966]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5173.htm#art63. Acesso em: 25 mai.2020.

BRASIL. **Lei de n.º 9.394, de 20 de dezembro 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, [1996]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 25 mai.2020.

BRASIL. **Lei 9.795 de 27 de abril de 1999**. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. DF: Presidência da República, [1999]. Disponível em <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 22 de Fevereiro de 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: ME/SEB, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação e Desporto. Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997 (área: Educação Física; ciclos 1 e 2).

BRASIL. Ministério da Educação e Desporto. Secretaria de Ensino Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997 (área: Meio Ambiente; ciclos 3 e 4).

BRASIL. Plano Nacional de Educação – PNE. Brasília: MEC, 2011.

BRASIL tem 48% da população sem coleta de esgoto, diz Instituto Trata Brasil. Agência Senado, Brasília, 25 Setembro 2019. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/09/25/brasil-tem-48-da-populacao-sem-coleta-de-esgoto-diz-instituto-trata-brasil>. Acesso em: 08 de Maio de 2020.

BRUHNS, H. T. Lazer e Meio Ambiente: corpos buscando o verde e a aventura. Revista Brasileira de Educação Física. Ijuí, v. 18, n.2, p.86-92, 1997.

CALDART, R.S. Por uma Educação do Campo: traços de uma identidade em construção. In ARROYO, M., et al. (Orgs.). Por uma Educação de Campo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004, p.150.

COLL, C. Psicologia e currículo. São Paulo: Ática; 1997.

CORRÊA, I. L. S.; MORO, R. L. Educação Física Escolar: reflexão e ação curricular. Ijuí: Unijuí, 2004.

COSTA, L. P. (Org.). Meio Ambiente e Desporto. Uma Perspectiva Internacional. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, Portugal: Universidade do Porto, 1997.

DARIDO, S.C.; RANGEL, I.C.A. Educação Física na Escola: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DARIDO, S.C. Educação Física na Escola: questões e reflexões. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

DARIDO, S.C. Educação Física na escola: realidade, aspectos legais e possibilidades. In: Universidade Estadual Paulista. Prograd. Caderno de formação: formação de professores – didática geral, v. 16. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 21-33.

DARIDO, S.C.; TAHARA, A.K. Diagnóstico sobre a abordagem das práticas corporais de aventura em aulas de educação física escolar em ilhéus/BA. Movimento, Porto Alegre, v.24, n.3, p.973-986, jul./set. de 2018.

DIAGNÓSTICO dos serviços de água e esgotos – 2018. Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento – SNIS 2018, Brasília, 05 Dezembro 2019. Disponível em: <http://www.snis.gov.br/diagnostico-anual-agua-e-esgotos/diagnostico-dos-servicos-de-agua-e-esgotos-2018>. Acesso em: 08 de Maio de 2020.

DIAS, C. A. G. Notas e Definições sobre Esporte, Lazer e Natureza. Licere, Belo Horizonte, v. 10, n. 3, dez. 2007.

DICIONÁRIO. Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

DORNELLES, J. A. F. O Percurso de Orientação. Santa Maria: 2005.

ESTUDO divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) revela que a concentração de renda aumentou em 2018, reforçando a extrema desigualdade social no país. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Brasília, 2018. Disponível em:

<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/condicoes-de-vida-desigualdade-e-pobreza.html>. Acesso em: 08 de Maio de 2020.

FAZENDA, Nani C. A. **A interdisciplinaridade na Sala de Aula. In: Apostila didática Aplicada a Psicopedagogia. Pós-Graduação. Ensino a distância.** Rio de Janeiro: Exército Brasileiro, Centro de Estudo de Pessoal, 1998.

FARIAS, U. S.; NOGUEIRA, V. A.; MALDONADO, D. T. **Práticas pedagógicas inovadoras nas aulas de Educação Física Escolar: indícios de mudanças.** Curitiba: CRV, 2017.

FENSTERSEIFER, P. E.; GONZÁLEZ, F. J. *Educação física escolar: a difícil e incontornável relação teoria e prática.* **Motrivivência**, v. 19, n. 28, p. 27-37, jul. 2007.

FENSTERSEIFER, P. E.; SILVA, M. A. *Ensaando o “novo” em educação física escolar: a perspectiva de seus autores.* **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 33, n. 1, p. 119- 134, jan./mar.2011.

FETZNER, A.R. **Currículo.** v.1. Rio de Janeiro: Fundação Cecierj, 2009.

FRANCO, L. C. P.; CAVASINI, R.; DARIDO, S. C. *Práticas corporais de aventura. In: GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S. C.; GADOTTI, M. Eco 92 e educação ambiental.* **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, v.2, n.2, p.29-44, out.1993.

FRANCO, L. C. P. **Atividades físicas de aventura na escola: uma proposta pedagógica nas três dimensões do conteúdo.** 2008. *Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade).* Universidade Estadual Paulista, São Paulo. 2008.

FRANCO, L. P.; TAHARA, A. K.; D., S. C. *Práticas corporais de aventura nas propostas curriculares estaduais de educação física: relações com a base nacional comum curricular.* **Corpoconsciência**, v. 22, n. 01, p. 66-76, jan./ abr., 2018.

FRANCO, L. C. P.; CAVASINI, R.; DARIDO, S. C. *Práticas corporais de aventura. In: GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. A. B. (Orgs.).* **lutas, Capoeira e Práticas corporais de aventura: práticas corporais e a organização do conhecimento.** Maringá: Eduem, 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. *Eco 92 e educação ambiental.* **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, v.2, n.2, p.29-44, out.1993.

GONZÁLEZ, F. J. *Atuação dos professores de educação física escolar: entre o abandono do trabalho docente e a renovação pedagógica. In: SILVA, P. C. C. e colaboradores. Territorialidade e diversidade regional no Brasil e na América*

Latina: suas conexões com a educação física e as ciências do esporte. Florianópolis, SC: Tribo da Ilha, 2016.

GOODSON, I. Currículo, narrativa e o futuro social. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v.12, n.35, p. 241-252, maio/ago. 2007.

GOODSON, I. **Currículo: Teoria e História.** Petrópolis: Vozes, 2012

INÁCIO, H. L. D. et.al. Práticas corporais de aventura na escola: possibilidades e desafios – reflexões para além da Base Nacional Comum Curricular. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 168-187, set. 2016.

INÁCIO, H. L. D. et.al. Práticas corporais de Aventura na Natureza. In: González, F.; FENSTERSEIFER, P. (Org.). **Dicionário Crítico de Educação Física.** 3ed. Ijuí: Unijuí, 2014, v. 01, p. 531-535.

INÁCIO, H. L. D. Lazer, Educação e Meio Ambiente: Uma Aventura em Construção. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 9, n. 1, p. 45-63, jan./jun. 2006.

INÁCIO, H. L. D.; MORAES, T. M.; SILVEIRA, A. B. Educação Física e Educação Ambiental: Refletindo Sobre a Formação e Atuação Docente. **Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**, Campinas, v. 11, n. 4, p. 1-23, out./dez. 2013.

INÁCIO, H. L. D. Lazer, educação e meio ambiente: uma aventura em construção. **Pensar a Prática**, Rio de Janeiro, v. 9, p.45-63, 2006.

INÁCIO, H.L.D. Educação Física e Ecologia: dois pontos de partida para o debate. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte.** Ijuí, v. 18, n.2, p.135-140, 1997.

INÁCIO, H. L. D.; MARINHO, A. Educação Física, meio ambiente e aventura: um percurso por vias instigantes. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte.** v.28,n.3, p.55-70, mai.2007.

INÁCIO, H. L. D.; SILVA, A. P. S.; PERETTI, E. ; LIESENFELD, P. A. Bastidores das práticas de aventura na natureza. In: SILVA, A.M.; DAMIANI, I. R. (Org.). **Práticas corporais: experiências em Educação Física para outra formação humana.** 1ª. ed. Florianópolis: Nauemblu Ciência e Arte, v. 3, p. 69-87, 2005.

LEITE, D. M. T.; CAETANO C. A. Educação física, esporte e lazer na natureza: preservação, modismo, apologia. Será tudo isso? **Motrivivência**, Florianópolis, ano 16, n. 22, p. 137-143, jun. 2004.

LE BOULCH, J. **Psicomotricidade: A psicocinética na idade escolar.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

LOUREIRO, C. F. **O movimento ambientalista e o pensamento crítico: uma abordagem política.** Rio de Janeiro: Quartet, 2003.

LOUREIRO, C. F. B. **Identidades da educação ambiental brasileira.** Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004.

MACHADO, N. J. **Sobre a ideia de competências.** In: PERRENOUD, P. et al. *As competências para ensinar no século XXI – formação de professores e o desafio da avaliação.* Porto Alegre: ARTMED, 2002.

MAIA, A. G.; PIRES, P. S. *Uma compreensão da sustentabilidade por meio dos níveis de complexidade das decisões organizacionais.* **Rev. Adm. Mackenzie**, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 177-206, mai./jun. 2011.

MENDES, M. M. D.; OLIVEIRA, G. L. **A produção de cartilhas científicas: uma proposta pedagógica sobre sustentabilidade no ensino médio.** *Centro de Ensino e Aprendizagem em Rede - Universidade Estadual de Goiás. Aparecida de Goiânia/GO*, 2017.

MELO, R. J. E. S. *Desportos de Natureza: reflexões sobre a sua definição conceptual.* *Exedra, Coimbra*, n. 2, 2009.

MICHAELIS. **Dicionário Michaelis On-line.** Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br>. Acesso em: 12 de Maio de 2020.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento.** 10. Ed. São Paulo: HUCITEC, 2007.

MOREIRA, A. F. B.; CANDAU, V. M. *Currículo, Conhecimento e Cultura.* In: BEAUCHAMP, J.; NASCIMENTO, A.; PAGEL, S. (Orgs.) **Indagações sobre o currículo: currículo, conhecimento e cultura.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007, p. 17-48.

MOVIMENTO PELA BASE NACIONAL COMUM. **Critérios da formação continuada dos referenciais curriculares alinhados à BNCC.** Disponível em: <http://movimentopelabase.org.br/wp-content/uploads/2019/01/PDF-Crit%C3%A9rios-de-Forma%C3%A7%C3%A3o-v6-final.pdf>. Acesso em: 26 mai.2020.

NEIRA, M.G. *Base Nacional Comum Curricular e as perspectivas da formação de professores de educação física.* In: CONGRESSO NORTE PARANAENSE DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR – CONPEF, 9.; CONGRESSO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 4., 2019, Londrina. *Anais [...]. Londrina: UEL*, 2019. P.01-22.

NEIRA, M. G.; ALVIANO JÚNIOR, W.; ALMEIDA, D. F. *A primeira e segunda versões da BNCC: construção, intenções e condicionantes.* **EccoS – Rev. Cient.**, São Paulo, n. 41, p. 31-44, set./dez. 2016

NEIRA, M.G. *Incoerências e inconsistências da BNCC de Educação Física.* **Revista Brasileira Ciência do Esporte**, Brasília, Porto Alegre, v.40, n.3, p. 215-223, jul./set. 2018.

NEIRA, M.G. *O currículo cultural da educação física: pressupostos, princípios e orientações didáticas.* **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v.16, n.1, p. 4 – 28 jan./mar.2018.

NEIRA, M. G.; SOUZA JÚNIOR, M. A *Educação Física na BNCC: procedimentos, concepções e efeitos*. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 188-206, setembro/2016.

NETO, G. P.; OLIVEIRA, V. M.; MOTA, J. F.; FRANÇA, N. F. **Materialismo histórico dialético como referência para a Educação Física Crítica**. 3º CONCENO. Pará, 2010.

NOGUEIRA, V. A. et al. *Práticas Corporais e Paulo Freire: uma análise sobre a produção do conhecimento*. **Movimento**, Porto Alegre, v. 24, n. 4, p. 1265-, out./dez. de 2018.

NOVAS estimativas do SEEG Brasil - Sistema de Estimativas de Emissões de Gases de Efeito Estufa – 2018. **Sistemas de estimativas de emissões de gases do Brasil - SEEG**. Disponível em: <http://seeg.eco.br/>. Acesso: 11 de Maio de 2020.

PASINI, C. G. D. **Corrida de Orientação: esporte e ferramenta pedagógica para o ensino**. Três Corações: Gráfica Excelsior, 2004.

PENA, R. F. A. **O que é espaço geográfico?** *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/geografia/o-que-e-espaco-geografico.htm>. Acesso em 23 de junho de 2019.

PEREIRA, D. W.; ARMBRUST, I.; RICARDO, D. P. *Esportes Radicais de Aventura e Ação, conceitos, classificações e características*. **Corpoconsciência**, Santo André, v. 12, n. 1, p. 37-55, 2008.

PERRENOUD, P. **Avaliação da excelência à regulação das aprendizagens: entre duas lógicas**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

POR QUE a doença causada pelo novo vírus recebeu o nome de Covid-19? **Fundação Oswaldo Cruz**, Rio de Janeiro, 17 Março 2020. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/pergunta/por-que-doenca-causada-pelo-novo-virus-recebeu-o-nome-de-covid-19>. Acesso em: 12 de Maio de 2020.

REIGOTA, M. **Meio ambiente e representação social**. São Paulo: Cortez, 2001.

SACHS, I. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

SACHS, J. **A riqueza de todos: a construção de uma economia sustentável em um planeta superpovoado, poluído e pobre**. Tradução Sérgio Lamarão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SANTOS, B.S. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almeidina, 2020.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização (do pensamento único à consciência universal)**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, M. **O país distorcido**. In: RIBEIRO, W.C. (Org.). São Paulo: Publifolha, 2002.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, V. S. **O que é ecossistema**. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/biologia/o-que-e-ecossistema.htm>. Acesso em 11 de maio de 2020.

SCHERMA, E. P. **Corrida de orientação: uma proposta metodológica para o ensino da geografia e da cartografia**. 2010. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro – SP, 2010.

SILVA, T. T. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SILVA, G.B.; FELICETTI, V.L. Habilidades e competências na prática docente: perspectivas a partir de situações-problema. **Educação Por Escrito**, Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 17-29, jan.-jun. 2014.

SILVA, S.M. et al. Prevalência e fatores associados à prática de esportes individuais e coletivos em adolescentes pertencentes a uma coorte de nascimentos. **Rev. bras. Educ. Fis. Esporte**, São Paulo, v.23, n.3, p.263-74, jul./set. 2009.

SILVA, D.C.M. **A profundidade que enxergamos**; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/fisica/a-profundidade-que-enxergamos.htm>. Acesso em 16 de novembro de 2019.

SILVA, M.S.; BRACHT, V. Na pista de práticas e professores inovadores na Educação Física escolar. **Revista Kinesis**, Santa Maria, v. 30, n. 1, p. 80-94, jan./jun.2012.

SILVA, D.C.M. **"A profundidade que enxergamos"**; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/fisica/a-profundidade-que-enxergamos.htm>. Acesso em 03 de maio de 2020.

SOARES, C. L. et al. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SOARES, C. L. et al. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SOUZA JÚNIOR, M. et al. Coletivo de Autores: a cultura corporal em questão **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 2, p. 391-411, abr./jun. 2011.

TAHARA, A. K.; CARNICELLI FILHO, S. A Presença de Atividades de Aventura na Educação Física Escolar. **Arquivos de Ciências do Esporte**, Uberaba, v.1, n.1, p. 60-69, mar.2012.

TAHARA, A. K. DARIDO, S.C. Proposta de unidade didática acerca das práticas corporais de aventura, trilhas interpretativas, educação física escolar e tecnologias de informação e comunicação (TIC). **Revista Corpoconsciência**, Cuiabá, v.18, n.2, p.55-68, 2014.

TAHARA, A. K.; DARIDO, S. C. Diagnóstico sobre a abordagem das práticas corporais de aventura em aulas de educação física escolar em Ilhéus/BA. **Movimento**, Porto Alegre, v. 24, n. 3, p. 973-986, jul./set. 2018.

VARGAS, T. G.; GONZÁLEZ, F. J. **Diferentes perfis de professores de educação física na reorganização da disciplina**. Salão do Conhecimento - XXI Seminário de Iniciação Científica, Porto Alegre, 2013.

VENTURA, D.F.L.; RIBEIRO, H.; GIULIO, G.M.; JAIME, P.C.; NUNES, J.; BÓGUS, C.M.; ANTUNES, J.L.F.; WALDMAN, E.A. **Desafios da pandemia de COVID-19: por uma agenda brasileira de pesquisa em saúde global e sustentabilidade**. Caderno Saúde Pública, São Paulo 2020.

VIÑAO, A. **Espaços, usos e funções; a localização e disposição física da direção escolar na escola graduada**. In: BENCOSTTA, M. L. (org.). *História da educação, arquitetura e espaço escolar*. São Paulo: Cortez, 2005.

APÊNDICES

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO 1

DIAGNOSE

Quanto tempo que leciona Educação Física Escolar: _____ anos.

Na sua Formação Inicial (Graduação) você teve alguma disciplina sobre as práticas corporais de aventura na natureza: () Sim () Não.

Você fez alguma Formação Continuada sobre práticas corporais de aventura na natureza: () Sim () Não.

Você fez alguma Formação Continuada Específica em Esporte Orientação:

() Sim () Não

Você pratica o Esporte Orientação:

() Sim () Não

Você já praticou o Esporte Orientação:

() Sim () Não

Você já tinha ensinado o Esporte Orientação na Escola antes da Homologação da BNCC sugerindo essa inovação em conteúdos para Educação Física Escolar? () Sim () Não.

A sua realidade escolar apresenta condições físicas para a prática do Esporte Orientação? () Sim () Não

A escola tem material específico para a prática do Esporte Orientação?

() Sim () Não

Link do Formulário no Google Forms:

https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLScEu4nluJ11tm7wFJR0jiNOqpemfnZsoqJlv0YH-TCh4QNHxg/viewform?usp=sf_link

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO 2

VERIFICAÇÃO DA APLICABILIDADE DA CARTILHA DO ESPORTE ORIENTAÇÃO PARA ALUNOS DO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL.

Qual foi a sua motivação para ensinar o Esporte Orientação?

Porque aceitou aplicar a cartilha do Esporte Orientação?

SOBRE A CARTILHA: *Faça uma análise da cartilha levando em consideração os seguintes aspectos:*

- 1. As atividades foram de fácil entendimento para professor.*
- 2. Teve lógica e seguiu de forma espiral a sequência pedagógica das atividades propostas*
- 3. Foi possível apresentar o Esporte Orientação com as atividades propostas*
- 4. É possível aprofundar o Esporte Orientação a partir das atividades aplicadas*
- 5. Caso tenha feito alguma mudança nas atividades, comente o motivo e como foi feita as flexibilizações.*
- 6. Quais os desafios para aplicação da cartilha?*
- 7. Quais as facilidades?*

Link do Formulário no Google Forms:

https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLScWvWYrJZlzcMT9rNxL0dMtLhDqXeOVVJOu4drdTy9LGfEbpg/viewform?usp=sf_link

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Título da Pesquisa: **“APLICABILIDADE DA PRÁTICA CORPORAL “ESPORTE ORIENTAÇÃO” NO ESPAÇO ESCOLAR.**

Nome do (a) Pesquisador (a): Marion Costa da Silva

Nome do (a) Orientador (a): Hugo Paula Almeida da Rocha

1. **Natureza da pesquisa:** *o sra (sr.) está sendo convidada (o) a participar desta pesquisa que tem como finalidade de analisar a aplicabilidade de um material didático elaborado para viabilizar o aprendizado do Esporte Orientação nas Escolas. Assim, por meio da Educação Física Escolar será apresentada uma proposta de compartilhamento e consolidação do Esporte Orientação através do viés crítico, participativo, transformador e emancipatório, onde se pretende oportunizar um processo ensino-aprendizagem crítico, dinâmico, e desafiador para diferentes culturas, ritmos e níveis de desenvolvimento, promovendo, efetivamente a inclusão social e ambiental através da inserção do Esporte Orientação no currículo com um planejamento bem alicerçado.*
2. **Participantes da pesquisa:** *Cinco professores de Educação Física do Ensino Fundamental (segundo segmento)*
3. **Envolvimento na pesquisa:** *ao participar deste estudo a sra (sr) responderá à pesquisadora dois questionários(um diagnóstico e um avaliativo), como também aplicará a sequência pedagógica da cartilha do Esporte Orientação em uma de suas turmas.*
4. **Riscos e desconforto:** *a participação nesta pesquisa não infringe as normas legais e éticas (especificar aqui possíveis riscos e desconfortos gerados durante a pesquisa). Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade.*
5. **Confidencialidade:** *todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente o (a) pesquisador (a) e seu (sua) orientador (a) (e/ou equipe de pesquisa) terão conhecimento de sua identidade e nos comprometemos a mantê-la em sigilo ao publicar os resultados dessa pesquisa.*

6. **Benefícios:** *ao participar desta pesquisa a sra (sr.) não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes com a disponibilização do material didático para a promoção da prática corporal de aventura esporte orientação no contexto escolar, de forma que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa viabilizar vivências inéditas e/ou inovadoras, onde pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos, respeitando-se o sigilo das informações coletadas, conforme previsto no item anterior.*
7. **Pagamento:** *a sra (sr.) não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.*

A sra (sr.) tem liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para a sra (sr.). Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone do (a) pesquisador (a) do projeto e, se necessário através do telefone do Comitê de Ética em Pesquisa.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que se seguem: Confiro que recebi uma via deste termo de consentimento, e autorizo a execução do trabalho de pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Obs: Não assine esse termo se ainda tiver dúvida a respeito.

Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa:

Nome do Participante da Pesquisa

Assinatura do Participante da Pesquisa

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Orientador

Pesquisador: Marion Costa da Silva – (21) 97 [REDACTED]

Orientador: Hugo Paula Almeida da Rocha – (21) 9 [REDACTED]

Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa: Profa. Dra. Edna Maria do Carmo

Vice-Coordenadora: Profa. Dra. Andreia Cristiane Silva Wiezzel

Telefone do Comitê: 3229-5315 ou 3229-5526

E-mail cep@fct.unesp.br

APÊNDICE D – Cartilha Pedagógica do Esporte Orientação (APLICADA)

CARTILHA PEDAGÓGICA

**ESPORTE ORIENTAÇÃO,
DIVERSIFICANDO O CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

MARION COSTA DA SILVA



RIO DE JANEIRO

2019

ÍNDICE

CAPÍTULO I: Orientação, mais um conteúdo para diversificar a Educação Física Escolar

1.1 Histórico	2
1.2 O que é Orientação?	6
1.2.1 O mapa e a bússola?	7
1.2.2 Princípios Básicos	10
1.2.3 O percurso de Orientação.	14
1.3 Orientação, uma ferramenta pedagógica.	15
1.4 Orientação, uma ferramenta interdisciplinar.	16
1.5 A Orientação como meio para Educação Ambiental.	18

CAPÍTULO II: Ensinando o Esporte Orientação 20

2. Atividades educativas para o ensino do Esporte Orientação.	20
2.1 Sugestões de Atividades	21
2.2 Material para download.	34
2.3 Soluções para elaborar mapas alternativos.	35

CONCLUSÃO 36

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 37

CAPÍTULO I

ORIENTAÇÃO, MAIS UM CONTEÚDO PARA DIVERSIFICAR O CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.

... Sobretudo aquele realizado junto à natureza, representa uma possibilidade de aproximação entre o indivíduo e o meio ambiente, devido a interação com os elementos naturais e as suas variações, com o sol, vento, montanha, rios, vegetação densa ou desmatada, lua, chuva, tempestade, desencadeando atitudes de admiração, respeito e preservação. Seria ingênuo acreditar que o simples contato com a natureza fosse condição suficiente para considerar o indivíduo como defensor do meio ambiente, porém a reflexão e discussão sobre as vivências podem constituir mais uma possibilidade para as atividades de lazer abordadas pela a educação física na escola.

Suraya Cristina Darido

Nesse capítulo será apresentado o esporte Orientação, um pouco de sua história e como esse esporte pode ser importante no contexto pedagógico, por ser uma ferramenta pedagógica e interdisciplinar, podendo ser um meio para a Educação Ambiental.

1.1 – Histórico

A ORIENTAÇÃO NO MUNDO

1850 - Como desporto, a Orientação nasceu nesta data nos meios militares Escandinavos, que a utilizavam como meio de entretenimento para as suas tropas. Após alguns decênios, em que o bichinho se espalhou, os clubes desportivos começaram a organizar as primeiras competições. **1857** - O Reino Unido da Noruega e da Suécia permite o acesso público aos seus mapas governamentais (1/100.000).

1866 - Na Suécia, de acordo com os regulamentos de Outubro de 1940, da Academia Militar, os cadetes tinham que calcular distâncias, desníveis e rotação dos mapas. Desde 1866 estes mapas passaram a ser desenhados na escala 1/20.000.

1888 - A palavra Orientação é usada pela primeira vez na Academia Militar Sueca (em Karlberg, perto de Estocolmo) e, provavelmente, pela mesma altura na correspondente Escola

de Cadetes em Kristiania/Oslo, na Noruega. Terá sido usada para práticas com mapas e bússolas, mas não para competição (no final era exigida uma recitação verbal e uma baixa pulsação ajudava no resultado da competição!).

1893 - Primeira competição similar à Orientação, de que há conhecimento, sem mapas, numa guarnição de jogos atléticos perto de Estocolmo.

1895, 30 de Junho - Primeira competição de Orientação em Estocolmo, organizada por Gösta Drake, que viria a ser um dos fundadores-em 1903- da Federação de Desportos Sueca.

1897, 31 de Outubro - Em Nordmarka, a norte de Kristiania/Oslo, efetua-se a 1.^a competição pública mundial de Orientação. Outras se seguiram.

1904 - Primeira prova em Helsingfors; Nascimento da Orientação como disciplina desportiva civil.

1912 - A Orientação entra no programa da Federação Sueca de Atletismo por influência de um Chefe de Escuteiros -Ernst KILLANDER- que arrastou para esta nova forma de correr, os jovens que se afastavam da corrida e do atletismo. Killander é considerado o pai da Orientação.

1919, 25 de Março - Tem lugar a primeira competição oficial, a prova de Estocolmo ocorrida perto de Saltsjöbaden (15 km a Sudeste da capital sueca), que reúne 217 participantes inscritos em 3 categorias, dos quais 155 iniciam a prova. Com 12 km e apenas 3 controlos, a prova foi organizada pela Federação de Desportos de Estocolmo, tendo como diretor de prova o First Major Ernst Killander.

1930, década - O campeão sueco Bjorn Kjellstrom e o inventor Gunnar Tillander produzem um excelente instrumento para indicação de direção. Foi chamado o "Sistema Silva".

1935 - Entrada da disciplina Orientação nos currículos escolares da Suécia.

1938, 6 de Janeiro - Criação do campeonato na Escandinávia.

1945 - Após a 2.^a Guerra Mundial, a Orientação estendeu-se e desenvolveu-se em numerosos países: EUA, Canadá, Grã-Bretanha, Bélgica, Brasil, Austrália, Espanha e França. Esta se espalhou e desenvolveu-se ou caiu no esquecimento, conforme os países. - Editada a primeira revista de Orientação na Finlândia, o "Suunnistaja".

1946 - Criação de um organismo nórdico para a Orientação tendo como tarefas: elaboração de um regulamento para os encontros internacionais, organização de campeonatos nórdicos, melhoramentos do material cartográfico, incentivo, normalização e desenvolvimento desta modalidade. - Primeiro evento em Indiana Dunes State Park / EUA, por Björn Kjellström, um campeão sueco.

1961 - Em Copenhague/Dinamarca, 10 países (Bulgária, Ex - Checoslováquia, Dinamarca, Finlândia, Hungria, Noruega, Ex - RDA, Ex - RFA, Suécia e Suíça) fundam a International Orienteering Federation - IOF.

1966, 1 e 2 de Outubro - Primeiro Campeonato do Mundo na Finlândia. Disputado nos anos pares até 1978.

Desde **1979** passou a realizar-se nos anos ímpares. - A Orientação é introduzida em Israel, por S. Goren. - Criada a British Orienteering Federation - BOF. - Criada a Federação polaca. 1977 - A Orientação é reconhecida pelo COI.

1980 – 38.000 pessoas participam no evento ocorrido em Sibiu, Roménia.

Até 2018 - A IOF agrupava 80 países.

A ORIENTAÇÃO NO BRASIL

1970 – O Brasil enviou ao IV Campeonato do CISM, ALBORG na Dinamarca, oficiais superiores das três forças armadas (um por cada força);

1971 – O Brasil no V Campeonato do CISM, realizado na Noruega, obtendo o nono lugar entre 11 concorrentes. No Brasil, Cel Tolentino Paz, EB – organiza os primeiros eventos;

1972/ 73 e 74 – A CDMB organizou campeonatos Brasileiros de Orientação das FFAA, sendo o primeiro no Rio de Janeiro e os demais em Brasília;

1974 – A matéria de Orientação foi incluída no currículo da Escola de Educação Física do Exército; - Neste mesmo ano, o III Campeonato de Orientação das FFAA (Brasília), foi realizado pela primeira vez com um mapa de Orientação que aprimorou sobremaneira o nível técnico de nossos atletas;

1978 – No IX Campeonato do CISM, na Noruega, o Brasil ficou em décimo primeiro lugar geral por equipe, entre 17 países;

1982 – No XIII Campeonato do CISM, na Áustria, o Brasil ficou em décimo segundo lugar geral por equipe, entre 14 países;

1983 – O Brasil sediou o XVII Campeonato Mundial Militar de Orientação do CISM, Curitiba – PR, o Brasil ficou em nono lugar geral por equipe, entre 11 países. Houve um estágio com o objetivo de difundir a orientação, estabelecendo uma norma geral de procedimentos e uniformidade de atitudes, interpretações e conduta;

1984 – No XVIII Campeonato do CISM, na Finlândia, o Brasil ficou em décimo lugar geral por equipe entre 14 países;

1985 – O Brasil obteve um segundo lugar geral individual no percurso B, no XIX Campeonato do CISM, na França. PEO BENGTTSSON (sueco) e outros nórdicos auxiliaram na elaboração de alguns mapas brasileiros.

1991 – No XXIV Campeonato do CISM, Borås, Suécia - o Brasil ficou em décimo primeiro lugar geral por equipe, entre 17 países;

1992 – O XXV Campeonato Mundial do CISM volta a acontecer no Brasil, Brasília-DF e obtivemos um honroso sexto lugar geral entre 13 países e fizemos o primeiro lugar geral do percurso B, Sgtº Cogo do Exército.

1994 - A WWOP (World Wide Orienteering Promotion) enviou para o Brasil o sueco Arto Rautiainen que colaborou na confecção de um mapa conforme a especificação internacional para mapas de Orientação.

1996, 13 de janeiro - Após estar organizado o esporte no Rio Grande do Sul , foi fundada a Federação Gaúcha de Orientação;

1998 - A colaboração de HIGINO ESTEVES, Português, membro do conselho da IOF, foi o ponto mais importante de desenvolvimento da Orientação no Brasil;

1998, 7 de julho - Em Cintra, Portugal, através de Federação Gaúcha de Orientação e da Associação Floresta de Orientação - DF, o Brasil passou a ser membro da Copa dos Países Latinos, juntamente com Portugal, Espanha, Itália, França, Bélgica e Romênia.

1999, 11 de janeiro- Guarapuava - PR - Criação da Confederação Brasileira de Orientação (CBO).

Em 24 de Abril de **1999** o COLB de Guarapuava, PR, organizou a primeira prova Oficial da CBO (I Etapa do Campeonato Brasileiro de Orientação).

1999, de 2 a 7 de agosto - Na reunião do Conselho da IOF (Federação Internacional de Orientação), na cidade de Inverness, Escócia, UK, o Brasil foi aprovado como Membro de Pleno Direito da IOF.

1999, 26 de setembro - O Brasil participou da Taça do Mercosul com uma equipe de 83 atletas composta de homens e damas de 10 a 56 anos.

Desde **2000** são organizados eventos nacionais e internacionais. A Orientação faz parte do currículo do ensino fundamental e médio de algumas escolas, no Rio Grande do Sul e também se encontra numa das cadeiras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Encontramo-nos ativos e organizados.

1.2 – O que é Orientação?

Os alunos podem ser levados a vivenciar, quando houver possibilidades, trekking, skate, escalada indoor, caminhada orientada, surf, mountain bike, entre outros.

Suraya Cristina Darido

Primeiramente, a denominação Orientação pode gerar algumas dúvidas. Para leigos, Orientação só tem conotação de ajuda, auxílio, ou então orientação vocacional. Diferentemente da língua inglesa, onde Orientação de auxílio recebe denominação Orientation e o esporte Orientação é chamado de Orienteering, a língua portuguesa define orientação com apenas uma palavra para duas finalidades. Então, certa confusão inicial é normal.

Etimologicamente, Orientação é o ato ou arte de orientar-se que, ato contínuo, visa determinar ou ajustar uma posição (lugar) em relação aos pontos cardeais. Mas, definindo Orientação como esporte, afirma-se que é: a arte de navegar por terras desconhecidas com o auxílio de um mapa topográfico e uma bússola, onde está marcado o percurso que deve ser realizado, no menor espaço de tempo possível.

O orientista encontrará os pontos de controle que estão representados no terreno, por prismas, cuja área de localização está representada por um círculo, no mapa. É praticada em ambientes naturais, como florestas, parques e reservas; por isso, é considerado um “esporte ecológico por natureza”, pelos seus praticantes.

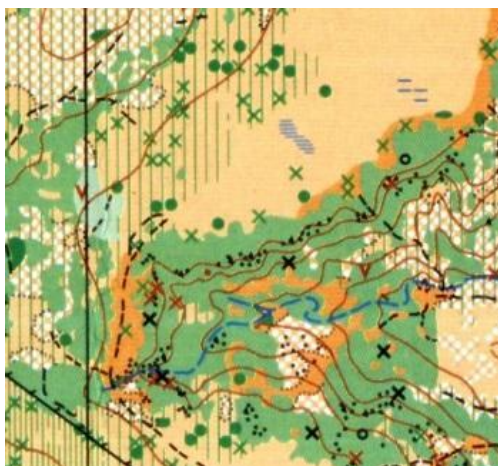
1.2.1 – O Mapa e a Bússola

O mapa e a bússola são de grande importância para o acontecimento desse esporte. Os praticantes podem usar rotas escolhidas livremente, para isto, é permitido o uso de uma bússola e as condições devem ser, tanto quanto possível, iguais para todos. A mais importante ajuda para escolher a rota e a navegação é o mapa.

No mapa tem que existir todas as formas do terreno como colinas, esporões, ravinas, valas, depressões, e etc., devem ser representadas, por menor que sejam. Tem curvas de níveis, que representam em três dimensões e ainda mostram a inclinação de diversos acidentes (os morros). Normalmente, a equidistância é de 5 m e suas escalas variam (1: 25.000, 1: 20.000, 1: 15.000), porém a mais popular é a de 1: 10.000, para iniciantes e crianças até 14 anos são utilizadas as escalas 1: 5.000 ou 1: 7.500.

Outros acidentes, tantos naturais (rios, pântanos), como artificiais (estradas, casas)

também são representados. Os meridianos magnéticos são elementos fundamentais para orientação da carta. São linhas paralelas verticais, apontando para o norte magnético. As cores do mapa e os símbolos impressos no mapa são universais, e designados pela IOF (Federação Internacional de Orientação).



Fonte: Imagem 1 <https://adsumusmataatlantica.wordpress.com/artigos/corrida-de-orientacao/>

CARACTERÍSTICAS DOS MAPAS

Levando-se em consideração o seu emprego, os mapas de Orientação deverão:

- χ Representar com a maior fidelidade possível às condições do terreno à época da sua utilização;
- χ Ser completo;
- χ Ser bem detalhado;
- χ Indicar as condições do terreno;
- χ Ser isento de qualquer indicação que não sirva para Orientação;
- χ Ser claro e fácil de ler, mesmo à noite;

χ Ter em seu toda uma precisão que permita usar bem os instrumentos de navegação (bússola, escalas e passos-duplos);

χ Ser resistente ao tempo e ao manuseio durante a navegação.

DETERMINAR A ESCALA DE UM MAPA QUALQUER

Podemos determinar com precisão a escala de uma carta topográfica ou mapa de orientação qualquer, seguindo os passos:

A) Estando no local onde foi confeccionado o mapa ou a carta, escolhemos uma boa estrada ou trilha que esteja desenhada no mapa, de preferência no plano e em linha reta;

B) Contamos o número de passos-duplos entre duas referências nítidas nessa trilha ou estrada e, de posse da fórmula de escala $E = d:D$, saberemos com exatidão qual a escala daquele referido mapa ou carta.

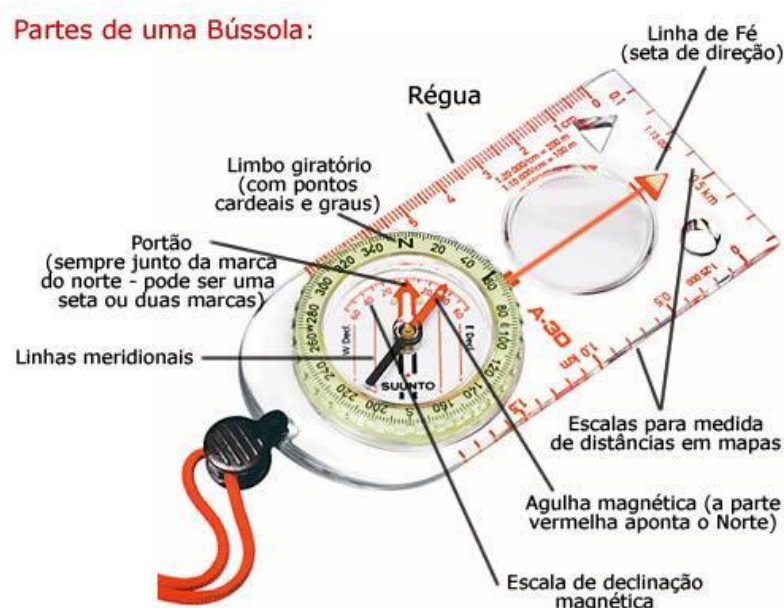
Exemplo: Distância (d) no mapa = 2,5cm; distância (D) no terreno = 250m; $E = ?$ $E = d:D \Rightarrow$
 $E = 0,025: 250m \Rightarrow E = 25 : 250.000 \Rightarrow E = 1:10.000$

A Internacional Orienteering Federation (IOF) publicou uma nota onde divulga os símbolos dos mapas de orientação:



Fonte: Imagem 2 - <http://cloriba.blogspot.com/2009/01/simbolos-isom-2000.html>

A bússola é um material indispensável na orientação, e seu perfeito conhecimento é condição básica. A utilização da bússola é também de grande importância. É com ela que confirma a direção geral, a localização do ponto de controle e, algumas vezes, até a própria localização.



Fonte: Imagem 3 - <https://www.trekkingbrasil.com/orientacao-com-bussola-e-mapa-parte-1/>

A identificação das principais partes da bússola é muito importante para quem deseja conhecer o Esporte Orientação. Sabendo utilizar este instrumento, qualquer pessoa poderá atravessar uma imensa floresta densa sem andar em círculos. O orientador deve entender para que sirva as setas de navegação e orientação, compreender como funciona a agulha magnética e como se utiliza os meridianos da bússola para o auxílio da Orientação.

1.2.2 – Princípios Básicos

Os praticantes devem cumprir as seguintes regras, ao realizarem um percurso de Orientação: passar por todos os pontos de controle, marcar corretamente o cartão de controle, e respeitar a natureza. Cada esporte tem a sua característica própria que o distingue dos demais. A característica única do Esporte Orientação é escolher e seguir a melhor rota, através de terreno desconhecido, numa luta constante contra o tempo.

O Prisma

É o instrumento da Orientação mais interessante, pois representa o “tesouro da floresta”, que na verdade, são os pontos de passagem obrigatórios que todos os orientistas

terão que visitar, quando da execução dos seus percursos. Os prismas são confeccionados com bases triangulares, nas cores laranja e branca nas três faces do prisma, em diagonais. Medem 30 cm de lado e cada prisma será acompanhado de um picotador ou de uma base eletrônica, onde os orientistas terão que encaixar os seus chips de controle, para confirmarem as suas passagens nos pontos.



Fonte: Imagem 4 – www.forj.org.br

É o instrumento confeccionado com matrizes perfurantes variadas, que serve para marcar o cartão de picote que o orientista carrega consigo, a fim de comprovar que passou em cada ponto de controle. Atualmente existem sistemas de controles eletrônicos que utilizam chips, transportados pelos atletas que se encaixam nas bases que acompanham os prismas (como na imagem acima).

Cartão de descrição e Cartão de Controle

Cartão de descrição:

É uma simbologia adicional, que visa dar maior velocidade na abordagem do ponto de controle. Normalmente vem impresso no mapa e é também oferecido ao orientista, na largada das competições, para ser transportado numa braçadeira, a fim de ser lido durante a execução do percurso.

SINALÉTICA

Nome do Evento							
Categorias do Percurso							
nº percurso			comprimento			subida	
A	B	C	D	E	F	G	H

Circuito Neblina							
HE1 - HN2							
1		2,6 km		60 m			
1	46	→	⊙	⊙	5x3	⊙	⊙

Coluna A: número da sequência que os controles devem ser visitados.

Coluna B: número do controle.

Coluna C: posição do objeto do controle.

Coluna D: objeto do ponto de controle.

Coluna E: natureza do objeto do controle ou um segundo objeto.

Coluna F: dimensões ou combinações dos objetos em D e E.

Coluna G: posição do prisma no objeto do controle.

Coluna H: outras informações importantes.

Fonte: Imagem 5 - <http://neblinaonline.blogspot.com/2013/06/cartao-de-descricao.html>

Cartão de Controle:

Os cartões de controle podem ter diversos formatos, mas todos incluem quadrados numerados para a picotagem nos sucessivos pontos de controle, assim como espaços para o nome do participante, o percurso, o escalão, as horas de partida, e de chegada, e o tempo demorado a realizar o percurso.

As provas de orientação tradicionais são corridas ponto-a-ponto, ou seja, os pontos de controle estão numerados no mapa e unidos por uma linha reta na ordem pela qual devem ser visitados.

		ESCALÃO		NOME						⊙		
		PEITORAL		CLUBE						▶		
										TEMPO		
21	22	23	24	25	26	27	28	29	30			
11	12	13	14	15	16	17	18	R1	R2	R3		
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10			

Fonte: Imagem 6 - <http://neblinaonline.blogspot.com/2013/06/cartao-de-descricao.html>

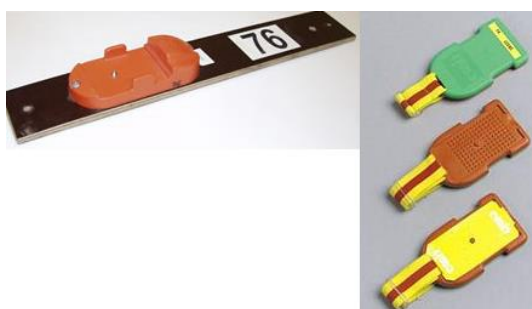
Sistema Eletrônico de Apuração

Existem dois tipos de apuração eletrônica:

- Sport Ident (O mais utilizado em todo mundo)
- Emit

**SPORT IDENT**

Fonte: Imagem – <https://www.sportident.com/>

**EMIT**

Fonte: Imagem 7 - <https://www.emit-uk.com/emit-ecard-system/>

A Confederação Brasileira de Orientação preceitua em suas regras, que a necessidade de escolher o melhor caminho, em terreno desconhecido e contra o relógio, exige dos praticantes habilidades de orientação, como: leitura precisa do mapa, avaliação e escolha da rota, uso da bússola, concentração sobtensão, tomada de decisão rápida, correr em terreno natural, e etc.

Os praticantes, que podem ser homens (H) ou mulheres (D), crianças, adultos ou idosos Eles podem praticar o esporte individualmente ou acompanhados. Existem categorias que os dividem por sexo, idade, e grau de dificuldade dos percursos. Em relação às dificuldades, classificam desta forma: **N**, para os novatos e os percursos são fáceis; **B**, para experientes e os percursos são difíceis; **A**, para experientes e os percursos são muito difíceis. **E**, para praticantes com um alto nível técnico e um ótimo condicionamento físico.

O esporte Orientação é justo, pois os participantes competem ou praticam dentro do sexo, dentro da experiência e ainda nas datas limites até o ápice da condição física (aproximadamente aos 21 anos) e idade base a partir do declínio da condição física (aproximadamente aos 35 anos). Em relação à idade dos praticantes, ficam assim distribuídos:

⇒ D10 e H10: até 10 anos

D50 e H50: Mais de 50 anos

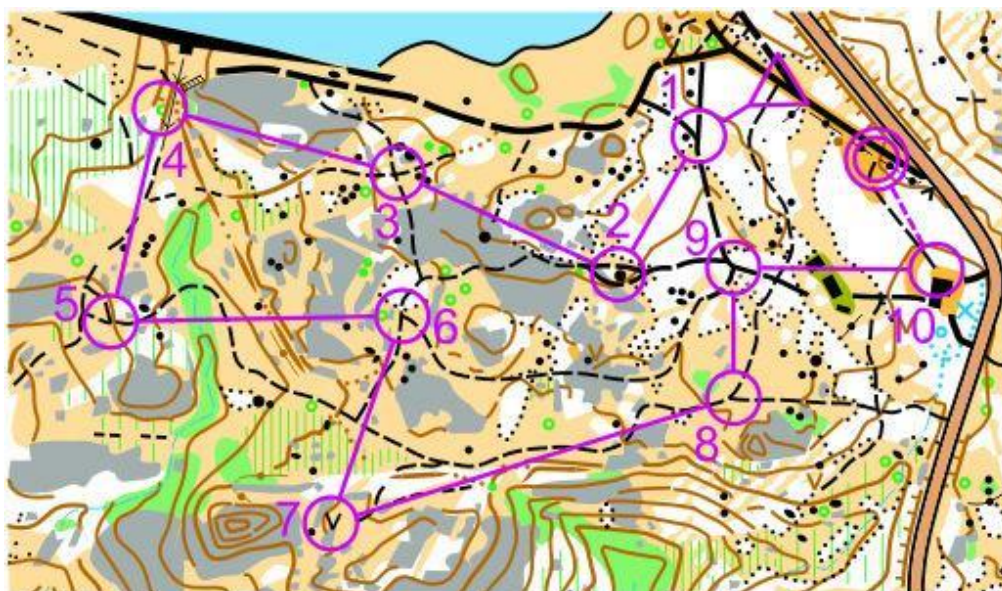
- | | |
|---|--|
| ⇒ D12 e H12: até 12 anos | D55 e H55: Mais de 55 anos |
| ⇒ D14 e H14: até 14 anos | D60 e H60: Mais de 60 anos |
| ⇒ D16 e H16: até 16 anos | D65 e H65: Mais de 65 anos |
| ⇒ D18 e H18: até 18 anos | D70 e H70: Mais de 70 anos |
| ⇒ D20 e H20: até 20 anos | DN1 e HN1: Acompanhados com menos de 18 anos |
| ⇒ D21 e H21: De qualquer idade acima de 21 anos | |
| ⇒ D35 e H35: Mais de 35 anos | DN2 e HN2: Acompanhados com mais de 18 anos |
| ⇒ D40 e H40: Mais de 40 anos | ABERTO: Inscritos fora de prazo (caso for competição) |
| ⇒ D45 e H45: Mais de 45 anos | |

1.2.3 – O percurso de Orientação

O percurso de Orientação é definido pela partida, pontos de controle e chegada. Entre esses pontos, que são locados precisamente no mapa e equivalentemente no terreno, estão às pernas do percurso, nas quais o competidor deverá orientar-se e escolher livremente o itinerário.

Na partida o atleta recebe o cartão de descrição, o cartão de controle e o mapa com percurso traçado. É neste local que começa a contar o tempo do competidor, mas a orientação inicia no triângulo de partida, que deve ter acesso balizado. O cartão de controle serve exatamente para controlar o praticante. Deve – se picotar cartão, para que tenha certeza que, passou – se pelo ponto de controle. O cartão de descrição é extremamente necessário, pois é nele que está descrito a posição do prisma em relação ao objeto mostrado no mapa.

Os pontos de controle são colocados em características do terreno. Estes devem ser visitados na ordem determinada, mas seguindo suas próprias escolhas de rotas. A principal função de um ponto de controle é marcar o começo e fim de uma perna de orientação. Nesses pontos de controle o praticante encontra um prisma e um picotador. A chegada deve ser obrigatoriamente balizada.



Fonte: Imagem 8 – <https://www.istockphoto.com/br/>

1.3 – Orientação, uma ferramenta pedagógica.

O interesse fundamental desse esporte reside no valor pedagógico que ele possui. Serve como suporte na aprendizagem inerente a outras disciplinas do currículo escolar. Este esporte, num contexto escolar, pode contribuir para o fortalecimento das propostas do Projeto Político Pedagógico.

Oferece uma gama de aprendizagem devido à interdisciplinaridade do esporte, onde cada prática da atividade existe uma variedade de informações e ensinamentos. Assim afirma PASINI:

É um desporto que contribui significativamente para formação do cidadão, inculcando – lhes princípios éticos e de responsabilidade, desenvolvendo inteligência, a moral e contribuindo para o aprimoramento físico e da saúde mental. Portanto, deve ser inserida através de um currículo pedagógico, interdisciplinar, com conteúdo e objetivo bem definido (PASINI, 2004, p.153).

A prática da Orientação consiste em identificar o problema, buscar a melhor solução e agir, com isso se torna necessário o exercício de memorização de forma inconsciente. Desenvolve também, o raciocínio para saber mais sobre o esporte, ampliando o conhecimento e fazendo relações com o que sabem e perguntas sobre o que precisam descobrir.

Um dos aspectos mais significativos é sem dúvida o poder de decisão no momento da

escolha do caminho a ser tomado. Ao analisar o terreno através do mapa, todos os conhecimentos e experiências se interagem proporcionando o desenvolvimento do raciocínio. A democrática decisão do praticante tem um importante aspecto psicológico, desenvolvendo coragem (de decidir), responsabilidade (da escolha) e consciência (consequências imediatas dessa escolha). Uma boa decisão resulta menor esforço físico, menor tempo na conquista dos objetivos, satisfação e realização. Decisões errôneas provocam desgaste físico, desnecessário e o maior tempo no percurso, mas também inspiram mais concentração, análises, reavaliações, superação, novas experiências e novas decisões.

Nas duas situações, errando ou acertando, surgirá um indivíduo mais confiante e seguro de si, capaz de discernir com mais tranquilidade situações críticas, pois estará mais consciente do seu potencial humano. Essa afirmação sobre o esporte é confirmada pelo autor Dornelles:

É capaz de desenvolver no indivíduo qualidades físicas e biopsicossociais positivas ou negativas para toda a vida, em função das afirmações e superações ou decepções e fracassos pelos quais é levado a experimentar ao longo do processo de desenvolvimento humano. (Dornelles, 2005, p.06)

Com essas características se torna uma referência pedagógica, por oferecer um grande potencial educacional e por ajudar a romper radicalmente com a educação tradicional, que torna o aluno limitado e dependente, e que indica sempre a direção a seguir e como fazer.

A inserção do Esporte Orientação no currículo, com um planejamento curricular bem alicerçado é imprescindível, para proferir essa afirmação destaca-se:

1.4 -Orientação, uma ferramenta interdisciplinar.

O ensino da Matemática, de Línguas, Ciências, História, Geografia, Educação Física ou Educação Artística, portanto, somente se justifica se contribui, enquanto parte, para compreensão da realidade como totalidade.

Suraya Cristina Darido

Para conseguir todas essas atitudes nos alunos, já colocadas no item anterior, é preciso considerar o aluno como um todo, e não um ser fragmentado. A mente, o corpo, e os diversos ensinamentos, todos interligados. Para isso, é preciso uma aprendizagem e um ensinamento

ampliado, com bastante troca, compreensão e coletividade.

Conteúdos, projetos, e aulas, ajudam nesse sentido, segundo Fazenda (1998, p.26):

O pressuposto básico para o desenvolvimento da interdisciplinaridade é a comunicação, e a comunicação envolve, sobretudo participação. A participação individual e coletiva só será garantida na medida em que a instituição, a escola, compreender que o espaço para troca é fundamental.

Esse tipo de metodologia tem que ser incentivada pela escola, através dos coordenadores pedagógicos, provocando assim uma grande revolução pedagógica nos professores, e tentando mudar assim a apática realidade escolar.

No aprendizado da Orientação faz-se necessário saber alguns conteúdos de algumas disciplinas como: Ciências, Educação Ambiental, Educação Artística, Educação Física, Ética, Física, Geografia, História, Matemática e Topografia.

São trabalhados alguns conhecimentos e valores em cada uma dessas disciplinas, entre eles destaca-se:

- Em Ciências: Conhecimento do corpo humano, suas funções orgânicas e conhecimento sobre a natureza;
- Em Educação Ambiental: A importância para a preservação da natureza;
- Em Educação Artística: Elaboração de materiais utilizados na Orientação (prismas e bússolas), elaboração de mapas e croquis;
- Em Educação Física: Desenvolvimento das qualidades físicas, hábitos de lazer, saúde e higiene, na exploração do meio ambiente;
- Em Ética: Desenvolvimento de valores inerentes ao ser humano como espírito de liderança, solidariedade, respeito às diferenças, responsabilidade, perseverança, amor à natureza, auto – realização, e auto – conceito;
- Em Física: Estudo do magnetismo, para explicar o funcionamento da bússola;
- Em Geografia: Estudo dos mapas, escalas, latitude, longitude, interpretação de convenções cartográficas, reconhecimento de tipos de vegetação, direção de rios, orlas dos lagos, etc.;
- Em História: Análise críticas sobre o meio. (patrimônio cultural e histórico, problemas da vida cotidiana);
- Em Matemática: Cálculos, estudo das escalas, retas, ângulos, diagonal, etc.;
- Em Topografia: Conhecimento e identificações das curvas de nível e relevo.



Fonte: Imagem 9 - <https://novaescola.org.br/conteudo/3539/o-lugar-de-cada-um-no-mundo>

1.5 – A Orientação como meio para a Educação Ambiental

A Orientação é um esporte capaz de agir na formação integral de crianças, jovens e adultos, dentro de uma perspectiva de educação continuada, pois é um conteúdo que está apoiado num olhar interdisciplinar e se mostra possível enquanto parte das aulas de Educação Física Escolar. No contexto pedagógico, a Orientação pode ser um veículo de ensino para diversas áreas como já foi colocado, mas o que é interessante e importantíssimo é o fato do seu campo de jogo ser a natureza, porque nada é mais interessante que estudar as questões ambientais de uma forma contextualizada e exploratória. Com ensino do esporte pode-se incentivar a preservação do meio ambiente, criando consciência ecológica nos alunos, desenvolvendo a educação ambiental, fazendo com que o indivíduo e a coletividade construam valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente.

Certamente, o desenvolvimento desse conteúdo no currículo escolar atenderia aos objetivos da lei de Educação Ambiental (Lei n.º. 9.795, de 27 de Abril de 1999), especialmente o que se prevê no seu art. 2º, que é do seguinte teor: “a educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal”.

A Educação Ambiental é uma questão de urgência social, haja vista que sem a mesma erige-se um grande obstáculo à concretização da plenitude da cidadania, com a diminuição da qualidade de vida. A resolução da questão ambiental implica na transformação da sociedade, a partir do momento em que os indivíduos passam a ter um “instinto” preservacionista, ou seja, que adquirem consciência ecológica. Por certo, a consciência ecológica, como comportamento natural, somente será adquirida através de uma ação concreta, a qual o indivíduo é obrigado a executar. Nesse sentido, questiona-se: como uma pessoa pode amar e respeitar o meio ambiente, se não conhece, por exemplo, o rio poluído, a erosão, a floresta preservada, a reprodução dos pássaros? É dentro desse quadro que surge a Orientação, como meio capaz de proporcionar a Educação Ambiental, agindo como ferramenta pedagógica e interdisciplinar.

CAPÍTULO II

ENSINANDO O ESPORTE ORIENTAÇÃO



Fonte: Imagem 10 - https://www.britishorienteering.org.uk/index.php?pg=news_archive&item=3867

2. Atividades Educativas para o ensino do Esporte Orientação

ORIENTAÇÕES CURRICULARES PARA O ENSINO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – 8º E 9º ANOS						
	HABILIDADES	BIMESTRES				OBJETOS DE APRENDIZAGEM
		1º	2º	3º	4º	
CULTURA CORPORAL DO MOVIMENTO	• Experimentar algumas práticas corporais de aventura urbanas, adaptadas ao espaço e às condições disponíveis no ambiente escolar.	X	X	X	X	PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA: URBANAS E DA NATUREZA
	• Realizar atividades orientadas pelo professor, respeitando os cuidados com a própria segurança e do outro.	X	X	X	X	
	• Experimentar algumas práticas corporais de aventura da natureza, adaptadas ao espaço e às condições disponíveis no ambiente escolar e seu entorno.	X	X	X	X	
	• Realizar atividades orientadas pelo professor, respeitando os cuidados com a segurança e com o meio ambiente.	X	X	X	X	
						* Realizar variadas práticas corporais, reconhecendo-as como formas de expressão dos <u>sentidos</u> , das <u>emoções</u> e das <u>experiências motoras</u> na vida social e no lazer. * Aperfeiçoar e aprofundar a maior variedade possível de práticas corporais de: <u>jogos</u> , <u>ginásticas</u> , <u>esportes</u> , <u>danças</u> , <u>lutas</u> . • Identificar as possibilidades de superação de preconceitos, discutindo posturas discriminatórias.
						• Atividades como slackline, parkour, paintball, rope skipping e outras possibilidades. • Uso de equipamentos como bicicletas, patins, skates, tobogãs, etc, com propostas educativas. • Atividades como: caminhada ecológica, arborismo, corridas de aventura e/ou de orientação, slackline, escalada.

Fonte: Imagem 11 - Secretaria Municipal de Educação (RJ) - Orientações Curriculares /Educação Física - 2018

2.1 SUGESTÕES DE ATIVIDADES

Nível Básico (Educação Infantil – Primeiro Momento)

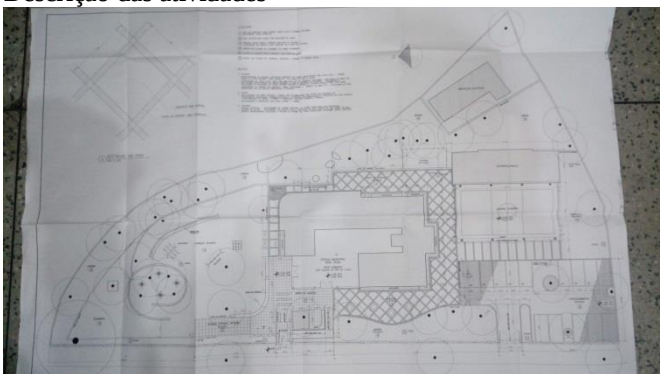
- Trilha do tarzan: Trajeto traçado no bosque. Monitor na frente e os alunos atrás correndo ou andando.
- Zig Zag entre árvores (conteste)
- Um papel ofício com linhas fazendo um trajeto igual ao plano (Chão): Andar sobre a linha girando o papel para que a linha do papel sempre esteja igual à linha do plano.
- Linhas pintadas ou fita crepe no chão, mapa desenhado com o mesmo traçado do chão.
- Colocar algumas carinhas no chão. Umas felizes e outras zangadas. Seguirão as linhas onde estão às carinhas felizes até o final contando quantas são.
- Encontrar os pontos de controle com as caras felizes, encontrar o caminho, mas curto e contar as caras zangadas.
- Mapa expresso de uma área bem delimitada com pontos marcados, nesses pontos terão palavras. Pedir para que olhem e formem a frase que dirá onde o tesouro estará escondido.
- Um mapa do terreno onde estudam (escola), buscar cartões colocados em lugares da escola, escrever nos cartões onde eles estavam.

Nível 1 (Educação Infantil – Segundo Momento)

- Ensinar cores e símbolos dos mapas
- Orientação mediante as linhas marcadas
- Tomada de decisões
- Leitura de objetos afastados das diretrizes
- Atalhos

Sequência Pedagógica para um bimestre

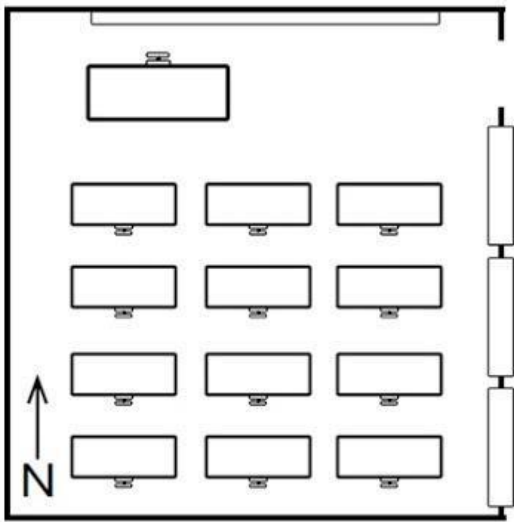
- Esta sequência de aulas possui aulas cooperativas e competitivas, algumas com bastante conteúdo do esporte e outras mais práticas. Apresenta diversidade em práticas e métodos. E viabiliza também, flexibilidade das mesmas.

Sequência pedagógica – Aula 01 	
Habilidades	• Vivenciar situações didáticas usando o seu próprio corpo para a construção de alguns movimentos naturais: Correr, saltar, andar. • Experimentar algumas práticas corporais de aventura da natureza, adaptadas ao espaço e às condições disponíveis no ambiente escolar e seu entorno.
Objetivo (s)	Iniciação do Esporte Orientação de forma lúdica através do jogo, começar a ler plantas de prédios.
Objeto(s) de Aprendizagem	Esporte Orientação de forma lúdica: Caça ao tesouro.
Recursos	Planta Baixa da Escola e Cartas de Baralho.
Descrição das atividades  Fonte: Imagem 12 - Planta Baixa - Escola Municipal Noel Rosa – RJ Caso não consiga a planta baixa, pode tentar fazer uma parceria com o professor de artes para conseguir um desenho da escola.	1. Atividades aeróbicas para iniciar a aula (pique tempo/ pique esconde); 2. Atividade caça ao tesouro (buscando cartas sequenciais do baralho; 3. Com o mapa da escola em grande escala (em tamanho de uma cartolina). Colocar ele exposto para as duas equipes. 4. Indicar no mapa onde estão as cartas (Cartas de Baralho). 5. Em relação como irão buscar as cartas, pode ser: individual, duplas ou trios. Importante caso seja feito em grupo, todos precisam voltar juntos ao ponto inicial trazendo a carta(no mapa). 6. Ao final montar a sequência do baralho.

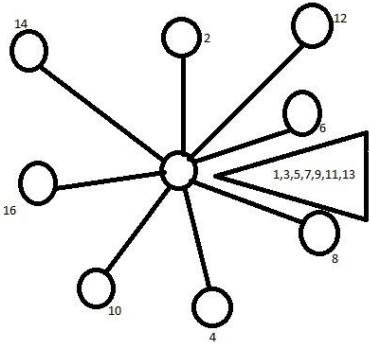
	
Fonte: Imagem 13 - Pesquisadora.	
Avaliação	Roda de Conversa sobre a aula: Escuta sobre a impressão dos alunos; e reflexão sobre ação docente.

Sequência pedagógica – Aula 02 	
Habilidades	• Vivenciar situações didáticas usando o seu próprio corpo para a construção de alguns movimentos naturais: Correr, saltar, andar. • Experimentar algumas práticas corporais de aventura da natureza, adaptadas ao espaço e às condições disponíveis no ambiente escolar e seu entorno.
Objetivo (s)	Planificação
Objeto(s) de Aprendizagem	Esporte Orientação , Materiais específicos.
Recursos	EVA; Barbante, folhas A4, e lápis de cor
Descrição das atividades:  Fonte: Imagem 14 - Pesquisadora.	1. Apresentação do prisma na parte inicial da aula; 2. Construção de um prisma (usar EVA branco e coral e barbante) 3. Dividir a turma em duplas; 4. Solicitar um desenho de uma área conhecida para todos, colocação de um prisma nesta área (cada um terá que ter um prisma); 5. No mapa desenhado: exercício em dupla para que os mapas sejam

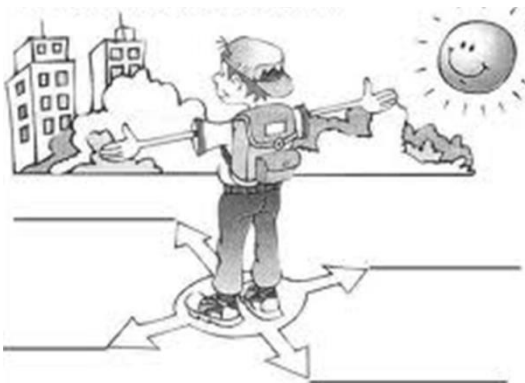
	trocados na hora da execução da atividade, que é encontrar o prisma do companheiro da sua dupla.
Avaliação	Roda de Conversa sobre a aula: Escuta sobre a impressão dos alunos; e reflexão sobre ação docente

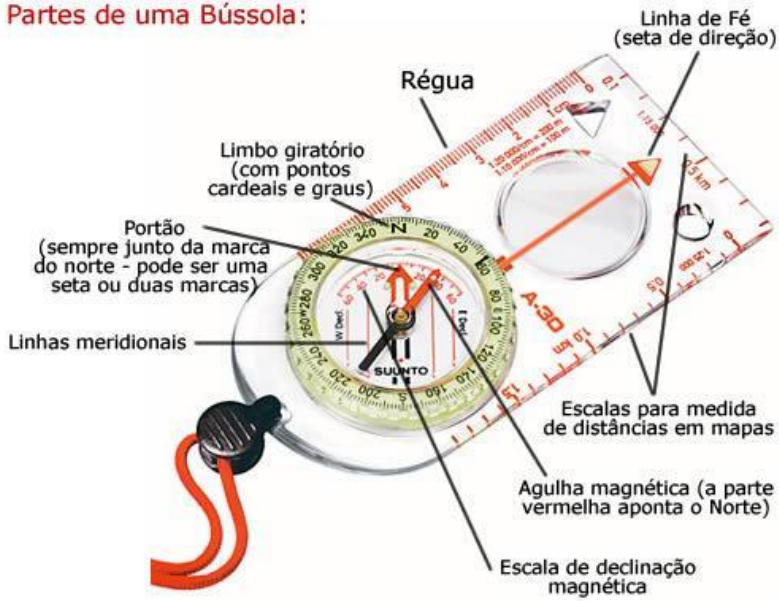
Sequência pedagógica – Aula 03 	
Habilidades	- Vivenciar situações didáticas usando o seu próprio corpo para a construção de alguns movimentos naturais: Correr, saltar, andar. - Experimentar algumas práticas corporais de aventura da natureza, adaptadas ao espaço e às condições disponíveis no ambiente escolar e seu entorno.
Objetivo (s)	Entender planificação
Objeto(s) de Aprendizagem	Leitura de Mapa
Recursos	Desenho/ mapa da sala de aula em uma folha A4, Datashow, folhas A4 e lápis
Descrição das atividades 	- Essa atividade pode ser executada de diversas formas. Uso de prismas pequenos ou adesivos; - Primeiramente, os alunos devem desenhar a sala como eles acreditam que seja; - Depois dos desenhos prontos, com a utilização do projetor, o professor apresenta o mapa ideal da sala (Exemplo: desenho ao lado); - Em seguida, tire todos os alunos da sala, pois entrarão 4 alunos por vez na sala, para executar a atividade. - Cada aluno precisará buscar o maior número de prismas que estarão em determinados lugares da sala em 1 minuto. O ideal que o professor prepare vários desafios (percursos diferentes) - No prisma ou adesivo poderá existir uma informação que ele precisa anotar (exemplo: números -51/34/67)
Fonte: Imagem 15- Pesquisadora.	
Avaliação	Roda de Conversa sobre a aula: Escuta sobre a impressão dos alunos; e reflexão sobre ação docente.

Sequência pedagógica – Aula 04 	
Habilidades	Vivenciar situações didáticas usando o seu próprio corpo para a construção de alguns movimentos naturais: Correr, saltar, andar.

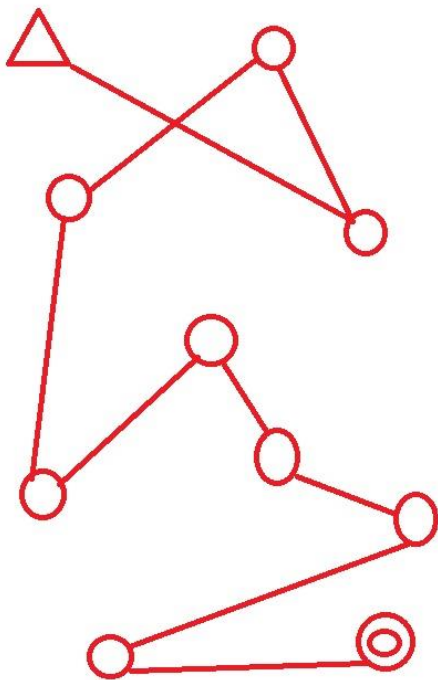
	• Experimentar algumas práticas corporais de aventura da natureza, adaptadas ao espaço e às condições disponíveis no ambiente escolar e seu entorno.
Objetivo (s)	Orientação: Realizar variadas práticas corporais, reconhecendo-as como experiências motoras na vida social e no lazer. Aprimorar as capacidades físicas: agilidade, velocidade, coordenação motora e resistência.
Objeto(s) de Aprendizagem	Esporte Orientação: material específicos, fundamentos do esporte, lateralidade.
Recursos	Prismas; cones; folhas A4. Esta atividade pode ser feita na quadra, pátio ou na área externa da escola (se houver).
Descrição das atividades  Fonte: Imagem 16 - Pesquisadora • Primeiramente o professor com uma trena deve medir um espaço, o maior possível numa medida inteira e não fracionada. Ex: 50 metros. • Passo duplo: são dois passos. A cada dois passos se conta um. • É importante para o praticante, pois desta forma consegue saber o quanto está se deslocando em metros. Ex.: com 30 passos duplos se percorre 50 metros	1. Ensino do passo duplo na caminhada, trote, corrida moderada e corrida intensa. 2. Atividade Estrela: um prisma central e 8 prismas espalhados entorno do prisma central com distâncias diferentes. Os alunos devem ir a todos os prismas sendo que, o prisma central será todos os números ímpares e os outros serão os números pares. Na passagem pelos prismas os alunos deverão picotar o cartão controle. Esse cartão controle deve ter os números correspondentes que estão no prisma. 3. Essa atividade é interdisciplinar e possibilita ser diversificada conforme a necessidade.
Avaliação	Roda de Conversa sobre a aula: Escuta sobre a impressão dos alunos; e reflexão sobre ação docente.

Sequência pedagógica – Aula 05 	
Habilidades	• Vivenciar situações didáticas usando o seu próprio corpo para a construção de alguns movimentos naturais: Correr, saltar, andar. • Experimentar algumas práticas corporais de

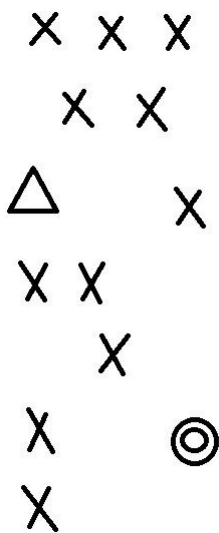
	aventura da natureza, adaptadas ao espaço e às condições disponíveis no ambiente escolar e seu entorno.
Objetivo (s)	Manuseio da bússola
Objeto(s) de Aprendizagem:	Ensinar e /ou otimizar os ensinamentos sobre os pontos cardeais com as rosas dos ventos.
 Fonte: Imagem 17 - http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br  Fonte: Imagem 18 - Pesquisadora.	
Recursos:	Bússola (caso não tenha fisicamente, baixe um aplicativo).
Como usar uma bússola de orientação - ORIENTISTA EM FOCO: https://www.youtube.com/watch?v=x1nf53rxbcI Chegar a um destino com a bússola Trilha: https://www.youtube.com/watch?v=EaR1W-6mhjY Como utilizar uma bússola no Android: https://www.youtube.com/watch?v=ZO7OsTyQ3Zs&t=7s Como funciona a bússola do celular? https://www.youtube.com/watch?v=qhw2MENKEOc&t=48s	
Descrição das atividades:	1. Aula expositiva, e explicativa sobre a bússola e o seu uso na orientação.

Partes de uma Bússola:  Fonte: Imagem 19 https://www.trekkingbrasil.com/orientacao-com-bussola-e-mapa-parte-1/	- Em um espaço aberto colocar diversos prismas espalhados em distâncias diferentes. - Previamente, o professor colocar esses prismas em relação aos graus correlacionados com coordenadas (os pontos cardeais). - Importante existir um prisma de partida, onde a partir dele que terá uma coordenada inicial para a busca dos outros prismas. - Ex: (1) NO 300° - (2) SO 200° SO- Sudoeste NO - Noroeste
Avaliação	Roda de Conversa sobre a aula: Escuta sobre a impressão dos alunos; e reflexão sobre ação docente.

Sequência pedagógica – Aula 06 	
Habilidades	Experimentar algumas práticas corporais de aventura da natureza, adaptadas ao espaço e às condições disponíveis no ambiente escolar e seu entorno.
Objetivo (s)	Orientação: Realizar variadas práticas corporais, reconhecendo-as como experiências motoras na vida social e no lazer.
Objeto(s) de Aprendizagem	Esporte Orientação: o percurso de orientação e lateralidade.
Recursos	Fita zebreada; prismas alternativos; folha A4.
Descrição das atividades	- Atividades aeróbicas para iniciar a aula (piques); - Os alunos em grupo desenharam no chão com a fita zebreada o mesmo desenho do mapa em mãos (Exemplo ao lado); o ideal é ter pelo menos 4 percursos diferentes, assim você divide a turma e depois eles podem trocar de percursos; - Depois os alunos precisam passar pela fita zebreada, girando o corpo em relação ao mapa que está em suas mãos. Como o desenho que está no chão é o mesmo que está no mapa, ambos precisam estar paralelos para que o mapa esteja orientado. - Oriente aos estudantes que siga com o dedo polegar por cima das linhas conforme ele anda por cima da fita zebra, como se o dedo

 Fonte: Imagem 19 - Pesquisadora. Dentro dos círculos podem existir tarefas variadas. Exemplos: um circuito atividades motoras; atividades de matemáticas,...	lhe representasse no mapa.
Avaliação	Roda de Conversa sobre a aula: Escuta sobre a impressão dos alunos; e reflexão sobre ação docente.

Sequência pedagógica – Aula 07 	
Habilidades	Realizar atividades orientadas pelo professor, respeitando os cuidados com a segurança e com o meio ambiente.
Objetivo (s)	Realizar variadas práticas corporais, reconhecendo-as como experiências motoras na vida social e no lazer.
Objeto(s) de Aprendizagem	Esporte Orientação: o percurso; Desenvolvimento da Orientação Espacial.
Recursos	Cones, folha A4 e lápis.
Descrição das atividades	1. Atividade de direção e distância. Com uma folha de A4 com percurso de orientação (partida, pontos e chegada). No terreno, os pontos representados por cones. Os alunos precisam ir nos cones equivalentes dos pontos; 2. Os "X" serão os cones no terreno; 3. O professor deverá fazer pelo menos 5 percursos diferentes; e os alunos se revezarão entre eles; 4. É preciso fazer um cartão de controle. Esse controle pode ser o que o professor quiser: números, operações matemáticas, símbolos de orientação. 5. Essa atividade é interdisciplinar e possibilita ser diversificada conforme a

 Fonte: Imagem 21 - Pesquisadora.	necessidade.
Avaliação	Roda de Conversa sobre a aula: Escuta sobre a impressão dos alunos; e reflexão sobre ação docente.

Sequência pedagógica – Aula 08 	
Habilidades	• Experimentar a prática corporal de aventura da natureza (Esporte Orientação) atrelada à tecnologia.
Objetivo (s)	Gameificação contextualizada
Objeto(s) de Aprendizagem	Tecnologia e Esporte Orientação
Recursos:  Fonte: Imagem 22 - http://www.catchingfeatures.com	Comutador, celulares, rede de internet móvel ou rede, e Datashow;
Descrição das atividades http://www.catchingfeatures.com/demo.php Simulador para celular: https://youtu.be/VZ4I6GRFSfk Simulador para computador: https://youtu.be/OBJ1XyrkFu0	1. Conversar sobre o esporte e as tecnologias; 2. Abri o google Earth Pro para mostrar a área da escola e como os mapas são vistos em 3D. 3. Mostrar o vídeo sobre os jogos no celular e no computador; 4. Todos experimentarem o jogo para computador (catching features)

	Separar a turma em 4 grupos; sugestão cada aluno terá que cumprir dois pontos do percurso; 5. Ganha a equipe que somar o menor tempo de todos os pontos percorridos pela sua equipe.
Avaliação	Roda de Conversa sobre a aula: Escuta sobre a impressão dos alunos; e reflexão sobre ação docente.

Sequência pedagógica – Aula 09 	
Habilidades	- Vivenciar situações didáticas usando o seu próprio corpo para a construção de alguns movimentos naturais: Correr, saltar, andar. - Experimentar algumas práticas corporais de aventura da natureza, adaptadas ao espaço e às condições disponíveis no ambiente escolar e seu entorno.
Objetivo (s)	Aprender as simbologias dos mapas de orientação e do cartão de descrição.
Objeto(s) de Aprendizagem	Esporte Orientação e seus fundamentos básicos: simbologia e mapas.
Recursos:  Fonte: Imagem 23 - Pesquisadora. Os próprios alunos podem produzir o jogo da memória.	Site para o estudo dos símbolos da sinalética: http://www.cpoc.pt/index.php?op1=107&op2=1&op3=13 Papelão, Folha A4, Tintas ou Lápis de Cor
Descrição das atividades:  Fonte: Imagem 24 - Pesquisadora.	Parte inicial com uma conversa sobre os símbolos do cartão de descrição, em seguida um jogo da memória para ratificar; Esse jogo da memória pode ser feito no primeiro momento, os alunos sentados em roda, divididos em pequenos grupos, cada um com um jogo de memória. No segundo momento um conteste: peças viradas no chão a uma distância, cada uma de cada grupo vai até as peças tentar achar um par de símbolos, se conseguir retorna com os símbolos, senão retorna outro de sua equipe para

	Escarpado		Rocha		Caverna
	Pedreira		Zona Rochosa		Sebe
	Paredão de terra		Monte de pedras		Estrada, Caminho
	Terraço		Lagoa, lago		Carreiro
	Esporão		Charco		Aceiro
	Reentrância		Buraco com água		Muro
	Fosso seco		Corrente de água		Cerca
	Colina		Fosso com água		Ponte
	Cabeço, cume		Zona alagadiça		Edifício
	Colo, passagem		Fonte, poço		Ruína
	Depressão		Nascente		Linha alta tensão
	Pequena depressão		Curso de água sazonal		Poste de Alta Tensão
	Buraco		Clareira		Árvore isolada
	Falésia		Mata densa		Tronco caído
	Afloramento rochoso		Limite de vegetação		Marco

tentar, assim até acabar as peças. Ganha o grupo com maior número de peças.

- Tracejar no mapa (pode ser o mapa da quadra esportiva) um caminho por onde deverão seguir.
- Nesse trajeto terão pontos locados. Conforme os alunos encontrem os pontos, eles deverão identificar onde eles estão localizados, colocar no cartão de descrição o número do prisma e escrever a descrição do ponto.

Fonte: Imagem 25 -
<http://www.cpoc.pt/index.php?op1=107&op2=1&op3=13>

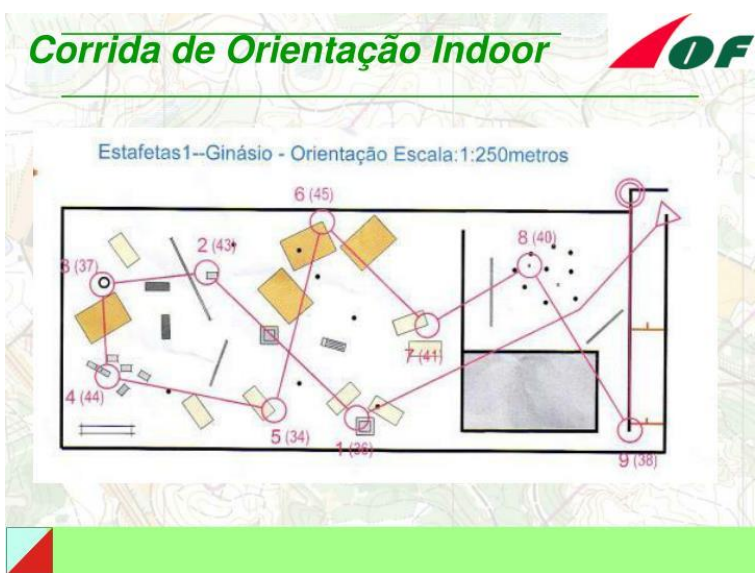
Avaliação

Roda de Conversa sobre a aula: Escuta sobre a impressão dos alunos; e reflexão sobre ação docente.

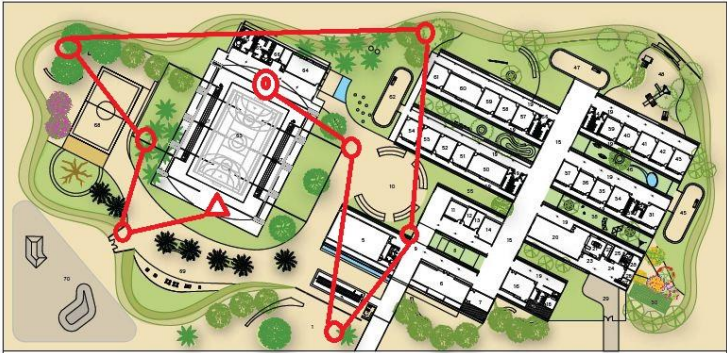
Fonte: Imagem 25 -

<http://www.cpoc.pt/index.php?op1=107&op2=1&op3=13>

Sequência pedagógica – Aula 10	
Habilidades	- Vivenciar situações didáticas usando o seu próprio corpo para a construção de alguns movimentos naturais: Correr, saltar, andar. - Experimentar algumas práticas corporais de aventura da natureza, adaptadas ao espaço e às condições disponíveis no ambiente escolar e seu entorno.
Objetivo (s)	Praticar o Esporte Orientação Indoor; experimentar a prática esportiva na sua forma clássica.
Objeto(s) de Aprendizagem	Leitura de mapas adaptado.
Recursos	Cones, Mapa da quadra esportiva, ou do local onde acontece a aula de Educação Física.
Descrição das atividades	Fonte: Imagem 26 - http://infraestruturaurbana17.pini.com.br/solucoes-tecnicas/5/verba-para-construcao-de-quadras-224634-1.aspx Percurso: Pesquisadora (Paint) - Os prismas poderão ser os cones; - Os cones devem ter algo que o aluno possa registrar sua passagem; - Os alunos devem realizar o percurso sozinho; - O professor deve dar o intervalo de 1 minuto para cada aluno; - O ideal é o professor fazer três percursos diferentes. - Cada aluno marca seu tempo numa planilha para cada percurso.
Avaliação	Roda de Conversa sobre a aula: Escuta sobre a impressão dos alunos; e reflexão sobre ação

	docente.
Sequência pedagógica – Aula 11 	
Habilidades	• Vivenciar situações didáticas usando o seu próprio corpo para a construção de alguns movimentos naturais: Correr, saltar, andar. • Experimentar algumas práticas corporais de aventura da natureza, adaptadas ao espaço e às condições disponíveis no ambiente escolar e seu entorno.
Objetivo (s)	Vivenciar a prática do Esporte Orientação.
Objeto(s) de Aprendizagem	Leitura de Mapa adaptado da escola (planta baixa ou um desenho)
Recursos	Prédio da escola
Descrição das atividades  Corrida de Orientação Indoor  Estafetas1--Ginásio - Orientação Escala:1:250metros Fonte: Imagem 27 - https://orienteering.sport/	1. Ter a planta baixa do prédio e/ou desenhar a planta baixa da escola; 2. Colocar em uma grande folha de papel pardo e fixar no local onde estarão todos da turma; Tente fazer o percurso onde a partida e a chegada será nesse mesmo local. Desta forma, você observará a passagem dos alunos para a passagem do mapa. 3. O mesmo mapa deve estar numa folha A4; 4. Dividir a turma em trios; Cada um do trio deve buscar 4 pontos. Será um revezamento. 5. Percursos com 12 pontos (ideal, pois assim cada um do trio pegará 4 pontos).
Avaliação	Roda de Conversa sobre a aula: Escuta sobre a impressão dos alunos; e reflexão sobre ação docente.

Sequência pedagógica – Aula 12 	
Habilidades	• Vivenciar situações didáticas usando o seu próprio corpo para a construção de alguns

	movimentos naturais: Correr, saltar, andar. • Experimentar algumas práticas corporais de aventura da natureza, adaptadas ao espaço e às condições disponíveis no ambiente escolar e seu entorno.
Objetivo (s)	Vivenciar a prática do Esporte Orientação
Objeto(s) de Aprendizagem	Leitura de Mapa adaptado da escola (planta baixa ou um desenho)
Recursos	Mapa desenhado, ou gerado pelo Google Maps e Paint (programas)
Descrição das atividades  Fonte: Imagem 28 - https://gabriellaradoll.wordpress.com/2012/05/23/escola-area-externa-e-espacos-ludicos/	Área externa da escola: 1. Fazer uma lista de partida; 2. Fazer uma explicação para todos! O ideal é projetar o mapa, assim todos partirão para o percurso com as mesmas informações; 3. Dar um intervalo de dois minutos para cada aluno; 4. Para não demorar, produza 3 percursos, assim a cada dois minutos sairão 3 alunos. 5. Marque o horário de chegada de todos; 6. Incentive ao próprio aluno fazer a conta matemática para descobrir o tempo que levou para percorrer os pontos. 7. Apresente na próxima aula os resultados, e peça ao vencedor que comente seus trajetos, o que levou a ser o mais rápido.
Avaliação	Roda de Conversa sobre a aula: Escuta sobre a impressão dos alunos; e reflexão sobre ação docente.

2.2 MATERIAL PARA DOWNLOAD

Na página da web: <http://d21elite.wix.com/marioncosta#!material-didtico/c1phb>

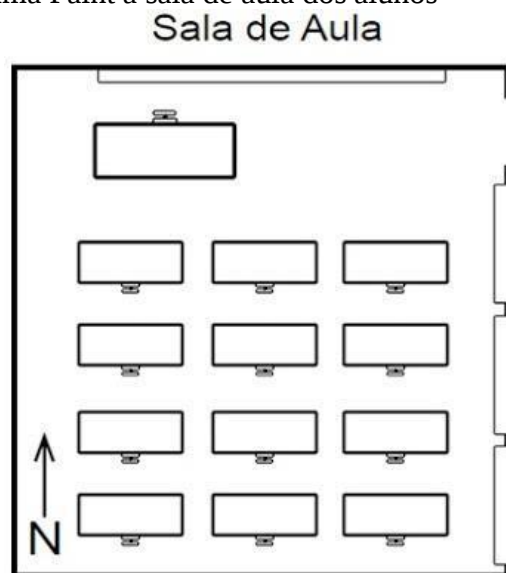


Fonte: Imagem 29 - <http://d21elite.wix.com/marioncosta#!material-didtico/c1phb>

2.3 SOLUÇÕES PARA ELABORAR MAPAS ALTERNATIVOS.

Quando não tiverem o mapa na resolução (. Ocad) pode ser usar:

- Criar no programa Paint a sala de aula dos alunos



Fonte: Imagem 30 - Pesquisadora

- Com o uso do Google Maps e o Paint pode-se pegar o mapa aéreo do local e fazer o traçado do percurso com o Paint:



Fonte : Imagem 31 – Google Maps

CONCLUSÃO

Atualmente, o cenário esportivo tende a levar o esporte para o espaço aberto, para o ar livre, para o exterior, para a natureza. Tal tendência pode ser evidenciada pela crescente busca dos esportes de aventura o que pode carregar valores que retratam uma nova dimensão do relacionamento homem-natureza.

As práticas Corporais de Aventura, sobretudo aquele realizado junto à natureza, representa mais uma possibilidade de aproximação entre o indivíduo e o meio ambiente. Apesar de saber que só esse simples contato não é capaz de tornar o indivíduo defensor do meio ambiente, mas a reflexão e discussão sobre esse contato podem ser mais uma possibilidade para Educação Física Escolar.

O Esporte Orientação, por exemplo, é um desafio interessante para os alunos. Essa atividade exige dos participantes competências relacionadas à leitura de mapas, da capacidade de orientação espacial; dependendo da intensidade da proposta, irá também exigir um nível do condicionamento físico, do controle da intensidade em função ao tempo estipulado para cada etapa do trajeto.

Sabe-se das dificuldades encontradas na Educação Física para a construção de um trabalho interdisciplinar, porém é fundamental empenhar-se para esforços nesse sentido. É preciso investir na organização do espaço e do tempo escolar, para que a implantação de projetos não seja apenas modismo pedagógico e, sim traduza efetivamente a necessidade da compreensão da complexidade das questões sociais, como ensinar Educação ambiental, disciplina que precisa ser mais estudada, compreendida e trabalhada no interior da escola e das demais instâncias sociais. Rios, matas, cavernas, mares são tematizações que estão apoiadas em um olhar transdisciplinar e que se mostram possíveis enquanto parte das aulas de Educação Física Escolar através do ensino do Esporte Orientação.

Em relação às atitudes dos alunos, percebe-se que a maioria dos alunos não tem tomada de decisão, livre pensar e emissão de opiniões acerca da realidade a qual se encontram inseridas. Partindo desse ponto, a orientação apresenta-se como inovação para criar condições no ambiente escolar revertendo esse quadro que parece de fundamental importância.

Esse esporte é um grande destaque, sem dúvida alguma, e por conta de ser uma das atividades mais promissoras, pois aliando a atividade física à atividade intelectual é um esporte altamente interativo. Esporte que se torna cada vez mais conhecido no Brasil, tendo cada vez maior número de participantes, pode ser inserido ao currículo da Educação Física Escolar, como mais um conteúdo de grande valor pedagógico.

Para concluir, pode-se precisar sinteticamente a Orientação dentro das seguintes observações:

- É um esporte dinâmico de maior longevidade pessoal (começar aos 6 ou 7 anos e vai até à velhice);
- Tem como cenário a própria natureza;
- É um meio para se aprender a Educação Ambiental;
- Congrega a família, grupos, sociedades, etc.;
- Não há diferenciação de sexo;
- Pode ser praticada por deficiente físico.

Enfim, ensinar Orientação é diversificar os conteúdos de Educação Física Escolar com trabalhos interdisciplinares; Pode melhorar as relações de ensino, pois articula os conhecimentos sistematizados das diferentes áreas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Lei N.º. 9.795, de 27 de Abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências.

BRASIL. Ministério da Educação e Desporto. Secretaria de Ensino Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: MEC/SEF, 1997 (área: Educação Física; ciclos 1 e 2).

BRACHT, Valter. *Sociologia crítica do esporte: uma introdução*. Vitória: Ufes/CEFD, 1997.

DARIDO, S.C. *Educação Física na Escola: questões e reflexões*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

DARIDO, S.C.; RANGEL, I.C.A. *Educação Física na Escola: implicações para a prática pedagógica*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DORNELLES, J. A. F. *O Percurso de Orientação*. Santa Maria: 2005.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educacional*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FAZENDA, Nani C. A. *A interdisciplinaridade na Sala de Aula*. In: Apostila didática Aplicada a Psicopedagogia. Pós-Graduação. Ensino a distância. Rio de Janeiro: Exército Brasileiro, Centro de Estudo de Pessoal, 1998.

PASINI, C. G. D. *Corrida de Orientação: esporte e ferramenta pedagógica para o ensino*. Três Corações: Gráfica Excelsior, 2004.

APÊNDICE E – Cartilha Pedagógica do Esporte Orientação (EDITADA)

Marion Costa da Silva

CARTILHA PEDAGÓGICA



ESPORTE ORIENTAÇÃO,
DIVERSIFICANDO O
CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO
FÍSICA ESCOLAR

Produto Pedagógico elaborado
como requisito parcial para
obtenção de título de Mestre.

Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



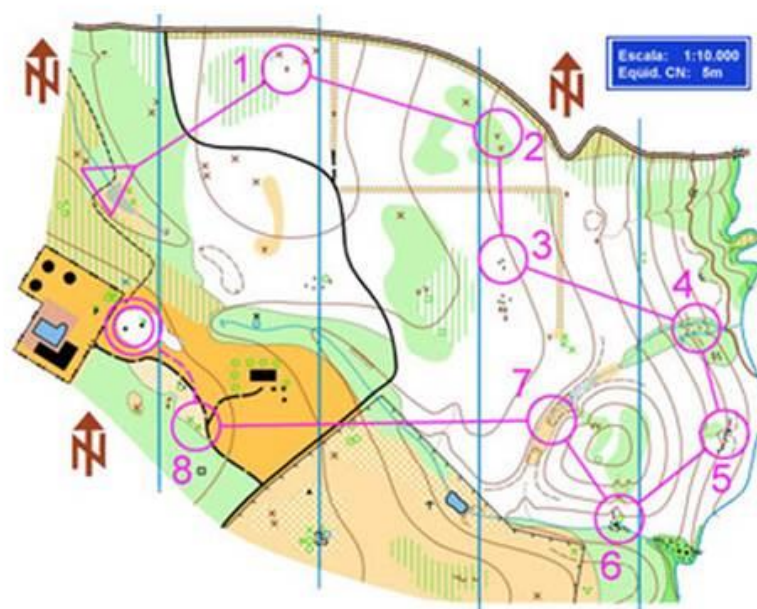
ÍNDICE

CAPÍTULO I: Orientação, mais um conteúdo para diversificar a Educação Física Escolar	1
1.1 <i>Esporte Orientação</i>	2
1.2 <i>Fundamentos do Esporte</i>	6
1.2.1 <i>O mapa</i>	6
1.2.2 <i>Bússola</i>	8
1.2.3 <i>O percurso de Orientação.</i>	10
 CAPÍTULO II: Possibilidades do Esporte Orientação na Escola	 16
2.1 <i>Orientação na Escola.</i>	16
2.2 <i>Materialização da Interdisciplinaridade pelo Esporte Orientação</i>	17
2.3 <i>A Orientação como fomento para Educação Ambiental.</i>	20
2.4 <i>O ato de se orientar no Território da Educação</i>	22
2.5 <i>"Território da Educação": A Escola</i>	24
 CAPÍTULO III: Processo de Ensino – Aprendizagem do Esporte Orientação	 27
3.1 <i>"Metodologia de Ensino" do Esporte Orientação</i>	27
3.2 <i>Possibilidades pedagógicas</i>	30
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	 46

CAPÍTULO I

ORIENTAÇÃO, MAIS UM CONTEÚDO PARA DIVERSIFICAR O CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.

Sobretudo aquele realizado junto à natureza, representa uma possibilidade de aproximação entre o indivíduo e o meio ambiente, devido a interação com os elementos naturais e as suas variações, com o sol, vento, montanha, rios, vegetação densa ou desmatada, lua, chuva, tempestade, desencadeando atitudes de admiração, respeito e preservação. Seria ingênuo acreditar que o simples contato com a natureza fosse condição suficiente para considerar o indivíduo como defensor do meio ambiente, porém a reflexão e discussão sobre as vivências podem constituir mais uma possibilidade para as atividades de lazer abordadas pela a educação física na escola. (DARIDO, 2005, p. 184)





1.1 Esporte Orientação

A denominação Orientação pode gerar algumas dúvidas, pois muitos conhecem apenas o conceito da palavra “Orientação” como sinônimo de ajuda, auxílio, ou então orientação vocacional. Porém, existe o Esporte Orientação, que é conhecido no Mundo como “Orienteering”. Etimologicamente, “Orientação” é o ato ou arte de orientar-se que, ato contínuo, visa determinar ou ajustar uma posição (lugar) em relação aos pontos cardeais. Mas, definindo Orientação como esporte, afirma-se que é: a arte de navegar por terras desconhecidas com o auxílio de um mapa topográfico e uma bússola, onde está marcado o percurso que deve ser realizado, no menor de tempo possível.

O orientista, como é chamado o praticante do esporte, encontrará os pontos de controle que estão representados no terreno, por prismas, cuja área de localização está representada por um círculo, no mapa. É praticada em ambientes naturais, como florestas, parques e reservas; por isso, é considerado um “esporte da natureza”, pelos seus praticantes. Mas, atualmente, muito praticado em ambientes urbanos e prédios, vertente que surgiu principalmente para dar visibilidade ao esporte.

Como esporte, a Orientação surgiu em 1850 nos meios militares Escandinavos, que a utilizavam como meio de entretenimento para as suas tropas. Após alguns decênios, em que o bichinho se espalhou, os clubes desportivos começaram a organizar as primeiras competições. Em 1888, a palavra Orientação é usada pela primeira vez na Academia Militar Sueca (em Karlberg, perto de Estocolmo).

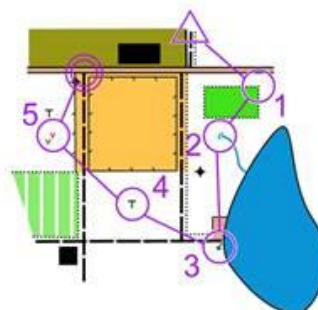
A primeira competição de Orientação em Estocolmo, organizada por Gösta Drake aconteceu em 30 de Junho 1895. A Orientação entra no programa da Federação Sueca de Atletismo em 1912, por influência do Chefe de Escuteiros Ernst KILLANDER.

Em 25 de Março de 1919 acontece a primeira competição oficial, que reúne 217 participantes inscritos em três categorias. Com 12 km e apenas três pontos de controles, a prova foi organizada pela Federação de Desportos de Estocolmo, tendo como diretor de prova o Ernst Killander**.

Como esporte educacional, em 1935 iniciou-se como disciplina nos currículos escolares da Suécia. Em Copenhague/Dinamarca, 1965 reuniram-se dez países (Bulgária, Ex - Checoslováquia, Dinamarca, Finlândia, Hungria, Noruega, Ex - RDA, Ex - RFA, Suécia e Suíça) para fundar a International Orienteering Federation - IOF.

O Esporte Orientação foi apresentado aos brasileiros através das Forças Armadas, em anos consecutivos a partir de 1970, com diversas ações em suas organizações militares, escolas de formação e competições que foram fortalecendo e difundindo a prática do esporte no país.

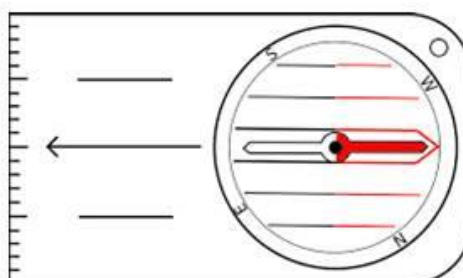
Em 1974, o MEC reconheceu o Esporte Orientação no currículo da Escola de Educação Física do Exército – EsEFEx como matéria obrigatória, e foi elaborado o primeiro manual do Esporte Orientação. No ano de 1979, o esporte tornou-se matéria curricular temporária na Academia Militar das Agulhas Negras.



Em 1988, o militar José Ferreira Barros, atleta de elite do C. O. Floresta e da Marinha do Brasil ensina Orientação informalmente para alunos do primeiro período do curso de Educação Física e professores da Universidade Federal do Rio de Janeiro de 1988 a 1991. Campus da UFRJ, Ilha do Fundão, RJ. Mas, foi em 1992, que esporte foi incluído no currículo dos cursos de Licenciatura em Educação Física e Bacharelado em Educação Física da Escola de Educação Física e Desportos/UFRJ. No ano de 1994, a WWOP (World Wide Orienteering Promotion) enviou para o Brasil o sueco Arto Rautiainen que colaborou na confecção de um mapa conforme a especificação internacional para mapas de Orientação.

No ano 1998 aconteceu o I Campeonato Brasileiro Universitário de Orientação (125 atletas). AFA, AMAN, EN, FABRA, FNSP, FRASCE, PUC, UFJF, UFMS, UFPEL, UFRJ, UFRGS, UFSC, UFSC-Flóri, ULBRA, UNIJUÍ, UNISC, URCAMP e URI, em Santa Maria, RS.

A Confederação Brasileira de Orientação (CBO) foi fundada em 11 de janeiro de 1999, Guarapuava - PR. Neste mesmo ano, em 24 de abril o Clube de Orientação Lobo Bravo de Guarapuava, PR, organizou a primeira prova Oficial da CBO (I Etapa do Campeonato Brasileiro de Orientação). Em 2 de agosto, na reunião do Conselho da IOF (Federação Internacional de Orientação), cidade de Inverness, Escócia, UK, o Brasil foi aprovado como Membro de Pleno Direito da IOF.



Fonte: <https://svgsilh.com/pt/image/776004.htm>

Desde 2000 são organizados eventos nacionais e internacionais pela CBO. A Orientação faz parte do currículo do ensino fundamental e médio de algumas escolas da Região Sul e em escolas Militares, onde esporte é mais desenvolvido. Em relação às instituições de Ensino Superior, apenas as Instituições Militares e a Universidade Federal do Rio de Janeiro possuem a disciplina “Esporte Orientação”, sendo que nas Instituições Militares, a disciplina é obrigatória e na Instituição Civil é eletiva.

Curiosidades:

* As informações contidas a partir deste parágrafo até o final do histórico mundial e do Brasil foram baseadas na Apostila da Escola de Educação Física do Exército (1998).

** Major Ernest Killander – considerado o criador do Esporte Orientação.

Acessem os seguintes vídeos, e aprendam mais sobre o Esporte Orientação:

1. Introdução do Curso de Esporte de Orientação:
<https://www.youtube.com/watch?v=jayajwmtAtM>
2. Como surgiu o Esporte de Orientação:
<https://www.youtube.com/watch?v=aWtM3Sj5Rt0>

1.2 Fundamentos do Esporte

1.2.1 O Mapa

O mapa precisa retratar o terreno o qual ele representa, conter todas as formas e acidentes do relevo, como: colinas, esporões, ravinas, valas, depressões, e etc. Normalmente, a equidistância (distância entre as curvas de níveis no terreno) é de 5 m e suas escalas (proporção entre mapa e terreno – centímetros/metros). As curvas de nível no mapa representam as elevações e os acidentes do terreno, a mais popular é a de 1:10.000, para iniciantes e crianças até 14 anos são utilizadas as escalas 1:5.000 ou 1:7.500. Nos mapas de “Sprint” é utilizado a escala de 1:4.000.

Considere a fórmula:

$$E = \frac{d}{D}$$

E = Como a escala.

d = Como a distância no mapa

D = Como a distância Real

Outros acidentes, tantos naturais (rios, pântanos), como artificiais (estradas, construções) também são representados no mapa. As linhas paralelas verticais, que atravessam o mapa, representam o norte magnético da carta, junto com os meridianos magnéticos da bússola orientam a carta para o norte magnético. As cores do mapa e os símbolos impressos no mapa são padronizados pela ISOM (Simbologia Internacional para os mapas de Orientação).





Fonte: <http://cloriba.blogspot.com/2009/01/simbolos-isom-2000.html>

Curiosidades: Assista os vídeos explicativos:

Leitura de mapas -

<https://www.youtube.com/watch?v=qh0i2IQ1SeQ>

Elementos Gerais do Mapa de Orientação-

<https://www.youtube.com/watch?v=kqYwF17ELBk>

Compreendendo: Assista o vídeo explicativo sobre como calcular escala:

<https://www.youtube.com/watch?v=3rY7KkzI9cU>



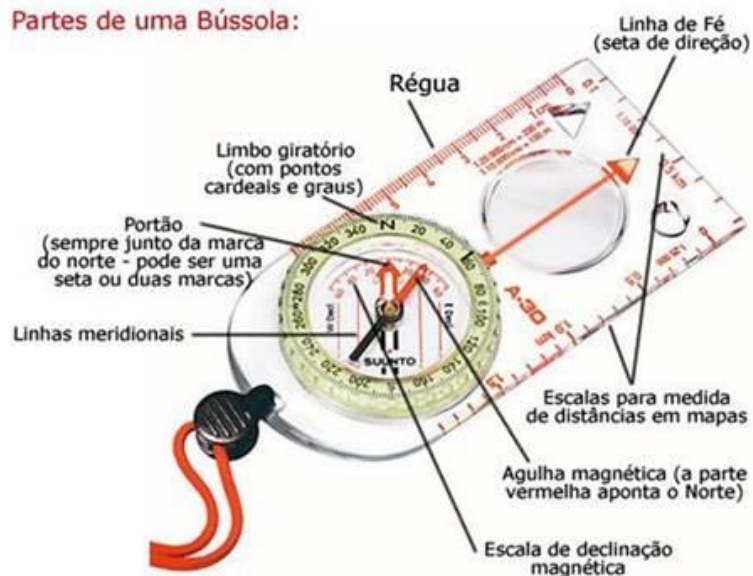
Os mapas de Orientação precisam ser bem detalhados, indicar todas as características do terreno e sua condições, de fácil leitura e com boa qualidade de impressão dos mapas para o manuseio do praticante.

Fonte: <https://pixabay.com/pt/vectors/cartografia-mapa-mapa-do-tespuro-2074079/>

1.2.2 Bússola

A bússola é um material primordial na prática do Esporte Orientação, pois é com este instrumento que o praticante mantém o mapa orientado com o terreno, se necessário.

Partes de uma Bússola:

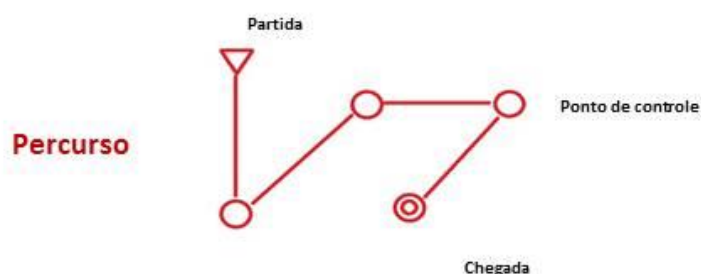


Fonte: <https://www.tekniqulxasil.com/orientacao-com-bussola-e-mapa-parte-ii/>

Assista o vídeo explicativo: Conhecendo a Bússola:
<https://www.youtube.com/watch?v=YobqqteFHlc>

1.2.3 O percurso de Orientação

O percurso de Orientação é definido pela partida (representado pelo triângulo), pontos de controle (representado pelos círculos) e chegada (representado por dois círculos concêntricos):

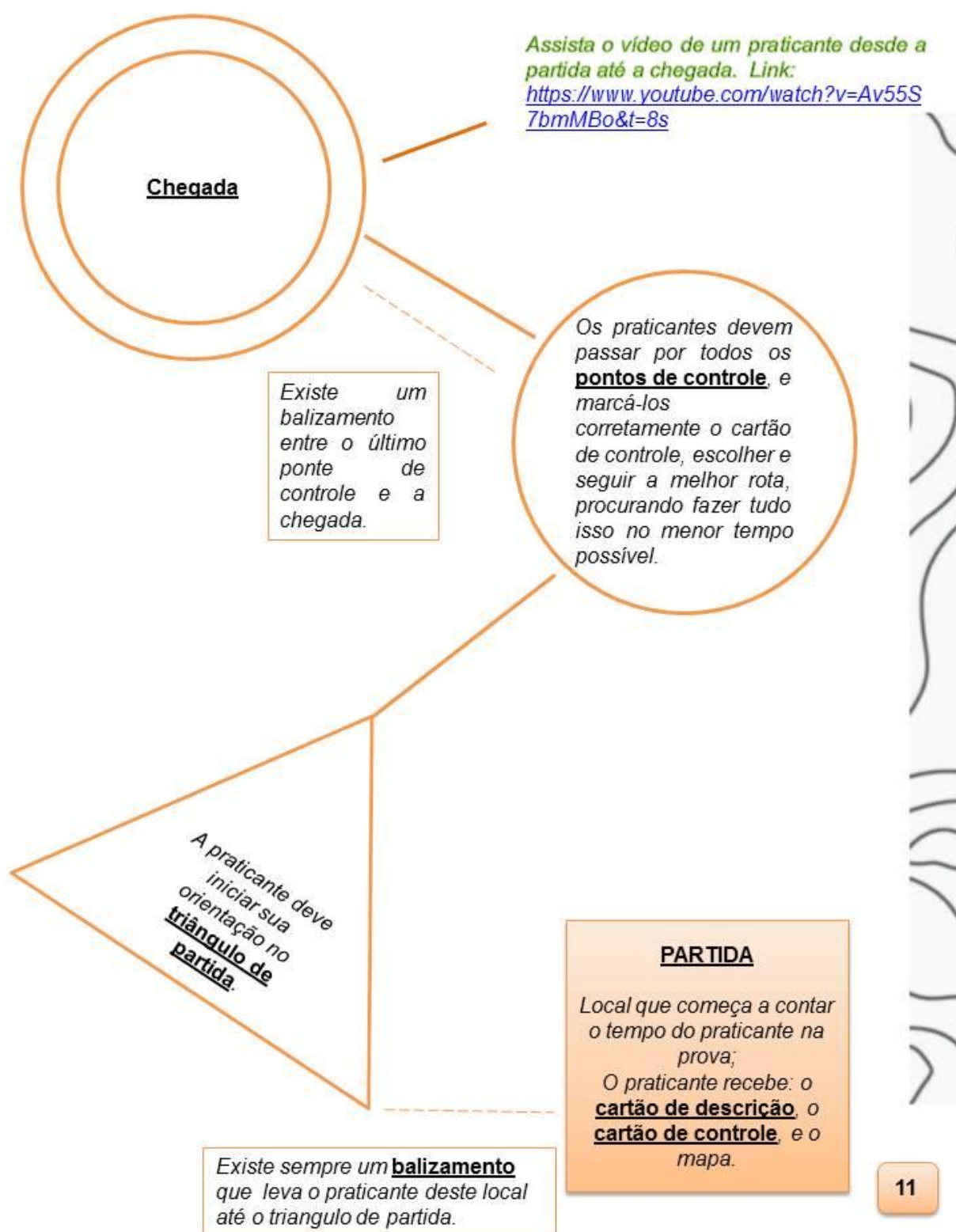


Os pontos de controle que são demarcados no mapa de orientação, estarão no local equivalentemente no terreno:



Fonte: https://www.facebook.com/Mapico167490307487644/?epa=SEARCH_BOX

Os pontos de controle estarão sempre em elementos característicos do terreno (moitas, cercas, ...); Devem ser visitados na ordem crescente, mas é o praticante que escolhe as rotas de um ponto a outro. Nesses pontos de controle o praticante encontra um prisma e um picotador.



SINALÉTICA

Nome do Evento				Circuito Neblina			
Categorias do Percurso				HE1 - HN2			
nº percurso	comprimento	subida		1	2,6 km	60 m	
A	B	C	D	E	F	G	H

Coluna A: número da sequência que os controles devem ser visitados.
 Coluna B: número do controle.
 Coluna C: posição do objeto do controle.
 Coluna D: objeto do ponto de controle.
 Coluna E: natureza do objeto do controle ou um segundo objeto.
 Coluna F: dimensões ou combinações dos objetos em D e E.
 Coluna G: posição do prisma no objeto do controle.
 Coluna H: outras informações importantes.

	H21N	3.200	90
1	58	●	↑
2	58	●	↑
3	47	○	↑
4	45	○	↑
5	55	▲	↑
6	54	▲	↑
7	53	□	↑
8	57	□	↑
9	64	○	↑
10	67	○	↑
11	74	○	↑
12	75	○	↑
13	73	○	↑
14	72	○	↑

170 →

Use o cartão ao lado pra treinar a ler as descrições de pontos de controle.

Fonte: <http://neblinaonline.blogspot.com/2013/06/cartao-de-descricao.html>

O **cartão de controle** deve ser picotado para que o praticante comprove sua passagem pelos pontos de controle.

ESCALÃO		NOME		PEITORAL		CLUBE		TEMPO	
21	22	23	24	25	26	27	28	29	30
11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

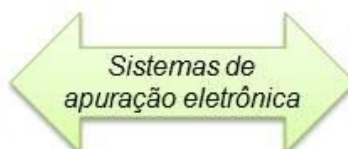
Fonte: <http://edfgeo.blogspot.com/2010/06/cartao-de-controle.html>

- Ao final do percurso, o cartão de controle com os respectivos registros será verificado pela organização definindo a classificação ou não do atleta;
- Existem sistemas eletrônicos para registrar a passagem do praticante no percurso, dando agilidade na execução do esporte. Muito utilizado em competições oficiais;



Sistema de apuração eletrônica – SPORT IDENT

Fonte: <https://www.sportident.com/>

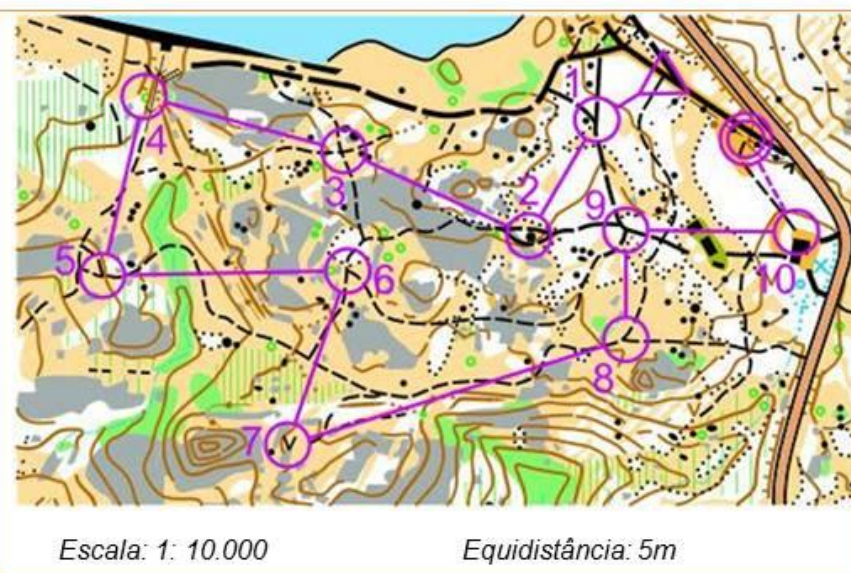


Sistema de apuração eletrônica – EMIT

Fonte: <https://www.emit-uk.com/emit-e-card-system/>

Abaixo, uma mapa específico do Esporte Orientação trazendo todas as informações já apresentadas na cartilha: percurso; características do mapa (símbolos, escala, curva de nível, equidistância)

Fonte: <https://www.istockphoto.com/br/>



Nos pontos de controle, quando o praticante chega no objeto no terreno, ele encontra o “Prisma”.



Fonte: www.forj.org.br

Os **prismas** têm bases triangulares, nas cores laranja e branca nas três faces do prisma, em diagonais. Os prismas medem 30 cm de lado, são sustentado por cavalete e nele é preso um picotador e/ou uma base eletrônica.

O Esporte Orientação é muito justo com seus participantes, pois competem ou praticam através de grupo comum (categorias). Os praticantes podem ser:

- Homens (H) ou mulheres (D);
- Crianças, adultos ou idosos;
- As categorias dividem-se por sexo, idade, e graus de dificuldade dos percursos;
- Em relação aos graus de dificuldades:
 1. Categorias "N": Novatos – percursos fáceis;
 2. Categorias "B": Experientes - percursos moderados;
 3. Categorias "A": Mais experientes - percursos difíceis.
 4. Categoria "E": Experientes, um alto nível técnico e um ótimo condicionamento físico.

Categorias

D10 e H10: até 10 anos

D12 e H12: até 12 anos

D14 e H14: até 14 anos

D16 e H16: até 16 anos

D18 e H18: até 18 anos

D20 e H20: até 20 anos

D80 e H80: Mais de 80 anos

D21 e H21: De qualquer idade acima de 21 anos

D35 e H35: Mais de 35 anos

D40 e H40: Mais de 40 anos

D45 e H45: Mais de 45 anos

D50 e H50: Mais de 50 anos

D55 e H55: Mais de 55 anos

D60 e H60: Mais de 60 anos

D65 e H65: Mais de 65 anos

D70 e H70: Mais de 70 anos

D75 e H75: Mais de 75 anos

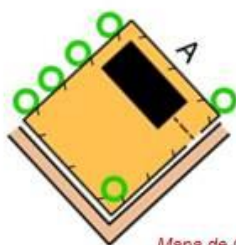
D85 e H85: Mais de 85 anos

A partir das categorias D40 e H40, acontece um intervalo de 5 anos entre as categorias. Essas categorias seguem até a idade do participante mais velho de uma competição.

CAPÍTULO II: Vivenciando o Esporte Orientação na Escola

2.1 A Orientação na escola

Saber orientar-se utilizando um mapa, isto é, deslocar-se com segurança de um ponto para outro, em qualquer ambiente novo e desconhecido, utilizando a representação gráfica desse meio, com croqui (que pode ser elaborado através de uma planta baixa) e/ou mapa convencional do Esporte Orientação, fazendo a relação espacial do desenho com a realidade, é o principal objetivo do esporte, que pode ser um potencial conteúdo educativo a ser desenvolvido no espaço escolar. Em algum momento da vida, as pessoas são confrontadas com um mapa da cidade, em situações de turismo, etc. A leitura de um mapa e a orientação são habilidades necessárias em diversas situações na cidade, em viagem ou na prática de esportes ao ar livre. Nada melhor do que iniciar com exercícios práticos que utilizem croquis e mapas de áreas conhecidas e seguras (espaço escolar), passando por toda a Educação Básica, promovendo estímulos de características necessárias para que cada indivíduo possa se deslocar com propriedade e em segurança em lugares desconhecidos. A iniciação em mapas simples oportuniza os estudantes o desenvolvimento da visão tridimensional, que é o “[...] mesmo que a imagem projetada na retina de nossos olhos seja plana, conseguimos enxergar em três dimensões (profundidade, altura e largura)” (SILVA, 2019), e deve ser ensinado de forma progressiva, cada passo, cada técnica, cada competência, evoluindo do conhecido para o desconhecido, como da sala de aula e ginásio, para o espaço escolar e espaços entorno da escola (a comunidade, o bairro), e sempre que possível, no ambiente natural (florestas, bosques e parques), para assim poder aplicar os conhecimentos adquiridos em meio natural e desconhecido.



Mapa de Orientação



Mapa 3 em dimensões

Fonte: <https://www.facebook.com/Mapico>
167489307487644/?epa=SEARCH_BOX

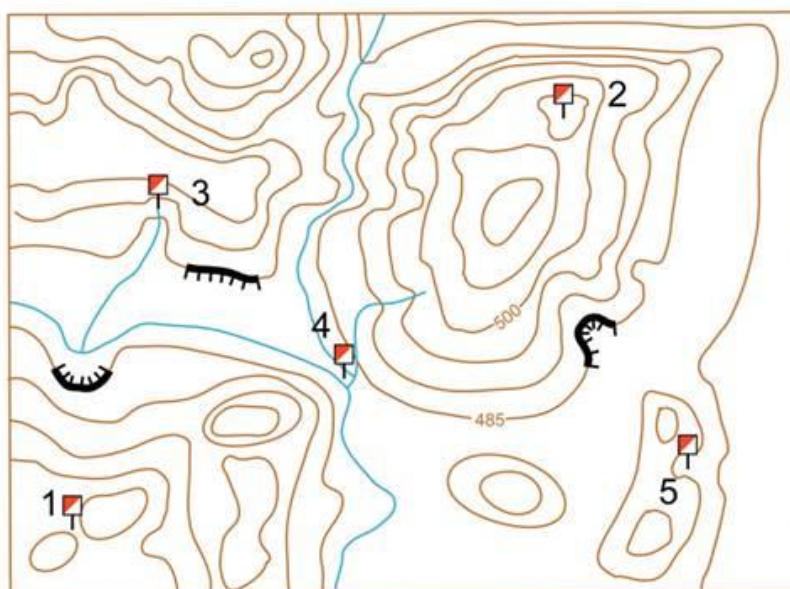
Para além de aprendizados técnicos, viabiliza o desenvolvimento da autonomia, tomada de decisão, autocontrole, observação, reflexão, no desenvolvimento das capacidades físicas, como resistência, força, flexibilidade, velocidade, e agilidade. Dentro da escola, essa modalidade pode ser revolucionária, já que fomenta conceitos e coloca em prática atitudes importantes, como saber fazer escolhas, protagonismo juvenil, apresentando desta forma várias características que proporcionam uma educação integral.

2.2 A materialização da interdisciplinaridade pelo Esporte Orientação

O potencial pedagógico do Esporte Orientação coloca-o em condições de estratégia pedagógica, pelo fato de ser um meio de contextualizar conceitos de diversas disciplinas do currículo escolar. O estudante tem a possibilidade de materializar conceitos que aprendeu em sala de aula, devido a práxis educativa do esporte, que permeia por uma variedade de informações e ensinamentos.

Com essas características, esta modalidade esportiva, se apresenta no ambiente escolar com um grande potencial educacional, que proporciona como conteúdo e estratégia pedagógica, o rompimento com a educação tradicional e excludente, que torna o estudante limitado e dependente, sempre indicando a direção a seguir e como fazer.

Através de uma Educação Física Inovadora, com uma prática educativa contextualizada, o Esporte Orientação apresenta-se como um desafio interessante, exigindo dos estudantes diversos conhecimentos, sendo consultados concomitantemente, como: interpretação de mapas, orientação em espaços desconhecidos, elaboração de cálculos matemáticos, atrelados ao controle físico e motor. Quando o estudante consegue entender o porquê de aprender tantos conteúdos, dar sentido ao aprendizado, eles começam a entender que todo conhecimento é necessário, e que determinado momento, eles podem vir lançar mão deles.



Fonte: https://www.facebook.com/Mapico/167489307487644/?eps=SEARCH_BOX

Em quais altitudes estão os pontos de controle do mapa ?

Muitos conceitos matemáticos são utilizados durante a prática do Esporte Orientação.

Disciplinas Fundamentais para prática do Esporte Orientação	
Disciplinas	Principais Conteúdos
Geografia	Estudo dos mapas, escalas, latitude, longitude, interpretação de convenções cartográficas, reconhecimento de tipos de vegetação, direção de rios, orlas dos lagos, etc.
Matemática	Cálculos, estudo das escalas, retas, ângulos, diagonal, etc.;
Educação Física	Desenvolvimento das qualidades físicas, sociais, culturais, lazer, saúde e higiene, na exploração do meio ambiente.

O aprendizado da Orientação possibilita fazer uma conexão com conteúdos de algumas disciplinas, como: Ciências, Educação Ambiental, Educação Artística, História, Português e Inglês. Mas, para a prática do esporte é importante conhecer alguns conteúdos das disciplinas Educação Física, Geografia, Matemática. E para condensar os aspectos positivos do Esporte Orientação, o que fortalece a proposta deste conteúdo no currículo escolar são as habilidades que podem ser desenvolvidas através da dimensão atitudinal deste conteúdo. Já se colocou a dimensão conceitual com a importância dos diversos conteúdos imbuídos na prática do esporte, ratificou-se também da dimensão procedimental, com a importância de trabalhar o esporte por projeto interdisciplinar, iniciando com a estrutura da escola e expandido para aos redores e se possível no ambiente natural. Mas, as atitudes positivas promovidas são de extrema importância para vida social dos estudantes. A BNCC trata essas atitudes como “competências socioemocionais”, onde o documento considera que são essenciais para a convivência e para o desenvolvimento de projetos de vida, seja no contexto pessoal, escolar ou profissional.

O Esporte Orientação tem a particularidade de oportunizar aos estudantes atuar efetivamente de forma autônoma, porque não se restringe a simples exercícios de certas habilidades corporais, mas a possibilidade de exercê-las com autonomia de maneira social e culturalmente significativa. Ao praticar o esporte, atitudes como autoconhecimento, autocontrole, consciência social, tomada de decisão responsável estarão sempre em desenvolvimento, pois durante a atividade o praticante precisa identificar o problema, buscar a melhor solução e agir.

O poder de decisão no momento da escolha, e do caminho a ser seguido são ações significativas para a prática do esporte. Ao analisar o terreno através do mapa, todos os conhecimentos e experiências se interagem proporcionando uma atividade significativa. As escolhas feitas podem proporcionar ou não as melhores rotas para alcançar os objetivos.

2.3 A Orientação como fomento para Educação Ambiental.

A legislação na área ambiental e as abordagens da Educação Ambiental no currículo da Educação Básica no Brasil estão bem estruturadas, para tanto, se têm considerações retratadas nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), e na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Os documentos norteadores da Educação Básica (PCNs e DCNs) foram elaborados, propondo que a Educação Ambiental nas escolas seja desenvolvida transversalmente e não como uma disciplina. Portanto, percebe-se que, é preciso refletir e elaborar métodos inovadores que viabilizem o desenvolvimento desta temática na Escola para os estudantes, na perspectiva que tornem cidadãos conscientizados, que reflitam sobre a preservação e manutenção do meio natural para o bem de toda a sociedade, entendendo que esse cuidado é primordial para uma vida saudável e sustentável.



Assim, promover a sustentabilidade, e/ou um desenvolvimento sustentável, e/ou uma educação ambiental no contexto escolar, primeiramente será preciso que o professor, a equipe pedagógica, a comunidade escolar reflitam e externem através do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, que tipo de sociedade que eles almejam! A resposta desta questão irá nortear uma possível definição de educação ambiental que a escola pretende realizar, como também os objetivos educacionais, as ações pedagógicas, os projetos, os programas, enfim, tudo que será desenvolvido no contexto educacional daquele espaço escolar.

Essa educação ambiental pode ser pensada para questões da comunidade escolar e/ou projetar ações mais amplas e profundas, como em intervir em políticas públicas. Então, pensar e elaborar uma educação ambiental em prol do coletivo é desenvolver a chamada “Educação Ambiental Transformadora”, que identifica os seus sujeitos sociais, com níveis diferenciados de responsabilidades ambientais. Sabendo que esta educação irá se debruçar na crise ambiental como uma manifestação da crise da nossa civilização que requer mudanças.

Portanto, o processo educativo que se promove nessa cartilha, prevê uma postura dialógica problematizadora e comprometida com as transformações estruturais da sociedade por meio da ação individual, e coletiva que acontece dentro do espaço escolar. Que poderá ser vista como ato político, logo, ensinar o Esporte Orientação com todas essas premissas conceituais e ideológicas será uma política pública educacional, voltada para o ensino de uma Educação Física Escolar emancipatória, que reflete e discute sobre as demandas socioambientais da sua comunidade escolar, de sua comunidade geográfica, de sua cidade, do seu país e do seu mundo.

Neste contexto, o ensino do Esporte Orientação irá superar a justaposição de disciplinas, técnicas e fundamentos para a prática esportiva, pois será um conteúdo que trará possibilidades de diálogos com temas socioambientais de seu grupo social (escola, bairro, cidade, estado, país), e o fomento de uma Educação Ambiental para além da preservação e conservação de um ambiente natural restrito, e sim pensando em sustentabilidade de forma social, cultural e política.



Fonte: <https://www.flickr.com/photos/brownreddish/8528725733/>

2.4 O ato de se orientar no Território da Educação

O espaço escolar é constituído por uma comunidade (professores, estudantes, responsáveis, equipe gestora, e equipe de apoio) que está em constante troca, comunicação, e compartilhamento de ensinamentos e informações. Assim, a contextualização deste espaço em relação aos seus aspectos objetivos e subjetivos pode contribuir para a reflexão sobre diversas questões, uma vez que pode fomentar conhecimentos econômicos, políticos, ideológicos e sociais que se manifestam sobre as pessoas e sobre a Escola. Alguns temas, como a segregação espacial, o processo de favelização, a evolução da violência e marginalidade, podem trazer toda essa reflexão através das práticas corporais contextualizadas, dando significado aos conteúdos escolares, o currículo formal e oculto da escola.

Esse espaço escolar precisa ser apresentado para os estudantes, numa nova perspectiva, tudo deve ser ensinado com enredo, procurando apresentar os fatos e acontecimentos de forma significativa, com necessidade de propor uma educação diferenciada, propor o entendimento do que é o mundo, do que são os lugares, e a partir deste pressuposto, buscar desenvolver a compreensão do que é a sociedade hoje, e propor algo que consiga garantir uma educação contemporânea.

O ato de se orientar é uma técnica pela qual o homem se localiza e se locomove no espaço geográfico. A escola, a casa, a rua, o bairro, todos são espaços geográficos onde temos que nos deslocar e encontrar pessoas e objetos. O homem sempre soube da importância de se orientar no espaço geográfico e, por isso, nos últimos anos, os instrumentos de orientação e locomoção têm se tornado cada vez mais avançados, com alta tecnologia empregada na elaboração desses equipamentos.



Fonte: <https://pxhere.com/pt/photo/1418873>

Em relação à estruturação física de um corpo no espaço, é bastante simples se pensar que a todo o momento é preciso fazer algo relacionado à orientação. Por exemplo, ao entrar na escola, precisa orientar-se para chegar até a sala de aula. Dentro da sala de aula, precisa orientar-se para chegar até a carteira. Geralmente, para orientação e localização, utiliza-se de objetos técnicos como bússola, GPS, ou termos técnicos, como as palavras à esquerda, à direita, atrás, à frente, acima, abaixo, todas com o intuito de orientar uma pessoa ou um objeto. Em relação ao espaço geográfico, utilizamos os pontos cardeais, os pontos colaterais. Mas, trazendo um questionamento de Santos (2006): “Como trabalhar a questão da técnica de modo a que sirva como base para uma explicação geográfica? Cremos que um primeiro enfoque é considerar a própria técnica como um meio.” (p.22).

Como resposta a esta pergunta, traz-se a importância do Esporte Orientação ao estudante, como conteúdo da EFE que contextualiza diversos conceitos, de diversos componentes curriculares através de uma prática corporal, por meio de questões referentes aos elementos cartográficos e suas utilidades (geografia), como a escala (matemática) e a legenda (português), os tipos de mapas (físicos, econômicos, políticos, demográficos, topográficos, temáticos, culturais e ilustrativos) e as atribuições dadas a cada um.

Portanto, na escola, o Esporte Orientação representa um fenômeno técnico, que pode adequar à materialização de alguns conceitos, que culturalmente ficam apenas nas notas dos cadernos e/ou livros didáticos. Esta técnica pressupõe uma forma ideal e meio para se alcançar a materialização de alguns conteúdos, principalmente em relação ao conteúdo de Geografia “Cartografia”. Mas para isso, será preciso uma sistematização do conteúdo, de forma a contemplar todos os aspectos (econômicos, sociais, culturais, educacionais e políticos), pensar em ações educativas que possam fazer refletir sobre estas questões. Consecutivamente, pensando no Esporte Orientação como enredo, que contextualizará o aprendizado, e na necessidade de validação desta técnica educativa, se torna necessário também, pensar na forma de verificação deste tipo de aprendizagem.

2.5 “Território da Educação”: A Escola

Atualmente, uma das principais definições usadas sobre território foi o apresentada pelo geógrafo Milton Santos, onde elucida que território é o espaço apropriado e transformado pela atividade humana.

Para o geógrafo Milton Santos, o território se apresenta como um objeto dinâmico, repleto de relações, e é essencial sobre a vida do indivíduo e do corpo social. Então, o território englobaria as características físicas de uma dada área, e também as marcas produzidas pelo homem, ou seja, há uma dependência estrutural, funcional e processual entre a sociedade e o espaço geográfico.

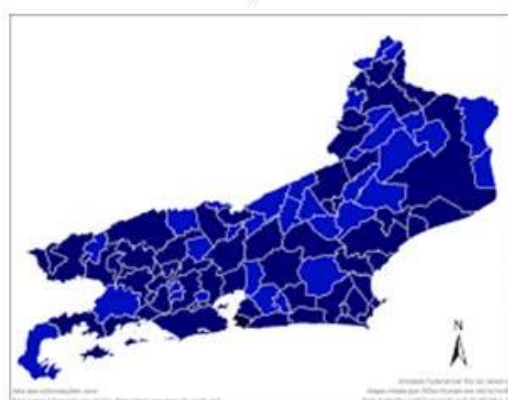
Por saber que um território é espaço com pressupostos de um grupo influente e lugar de nascimento de grupos da resistência, onde ocorrem ações e relações, se torna necessário pensar nos “territórios da educação: as escolas”.

Pensar em escolas que otimizem o desenvolvimento integral dos estudantes. Mas, esse território educacional vislumbrado só será possível quando forem pensados e produzidos por aqueles que o ocupam. Por isso, a importância de pensar e promover escolas que garantam a participação de toda comunidade escolar na potencialização de suas ações e relações. Um “território da educação”, onde sujeitos possam viver construir suas subjetividades, com base nas relações e realidades lá viventes.

Logo, o fomento de políticas públicas educacionais e ações intencionais são fundamentais na garantia do pleno desenvolvimento dos estudantes, sempre levando em conta as características que a escola apresenta, desde questões geográficas às sociais. É preciso oportunizar ações educativas, trazendo a cultura, as relações sociais, a história e outros elementos que nela existem em prol do desenvolvimento de toda comunidade escolar. A apresentação de práticas corporais inovadoras, como o Esporte Orientação, é uma oportunidade de trazer os conhecimentos de forma diferenciada, contextualizando não só o aspecto técnico dos conteúdos de educação física, geografia, matemática, mas materializando os conceitos de espaço geográfico.

Neste contexto, o Esporte Orientação, avançaria para além da interdisciplinaridade de conteúdos dos componentes curriculares necessários para prática do mesmo, e trataria da apresentação dos mapas de forma contextualizada dos ambientes escolares e extraescolares, materializando o que é aquele espaço escolar, dentro daquele bairro, dentro daquela cidade, dentro daquele país, com aquele público e consequentemente suas ações. Fazer com que estes estudantes deem importância ao espaço geográfico escola com toda sua complexidade. O objeto técnico, no caso em questão o esporte orientação, caindo na percepção do estudante, objetos como os mapas introduzidos em um determinado sistema de ações (escola) podem viabilizar o aprendizado sobre aquele território.

A proposta de difundir o Esporte Orientação ajudaria sim nas questões práticas de alguns conteúdos do currículo oficial, mas fomentaria sobre tudo o currículo oculto. Os estudantes podem ser incentivados a olhar com outros olhos os espaços existentes no interior da escola e entorno dela, pois muitas vezes a familiaridade excessiva com os lugares por onde nos movimentamos nos impede de ver a potencialidade de transformação que eles comportam. Assim, o Esporte Orientação proporcionaria uma reorientação, uma nova leitura do território, nessa perspectiva, os mapas de orientação podem fornecer subsídios para produzir novos modos de conhecer e compreender o bairro, a cidade, o país, isso seria um avanço para a transformação social.



Descrição	Português: Este mapa demonstra os níveis do IDH do Rio de Janeiro em 2010.
Legenda:	
	Muito alto
	Alto
	Médio
	Baixo
	Muito baixo
Data	6 de dezembro de 2018
Origem	Brazil Rio de Janeiro location map.svg
Autor	Alice Hunter

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

Fonte:
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Mapa_do_IDH_do_Rio_de_Janeiro_\(2010\).svg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Mapa_do_IDH_do_Rio_de_Janeiro_(2010).svg)

Território usado é um espaço geográfico historicizado, por uma comunidade, assim, entender “território” é estar atento para os modos de organização, de articulação, de resistência e de sobrevivência que as pessoas que ocupam esses espaços vão criando no seu cotidiano. Ou seja, o território usado, no nosso estudo “a escola”, é tanto o resultado do processo histórico quanto a base material e social das novas ações pedagógicas, tanto dos professores como dos estudantes. Então a escola, o espaço geográfico, o território da educação, este território usado pode condicionar e explicar as relações com os espaços que estão ao seu redor; mostrar as relações entre as zonas edificadas e não edificadas da escola, a sua distribuição e o seu uso; e as relações interpessoais instauradas naquele espaço.

Neste contexto, o Esporte Orientação na sua prática pode auxiliar na identificação da realidade, história, e potencial daquele espaço geográfico, assim contribuir para e com o bem comum, que no território de educação seria o fomento das ações educativas a fim de proporcionar uma educação pública.



Fonte: <https://www.google.com.br/maps/@-22.9615735,-43.1663944,17z?hl=pt-BR>

CAPÍTULO III: Processo de Ensino – Aprendizagem do Esporte Orientação

3.1 “Metodologia de Ensino” do Esporte Orientação

Pensando em uma EFE contemporânea, no material pedagógico que dialogasse com as premissas da teoria curricular crítica, buscou-se na “Metodologia do Ensino da Educação Física”, uma obra que vem sendo referência na formação inicial e continuada de profissionais de Educação Física, uma leitura imprescindível e clássica da área, como suporte teórico para nortear os conceitos e planejamentos das atividades da cartilha, pois no Coletivo de Autores (SOARES et. al., 1992, p. 62) “os temas da cultura corporal, tratados na escola, expressam um sentido/significado onde se interpenetram, dialeticamente, a intencionalidade/objetivos do homem e as intenções/objetivos da sociedade”.

Apropriando-se do currículo crítico como respaldo para a elaboração do produto desta pesquisa, sabendo que nesta perspectiva curricular, os conteúdos são conhecimentos necessários que precisam ser desenvolvidos levando em consideração as questões históricas e sociais dos mesmos, quando pensou nas atividades, vislumbrou-se naquelas que viabilizasse conhecimentos que permitissem entender e acessar de diversas maneiras a prática corporal Esporte Orientação, ou seja, entender porque que é praticado daquela maneira, entender suas evoluções, por exemplo, o porquê criou a possibilidade de praticar o Esporte Orientação em ambientes fechados (indoor).



Coletivo de Autores, 1992.

A relevância social do Esporte Orientação no contexto escolar pode ser demonstrada no momento que o estudante perceba o significado deste esporte, quando ao vincular à explicação daquele espaço geográfico com sua realidade social, oferecer de forma concreta, subsídios para a compreensão dos determinantes sócios históricos como condicionantes de sua classe social.



Fonte: <https://i.pinimg.com/678x678/telephone-photo-fotografia-m%C3%A3o3veis-4048292/>

Como é um conteúdo versátil e aglutinador de informações, por trazer para sua prática conceitos inerentes para vida, como se orientar num espaço, e nele compreender seu corpo, se mover com cuidado num determinado ambiente, pode ser um conteúdo a ser flexibilizado e disponibilizado aos estudantes da Educação Básica. Utilizando de uma espiralidade para compartilhá-lo desde a Educação Infantil até o final do Ensino Médio, **adequando os conhecimentos com as possibilidades sócio cognoscitivas do estudante.**

A **sistematização do seu ensino** pode ser trazida desde a ludicidade afluída da Educação Infantil, buscando tesouros, até a complexidade de percorrer por um trajeto retilíneo, traçado por uma determinada angulação, a partir de um determinado ponto, um conjunto informações necessárias adquiridas ao longo do Ensino Fundamental. E através de uma atividade contextualizada trabalhar questões de desenvolvimento sustentável e espaço geográfico, desde o lúdico da educação infantil e a complexidade dos conteúdos trazidos no Ensino Médio.

Este esporte tem a particularidade de dialogar com conceitos de diversos componentes curriculares, oferecendo aos estudantes uma **simultaneidade dos conteúdos**, enquanto dados para realidade do mundo, podendo, por exemplo, nesta crise pandêmica traçar uma variedade de objetivos educacionais que perpassam pela dinâmica ler mapas e entender seus espaços geográficos equivalentes.

Através da **contemporaneidade** que pode ser viabilizada através deste esporte, os estudantes poderiam garantir de forma contextualizada um conhecimento mais moderno, do mundo contemporâneo, mantendo-os informados dos acontecimentos nacionais e internacionais, como por exemplo, relacionar questões de desenvolvimento sustentável e espaço geográfico.



Assim, a Educação Física Escolar promovida através da Cartilha acontecerá para além dos ginásios, salas e pátios, porque como já visto o Esporte Orientação possibilita aprendizagens diversas com temas tradicionais (matemática, geografia), e temas de urgência social (espaço geográfico, sustentabilidade). Com este conteúdo é possível estudar de forma contextualizada e materializada as questões socioambientais através de simples atividades de espaço, mapas, e localização, que podem trazer à tona para discussões e reflexões nas aulas de Educação Física.

Fonte: <https://pixabay.com/pt/photos/stelefone-foto-topografia-m%C3%A833xeis-4048297/>

3.2 Possibilidades Pedagógicas.

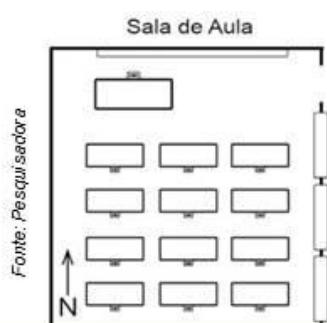
A Cartilha Pedagógica sobre o Esporte Orientação é um recurso para promover a diversificação dos conteúdos na EFE, e para possibilitar aos estudantes se identificarem com outra prática da Cultura Corporal. Buscou-se apresentar o conteúdo “Esporte Orientação”, e sua viabilidade no espaço escolar, para alcançar os objetivos específicos a Educação Física, e como fomentador de questões de sustentabilidade, de contextualização de territórios, do trabalho docente e da promoção de um currículo diferenciado. Assim apresenta-se esse subsídio pedagógico para professores que tenham pouco conhecimento e/ou nenhuma expertise sobre o conteúdo e sua aplicabilidade dentro do contexto escolar.

Uma cartilha pedagógica com atividades direcionadas para ambientes escolares, de um esporte que possui características peculiares em relação às demais práticas desenvolvidas nas aulas de EFE. Um material didático para viabilizar uma aprendizagem do Esporte Orientação na escola através de croquis e mapas simples, com o desenvolvimento de diversos conteúdos de diversas disciplinas, e a de vivências em ambientes naturais, sejam eles na parte externa da escola, ou próxima da escola.

Apresenta possibilidades para a prática do Esporte Orientação em qualquer espaço. Vislumbrando os espaços que poderiam ser disponibilizados para a prática do esporte na escola, o professor poderá desenvolver atividades em todo espaço escolar, tais como: salas de aula, pátios, ginásios, e se possível, em espaços naturais. Esta sequência de aulas possui atividades cooperativas e/ou competitivas, algumas com conteúdos do esporte e também de outra natureza. Apresenta diversidade em práticas e métodos. E viabiliza também, flexibilidade das mesmas.

3.2 Possibilidades Pedagógicas.

Tema: Conhecendo sua sala de aula	
Objeto de Aprendizagem	Esporte Orientação – Leitura de Mapa
Objetivos	Compreender desenhos planejados.
Conhecimentos	- Vivenciar situações didáticas usando o seu próprio corpo para a construção de alguns movimentos naturais: Correr, saltar, andar. - Experimentar algumas práticas do Esporte Orientação adaptadas ao espaço e às condições disponíveis no ambiente escolar.



Recursos: Desenho/mapa da sala de aula em uma folha A4, Datashow, folhas A4 e lápis.

Avaliação: Roda de Conversa sobre a aula: Escutar os estudantes sobre a impressão dos alunos; e reflexão da ação docente.

Descrição de Atividades:

1. Essa atividade pode ser executada de diversas formas. Uso de prismas pequenos ou adesivos;
2. Os alunos devem desenhar a sala como eles acreditam que seja; Primeiramente fazer de forma coletiva, no quadro. Depois de forma individual, numa folha de papel A4.
3. Depois dos desenhos prontos, com a utilização do projetor, o professor apresenta o mapa ideal da sala (Exemplo: desenho ao lado);
4. Em seguida, tire todos os alunos da sala, pois entrarão 4 alunos por vez na sala, para executar a atividade.
5. Cada aluno precisará buscar o maior número de prismas que estarão em determinados lugares da sala em 1 minuto. O ideal que o professor prepare vários desafios (percursos diferentes)
6. No prisma ou adesivo poderá existir uma informação que ele precisa anotar (exemplo: números -51/34/67)

Tema: Como você vê a Escola

Objeto de Aprendizagem	Esporte Orientação – Materiais Específicos / Alternativos
Objetivos	<i>Elaborar desenhos planejados.</i>
Conhecimentos	• Vivenciar situações didáticas usando o seu próprio corpo para a construção de alguns movimentos naturais: Correr, saltar, andar. • Experimentar algumas práticas do Esporte Orientação, adaptadas ao espaço e às condições disponíveis no ambiente escolar e seu entorno.

Fonte: Pesquisadora



Recursos: EVA; Barbante, folhas A4 e lápis de cor

Avaliação: Roda de Conversa sobre a aula; Escutar os estudantes sobre a impressão dos alunos; e reflexão da ação docente.

Descrição de Atividades:

1. Apresentação do prisma na parte inicial da aula;
2. Construção de um prisma (usar EVA branco e coral e barbante)
3. Dividir a turma em duplas; e solicitar que um deles desenhe uma área da escola.
4. Em seguida, colocar seu prisma nesta área;
5. A atividade consiste em localizar o prisma locado pelo companheiro, após troca de mapas.

Tema: Um outro olhar para Escola

Objeto de Aprendizagem	Esporte Orientação
Objetivos	<i>Iniciação do Esporte Orientação de forma lúdica através do jogo (caça ao tesouro); Familiarização com plantas de prédios.</i>
Conhecimentos	• Vivenciar situações didáticas usando o seu próprio corpo para a construção de alguns movimentos naturais: Correr, saltar, andar. • Experimentar algumas atividades do esporte Orientação, adaptadas ao espaço e às condições disponíveis no ambiente escolar.

Fonte: Planta Baixa - Escola Municipal Noel Rosa - RJ



Fonte: Pesquisadora



Descrição de Atividades:

1. Atividades aeróbicas para iniciar a aula (pique tempo);
2. Atividade caça ao tesouro (buscando cartas sequenciais do baralho);
3. Com o mapa da escola em grande escala (em tamanho de uma cartolina). Colocá-lo exposto para as duas equipes.
4. Indicar no mapa onde estão as cartas (Cartas de Baralho).
5. Em relação como irão buscar as cartas, pode ser: individual, duplas ou trios. Caso seja feito em grupo, é importante que todos retornem juntos ao ponto inicial trazendo a carta.
6. Ao final montar a sequência do baralho.

Recursos:

Planta Baixa da Escola e Cartas de Baralho.

Avaliação:

Roda de Conversa sobre a aula: Escutar os estudantes sobre a impressão dos alunos; e reflexão da ação docente

Tema: O ato de se orientar

Objeto de Aprendizagem	Esporte Orientação – Pontos Cardeais
Objetivos	Aprender a funcionalidade da bússola, seu manuseio, e possibilidades tecnológicas – bússolas em aplicativos de celular.
Conhecimentos	- Vivenciar situações didáticas usando o seu próprio corpo para a construção de alguns movimentos naturais: Correr, saltar, andar. - Experimentar algumas práticas do Esporte Orientação, adaptadas ao espaço e às condições disponíveis no ambiente escolar e seu entorno.

Fonte: <http://www.olimpiadeducacao.br.gov.br>



Fonte: Pesquisadora



Fonte: <https://www.trekkingbrasil.com/orientacao-com-bussola-e-mapa-parte-1/>

Descrição de Atividades:

1. Aula expositiva, e explicativa sobre a bússola e o seu uso na orientação.
2. Em um espaço aberto colocar diversos prismas espalhados em distâncias diferentes.
3. Previamente, o professor colocar esses prismas em relação aos graus correlacionados com coordenadas (os pontos cardeais).
4. Importante existir um prisma de partida, onde a partir dele que haverá uma nova coordenada para buscar os demais prismas.
5. Ex: Iniciar com os Ângulos retos – 90°/ 180°/ 360° (pontos cardeais), evoluindo para os pontos colaterais e outros.
6. Sobre a bússola (caso não tenha fisicamente, baixe um aplicativo).

Recursos:

Como usar uma bússola de orientação :
<https://www.youtube.com/watch?v=x1nf53rxbcI>

Chegar a um destino com a bússola Trilha:
<https://www.youtube.com/watch?v=EaR1W-6mhjY>

Como utilizar uma bússola no Android:
<https://www.youtube.com/watch?v=ZO7OsTyQ3Zs&t=7s>

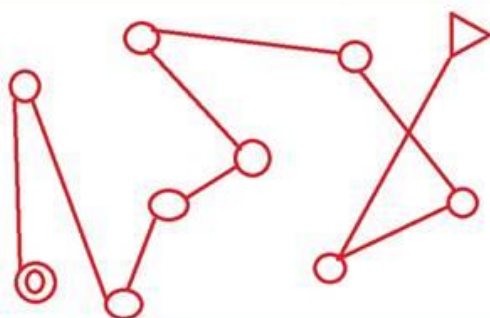
Como funciona a bússola do celular?
<https://www.youtube.com/watch?v=qhw2MENKEOc&t=48s>

Avaliação:
 Roda de Conversa: Escutar os estudantes sobre a impressão dos alunos; e reflexão da ação docente .

Tema: Percorrendo caminhos movimentando-se de forma intencional

Objeto de Aprendizagem	Esporte Orientação - Percurso Orientação
Objetivos	Realizar variadas práticas corporais, reconhecendo-as como experiências motoras na vida social e no lazer
Conhecimentos	• Experimentar algumas práticas corporais de aventura da natureza, adaptadas ao espaço e às condições disponíveis no ambiente escolar e seu entorno.

Fonte: Pesquisadora



Dentro dos círculos podem existir tarefas variadas. Exemplos: um circuito de atividades motoras; atividades de matemática, etc.

Descrição de Atividades:

1. Atividades aeróbicas para iniciar a aula (piques);
2. Os alunos em grupo desenharam no chão com a fita zebra o mesmo desenho do mapa em mãos (Exemplo ao lado); o ideal é ter pelo menos 4 percursos diferentes, assim você divide a turma e depois eles podem trocar de percursos;
3. Depois os alunos precisam passar pela fita zebra, girando o corpo em relação ao mapa que está em suas mãos. Como o desenho que está no chão é o mesmo que está no mapa, ambos precisam estar paralelos para que o mapa esteja orientado.
4. Oriente aos estudantes que siga com o dedo polegar por cima das linhas conforme ele anda por cima da fita zebra, como se o dedo lhe representasse no mapa.

Recursos:

Fita zebra; prismas alternativos; folha A4.

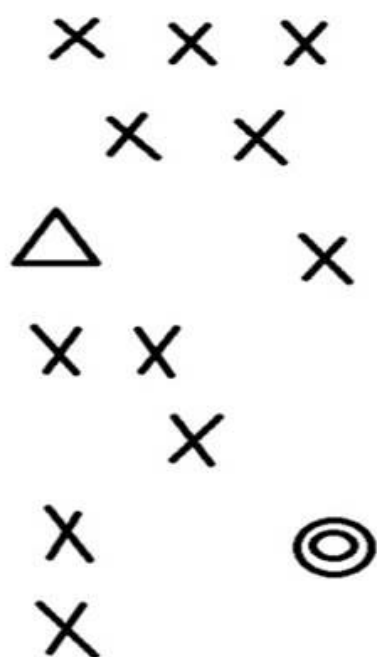
Avaliação:

Roda de Conversa sobre a aula: Escutar os estudantes sobre a impressão dos alunos; e reflexão da ação docente .

Tema: Entendendo o corpo e sua posição em determinado espaço

Objeto de Aprendizagem	Esporte Orientação – Orientação Espacial
Objetivos	Realizar variadas práticas corporais, reconhecendo-as como experiências motoras na vida social e no lazer.
Conhecimentos	Realizar atividades orientadas pelo professor, respeitando os cuidados com a segurança e com o meio ambiente.

Fonte: Pesquisadora



Descrição de Atividades:

1. Atividade de direção e distância. Com uma folha de A4 com percurso de orientação (partida, pontos e chegada). No terreno, os pontos representados por cones. Os alunos precisam ir nos cones equivalentes dos pontos;
2. Os "X" serão os cones no terreno;
3. O professor deverá fazer pelo menos 5 percursos diferentes; e os alunos se revezarão entre eles;
4. É preciso fazer um cartão de controle. Esse controle pode ser o que o professor quiser: números, operações matemáticas, símbolos de orientação.
5. Essa atividade é interdisciplinar e possibilita ser diversificada conforme a necessidade.

Recursos:

Cones, folha A4 e lápis.

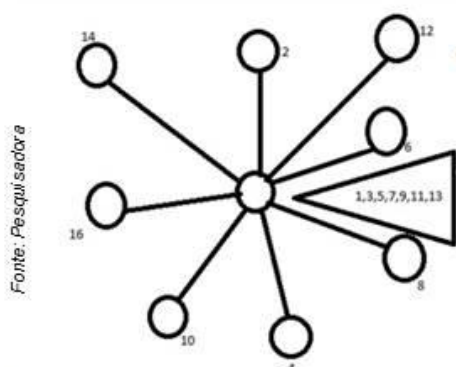
Avaliação:

Roda de Conversa sobre a aula:

Escutar os estudantes sobre a impressão dos alunos; e reflexão da ação docente.

Tema: Calculando e se movimentando

Objeto de Aprendizagem	Esporte Orientação – Fundamentos do Esporte
Objetivos	Aprimorar as capacidades físicas: agilidade, velocidade, coordenação motora .
Conhecimentos	- Vivenciar situações didáticas usando o seu próprio corpo para a construção de alguns movimentos naturais: Correr, saltar, andar. - Experimentar algumas práticas do Esporte Orientação, adaptadas ao espaço e às condições disponíveis no ambiente escolar e seu entorno.



1. Primeiramente o professor com uso da trena deverá demarcar as distâncias de 10 m, 20 m, 25 m, 50m (a maior destas)
2. Passo duplo: são dois passos. A cada dois passos se conta um.
3. É importante para o praticante, pois desta forma consegue saber o quanto está se deslocando em metros. Ex.: com 30 passos duplos se percorre 50 metros.

Assista a video explicativo sobre essa técnica:

Passo duplo -

<https://www.youtube.com/watch?v=GNWe9aSC0yQ>

Descrição de Atividades:

1. Ensino do passo duplo na caminhada, trote, corrida moderada e corrida intensa.
2. Atividade Estrela: um prisma central e 8 prismas espalhados entorno do prisma central com distâncias diferentes. Os alunos devem ir a todos os prismas sendo que, o prisma central será todos os números ímpares e os outros serão os números pares. Na passagem pelos prismas os alunos deverão picotar o cartão controle. Esse cartão controle deve ter os números correspondentes que estão no prisma.
3. Essa atividade é interdisciplinar e possibilita ser diversificada conforme a necessidade

Recursos:

Prismas; cones; folhas A4.

Esta atividade pode ser feita na quadra, pátio ou na área externa da escola (se houver).

Avaliação:

Roda de Conversa sobre a aula:

Escutar os estudantes sobre a impressão dos alunos; e reflexão da ação docente .

Tema: "Gameficando" o Esporte Orientação

Objeto de Aprendizagem	Esporte Orientação - Tecnologia
Objetivos	Gameificação contextualizada
Conhecimentos	• Experimentar a prática corporal de aventura da natureza (Esporte Orientação) atrelada à tecnologia.

Fonte: <http://www.catchingfeatures.com>



Assista alguns vídeos explicativos sobre essa técnica:

Descrição das atividades

<http://www.catchingfeatures.com/demo.php>

Simulador para celular:

<https://youtu.be/VZ4I6GRFSfk>

Simulador para computador:

<https://youtu.be/OBJ1XyrkFu0>

Descrição de Atividades:

1. Conversar sobre o esporte e as tecnologias;
2. Abrir o google Earth Pro para mostrar a área da escola e como os mapas são vistos em 3D.
3. Mostrar o vídeo sobre os jogos no celular e no computador;
4. Todos experimentarem o jogo para computador (catching features). Separar a turma em 4 grupos; sugestão cada aluno terá que cumprir dois pontos do percurso;
5. Ganha a equipe que somar o menor tempo de todos os pontos percorridos pela sua equipe.

Recursos:

Computador, celulares, Internet móvel ou rede e Datashow;

Avaliação:

Roda de Conversa sobre a aula;
Escutar os estudantes sobre a impressão dos alunos; e reflexão da ação docente.

Tema: Entendendo o Mapa

Objeto de Aprendizagem	Esporte Orientação - Simbologia
Objetivos	Aprender as simbologias dos mapas de orientação e do cartão de descrição.
Conhecimentos	• Experimentar algumas práticas do Esporte Orientação, adaptadas ao espaço e às condições disponíveis no ambiente escolar e seu entorno.

Fonte: Pesquisadora.



	Escarpado		Rocha		Caverna
	Pedreira		Zona Rochosa		Sebo
	Paralelo de terra		Monte de pedras		Entrada, Caminho
	Terrapço		Lagoa, lago		Caminho
	Esporão		Charco		Acesso
	Resistência		Buraco com água		Muro
	Fosso seco		Corrente de água		Cerca
	Colina		Fosso com água		Porta
	Cabeço, cume		Zona alagadiça		Edifício
	Coto, passagem		Fonte, poço		Ruína
	Depressão		Nascente		Linha alta tensão
	Pequena depressão		Curso de água sazonal		Poste de Alta Tensão
	Buraco		Clareira		Árvore isolada
	Falésia		Mata densa		Tronco caído
	Afloramento rochoso		Limite de vegetação		Marco

Fonte: <http://www.cpoc.pt/index.php?op1=107&op2=1&op3=13>

Descrição de Atividades:

1. Parte inicial com uma conversa sobre os símbolos do cartão de descrição, em seguida um jogo da memória para ratificar. Esse jogo da memória pode ser feito no primeiro momento, os alunos sentados em roda, divididos em pequenos grupos, cada um com um jogo de memória. No segundo momento um conteste: peças viradas no chão a uma distância, cada uma de cada grupo vai até as peças tentar achar um par de símbolos, se conseguir retoma com os símbolos, senão retoma outro de sua equipe para tentar, assim até acabar as peças. Ganha o grupo com maior número de peças.
2. Tracejar no mapa (pode ser o mapa da quadra esportiva) um caminho por onde deverão seguir.
3. Nesse trajeto terão pontos locados. Conforme os alunos encontrem os pontos, eles deverão identificar onde eles estão localizados, colocar no cartão de descrição o número do prisma e escrever a descrição do ponto.



Recursos:

Papelão, Folha A4, Tintas ou Lápis de Cor

Site para o estudo dos símbolos da sinalética:

<http://www.cpoc.pt/index.php?op1=107&op2=1&op3=13>

Avaliação:

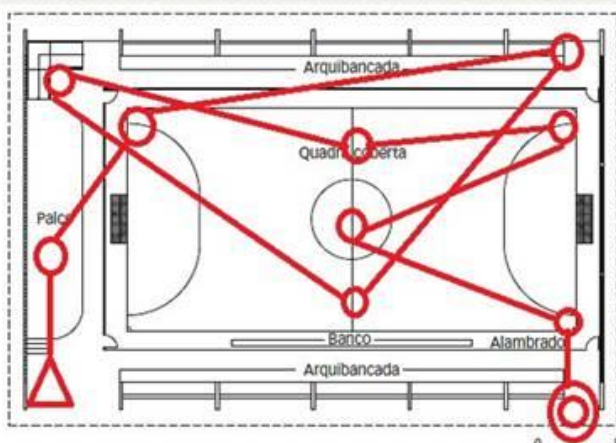
Roda de Conversa sobre a aula:

Escutar os estudantes sobre a impressão dos alunos; e reflexão da ação docente.

Tema: Vivenciando a modalidade Indoor do Esporte Orientação I

Objeto de Aprendizagem	Esporte Orientação – Percurso Indoor
Objetivos	Praticar o Esporte Orientação Indoor; experimentar a prática esportiva na sua forma clássica.
Conhecimentos	- Vivenciar situações didáticas usando o seu próprio corpo para a construção de alguns movimentos naturais: Correr, saltar, andar. - Experimentar algumas práticas do Esporte Orientação, adaptadas ao espaço e às condições disponíveis no ambiente escolar e seu entorno.

Fonte: <http://inf.aeducatrabana17.qini.com.br/>



Para traçar o percurso na imagem, utilizou-se o Programa Paint do Windows.

Descrição de Atividades:

1. Os prismas poderão ser os cones;
2. Os cones devem ter algo que o aluno possa registrar sua passagem;
3. Os alunos devem realizar o percurso sozinho;
4. O professor deve dar o intervalo de 1 minuto para cada aluno;
5. O ideal é o professor fazer três percursos diferentes.
6. Cada aluno marca seu tempo numa planilha para cada percurso.

Recursos:

Cones, Mapa da quadra esportiva ou do local onde acontece a aula de Educação Física.

Avaliação:

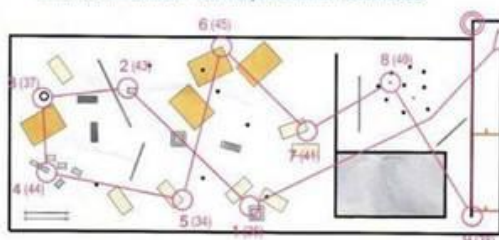
Roda de Conversa sobre a aula: Escutar os estudantes sobre a impressão dos alunos; e reflexão da ação docente.

Tema: Vivenciando a modalidade Indoor do Esporte Orientação II

Objeto de Aprendizagem	Esporte Orientação – Percurso Indoor
Objetivos	Praticar o Esporte Orientação Indoor; experimentar a prática esportiva na sua forma clássica.
Conhecimentos	- Vivenciar situações didáticas usando o seu próprio corpo para a construção de alguns movimentos naturais: Correr, saltar, andar. - Experimentar algumas práticas do Esporte Orientação, adaptadas ao espaço e às condições disponíveis no ambiente escolar e seu entorno.

Corrida de Orientação Indoor

Estafetas1–Ginásio - Orientação Escala: 1:250metros



Fonte: <https://orienteeing.sport/>

Descrição de Atividades:

1. Ter a planta baixa do prédio e/ou desenhar a planta baixa da escola;
2. Colocar em uma grande folha de papel pardo e fixar no local onde estarão todos da turma; Procure fazer o percurso onde a partida e a chegada coincidam nesse mesmo local. Desta forma, você observará a passagem dos alunos para a passagem do mapa.
3. O mesmo mapa deve estar numa folha A4;
4. Dividir a turma em trios; Cada um do trio deve buscar 4 pontos. Será um revezamento.
5. Percursos com 12 pontos (ideal, pois assim cada um do trio pegará 4 pontos).

Recursos:

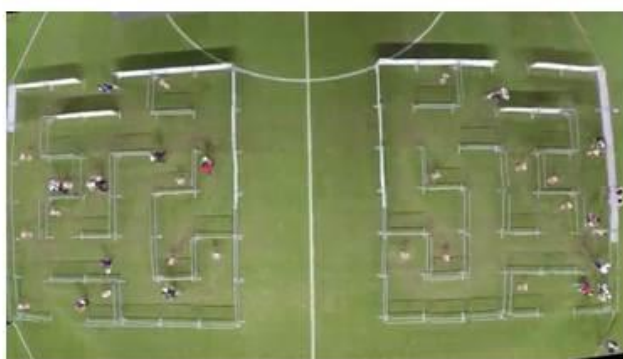
Planta baixa; Folha de papel pardo ou A3; Folhas de A4 e prismas (oficiais ou alternativos).

Avaliação:

Roda de Conversa sobre a aula: Escutar os estudantes sobre a impressão dos alunos; e reflexão da ação docente.

Tema: Vivenciando a modalidade Indoor do Esporte Orientação III

Objeto de Aprendizagem	Esporte Orientação – Percurso Indoor
Objetivos	Praticar o Esporte Orientação Indoor; experimentar a prática esportiva na sua forma clássica.
Conhecimentos	- Vivenciar situações didáticas usando o seu próprio corpo para a construção de alguns movimentos naturais: Correr, saltar, andar. - Experimentar algumas práticas do Esporte Orientação, adaptadas aos espaços e às condições disponíveis no ambiente escolar e seu entorno.



Labirinto para Esporte de Orientação é diferente e motivador!

É uma possibilidade para apresentar o Esporte Orientação. Acesse os links, e descubra como é realizada essa vertente do Esporte:

Link:

<https://www.youtube.com/watch?v=S1CBBYakQ6Q>

Link:

<https://www.youtube.com/watch?v=4q7jxLwdbfg>

Descrição de Atividades:

1. Em folhas A4, faça um labirinto e trace quatro percursos do Esporte Orientação.
2. Reproduza o labirinto num espaço, utilizando cones, prismas e a fita zebra;
3. Coloque os pontos de controle nos locais equivalentes dos percursos traçados;
4. Divida a sua turma em quatro equipes, e para iniciar a atividade, chame um de cada equipe para partirem juntos!
5. Alterne os mapas entre as equipes para evitar que fiquem um seguindo o outro!
6. Ganha a equipe que terminar primeiro.

Recursos:

Folhas de A4, fitas zebradas e prismas (oficiais ou alternativos); cones e fita zebra.

Avaliação:

Roda de Conversa sobre a aula: Escutar os estudantes sobre a impressão dos alunos; e reflexão da ação docente.

Tema: Vivenciando o Esporte Orientação no Ambiente Escolar

Objeto de Aprendizagem	Esporte Orientação
Objetivos	Vivenciar a prática do Esporte Orientação
Conhecimentos	- Vivenciar situações didáticas usando o seu próprio corpo para a construção de alguns movimentos naturais: Correr, saltar, andar. - Vivenciar o Esporte Orientação, adaptadas ao espaço e às condições disponíveis no ambiente escolar e seu entorno.

Fonte: <https://gabrielaradolfi.wordpress.com/>



Para traçar o percurso na imagem, utilizou-se o Programa Paint do Windows.

Descrição de Atividades:

Área externa da escola:

1. Fazer uma lista de partida;
2. Fazer uma explicação para todos! O ideal é projetar o mapa, assim todos partirão para o percurso com as mesmas informações;
3. Dar um intervalo de dois minutos para cada aluno;
4. Para não demorar, produza 3 percursos, assim a cada dois minutos sairão 3 alunos.
5. Marque o horário de chegada de todos;
6. Incentive ao próprio aluno fazer a conta matemática para descobrir o tempo que levou para percorrer os pontos.
7. Apresente na próxima aula os resultados, e peça ao vencedor que comente seus trajetos, o que levou a ser o mais rápido.

Recursos:

Mapa desenhado, ou gerado pelo Google Maps e Paint (programas), e prismas.

Avaliação:

Roda de Conversa sobre a aula: Escutar os estudantes sobre a impressão dos alunos; e reflexão da ação docente.

Tema: Brincando com seus amigos em seu lar

Objeto de Aprendizagem	Esporte Orientação
Objetivos	Vivenciar a prática do Esporte Orientação
Conhecimentos	- Vivenciar situações didáticas usando o seu próprio corpo para a construção de alguns movimentos naturais: Correr, saltar, andar. - Vivenciar o Esporte Orientação, adaptadas ao espaço e às condições disponíveis no ambiente social do aluno.



Passe esse vídeo para turma, pois demonstrará o passo-a-passo de como precisam elaborar a brincadeira com amigos e/ou familiares.
Link:
<https://www.youtube.com/watch?v=8qCeigj06UU&feature=youtu.be>

Descrição de Atividades:

1. Depois de uma aula de Educação Física, na roda de conversa sobre as impressões sobre o esporte, informe os estudantes que irá passar uma atividade para casa e o feedback será um vídeo e comentários sobre a atividade realizada na aula;
2. Peça aos estudantes que apresentem o Esporte Orientação para algum grupo de pessoas que ele conhece (amigos e/ou familiares). Que utilize a sua casa para isso!
3. Sugira que algum responsável seja o cinegrafista da atividade.
4. Não esqueça de enviar autorização de imagem para todos os responsáveis dos estudantes, por conta do vídeo e fotos.
5. Se possível, crie uma playlist com os vídeos da turma.

Recursos:

Mapa desenhado da casa, canetas e celulares;

Avaliação:

Roda de Conversa sobre a experiência: Escutar os estudantes sobre a impressão dos alunos; e reflexão da ação docente.

Tema: Brincando com seus amigos na sua comunidade

Objeto de Aprendizagem	Esporte Orientação
Objetivos	Avaliar os estudantes perante uma prática do Esporte Orientação de forma contextualizada.
Conhecimentos	Vivenciar o Esporte Orientação, adaptadas ao espaço e às condições disponíveis no ambiente social do aluno.



Professor: Esse será um assunto que precisará ser aprofundado através mais de leitura e estudo. Tente buscar várias vertentes sobre este assunto. Caso não tenha conhecimento sobre o assunto, acesse os links para atualização e informações. Esses mesmos materiais podem ser compartilhados com seus estudantes. Antes de pedir esse trabalhos final para o conteúdo – Esporte Orientação, faça uma aula explicativa sobre essa temática.

Link – vídeos sobre Desenvolvimento Sustentável:

https://www.youtube.com/watch?v=pZ2RsinirIA&list=RDQMZpDPXwdSR5s&start_radio=1

Sugestões:

1. Dividir a turma em 4 grupos para discutir as dimensões de desenvolvimento sustentável: 1- ambiental; 2- econômica; 3- social/cultural; 4- espacial/ psicológica/política .
2. Orientá-los a produzir uma mapa da comunidade que retrate uma das dimensões, cada grupo terá que desenvolver uma dimensão de sustentabilidade, situação que pode ser definida num sorteio.
3. Orientar os alunos a fazer um cruzamento com os 17 objetivos sustentáveis, sinalizá-los no mapa. Essa sinalização precisa ser em forma de percurso de orientação: partida, pontos de controle, e chegada; tendo o cartão de descrição para identificar os pontos escolhidos na comunidade.
4. Depois de todos os mapas prontos, fazer uma exposição para toda a comunidade escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Versão Final. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. **Lei 9.795 de 27 de abril de 1999**. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. DF: Presidência da República, [1999]. Disponível em <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 22 de Fevereiro de 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: ME/SEB, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação e Desporto. Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997 (área: Educação Física; ciclos 1 e 2).

BRASIL. Ministério da Educação e Desporto. Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997 (área: Meio Ambiente; ciclos 3 e 4).

DARIDO, S.C.; RANGEL, I.C.A. **Educação Física na Escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DORNELLES, J. A. F. **O Percurso de Orientação**. Santa Maria: 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educacional**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FAZENDA, Nani C. A. A interdisciplinaridade na Sala de Aula. In: **Apostila didática Aplicada a Psicopedagogia. Pós-Graduação. Ensino a distância**. Rio de Janeiro: Exército Brasileiro, Centro de Estudo de Pessoal, 1998.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático pedagógica do esporte**. Ijuí: Ed. Unijuí, 1994

PASINI, C. G. D. **Corrida de Orientação: esporte e ferramenta pedagógica para o ensino**. Três Corações: Gráfica Excelsior, 2004.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. SOARES, C. L. et al. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SILVA, D.C.M. **A profundidade que enxergamos; Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/fisica/a-profundidade-queenxergamos.htm>. Acesso em 16 de novembro de 2019.

SOARES, C. L. et al. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

APÊNDICE F – Artigo publicado – Temas em Educação Física Escolar


ESPORTE ORIENTAÇÃO: O ATO DE SE ORIENTAR NO ESPAÇO ESCOLAR
ORIENTEERING SPORT: THE ACT OF ORIENTING IN SCHOOL SPACE
Marion Costa da Silva
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – Presidente Prudente¹
RESUMO

O presente estudo teve como objetivo analisar o Esporte de Orientação como conteúdo da Educação Física Escolar. Pautou-se por uma revisão de literatura, através dos conceitos de Milton Santos sobre objeto, técnica e território geográfico, refletindo sobre o Esporte Orientação na significação do "espaço escolar". Estudou-se o esporte através dos estudos de Inácio, Pasini, Franco, e Darido, Armbrust e Pereira, apresentando como resultados duas categorias de análises: possibilidades e limites. Dentre as possibilidades temos: materialização de conceitos de diversas disciplinas, e a discussão contextualizada sobre espaço geográfico "Escola"; e como limites: o não oferecimento deste conteúdo na formação inicial e continuada dos professores, e a falta instrumentos e estratégias educacionais que viabilizem a aplicação e a avaliação deste esporte na escola. Considera-se que são imprescindíveis novos estudos com essa temática, sobretudo os que tratem de intervenções ou ações práticas com o Esporte de Orientação no âmbito escolar.

Palavras-Chave: Esporte Orientação; Escola; Espaço Geográfico.

Abstract

The present study aimed to analyze the Orienteering Sport as content of School Physical Education. It was guided by a literature review through the concepts of Milton Santos about object, technique and geographical territory, reflecting on the Sport Orientation for the meaning of the "school space". The sport was studied through the studies of Inácio, Pasini, Franco, and Darido, Armbrust and Pereira, presenting as results two categories of analysis: possibilities and limits. Among the possibilities we have: materialization of concepts from several disciplines, and the contextualized discussion about geographic space "School", and as limits: the lack of this content in the initial and continuing education of teachers, and the lack of educational tools and strategies that enable the application and evaluation of this sport in school. It is considered that further studies on this theme are essential, especially those dealing with interventions or practical actions with the Orienteering Sport in the school environment.

Keywords: Orienteering Sport; School; Geographic Space.

¹ Mestranda. d21elite@gmail.com; Professora.



SILVA, Marion Costa da.

INTRODUÇÃO

As Práticas Corporais de Aventura (PCA) surgem como uma grande inovação para a componente curricular Educação Física na reformulação de currículo proposta pelo Ministério da Educação (ME), sendo apontada por Inácio (2014), Franco (2008), Tahara (2013), Darido (2012), Armbrust e Pereira (2012) como uma grande dificuldade para muitos docentes universitários e graduandos, já que muitas Universidades ainda não oferecem disciplinas para a formação inicial e continuada sobre este conteúdo.

Por sua vez, Silveira, Moraes e Inácio (2013), buscaram nos 36 cursos de formação inicial em EF de universidades federais brasileiras indicações da presença das PCAs, fosse como disciplinas próprias ou como conteúdo de outras, e encontraram apenas duas disciplinas do tipo 'optativas', e como conteúdo, inserida na ementa, em três disciplinas ligadas à temática 'Lazer'. (INÁCIO et.al., 2016, p.180)

Mesmo com toda esta complexidade, muito se tem discutido e refletido sobre a importância do ensino e difusão destas modalidades esportivas "*outdoor*". No cenário atual, a prática do esporte tem sido levada para espaços abertos (*outdoor*), que se apresentam como possibilidades de aproximação entre o indivíduo e o meio ambiente, do estabelecimento de reflexão e discussão crítica sobre o relacionamento homem-natureza. A proposta do ME apresenta as práticas corporais de aventura como um dos conteúdos da Educação Física Escolar, em que o Esporte Orientação pode ser um conhecimento a ser compartilhado no 4º ciclo para o 8º e 9º anos, com as seguintes ações:

Experimentar e fruir diferentes práticas corporais de aventura na natureza, valorizando a própria segurança e integridade física, bem como as dos demais, respeitando o patrimônio natural e minimizando os impactos de degradação ambiental. (BRASIL, 2018, p.239).

O recorte deste estudo é o Esporte Orientação², e como seu fomento na escola pode contribuir na formação dos estudantes. Apresenta-se como um grande

² Também conhecido como "Corrida de Orientação", é um desafio interessante para os estudantes, pois exige diversas competências, tais como: interpretação de mapas, orientação em espaços desconhecidos e elaboração de cálculos matemáticos.

TEMAS EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

ARTIGOS ORIGINAIS

potencial educacional, excelente conteúdo para tencionar a educação tradicional. Possibilita também, o desenvolvimento de algumas habilidades, como o autocontrole e tomada de decisão responsável, características essenciais para a convivência e para o desenvolvimento de projetos de vida, seja no contexto pessoal, escolar ou profissional. Este esporte incide em praticar navegação em locais desconhecidos, com apoio de mapa e bússola, buscando pontos demarcados no terreno em menor tempo possível. Uma prática corporal que proporciona um trabalho interdisciplinar no ambiente escolar, e com grande potencial nas áreas de lazer, cultural, e turismo, como afirma Inácio (2014):

[...] Também se caracterizam por possuírem alto valor educativo e por busca do (re) estabelecimento de uma relação mais intrínseca entre seres humanos e tudo que o cerca, o que pode culminar com algum avanço para superar a lógico-mercado lógica mercadológica do/no lazer e com a instauração e/ou resgate de valores humanos como cooperação e a solidariedade. (p.532)

Assim, Tahara e Carnicelle Filho (2013) afirmam que as práticas corporais de aventura nas escolas se apresentam como um conteúdo "capaz de proporcionar às crianças e adolescentes variadas situações de relevada importância pedagógica por conta da transmissão de eficientes valores, atitudes e normas" (p.11). Neste artigo, buscou-se refletir sobre a importância que o Esporte Orientação tem para a significação do espaço escolar e do espaço geográfico onde está inserida a escola.

1 - DISCUSSÃO TEÓRICA

Inicia-se a reflexão apresentando alguns conceitos de "espaço", começando com o Dicionário (2001), onde no mesmo, apresentou-se como diversos conceitos:

1) Extensão tridimensional ilimitada ou infinitamente grande, que contém todos os seres e coisas e é campo de todos os eventos; 2) O Universo, além do invólucro atmosférico da Terra; a extensão em que existem o sistema solar, as estrelas, as nebulosas e as galáxias; 3) Porção dessa extensão em dado instante (como o espaço ocupado por um corpo; o espaço dentro de uma esfera oca; um espaço de 10 m³); volume. 4) Extensão limitada em três dimensões: Esta mala ocupa pouco espaço. 5) Extensão superficial limitada; área, dimensão, superfície: O prédio ocupa um espaço de 180 m². 6) Distância linear entre duas coisas, objetos etc.; intervalo, vão, vazio: Árvores plantadas a espaços iguais. 7) Linha que se imagina descrita por um ponto em movimento. 8) Distância percorrida por um corpo que se move em um tempo determinado. 9) Intervalo em branco entre palavras ou linhas em uma matéria impressa; 10) Peça de metal-tipo, mais baixa que os tipos e do



SILVA, Marion Costa da.

mesmo corpo destes, com a qual o tipógrafo separa as palavras de uma composição e justifica as linhas.11) Matriz, peça ou outro dispositivo que, nas máquinas compositoras, dá o claro de separação das palavras; 12) Cada um dos anéis de ferro ou de alumínio que, encaixado entre os discos da máquina de pautar, dá, pela sua grossura, a distância das linhas; 13) Extensão abstrata, indefinida, intangível: Tinha os olhos perdidos no espaço. 14) Intervalo entre uma linha e outra na pauta musical. 15) Lapso de tempo entre duas datas, eventos ou outros quaisquer limites; extensão limitada de tempo; período de tempo; intervalo de tempo.16) Quantidade de tempo; decurso, duração, lapso. (p.314)

E analisando estas definições do dicionário, percebe-se o tamanho da complexidade para o entendimento sobre o que é o espaço, já que é necessário entender em qual contexto segue a discussão, ou se busca entendimento do que é "espaço". Só no dicionário encontram-se diversos conceitos para o termo, como no campo físico, gráfico, musical, figurado e na astronomia.

Contextualizando como Componente Curricular Educação Física, muito se estuda sobre o corpo em movimento, e sobre as diversas práticas corporais que perpassam por diversos espaços. E estes estudos possuem óticas diferentes, pois as mesmas práticas corporais são discutidas por abordagens pedagógicas diferentes.

A Educação Física Escolar (EFE) poder ser desenvolvida por diversas vertentes pedagógicas. Por muito tempo, e ainda nos dias atuais, encontram-se docentes compartilhando os conteúdos de forma tecnicista e/ou esportivista. Porém, existem outras abordagens pedagógicas que surgiram em decorrência de estudos nas áreas de ciências humanas e sociais, diversificando assim, as possibilidades para a prática pedagógica. As abordagens Psicomotricidade, Desenvolvimentista, Construtivista-interacionista, Crítico Superadora, Crítico Emancipatória e Cultural surgiram para romper paradigmas, como do o corpo saudável e servil. Darido (2012) aponta como modelos renovadores na EFE as teorias críticas, voltadas para a transformação social e pós-críticas voltadas para a valorização cultural.

Muitos pesquisadores que estudam a EFE ao um longo tempo, vem debatendo as questões que permeiam as várias vertentes e abordagens pedagógicas na tentativa de problematizar e contextualizar a Educação Física no chão da escola. Estes estudos surgem a partir de diversas problemáticas como:

Temas em Educação Física Escolar, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, ago./dez. 2019, p. 77-93.

Recebido em: 15/08/2019

Publicado em: 30/12/2019

TEMAS EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR



corporeidade, currículo, práticas corporais, métodos, avaliação, gênero, de etnias, e questões sobre a importância da disciplina.

Aprofundando a discussão sobre "espaço" na EFE, a abordagem pedagógica Psicomotricidade tem uma grande contribuição, pois apresenta de forma categorizada a função psicomotora "Estruturação – Espaço – Temporal", de grande importância para a educação integral do estudante. Essa estruturação do espaço é, segundo Le Boulch (1987), uma tomada de consciência da situação das coisas entre si; é a possibilidade do indivíduo organizar os objetos que estão a sua volta, movimentando-as. Está dividida em quatro etapas: o conhecimento das noções, a orientação espacial, a organização espacial e a compreensão das relações espaciais. Mas, na presente reflexão sobre o Esporte Orientação, e sua importância como conteúdo escolar, principalmente na conceituação sobre o espaço, será traçado um paralelo com alguns conceitos do geógrafo Milton Santos. O espaço trazido aqui para estudo é o espaço geográfico, meio utilizado e transformado pelas atividades humanas. Santos, em seu livro *A Natureza do Espaço*, afirma que "O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá" (SANTOS, 2006, p.39).

O espaço geográfico pode ser entendido como um local determinado pelo homem, que está sempre em alteração, vinculado com questões históricas, e possuindo características da atuação deste homem. Assim, com essa concepção de espaço, será conceituada a Escola, e apresentado o Esporte Orientação como objeto e ação para materializar conceitos objetivos e subjetivos pressupostos para Escola. Por diante, será feito uma analogia entre os conceitos de objeto, técnicas e território de Milton Santos, com o Esporte Orientação e sua potencialidade no desenvolvimento educacional dos estudantes.

O Esporte Orientação por ser considerado por diversos estudiosos como interdisciplinar, se torna um meio de ensino para diversos conteúdos escolares, pois se faz necessário a aplicação de diversos conteúdos, simultaneamente, para a prática do esporte. A inserção do Esporte Orientação no currículo com um planejamento bem alicerçado pode ser imprescindível, e para proferir essa



SILVA, Marion Costa da.

afirmação destaca-se:

É um desporto que contribui significativamente para formação do cidadão, a partir do desenvolvimento de princípios éticos e de responsabilidade, ampliando inteligência, preceitos morais e contribuindo para o aprimoramento físico e da saúde mental. Portanto, deve ser inserida através de um currículo pedagógico, interdisciplinar, com conteúdo e objetivo bem definido. (PASINI, 2004, p.153).

Alguns conteúdos e fundamentos do esporte são muito técnicos, mas podendo também, com muita consistência e coerência, possibilitar a exploração das vertentes, política, crítica e social sobre o espaço escolar. Logo, essa prática corporal pode trazer uma discussão contextualizada, de forma bem ampla e significativa, conceitos inerentes, objetivos e subjetivos propostos e imbuídos na Escola.

2 - O ESPAÇO GEOGRÁFICO: ESCOLA

O espaço escolar é o espaço geográfico, o qual é objeto deste estudo. Sabendo da complexidade deste espaço geográfico, e que estudar o espaço- escola não se resume num recorte para um artigo científico, assim, serão apresentados nesta reflexão apenas alguns conceitos trazidos pelo geógrafo Milton Santos, fazendo um diálogo com o Esporte Orientação em sua práxis na escola. Como já sinalizado, será feita uma analogia do esporte e seus aspectos técnicos com espaço geográfico – espaço escolar, objetos, técnicas e finalizando com território.

O espaço é uma construção social, e o espaço escolar é uma das modalidades de sua conversão em território e lugar. Segundo Viñao (2005), a análise do espaço escolar implica considerar três aspectos: sua morfologia ou estrutura, seus diferentes usos e funções e a sua organização ou relações existentes entre os seus diferentes espaços e funções.

[...] a instituição escolar ocupa um espaço que se torna, por isso, lugar. Um lugar específico, com características determinadas, aonde se vai, onde se permanece certas horas de certos dias, e de onde se vem. Ao mesmo tempo, essa ocupação de espaço e sua conversão em lugar escolar leva consigo sua vivência como território por aqueles que com ele se relacionam. Desse modo é que surge a partir de uma noção objetiva – a de espaço – lugar – uma noção subjetiva, uma vivência individual ou grupal, a de espaço – território. (p. 17)

Temas em Educação Física Escolar, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, ago./dez. 2019, p. 77-93.

Recebido em: 15/08/2019

Publicado em: 30/12/2019

TEMAS EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR



O espaço escolar é constituído por uma comunidade (professores, estudantes, responsáveis, equipe gestora e equipe de apoio) que está em constante troca, comunicação e compartilhamento de ensinamentos e informações. Assim, a contextualização deste espaço em relação aos seus aspectos objetivos e subjetivos pode contribuir para a reflexão sobre diversas questões, uma vez que pode fomentar conhecimentos econômicos, políticos, ideológicos e sociais que se manifestam sobre as pessoas e sobre a Escola. Alguns temas, como a segregação espacial, o processo de favelização, a evolução da violência e marginalidade, podem trazer toda essa reflexão através das práticas corporais contextualizadas, dando significado aos conteúdos escolares, o currículo formal e oculto da escola.

Esse espaço escolar precisa ser apresentado para os estudantes, numa nova perspectiva. Tudo deve ser ensinado com enredo, tentando apresentar os fatos e acontecimentos de forma significativa, com necessidade de propor uma educação diferenciada, com o entendimento do que é o mundo, do que são os lugares, e a partir destes pressupostos, tentar participar a compreensão do que é a sociedade hoje, vislumbrando uma educação contemporânea.

Corroborando com Santos (2006), todo objeto técnico participa da construção social, sendo ideológico quando reconhecido dentro do sistema de ações. Desta forma, é necessário levar em consideração os objetos e sistemas de ações da escola, e ter intencionalidade nas ações para trazer outro olhar para aquele espaço e seus objetos técnicos como a carteira, o arquivo, o armário, o escaninho, enfim, os diversos objetos que compõem o espaço geográfico – escola.

Para Santos (2006) "A noção de intencionalidade permite uma outra releitura crítica das relações entre objeto e ação" (p.57). Assim, a aplicação do Esporte Orientação no espaço escolar se apresentaria como uma ação educativa intencional, através de um movimento que correlaciona conceitos, viabilizando a apresentação dos objetos técnicos de forma objetiva e subjetiva. Portanto, quando numa atividade inicial ³ do esporte for proporcionada, como a apresentação da sala de aula com todos os seus objetos técnicos através de cartografia, haverá um aprofundamento daquele espaço escolar, levando os estudantes em lugares jamais vistos por eles.

³ Caça ao Tesouro: Atividade lúdica, muito utilizada na iniciação do esporte.



SILVA, Marion Costa da.

E ampliando ainda mais esta ação intencional, propor a reflexão sobre a comunidade na qual a escola foi e está inserida, através de mapas, tecnologias e aulas externas, ou seja, um sistema de ações para a conceituação daquele espaço escolar nos aspectos educacionais, sociais e políticos. A partir da compreensão deste espaço geográfico será ratificada a relação de afetividade, identidade e pertencimento do estudante com a escola e com o espaço onde vive (bairro, cidade e país). Esta mudança de perspectiva, só será possível através da intencionalidade proposta na ação educativa para transformação daquele espaço, e daqueles que usufruem do mesmo.

Sistemas de objetos e sistemas de ações interagem. De um lado, os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e, de outro lado, o sistema de ações leva à criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes. É assim que o espaço encontra a sua dinâmica e se transforma. (SANTOS, 2006, p.39)

O sistema não é algo aleatório, assim a sociedade não se constrói de maneira aleatória, ela se constrói com base em vários agentes que atuam num espaço geográfico, que para Santos (2006) é Híbrido, "O espaço geográfico deve ser considerado como algo que participa igualmente da condição do social e do físico, um misto, um híbrido." (p.56). Híbrido porque contem com várias intenções reunidas, ora se combinando, ora cooperando, ora se opondo neste mesmo espaço. E são essas forças em constante conflito, em constante cooperação, que irão definir quais seriam as principais características, daquela sociedade, ou seja, daquela escola e a construção do seu espaço geográfico.

Esse sistema de ações intencionais pode proporcionar transformações da realidade de acordo com a interpretação que o estudante tem, porém é preciso fornecer a ele, um método de interpretação, no caso o Esporte Orientação, com todas suas possibilidades educativas – não o esporte pelo esporte, mas o esporte como meio de aprendizado de diversos conceitos e técnicas para a compreensão do mundo.

Temas em Educação Física Escolar, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, ago./dez. 2019, p. 77-93.

Recebido em: 15/08/2019

Publicado em: 30/12/2019

TEMAS EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR



3 - O ATO DE SE ORIENTAR

O ato de se orientar é uma técnica pela qual o homem se localiza e se locomove no espaço geográfico. A escola, a casa, a rua, o bairro, todos são espaços geográficos onde temos que nos deslocar e localizar pessoas e objetos. O homem sempre soube da importância de se orientar no espaço geográfico e, por isso, nos últimos anos, os instrumentos de orientação e locomoção têm se tornando cada vez mais avançados, com alta tecnologia empregada na elaboração desses equipamentos. Como afirma Santos, "As técnicas participam na produção da percepção do espaço, e também da percepção do tempo, tanto por sua existência física, que marca as sensações diante da velocidade, como pelo seu imaginário" (SANTOS, 2006, p.34).

Em relação à estruturação física de um corpo no espaço, é bastante simples se pensar que a todo o momento é preciso fazer algo relacionado à orientação. Por exemplo, ao entrar na escola, precisa orientar-se para chegar até a sala de aula. Dentro da sala de aula, precisa orientar-se para chegar até a carteira. Geralmente, para orientação e localização, utiliza-se de objetos técnicos como bússola, GPS, ou termos técnicos, como as palavras à esquerda, à direita, atrás, em frente, acima, abaixo, todas com o intuito de orientar uma pessoa ou um objeto. Em relação ao espaço geográfico, utilizamos os pontos cardeais, os pontos colaterais. Mas, trazendo um questionamento de Santos (2006): "Como trabalhar a questão da técnica de modo a que sirva como base para uma explicação geográfica? Cremos que um primeiro enfoque é considerar a própria técnica como um meio." (p.22).

Como resposta a esta pergunta, traz-se a importância do Esporte Orientação ao estudante, como ferramenta pedagógica, pois contextualiza diversos conceitos, de diferentes componentes curriculares através de uma prática corporal, por meio de questões referentes aos elementos cartográficos e suas utilidades (geografia), como a escala (matemática) e a legenda (português), os tipos de mapas (físicos, econômicos, políticos, demográficos, topográficos, temáticos, culturais e ilustrativos) e as atribuições dadas a cada um.



SILVA, Marion Costa da.

Figura 1: Mapa Topográfico específico para prática do Esporte Orientação.



Fonte: <https://ads.unusmataatlantica.wordpress.com/artigos/corrida-de-orientacao/>

Santos (2006) apresenta um conceito sobre as técnicas que “[...] são um conjunto de instrumentos e sociais, com as quais o homem realiza sua vida, produz, e ao mesmo tempo cria espaço” (p.16). Portanto, a técnica é o meio pelo qual as pessoas, a sociedade transforma o meio, o território, e da vida a esse território criando novas coisas. É considerada também como a parte prática do pensamento, pois possibilita a produção ou a transformação de objetos imaginados que poderão integrar algum espaço geográfico, entretanto, esses objetos não mudam de maneira igual, nem todas as classes sociais, e nem todos os espaços. Ou seja, um objeto produzido por uma determinada técnica pode impactar as pessoas de forma diferente, pois dependerá do contexto social no qual este objeto será introduzido. Então, se o ato de se orientar é uma técnica, o Esporte Orientação pode ser um instrumento para produção ou transformação de objetos no espaço escolar, e consequentemente impactar cada escola de forma diferente, dependendo do espaço geográfico onde a escola está inserida.

Portanto, no contexto escolar, o Esporte Orientação representará um fenômeno técnico, que pode adequar à materialização de alguns conceitos, que culturalmente ficam apenas nas notas dos cadernos e/ou livros didáticos. Esta técnica pressupõe uma forma ideal e meio para se alcançar a materialização de

Temas em Educação Física Escolar, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, ago./dez. 2019, p. 77-93.

Recebido em: 15/08/2019

Publicado em: 30/12/2019

TEMAS EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR



alguns conteúdos, principalmente em relação ao conteúdo de Geografia "Cartografia". Mas para isso, será preciso uma sistematização do conteúdo, de forma a contemplar todos os aspectos (econômicos, sociais, culturais, educacionais e políticos), e pensar em ações educativas que possam fazer refletir sobre estas questões. Consecutivamente, pensando no Esporte Orientação como enredo, que contextualizará o aprendizado, e na necessidade de validação desta técnica educativa, se torna necessário também, pensar na forma de verificação deste tipo de aprendizagem, como já exposto por Santos (2006):

A questão que aqui se coloca é a de saber, de um lado, em que medida a noção de espaço pode contribuir à interpretação do fenômeno técnico, e, de outro lado, verificar, sistematicamente, o papel do fenômeno técnico na produção e nas transformações do espaço geográfico. (p.27)

Desta forma, pensar em difundir o Esporte Orientação no espaço escolar, é pensar em instrumentos e estratégias educacionais que viabilizem a aplicação e a avaliação do mesmo, assim como, fomentar estudos e pesquisas sobre este fenômeno técnico em relação às produções e transformações nos "Territórios de educação: Escolas".

4 - "TERRITÓRIO DA EDUCAÇÃO": A ESCOLA

Atualmente, uma das principais definições usadas sobre território foi o apresentada pelo geógrafo Milton Santos, onde elucida que território é o espaço apropriado e transformado pela atividade humana. Conceituar território tem sido uma questão em diversos campos do conhecimento, como a Geografia, a Biologia, a Antropologia, a Sociologia, a Ciência Política e a Filosofia. Mas, aqui neste recorte segue-se com afirmação de Santos (2002), que território é um conjunto indissociável e contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente. "Ele seria formado pelo conjunto indissociável do substrato físico, natural ou artificial, e mais o seu uso, ou, em outras palavras, a base técnica e mais as práticas sociais, isto é, uma combinação de técnica e política" (SANTOS, 2002, p. 87).

O território é ainda lugar de produção contínua de modos de vida e de relações que escapam ao controle. Santos (2001) aponta essa dualidade de forças



SILVA, Marion Costa da.

que incidem no território, afirmando que,

O território não é um dado neutro nem um ator passivo. Produz-se uma verdadeira esquizofrenia, já que os lugares escolhidos acolhem e beneficiam os vetores da racionalidade dominante, mas também permitem a emergência de outras formas de vida. Essa esquizofrenia do território e do lugar tem um papel ativo na formação da consciência. O espaço geográfico não apenas revela o transcurso da história como indica a seus atores o modo de nela intervir de maneira consciente (p. 80).

Para o geógrafo Milton Santos, o território se apresenta como um objeto dinâmico, repleto de relações, e é essencial sobre a vida do indivíduo e do corpo social. Então, o território englobaria as características físicas de uma dada área, e também as marcas produzidas pelo homem, ou seja, há uma dependência estrutural, funcional e processual entre a sociedade e o espaço geográfico.

Nesta perspectiva, o território é formado por diversos processos sociais, econômicos e políticos. Pensar o território como espaço, como processo, como relação, rompe com a noção dos limites físicos da sociedade, que delimita áreas de abrangência e considera apenas o frio mapa de um bairro, cidade ou país. Assim, para além da dimensão física, o território inclui um conjunto de relações e representações sociais.

Por saber que um território é espaço com pressupostos de um grupo influente e lugar de nascimento de grupos de resistência, onde ocorrem ações e relações, se torna necessário pensar nos "territórios da educação: as escolas". Pensar em escolas que otimizem o desenvolvimento integral dos estudantes. Mas, esse território educacional vislumbrado, só será possível quando for pensado e produzido por aqueles que o ocupam. Por isso, a importância de pensar e promover escolas que garantam a participação de toda comunidade escolar na potencialização de suas ações e relações. Um "território da educação", onde sujeitos possam viver, construir suas subjetividades, com base nas relações e realidades lá viventes.

Logo, o fomento de políticas públicas educacionais e ações intencionais são fundamentais na garantia do pleno desenvolvimento dos estudantes, sempre levando em conta as características que a escola apresenta, desde questões geográficas às sociais. É preciso oportunizar ações educativas, trazendo a cultura,

Temas em Educação Física Escolar, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, ago./dez. 2019, p. 77-93.
Recebido em: 15/08/2019
Publicado em: 30/12/2019

TEMAS EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

ARTIGOS ORIGINAIS

as relações sociais, a história e outros elementos que nela existem em prol do desenvolvimento de toda comunidade escolar. A apresentação de práticas corporais inovadoras, como o Esporte Orientação, é uma oportunidade de trazer os conhecimentos de forma diferenciada, contextualizando não só o aspecto técnico dos conteúdos de educação física, geografia, matemática, mas materializando os conceitos de espaço geográfico.

Com esta perspectiva, busca-se a promoção do conceito de território que supere a noção limítrofe dos espaços, compartilhando a ideia de um território que correlata os aspectos vivenciais, onde acontecem construções e modificações que se dão entre a geografia natural e a geografia social daquele espaço, em síntese: nos acontecimentos, nas manifestações, nas percepções, nas vivências, na compreensão sobre o lugar físico e subjetivo, e nas relações que surgem. Em suma, por meio das práticas cotidianas escolares, entender as apropriações, os valores sociais, econômicos, políticos e culturais ali geradas.

Neste contexto, o Esporte Orientação, avançaria para além da interdisciplinaridade de conteúdos dos componentes curriculares necessário para prática do mesmo, e trataria da apresentação dos mapas de forma contextualizada dos ambientes escolares e extraescolares, materializando o que é aquele espaço escolar, dentro daquele bairro, daquela cidade, daquele país, com aquele público e, conseqüentemente, suas ações. Fazer com que estes estudantes deem importância ao espaço geográfico escola com toda sua complexidade. O objeto técnico, no caso em questão o Esporte Orientação, caindo na percepção do estudante, através de mapas introduzidos em um determinado sistema de ações (escola) podem viabilizar o aprendizado sobre aquele território, como afirma Almeida (2001):

O ensino de mapas e de outras formas de representação da informação espacial é importante tarefa da escola e ainda reforça a importância de preparar o aluno para compreender a organização espacial da sociedade, o que exige o conhecimento de técnicas e instrumentos necessários à representação gráfica dessa organização (p.17).

Quanto à utilização de instrumentos cartográficos, Scherma (2010) discorre sobre o uso de mapas:

A leitura e compreensão do mapa é uma habilidade muito importante e necessária para todo cidadão. Essas representações fazem parte da vida contemporânea e podem ser utilizadas em diferentes contextos, como em



COLÉGIO PEDRO II - Revista do Departamento de Educação Física

<https://cp2.g12.br/ojs/index.php/temasemedfisicaescolar/index>

SILVA, Marion Costa da.

artigos de jornal, televisão, shopping, processo educacional, etc. Confirma-se, assim, a exigência frequente do uso de mapas, no deslocamento de um lugar para outro, no esporte de Orientação, na análise do tempo atmosférico, na distribuição das indústrias ou da poluição do ar. São alguns dos modos e momentos oportunos da leitura cartográfica, que ocorrem no cotidiano e diversificadamente, dadas as condições de vida em nossa sociedade atual (p. 24).

A proposta de difundir o Esporte Orientação ajudaria sim nas questões práticas de alguns conteúdos do currículo oficial, mas fomentaria sobretudo o currículo oculto. Os estudantes podem ser incentivados a olhar com outros olhos os espaços existentes no interior da escola e em torno dela, pois muitas vezes a familiaridade excessiva com os lugares por onde nos movimentamos nos impede de ver a potencialidade de transformação que eles comportam. Assim, o Esporte Orientação proporcionaria uma reorientação, uma nova leitura do território. Nessa perspectiva, os mapas de orientação podem fornecer subsídios para produzir novos modos de conhecer e compreender o bairro, a cidade, o país, tornando-se um avanço para a transformação social. Neste entendimento, a contribuição de Santos (2001) é indispensável. Para ele,

O território é o chão e mais a população [...], o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é à base do trabalho da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre os quais ele influi. Quando se fala em território deve-se, pois, de logo, entender que se está falando em território usado, utilizado por uma dada população. (p. 96).

Território usado é um espaço geográfico historicizado, por uma comunidade. Assim, entender "território" é estar atento para os modos de organização, de articulação, de resistência e de sobrevivência que as pessoas que ocupam esses espaços vão inventando no seu cotidiano. Ou seja, o território usado, no nosso estudo, "a escola", é tanto o resultado do processo histórico quanto a base material e social das novas ações pedagógicas, tanto dos professores como dos estudantes. Então a escola, o espaço geográfico, o território da educação, pode condicionar e explicar as relações com os espaços que estão ao seu redor; mostrar as relações entre as zonas edificadas e não edificadas da escola, a sua distribuição e o seu uso; e as relações interpessoais instauradas naquele espaço. Neste contexto, o Esporte Orientação na sua prática pode auxiliar na identificação da realidade, histórica, e potencial daquele espaço geográfico, assim contribuir para e com o bem comum,

Temas em Educação Física Escolar, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, ago./dez. 2019, p. 77-93.

Recebido em: 15/08/2019

Publicado em: 30/12/2019

TEMAS EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR



que no território de educação seria o fomento das ações educativas a fim de proporcionar uma educação pública de excelência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se aproximando para o desfecho desta reflexão, corroboro com Tahara e Carnicelli Filho (2013), os quais nos dizem que as PCAs no âmbito de atuação educativo-pedagógica constituem-se como um bloco de conteúdos "capaz de proporcionar às crianças e adolescentes variadas situações de relevada importância pedagógica por conta da transmissão de eficientes valores, atitudes e normas." (p.61). Porém, através desta análise percebeu-se que existem lacunas, uma na formação dos professores, e outra em relação à falta de práticas, instrumentos e estratégias pedagógicas que viabilizariam a implantação destas práticas corporais na grade curricular, como afirma Inácio et. al. (2016),

As expressões 'experiência', 'formação adequada', 'conhecimento sobre', 'profissionais capacitados', no contexto que são apresentadas, indicam que tal qualificação (conforme demonstram SILVEIRA; MORAES; INÁCIO, 2011) e experiência estão ausentes da realidade escolar, sendo assim, uma importante limitação - e um desafio a ser enfrentado pelas instituições de ensino superior, para a inserção efetiva das PCAs na EF. (p.182)

Correlacionando essa afirmação especificamente com o Esporte Orientação, apesar de todas "limitações" apresentadas, observa-se que existem "possibilidades" para esta prática corporal no âmbito escolar, pois a mesma pode proporcionar aos estudantes a contextualização de vários conteúdos, de diversas disciplinas, além de fomentar um novo olhar para escola, o "território da educação", estabelecendo possibilidades de aprendizagem que conectem os saberes aprendidos, com os espaços e os saberes locais, mas sempre em conexão com o mundo, com as questões sociais, culturais, políticas e econômicas.

Neste "território da educação", ações educativas intencionais, como as vivências do Esporte Orientação podem oportunizar aos estudantes uma construção objetiva e/ou subjetiva do seu espaço geográfico através das relações e realidades ali existentes. Assim, ratifica-se a importância de novos estudos com essa temática, sobretudo os que tratem de intervenções ou ações práticas com o Esporte de Orientação no âmbito escolar.



SILVA, Marion Costa da.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. D.; PASSINE, E. Y. **O espaço geográfico: ensino e representação**. 15ed. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Do desenho ao mapa: iniciação cartográfica na escola**. 2ed. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. **Cartografia Escolar**. (org.). 2ed. São Paulo: Contexto, 2001.

ARMBRUST, I.; SILVA, S. A. P. S. Pluralidade Cultural: os esportes radicais na Educação Física escolar. **Movimento**. Porto Alegre, v.18, n.1, p. 281-300, jan./mar. 2012.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Versão Final. Brasília: MEC, 2018.

DARIDO, S.C. Educação Física Na Escola: Realidade, Aspectos Legais e Possibilidades. In: Darido S. C. (Org.) **Cadernos de Formação: Conteúdos e Didática de Educação Física**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012, v. 1, p. 21-33.

DICIONÁRIO Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

FRANCO, L. C. P. **Atividades físicas de aventura na escola: uma proposta pedagógica nas três dimensões do conteúdo**. Dissertação Mestrado em Ciências da Motricidade. Universidade Estadual Paulista. 2008.

INÁCIO, H. L. D.; et.al. Práticas corporais de aventura na escola: possibilidades e desafios – reflexões para além da Base Nacional Comum Curricular. **Motrivência**, v. 28, n. 48, p. 168-187, set. 2016.

_____. Práticas corporais de Aventura na Natureza. In: González F.; FENSTERSEIFER, P. (Org.). **Dicionário Crítico de Educação Física**. 3ed. Ijuí: Unijuí, 2014, v. 01, p. 531-535.

LE BOULCH, J. **Psicomotricidade: A psicocinética na idade escolar**. Porto Alegre, 1987.

PASINI, C. G. D. **Corrida de Orientação: esporte e ferramenta pedagógica para o ensino**. Três Corações: Gráfica Excelsior, 2004.

PENA, R. F. A. **O que é espaço geográfico?** Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/geografia/o-que-e-espaco-geografico.htm>. Acesso em 23 de junho de 2019.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

Temas em Educação Física Escolar, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, ago./dez. 2019, p. 77-93.

Recebido em: 15/08/2019

Publicado em: 30/12/2019

TEMAS EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR



_____. **Por uma outra globalização (do pensamento único à consciência universal)**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. **O país distorcido**. In: RIBEIRO, W.C. (Org.). São Paulo: Publifolha, 2002.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SCHERMA, E. P. **Corrida de orientação: uma proposta metodológica para o ensino da geografia e da cartografia**. 2010.201f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro – SP, 2010.

TAHARA, A.; CARNICELLE FILHO, S. A presença das atividades de aventura nas aulas de Educação Física. **Arquivos de Ciências do Esporte**, v.1 n.1 p.60-66, 2013.

VIÑAO, A. Espaços, usos e funções; a localização e disposição física da direção escolar na escola graduada. In: BENCOSTTA, M. L. (org.). **História da educação, arquitetura e espaço escolar**. São Paulo: Cortez, 2005.

